UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS
PROGRAMA DE ESTUDOS JUDAICOS E ÁRABES
ESTUDOS JUDAICOS

DANIEL DOUEK

Próximos e distantes: um estudo sobre as percepções e atitudes da
comunidade judaica paulista em relação ao Estado de Israel (2006 – 2010)

São Paulo
2012

DANIEL DOUEK

Próximos e distantes: um estudo sobre as percepções e atitudes da comunidade judaica paulista em relação ao Estado de Israel (2006 – 2010)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras Orientais.

Área de Concentração: Cultura Judaica

Orientadora: Profa. Dra. Marta F. Topel

São Paulo
2012

Nome: DOUEK, Daniel

Título: Próximos e distantes: um estudo sobre as percepções e atitudes da comunidade judaica paulista em relação ao Estado de Israel (2006 – 2010)

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras
Orientais.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Marta F. Topel, por toda a ajuda, aconselhamento, carinho e orientação segura, sem a qual a realização deste trabalho teria sido impossível.

Ao Prof. Dr. Nachamn Falbel e ao Prof. Dr. Tullo Vigevani, que compuseram a banca de qualificação, pelas sugestões, críticas e comentários valiosos que contribuíram para a melhoria da dissertação.

À equipe do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro Lúcia Chermont, Eliane Klein, José Messias Ribeiro Santos, Theodora da C. F. Barbosa, Gabriela Munin e Arnaldo Lev, pelo apoio diário, durante vários meses, no desenvolvimento da pesquisa.

À Clarissa Feder pela doação das edições da Tribuna Judaica que faltavam na coleção do AHJB.

À Abraham Goldstein, Alberto Milkewitz, Ilan Sztulman, Jaime Spitzcovsky, Nilton Serson, por me receberem em suas casas, escritórios ou instituições para longas entrevistas.

À Marcia Camargos, Ricardo Besen, Rosa Helena Roizen e Vivian Ninio pelos depoimentos importantes.

À CAPES pela bolsa concedida.

À equipe de A CASA museu do objeto brasileiro pela paciência ao longo do desenvolvimento deste trabalho e pela concessão do afastamento temporário quando foi necessário.

Ao amigo Danny Abensur, por seu companheirismo, pelo interesse no trabalho e pelas observações perspicazes que sempre surgem durante nossas longas conversas e levam à descoberta de novos caminhos.

À minha namorada, Renata, companhia de todas as horas, pela paciência, dedicação e amizade durante estes três longos anos, em que, sem perceber, transformou-se em pesquisadora, revisora e redatora.

Aos meus pais, André e Paulette, e aos meus irmãos, Michelle e Gabriel, pelo incomensurável incentivo e apoio de toda ordem nessa trajetória, pela disposição na leitura do trabalho desde os primeiros esboços, pelos comentários, críticas, sugestões e, acima de tudo, por estarem sempre comigo.

Je suis un juif espagnol
Je suis un grec arménien
Je suis un français créole qui devient
Un étranger parisien

Je suis un juif espagnol
Je suis un grec arménien
Je suis partout où les hommes ont besoin
De parler à quelqu'un

Moi je suis un juif arabe,
Je suis noir américain
Je suis un fils de nomade ou d'indien
Qu'importe mon destin

Sou um judeu espanhol
Sou um grego armênio
Sou um francês crioulo
Um estrangeiro parisiense

Sou um judeu espanhol
Sou um grego armênio
Estou em todos os lugares onde os homens precisam
Falar com alguém

Eu sou um judeu árabe
Sou um negro americano
Sou um filho de nômade ou de índio
Seja qual for o meu destino

Enrico Macias

RESUMO

DOUEK, D. **Próximos e distantes: um estudo sobre as percepções e atitudes da comunidade judaica paulista em relação ao Estado de Israel (2006 – 2010)**. 2012. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Contradizendo os pressupostos iniciais do sionismo, após pouco mais de 60 anos da fundação do Estado de Israel, a vida judaica na diáspora não findou, e foram desenvolvidos novos padrões de relacionamento entre as comunidades judaicas e o Estado de Israel. O presente trabalho analisa percepções e atitudes da comunidade judaica de São Paulo. Buscou-se verificar o modo como esta comunidade elabora, confere significado simbólico e prático e mantém o vínculo à distância com Israel por meio de suas principais instituições. Para isso, foram analisadas notícias, editoriais e artigos do jornal *Tribuna Judaica* ao longo de um período de cinco anos – de janeiro de 2006 a dezembro de 2010. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dirigentes das entidades judaicas mais importantes e com representantes do Estado de Israel. Verificamos que os vínculos entre a comunidade judaica de São Paulo e o Estado de Israel são organizados e mantidos por um núcleo institucional relativamente pequeno, e reforçados por representantes do governo israelense que, periodicamente, visitam o Brasil. Para a comunidade judaica de São Paulo, viagens a Israel de curta ou longa duração também são importantes na aproximação com o país. Constatamos ainda que o vínculo com o Estado de Israel tornou-se parte indissociável da identidade da maioria dos judeus. Porém, verificamos que a percepção comunitária sobre o Estado de Israel é marcadamente idealizada, mítica, e anacrônica. Idealizada e mítica, pois está distante da realidade empírica apresentada em pesquisas desenvolvidas por historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e jornalistas daquele país. Anacrônico, pois a sociedade israelense é concebida como aquela de outrora, pré-quebra de consensos do sionismo hegemônico, formulado e cristalizado pelas elites *ashkenazitas* até a década de 1990. Disputas e conflitos internos, notadamente étnicos e religiosos, cada vez mais acirrados, são minimizados, assim como a herança dos judeus de origem

oriental, de outros imigrantes judeus e não judeus e da população árabe nativa na formação da identidade israelense atual. Podemos destacar também que, apesar de o Brasil não apresentar tradição antissemita, o fato de grande parte dos membros da comunidade judaica brasileira atual serem refugiados ou descendentes de refugiados, isto é, marcados por memórias de perseguição e fuga no passado, como o é também a própria história judaica, faz com que o presente seja encarado com desconfiança e incerteza. O Estado de Israel é visto como um porto seguro contra o antissemitismo e, portanto, sua defesa nos fóruns políticos e diplomáticos locais adquire contornos de uma luta pela sobrevivência individual (de cada judeu) e coletiva (do povo judeu), não importando se os judeus estão na diáspora ou no Estado de Israel. Finalmente, percebemos que se, por um lado, a comunidade judaica possui laços fraternos com o Estado de Israel, por outro, não deixa de desenvolver sentimentos nacionalistas em relação ao Brasil ou de se integrar no sistema de poder local.

Palavras chave: Comunidade religiosa, Judeus, Diáspora, Estado de Israel.

ABSTRACT

DOUEK, D. **Near or far: a study on perceptions and attitudes of the Jewish community of São Paulo regarding the state of Israel.** 2012. Dissertation (MA) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Contradicting the initial assumptions of Zionism, after more than 60 years since the founding of the State of Israel, Jewish life in the Diaspora has not ended, and new patterns of relationship between the Jewish communities and the State of Israel have been developed. This study examines perceptions and attitudes of the Jewish community of São Paulo. We sought to ascertain how this community develops, provides practical and symbolic significance and keeps the long-distance bond with Israel through its main institutions. To achieve this aim, we analyzed news, editorials and articles of the newspaper *Tribuna Judaica* during a period of five years – from January 2006 to December 2010. We also conducted semi-structured interviews with leaders of major Jewish organizations and representatives of the State of Israel. We've found that the ties between the Jewish community of São Paulo and the State of Israel are organized and maintained by a relatively small institutional core, and reinforced by representatives of the Israeli government that periodically visit Brazil. For the Jewish community of São Paulo, short- or long-term trips to Israel are also important in approaching the country. We've also acknowledged that the bond with the State of Israel has become an integral part of the identity of most Jews. However, we noticed that the community perception of the State of Israel is remarkably idealized, mythical, and anachronistic. Idealized and mythical, as it is far from the reality presented in empirical research by historians, sociologists, anthropologists, political scientists and journalists from that country. Anachronistic, because Israeli society is conceived as that of yore, pre-breakdown of hegemonic Zionism consensus, which was crystallized and formulated by the Ashkenazi elites till the 1990s. Disputes and internal conflicts, especially ethnic and religious, increasingly fierce, are minimized, as well as the heritage of the Jews of Eastern origin, other Jewish and non-Jewish immigrants and the native Arab population in the shaping of Israeli identity. It can also be

pointed out that, although Brazil does not have an anti-Semitic tradition, the fact that much of the members of the Brazilian Jewish community are refugees or descendants of refugees, in other words, are marked by memories of persecution and escape in the past, as Jewish history itself, makes them face the present with uncertainty and mistrust. The State of Israel is seen as a safe haven against anti-Semitism, and thus its defense in the local political and diplomatic forums acquires contours of a struggle for individual survival (of each Jew) and collective (of the Jewish people), regardless of whether these Jews are living in the diaspora or in State of Israel. Ultimately, we notice that if on the one hand, the Jewish community has fraternal ties with the State of Israel, on the other, it does not fail to develop nationalistic feelings towards Brazil or to integrate into the local system of power.

Keywords: Religious community, Jews, Diaspora, State of Israel.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1. DEFINIÇÃO DO OBJETO	12
1. 1. Introdução: entre território e dispersão	12
1. 2. Problema de pesquisa	20
2. OBSERVAÇÃO	24
2. 1. Considerações sobre o processo de observação	24
2. 2. O universo de investigação e a unidade de pesquisa	25
3. REFERENCIAL TEÓRICO	36
3.1 Diásporas e identidades contemporâneas	36
4. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO	51
4. 1. Estratégias para experimentar Israel à distância	51
4. 2. Visitas, viagens e intercâmbios	69
4.2.1 Israel – Brasil	69
4.2.2 Brasil – Israel	82
4. 3. O Estado de Israel como a “terra do leite e mel”	96
4. 4. Um porto seguro contra o antissemitismo	126
4. 5. Soldados da diáspora	146
4. 6. Integração no sistema do poder, participação no sistema político e outras conexões locais	169
5. CONCLUSÕES	181
REFERÊNCIAS	191

APRESENTAÇÃO

Meu avô paterno costumava dizer que alugar um apartamento era sempre melhor do que comprá-lo. “Não compro pedra”, afirmava ele. Para nos convencer de seu ponto de vista, sempre recorreu a explicações racionais e teorias econômicas: “se você não dispõe do dinheiro necessário para comprar um apartamento, será necessário alugá-lo de qualquer forma”, – isso em uma época de alta inflação e em que o crédito não era tão acessível quanto atualmente –, “por outro lado, se você dispõe do valor do apartamento, mais vantajoso é investir o montante no banco e pagar o aluguel com os rendimentos auferidos, pois além dos ganhos, se um dia precisar do dinheiro, ele estará disponível imediatamente”. Embora eu considerasse tais observações um pouco duvidosas, tendo nascido num país em que a casa própria era o sonho de consumo da maior parte da população, entendia a lógica do argumento.

Meu avô faleceu quando eu tinha 16 anos. Somente muito mais tarde, ocorreu-me que talvez houvesse algo de sua própria história naquelas afirmações tão calculadas sobre alugar apartamentos ao invés de comprá-los: no início dos anos de 1960, meu avô e sua família, junto com toda a comunidade judaica local, foi obrigado a deixar o Egito, abandonando seus pertences – especialmente os imóveis – ou vendendo-os a preços muito baixos. As “pedras”, que meu avô se recusava a comprar, não podiam ser transportadas. Assim, apesar de ele nunca haver falado nada a respeito, alugar um apartamento ao invés de congelar o dinheiro em um bem imóvel poderia ser uma forma de se precaver de adversidades futuras.

Na época em que meu avô teve que emigrar, poucos países recebiam famílias judias. O Brasil era um deles e, junto com diversas outras famílias, foi o lugar escolhido pela minha para transformar-se em novo lar. Outro era o recém-fundado Estado de Israel, resultado dos esforços do movimento sionista para criar um país em que judeus estivessem livres do antissemitismo. Mesmo para aqueles que optaram por não dirigir-se a Israel, o desenvolvimento, à

distância, de vínculos dos mais variados tipos com o país contribuiu para dar sentido à sua própria existência judaica na diáspora.

Memórias familiares permanecem conosco de diferentes maneiras. No meu caso, tais lembranças, não só de meu avô paterno, mas de minha avó, de meus avós maternos, de meus pais, tios e primos, todos eles vindos também do Egito, retornaram em diversos momentos do percurso desta pesquisa.

1. DEFINIÇÃO DO OBJETO

1. 1. Introdução: entre território e dispersão

Desde o seu surgimento, na Europa, no final do século XIX, o movimento sionista esteve fortemente ancorado na ideia de negação da diáspora e fundação de um Estado judeu soberano na Palestina – ou Terra de Israel (*Eretz Israel*). À diáspora, foram associadas representações negativas de resignação, medo, fraqueza e submissão (SORJ, 2010, p. 104), e acreditou-se que a redenção dos judeus, vítimas de perseguições e chacinas em uma Europa profundamente antisemita, estava condicionada ao estabelecimento do povo em um território nacional próprio. Como afirmou David Ben Gurion (1957, p. 24), um dos principais fundadores do Estado de Israel,

*Galut*¹ significa dependência. Dependência material, política, espiritual, cultural, moral, intelectual; dependência resultante da vida entre estranhos, de um estado de minoria, da falta de uma pátria, do distanciamento das fontes da vida, da terra, do trabalho, da criação econômica. Devemos suprimir esta dependência e governar nosso destino. Ou seja, tornarmo-nos independentes. Não nos contentaremos com o que realizamos na dispersão para subsistir em meio a quaisquer circunstâncias, mas antes criaremos pela nossa própria força as condições necessárias para uma existência livre e independente.

Promovendo a imigração em massa dos judeus à Palestina, e definindo o hebraico como língua vernácula, o trabalho na terra como principal atividade produtiva e o estatismo² como ideologia política e econômica, o sionismo forjou a criação de um sujeito: o “novo hebreu”, em lugar do “velho judeu da diáspora”. Assim, o movimento foi responsável por uma verdadeira revolução na história do judaísmo.

Evidentemente, o desenvolvimento desta ideologia só foi possível após grandes transformações na vida judaica da Europa. A emancipação dos judeus e, com isso, a aquisição do status de cidadão e a possibilidade de inserção na sociedade mais ampla, abriu caminho também para sua secularização e maior absorção dos valores circundantes. Ao mesmo tempo, o antisemitismo

¹ Do hebraico, literalmente, “exílio”, “diáspora”.

² Em hebraico, “*Mamlachtiut*”.

frustrou expectativas de integração. Secularizados e inspirados pelas ideias nacionalistas da época, muitos judeus abandonaram a doutrina rabínica que qualificava a diáspora como um castigo divino e afirmava a necessidade da espera pela ação dos céus para a redenção e o restabelecimento do povo na Terra de Israel – o que se daria apenas com o advento da Era Messiânica –, e decidiram tomar para si tal tarefa, trabalhando ativamente para a fundação de um estado nacional para onde todos os judeus deveriam imigrar.

Com o sucesso da empreitada, a Terra de Israel (*Eretz Israel*) deu lugar ao chamado Estado de Israel (*Medinat Israel*), e, assim, a ligação religiosa e espiritual entre povo e terra que perdurou durante mais de dois mil anos de vida na diáspora foi dotada de materialidade e sentido prático, tornando-se política e nacional. Atualmente, o vínculo com o Estado de Israel tornou-se parte indissociável da identidade da maioria dos judeus, seja entre aqueles que lá se estabeleceram, seja entre aqueles que se mantiveram na diáspora. Para estes últimos, o comprometimento com o Estado judeu à distância se sobrepôs ao imperativo de imigração e, com isso, o próprio conceito de sionismo foi alargado, abarcando também esta conexão além-mar.

É verdade que o desprezo pela diáspora ainda encontra eco em parte da população judaica. Entretanto, contradizendo os pressupostos iniciais do sionismo, a vida na diáspora não findou. Ao contrário, atualmente há mais judeus vivendo fora do que dentro do Estado de Israel. Nas palavras de Elizabeth Roudinesco (2010, p. 142),

Convém observar que a população total de judeus no mundo, no começo do século XXI, é estimada em cerca de 14 milhões, distribuídos por 28 países. A maioria vivem em Israel (5.640.000), nos Estados Unidos (5.500.000) e na Europa (1.200.000). Entre os países da Europa, é na França que os judeus são mais numerosos: por volta de 500 mil. O povo judeu existe, portanto, mas, diferentemente de todos os outros povos, sua existência é antes diaspórica do que nacional³.

O Brasil é também dotado de presença judaica. No caso, trata-se de uma minoria modesta, tanto em relação à população judaica mundial, como em relação à população do país. De acordo com o Censo 2000 do Instituto

³ É interessante observar que, analisando os mesmos números, Bernardo Sorj (2010, p. 109) chega a uma conclusão diferente: “enquanto o mundo se diasporiza, o judaísmo se *desdiasporizou*. Oitenta por cento dos judeus estão localizados em dois países, Israel e Estados Unidos, e nenhum dos dois é vivido como diáspora”.

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴, há 86.828 judeus no Brasil⁵. Isso equivale a 0,62% dos cerca de 14 milhões espalhados pelo mundo e 0,05% dos 169.872.859 brasileiros. No estado de São Paulo, ainda segundo o IBGE, os judeus são 42.174 pessoas, ou o equivalente a 0,11% dos 37.035.456 paulistas. Já a Confederação Israelita do Brasil (Conib), localizada em São Paulo, trabalhava com os seguintes números em 2010: no Brasil, 120.000 judeus; em São Paulo, 60.000. Ricardo Besen, gerente de comunicação da instituição, afirmou tratar-se de um número inflado, estando incluídos aí quem ele chamou de “simpatizantes”, ou seja, “pessoas que moram junto, agregados etc.” (informação verbal)⁶. Uma possível explicação para a adoção de um número inflado – cerca de 30% a mais do que indicado pelo Censo 2000 do IBGE – pode ter a ver com a tentativa de aumentar a representatividade da comunidade judaica. Deve-se considerar ainda que o mais recente Censo do IBGE com resultados já publicados foi realizado em 2000 e, de lá para cá, é possível ter havido mudanças.

A imigração judaica a São Paulo remonta a meados do século XIX, mas foi apenas nas primeiras décadas do século XX, com a grande imigração de judeus da Europa Oriental, fugindo de perseguições violentas e da Primeira Guerra Mundial, que se deu o desenvolvimento organizado da comunidade paulista atual, com a fundação de instituições para suas necessidades mais imediatas. De acordo com Roney Cytrynowicz⁷,

As primeiras entidades fundadas na capital foram: Sinagoga Kahalat Israel (1912), Sociedade Beneficente das Damas Israelitas (1915), Sociedade Beneficente Ezra (1916), movimento sionista Ahavat Zion (1916), Sinagoga Knesset Israel (1916), Ginásio Hebraico-Brasileiro Renascença (1922), Sociedade Cemitério Israelita (1920), organização feminina sionista Wizo (Women's International Zionist Organization - 1926), Clube Macabi (1927), Sociedade Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro (1928) e Policlínica Linath Hatzedek (1929). A imigração sefardi do Líbano e da Síria deu-se nos anos 1920, com a fundação da Comunidade Israelita Sefardi (1924) e o estabelecimento de duas sinagogas no bairro da Mooca.

⁴ IBGE, Censo Demográfico 2000. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/primeiros_resultados_amostra/grandes_regioes/pdf/tabela_2_1_2.pdf>. Acesso em 5 jun. 2012.

⁵ Para definir quem é judeu, o IBGE utiliza o critério da autodenominação.

⁶ Informação fornecida em conversa por telefone com o autor.

⁷ CYTRYNOWICZ, Roney. História da comunidade judaica de São Paulo. Disponível em: <<http://www.conib.com.br/comunidades.asp?id=26>>. Acesso em 5 jun. 2012.

Apesar de oscilante, a imigração judaica ao estado permaneceu ao longo das décadas seguintes. No período da Segunda Guerra Mundial, São Paulo recebeu muitos refugiados europeus e, nos anos de 1950 e 1960, após a criação do Estado de Israel e o início dos conflitos entre o Estado judeu e os países árabes vizinhos, imigrantes vindos do Oriente Médio e do norte da África. A ausência de alternativas, devido a restrições à entrada de imigrantes em outros países americanos, e a própria vocação brasileira e paulista de constituir-se como uma sociedade plural fez do Brasil um local propício para a imigração judaica. Nas palavras de Bernardo Sorj (1997, p. 20), “o Brasil, para o imigrante judeu vindo de regiões onde foi permanentemente discriminado e perseguido, teve muitas características de terra prometida”.

No Brasil, judeus estabeleceram-se e integraram-se à nova sociedade, sem contudo abandonar a herança trazida de países localizados do outro lado do Atlântico e os laços que os uniam a outros judeus. Compartilhando tradições religiosas e histórias de perseguição e fuga, e desejando preservar sua identidade coletiva, permaneceram unidos em torno de instituições diversas.

Apesar de os judeus de São Paulo constituírem basicamente uma população de imigrantes ou descendentes de imigrantes provenientes de diversos países, atualmente é Israel, muito mais do que qualquer outro território de onde eles ou seus ancestrais diretos tenham emigrado, que centraliza o foco dessa diáspora e é visto como sua pátria distante ou Terra Natal conforme as definições de alguns autores que serão discutidas nos próximos capítulos – até porque, antes de se estabelecerem no Brasil, esses judeus já constituíam uma diáspora em seus países de origem, e a ligação com a Terra de Israel e, posteriormente, com o Estado de Israel já fazia parte de sua memória coletiva, tendo sido trazida como herança cultural⁸.

Evidentemente, traços de lugares onde judeus nasceram e moraram, por vezes durante várias gerações, permanecem presentes entre aqueles que chegaram ao Brasil. Normalmente, esse legado é mais facilmente verificável

⁸ Abordando este aspecto na realidade europeia, Bila Sorj (2007, p. 104) afirma: “à semelhança de outras comunidades que reivindicam alguma origem nacional anterior à imigração para as sociedades européias, os judeus também teriam a sua nação originária, Israel. Não é a nação de onde efetivamente imigraram (no caso da França, os judeus são majoritariamente oriundos dos países do Norte da África), mas de uma nação mítica cujos laços são constantemente emulados pelo governo de Israel e por várias lideranças comunitárias, embora nem todos definam em Israel o foco da sua identidade e, menos ainda, mostrem-se inclinados a imigrar para aquele país”.

nos rituais e costumes religiosos. Nesse sentido, as sinagogas são espaços ainda muito marcados e organizados em acordo com os hábitos e tradições específicas do lugar de proveniência de seus sócios. A língua é também um elemento importante desta herança, e imigrantes de determinada origem, quando em contato com outros naturais da mesma região, muitas vezes continuam a se expressar em sua língua materna. Hábitos alimentares e outros costumes também se mantêm bastante vivos. Entretanto, esse legado não se confunde com a memória da diáspora que confere o status de Terra Natal a Israel. É à história de Israel que essa comunidade está ligada. Realizações e conquistas do país animam, entusiasma e excitam, enquanto dificuldades causam angústia e apreensão. Laços de solidariedade e um compromisso coletivo que inclui apoio político e econômico em prol de sua segurança, manutenção e prosperidade são também contínuos e verificáveis, assim como intercâmbios culturais e religiosos. Isso não se aplica aos lugares de onde membros da comunidade judaica ou seus ancestrais tenham emigrado.

Nenhuma diáspora existe essencialmente – *a priori*. A diáspora é, antes, o resultado de um processo dinâmico, fruto da criação, organização e seleção de memórias coletivas elaboradas e reelaboradas permanentemente. Para que permaneçam, essas memórias são também vividas, experimentadas e afirmadas coletivamente por meio de símbolos e alegorias. Se, por um lado, tudo isso é produto da ação de múltiplos agentes e ocorre em meio a negociações, disputas, tensões e contestações, por outro, as instituições que o grupo constrói e em torno das quais se reúne sustentam e conferem alguma estabilidade, além de organizar, dar sentido e regular a experiência comunitária. Para Sorj (2004, p. 70),

A diáspora reproduz identidades individuais através de instituições que estabelecem as fronteiras, os mecanismos de socialização e canalização de conflito, assim como as relações com o mundo “externo” e com as outras diásporas irmãs.

Para suprir variadas necessidades, os judeus de São Paulo desenvolveram uma ampla rede de instituições comunitárias, incluindo

sinagogas e outras associações de cunho religioso e espiritual, colégios, cemitérios, clubes, organizações femininas, movimentos juvenis, hospitais e centros de atendimento médico a pessoas com necessidades especiais e idosas, além de uma série de instituições culturais, esportivas, beneficentes e promotoras de bem estar social. Há ainda organizações de apoio a Israel e sociedades de amigos de entidades israelenses. Muitas dessas instituições são organizações judaicas mundiais com núcleos em diferentes países. É o caso, por exemplo, da Sochnut (no Brasil, Agência Judaica), do Keren Kayemet Lelsrael, do Keren Hayesod (no Brasil, Fundo Comunitário), da União Macabi Mundial (no Brasil, Confederação Brasileira Macabi ou, simplesmente, Macabi Brasil), da B'nai B'rith, da Women's International Zionist Organization (Wizo), da Pioneer Women (no Brasil, Na'amat Pioneiras) e ainda de alguns movimentos juvenis. Estas instituições têm um papel particularmente importante ao aproximar a diáspora judaica paulista e brasileira de outras diásporas judaicas ao redor do globo. Atualmente, a maior parte destas entidades está vinculada à Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), agremiação política que representa os judeus deste estado e fala em seu nome⁹.

Embora as instituições tenham missões específicas e apesar de todas as fraturas existentes no seio da comunidade judaica, a maior parte delas está unida em torno do vínculo com o Estado de Israel¹⁰. Sem dúvida, o sionismo exerceu e ainda exerce um papel importante no sentido de amalgamar a comunidade judaica no Brasil. Desde cedo esta ideologia ocupou largo espaço no interior de suas instituições.

Não é preciso dizer que, em suas origens, o sionismo nasceu no continente europeu em decorrência de uma realidade judaica que não encontramos na América Latina, e particularmente no Brasil. Mas (...) o sionismo foi transportado, poder-se-ia dizer, como uma herança cultural dos judeus imigrantes do Velho Continente e também como parte da própria história moderna do nosso povo, a qual incorporou-se à vivência do judeu identificado. (FALBEL, 2008, p. 421)

De acordo com Nachman Falbel (2008, p. 373), o início da década de 1920 foi decisivo não só para a formação das instituições judaicas no Brasil como também para a consolidação de um movimento sionista local. Pouco

⁹ O site da Fisesp traz a lista das instituições federadas. Disponível em: <<http://www.fisesp.org.br/site/federadas/>>. Acesso em 6 de jun. 2012.

¹⁰ Não é o caso, por exemplo, das instituições religiosas ortodoxas, como veremos a seguir.

antes, o Brasil já contava com entidades especialmente voltadas para a promoção do sionismo nos principais estados do país¹¹ e, nos anos seguintes, verificou-se o nascimento de uma imprensa judaica de matiz sionista, que funcionou como um importante meio de divulgação das ideias e ações do movimento no Brasil. A troca de correspondências entre lideranças da comunidade judaica brasileira e lideranças do movimento sionista mundial era frequente e, em 1921, o Brasil foi representado no 12º Congresso Sionista, em Karlsbad. Já no ano de 1922, foi realizado, no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso Sionista do país, dando origem à Federação Sionista do Brasil. Mas foi especialmente com a vinda de enviados da Organização Sionista Mundial que o movimento ganhou força. Em 1921, a visita de Yehuda Wilensky, “uma personalidade de destaque do judaísmo europeu e mundial” (FALBEL, 2008, p. 377) e, em 1923, a do escritor Leib Jaffe inflaram o nacionalismo judaico.

A partir daí, o “sionismo foi assumindo cada vez mais papéis diretivos da vida comunitária do judaísmo brasileiro” (FALBEL, 2008, p. 395) e, nesse sentido, a atuação das organizações não se restringia à promoção dos valores sionistas, mas envolvia também o apoio ao assentamento de novos imigrantes judeus no Brasil e o desenvolvimento da comunidade judaica local. No que se refere à contribuição do sionismo brasileiro com a Organização Sionista Mundial e para a criação do Estado de Israel, pode-se citar a arrecadação de fundos e a propagação de ideias sionistas, além da ação política diante do Estado brasileiro, o que incluía, inclusive, grandes manifestações. De acordo com Falbel (2008, p. 416),

Uma das primeiras manifestações de massa do sionismo no Brasil, com cerca de 2000 pessoas, foi realizada no Rio de Janeiro, em 1929, após os ataques árabes aos judeus da Palestina. O intuito da manifestação era pedir a interferência do governo brasileiro junto à Inglaterra para que esta tomasse uma posição ativa frente aos distúrbios que estavam ocorrendo na região.

Durante o Estado Novo, isto é, de fins de 1937 a 1945, quando o Brasil era comandado por Getúlio Vargas, o nacionalismo e o patriotismo brasileiros emergiram com grande ímpeto, e a busca do governo por uma identidade nacional gerou sérias consequências para a comunidade judaica e para o

¹¹ Tiferet Sion, no Rio de Janeiro; Shalom Sion, em Curitiba; Ahavat Sion, em São Paulo; Ahavat Sion, no Pará; Associação Sionista de Porto Alegre, em Porto Alegre.

movimento sionista, assim como para outros imigrantes e minorias étnicas de maneira geral. A “campanha de nacionalização” estabeleceu várias medidas com o objetivo de conter qualquer tipo de influência de estrangeiros, promovendo sua integração junto à população brasileira mesmo que à força. Instituições políticas, culturais e órgãos de imprensa foram diretamente afetados e o sionismo teve suas atividades temporariamente proibidas.

No entanto, Falbel (2008, p. 417 e 418) afirma que, em 1945 – após a queda de Vargas e a revogação da proibição das atividades sionistas –, com a descoberta paulatina dos horrores da Segunda Guerra Mundial, a comunidade judaica brasileira sofreu uma grande mudança espiritual:

O impacto do Holocausto atingiu profundamente a todos, como indivíduos e como corpo coletivo, provocando uma nova postura em relação à nacionalidade. O choque foi maior na medida em que o judaísmo brasileiro – assim como em todo o mundo e em particular na América Latina – não estava preparado para a enormidade da destruição e da catástrofe, devido à distância geográfica e à escassez de informações sobre o que acontecera na Europa. Quando despertamos do pesadelo, a realidade pareceu-nos incomensuravelmente pior do que poderíamos imaginar. O significado do Holocausto levou anos para ser inteiramente compreendido e a ferida aberta no corpo da nacionalidade judaica sangrava cada vez mais, desde o momento em que se tomava ciência do que sucedera. A dor marcou aquela geração que ela própria não havia passado pelo inferno europeu, e da dor nasceu a disposição pessoal de se entregar à causa judaica e conseguir, a todo custo, criar um Estado Judeu, para que nunca mais se repetisse aquela tragédia, única em suas dimensões na história milenar de nosso povo.

A partir de 1945, o sionismo renasceu com ímpeto nunca visto nas ruas judaicas das cidades brasileiras e foi a mola-mestra na vida comunitária. Ao mesmo tempo, a luta Palestina contra o Mandato Britânico, naqueles anos de grande tensão espiritual e nacional, indicava que grandes coisas estavam para acontecer, sendo impossível ficar indiferente ao que se passava; ao contrário, era preciso participar ativamente, pois estavam em jogo grandes decisões históricas que definiriam o destino do povo judeu para sempre.

Desde então, a ideologia sionista ligada principalmente ao Mapai¹² permaneceu como a espinha dorsal de grande parte das instituições judaicas, ainda que, obviamente, não em seu sentido clássico, o que envolveria, em última instância, emigração a Israel – embora exista ainda hoje um fluxo mais ou menos contínuo, embora pequeno, de judeus brasileiros que emigram a Israel. De toda forma, atualmente, a afirmação da centralidade do Estado de Israel para o povo judeu e a busca pelo aprofundamento dos laços entre esta comunidade e aquele país tem sido a regra do establishment comunitário.

¹² Acrônimo de *Mifléguet Poalim shel Eretz Israel* ou Partido dos Trabalhadores de Israel. Liderado por David Ben Guiron, o partido administrou o *yishuv* (conjunto de assentamentos judaicos na Palestina/Terra de Israel), antes da declaração de independência de Israel.

Tudo isso vale especialmente para as instituições mais seculares ou religiosas sionistas. A maior parte dos grupos ortodoxos e ultraortodoxos e suas respectivas instituições não têm discurso e ações voltadas diretamente para o Estado de Israel, embora enviem muitos jovens judeus brasileiros para estudar em *yeshivot*¹³ israelenses e convidem rabinos de lá para estadias no Brasil. Seu foco é muito mais direcionado à Terra de Israel bíblica do que ao moderno Estado de Israel que, muitas vezes, não é nem mesmo reconhecido¹⁴. Para os propósitos desta pesquisa, iremos nos concentrar no establishment secular da comunidade.

1. 2. Problema de pesquisa

O presente trabalho é um estudo sobre a comunidade judaica paulista e sua identidade como diáspora. Mais especificamente, sobre suas relações simbólicas e práticas vis-à-vis o Estado de Israel, que, desde 1948, adquiriu contornos de Terra Natal, ocupando o lugar da Terra de Israel. Como afirma William Safran (2005, p. 44),

Uma vez que a pátria foi restabelecida, os sionistas ansiavam por uma “negação” da diáspora [*shlilat hagalut*]. (...) Entretanto, a diáspora sobreviveu, e novos padrões de relacionamento se desenvolveram entre ela e sua pátria. Hoje, esses padrões, que também existem entre outras diásporas e outras pátrias, incluem contribuições como ajuda financeira, investimentos e apoio diplomático. As contribuições da pátria para a diáspora são menos tangíveis. O propósito original da criação de Israel foi o de fornecer um refúgio para os judeus da diáspora perseguidos; e ele ainda preserva essa função (que está ancorada na Lei do Retorno) até certo ponto¹⁵.

¹³ Plural de “*yeshivá*”. Academia tradicional judaica para estudo da literatura religiosa.

¹⁴ A relação entre grupos ortodoxos e ultraortodoxos e Estado de Israel é ambígua e merece um estudo à parte. Apenas para registro de um exemplo dessa ambiguidade, em setembro de 2011, o Centro Novo Horizonte e o Noach Adventures, instituições ligadas ao movimento ortodoxo Chabad, trouxeram ao Brasil soldados israelenses feridos em combate para propiciar-lhes uma viagem aos moldes daquelas realizadas por jovens israelenses que concluem o exército, uma iniciativa do Chabad’s Terror Victims Project. No catálogo de apresentação do projeto, entretanto, um destaque à bandeira do Estado de Israel foi vetada (informação verbal fornecida por Gabriel Douek, que trabalha na instituição).

¹⁵ No original: “Once homeland was restored, Zionists hoped for a ‘negation’ of the diaspora [*shlilat hagalut*]. (...) The diaspora survived, however, and new patterns of relationships developed between it and the homeland. Today, these patterns, which exist between other diasporas and other homelands as well, include such contributions to the homeland as financial aid, investments, and diplomatic support. The contributions of the homeland to the diaspora are less tangible. The original purpose of the establishment of Israel was to provide a haven for persecuted diaspora Jews; and it still preserves that function (which is anchored in the Law of Return) to a limited extent”.

Nesse sentido, o objetivo é verificar quais são estes padrões, fazendo uma análise de uma experiência concreta que mostre “as condições dentro das quais, hoje, grupos sociais constroem e dão sentido específico à noção de diáspora” (SORJ, 2004, p. 69). Evidentemente, não se pretende – e nem seria possível pelas próprias limitações do trabalho – abarcar a totalidade da experiência da comunidade judaica paulista. Antes, trata-se de verificar o modo como o establishment desta coletividade elabora, confere significado simbólico e prático e mantém o vínculo à distância com o Estado de Israel. Não se trata de um trabalho de história, embora se tenha recorrido à historiografia para o levantamento de dados. O que se pretende é empreender uma análise sociológica.

Se diásporas não são “dadas”, mas, ao contrário, construídas por uma série de iniciativas promovidas por uma ampla gama de atores, é preciso considerar o caráter mediado da relação entre a comunidade judaica paulista e o Estado judeu. Se, no âmbito da intimidade, o vínculo emocional de cada um com Israel é vivido de maneira muito particular, quando esta conexão se dá coletivamente, ou seja, quando sentimentos individuais se transformam em uma expressão coletiva, instituições são necessárias e constituem os principais agentes responsáveis por essa mediação.

Centralizando recursos materiais e dotadas da autoridade conferida pelos membros a que representam, instituições agem sobre a memória coletiva, os fatos e símbolos que a materializam e fazem a gestão da experiência diaspórica. Para Daniel Elazar (1980, p. 7), a comunidade judaica

é uma comunidade mantida unida pela força e magnetismo de seu núcleo, mais do que por fronteiras claras e suas periferias (...). O impacto real do magnetismo do núcleo é sentido através das instituições da comunidade – os padrões de vida organizados e os organismos que os mantêm – para tornar o todo maior do que a soma de suas partes¹⁶.

A partir de uma posição privilegiada, instituições atuam de diversas formas: organizam, direcionam, canalizam, permitem, recomendam, apoiam, destacam, enfatizam, realçam, filtram, escondem, criticam, reprimem, proíbem,

¹⁶ No original: “it is a community held together by the strength and magnetism of its core, rather than by clear boundaries and its peripheries (...) The magnetism of the core makes its real impact felt through the institutions of the community – the organized patterns of life and the bodies that maintain them – to make the whole more than the sum of its parts”.

boicotam, conduzem. Além disso, forjam (e são forjadas por) narrativas específicas. De acordo com Yael Zerubavel (1995, p. xix), neste processo de narrativização “a história é transformada em uma estória que define o ‘evento’ relevante e molda seu significado simbólico”¹⁷. Seguindo suas palavras (1995, p. 9),

A memória coletiva pode transformar eventos históricos em *mitos políticos* que funcionam como lentes através das quais os membros do grupo percebem o presente e se preparam para o futuro. Como os momentos decisivos muitas vezes assumem um significado simbólico como marcadores de mudança, eles estão mais propensos a se transformarem em mitos. Como tal, eles não apenas refletem as necessidades sociais e políticas do grupo que contribuíram para sua formação, mas também se tornam agentes ativos na modelagem das necessidades do grupo¹⁸.

Nesse sentido, os discursos produzidos no interior das instituições adquirem importância fundamental. Segundo Stuart Hall (2009, p. 109),

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.

Portanto, para a realização dos objetivos apresentados, iremos considerar as práticas discursivas e não discursivas dos principais atores institucionais responsáveis pela mediação das relações entre a comunidade judaica paulista e o Estado de Israel.

Nesta análise, será adotado, embora com algumas adaptações, o modelo metodológico proposto por Maria Immacolata Vassallo de Lopes¹⁹. Nas palavras da autora (2004, p. 22),

O modelo metodológico que apresento articula o campo da pesquisa em níveis e fases metodológicas, que se interpenetram dialeticamente, do que resulta uma concepção simultaneamente topológica e cronológica da pesquisa. A visão é a de um modelo metodológico que opera em rede. O eixo paradigmático ou vertical é construído por quatro níveis ou instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica; o eixo sintagmático ou horizontal é organizado em quatro fases: definição do objeto,

¹⁷ No original: “history is transformed into a story that defines the relevant ‘event’ and shapes its symbolic meaning”.

¹⁸ No original: “Thus, collective memory can transform historical events into *political myths* that function as lens through which group members perceive the present and prepare for the future. Because turning points often assume symbolic significance as markers of change, they are more likely to transform into myths. As such they not only reflect the social and political needs of the group that contributed to their formation but also become active agents in molding the group’s needs”.

¹⁹ Tomando-se por base o livro *Pesquisa em comunicação* (LOPES, 2005), mas também outros textos e artigos em que o modelo metodológico é desenvolvido.

observação, descrição e interpretação. Cada fase é atravessada por cada um dos níveis e cada nível opera em função de cada uma das fases. Além disso, os níveis mantêm relações entre si e as fases também se remetem mutuamente, em movimentos verticais, de subida e descida (indução/dedução, graus de abstração/concreção) e de movimentos horizontais, de vai-e-vem, de progressão e de volta (construir o objeto, observá-lo, analisá-lo, retomando-o de diferentes maneiras).

A metodologia é vista aqui como um “processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em níveis e fases e que se realizam num espaço determinado que é o espaço epistêmico” (LOPES, 2004, p. 15). Tornar consciente esse processo significa desnaturalizar as práticas científicas, entendendo-as como “teorias em ato”. A discussão metodológica será distribuída ao longo de diversos momentos do trabalho, acompanhando e justificando os passos do pesquisador.

2. OBSERVAÇÃO

2. 1. Considerações sobre o processo de observação

“A realidade não é suscetível de apreensão imediata” (LOPES, 2005, p. 143). Em outras palavras, os fenômenos sociais não se apresentam de forma sistematizada e organizada como se estivessem à espera de alguém que viesse a “descobri-los”. A apreensão destes fenômenos por meio da pesquisa acadêmica passa, necessariamente, pela reconstrução empírica da realidade, o que irá permitir sua análise. Deste modo, a tarefa do pesquisador não é simplesmente a de ler os dados que se apresentam de antemão. Antes, trata-se de construí-los. Norteado pelos objetivos do trabalho, esse processo é realizado por meio de uma série de operações metodológicas que visam “coletar e reunir evidências concretas capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial” (LOPES, 2005, p. 143). Para isso, é necessário selecionar de forma criteriosa, dentro do “real”, os elementos que possibilitam e dão sustentação à análise que se deseja empreender. A observação é, enfim, o momento da coleta e reunião de dados científicos sobre os quais o estudo será realizado.

Todo processo de investigação é atravessado por uma série de decisões que devem ser tomadas pelo pesquisador. As fontes às quais iremos nos debruçar não são dadas, e a escolha do material a ser utilizado visa responder à necessidade exposta acima, isto é, a de reconstruir intelectualmente a realidade que se deseja apreender. Essa tarefa é especialmente delicada, uma vez que dois riscos se fazem constantemente presentes: por um lado, o de não enxergar adequadamente os indícios apresentados pelas fontes e, por outro, o de enxergar apenas aquilo que confirma concepções anteriores do pesquisador. Problematizar as opções adotadas, estabelecendo técnicas de controle sobre a investigação, é imprescindível para garantir a confiabilidade do trabalho e serve como um bom antídoto contra esses riscos. Uma das formas de instituir esse controle é, além de afirmar o caráter não natural das escolhas,

explicitá-las ao leitor, de modo a permitir que este acompanhe todo o desenvolvimento do processo.

Em suma, do acerto na escolha das fontes depende o sucesso da pesquisa no que se refere à possibilidade de captar dados relevantes; da vigilância epistemológica constante e do controle do próprio processo de investigação depende sua validade e confiabilidade.

Apresentar, justificar, discutir e problematizar as fontes escolhidas para a reconstrução do real que irá possibilitar, posteriormente, a descrição e interpretação do fenômeno que se deseja analisar é, precisamente, o objetivo deste capítulo.

2. 2. O universo de investigação e a unidade de pesquisa

Toda identidade é construída e perpetuada por meio de práticas discursivas e não discursivas. Nesse sentido, para analisarmos a experiência da comunidade judaica de São Paulo e a maneira como esta estabelece vínculos, à distância, com o Estado de Israel, teríamos que levar em consideração, necessariamente, estas duas dimensões.

No que se refere às práticas discursivas, estas são elaboradas e difundidas a partir de diversos meios. Jornais, revistas, livros, filmes, programas de televisão, sites, blogs, boletins impressos ou virtuais são alguns dos veículos em que discursos são fartamente encontrados. Já em relação às práticas não discursivas, é preciso verificar as atividades concretas que possibilitam o relacionamento com Israel à distância, incluindo-se os intercâmbios de natureza diversa entre diáspora judaica e o Estado de Israel. As ações promovidas pelas principais instituições comunitárias neste campo são bastante significativas.

Levando-se em conta o que foi dito acima, teríamos que recorrer a fontes que apresentassem de maneira ampla o registro dessas práticas discursivas e não discursivas. Nesse sentido, os veículos de comunicação da comunidade judaica paulista surgem como rica possibilidade. A respeito do jornal judaico, Nachman Falbel (2008, p. 33) afirma:

O jornal judaico é rico em informações de toda ordem, pois espelha a vida comunitária da comunidade sob todos os aspectos. Anúncios comerciais e profissionais, acontecimentos sociais (noivados, casamentos, nascimentos, *bar-mitzvot*, aniversários), relatórios das instituições comunitárias, eventos políticos, são normalmente noticiados.

Poderíamos acrescentar que, além de espelhar a vida comunitária, o jornal judaico oferece uma grande oportunidade para apreender o modo pelo qual a comunidade enxerga a si mesma e aos eventos sociais e políticos (nacionais e internacionais) de sua época. Assim, acontecimentos diariamente narrados por grandes jornais da cidade ganham contornos particulares quando expostos e discutidos pelo jornal judaico. Mais ainda, fatos não relatados ou que passam quase despercebidos na grande mídia podem ser tema de inúmeras notícias e artigos que ocupam diversas páginas nesse tipo de publicação. Além de assuntos comunitários e institucionais, questões relativas ao antissemitismo, ao Estado de Israel e seus vizinhos e à comunidade judaica de maneira geral são alguns dos tópicos abordados com grande frequência. Contando com um corpo profissional e/ou voluntário formado majoritariamente por judeus, muitas vezes – e, com as facilidades de hoje, cada vez mais –, as publicações da comunidade judaica contam com colaboradores internacionais. Atualmente, é quase que praxe, tanto nas publicações impressas quanto virtuais, a presença de correspondentes principalmente em Israel, mas também em outros países, como os Estados Unidos – um dos centros do judaísmo a partir da década de 1940.

Diante de um quadro abrangente e buscando sempre não perder de vista os objetivos do trabalho, selecionamos como principal fonte de pesquisa notícias, editoriais, artigos e entrevistas do jornal quinzenal *Tribuna Judaica*. Foram analisadas as edições publicadas ao longo de um período de cinco anos, de janeiro de 2006 a dezembro de 2010.

A escolha do recorte temporal deve-se, principalmente, ao interesse de elaborar um retrato contemporâneo da comunidade judaica de São Paulo. Embora modesto, o intervalo de cinco anos ao invés de um período mais longo mostrou-se mais adequado por propiciar uma pesquisa aprofundada.

Já a escolha da *Tribuna Judaica* como principal fonte de pesquisa deve-se a uma série de fatores. Em primeiro lugar, devido ao prestígio que o jornal,

fundado em 1998, adquiriu no âmbito dos segmentos seculares da comunidade judaica de São Paulo, sendo reconhecido como um dos principais meios comunitários de informação. Em segundo lugar, e principalmente por isso, porque a Tribuna Judaica conta com artigos regulares das principais lideranças da comunidade. No rol de colaboradores do jornal, há, por exemplo, diretores da Confederação Israelita do Brasil (Jaime Spitzcovsky), da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Alberto Milkewitz, Ricardo Berkiensztat), membros da B'nai B'rith (Lia Bergamn) etc. Além disso, fazem parte de seu conselho consultivo pessoas que exerceram, exercem ou vieram a exercer (após o período da pesquisa) cargos de direção em importantes instituições da comunidade judaica paulista, brasileira ou latino-americana, como, por exemplo, Jack Leon Terpins, ex-presidente do clube A Hebraica, ex-presidente da Confederação Israelita do Brasil e atual presidente do Congresso Judaico Latinoamericano. Em terceiro lugar, a exemplo de outros periódicos comunitários, a Tribuna Judaica conta com seções fixas reservadas a instituições judaicas de São Paulo que trazem interessantes relatos a respeito de suas principais atividades. E, finalmente, em quarto lugar, não se pode subestimar um fato decisivo na escolha da Tribuna Judaica ou de qualquer outra fonte para o desenvolvimento da pesquisa: a possibilidade, mesmo com alguma dificuldade, de acesso ao material.

Em relação a essas dificuldades, Nachman Falbel²⁰ (2008, p. 30) afirma:

Ao contrário do que se passou na Argentina, onde o famoso YWO (Instituto Científico Judaico) organizou há muitos anos uma seção local que reuniu o acervo valioso relativo à história recente dos judeus na Argentina, só recentemente foi organizado um Arquivo Judaico no Brasil, com a preocupação de reunir e preservar as fontes ligadas à história dos judeus no país.

Nesse sentido, estamos apenas dando os primeiros passos e, nesse ínterim, o pesquisador interessado na área deve, em boa parte, abrir o seu caminho pessoal de acesso às fontes.

De fato, mesmo com toda a ajuda prestada pelo Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB) – a maior parte da pesquisa foi realizada em suas dependências –, o trajeto em busca das fontes foi significativamente tortuoso. Embora a maior parte das edições do jornal Tribuna Judaica no período estudado estivesse disponível para consulta no acervo deste Arquivo, a

²⁰ Nachman Falbel foi o fundador do AHJB, em São Paulo.

coleção não estava completa. Já a Biblioteca Ben Gurion, da Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo, outra instituição importante para o desenvolvimento do trabalho, uma vez que possui cerca de 30 mil documentos, incluindo revistas e jornais de temática judaica, não armazenou nenhum exemplar deste periódico.

Para contornar esse problema, tive que recorrer a meu próprio arquivo pessoal, que continha algumas edições da Tribuna Judaica, e à amizade com uma das jornalistas do jornal, Clarissa Feder, que havia armazenado muitos exemplares. Juntos, quase conseguimos completar a coleção do AHJB. Assim, foram analisadas as seguintes edições:

- N° 156. 7 a 21 de janeiro de 2006.
- N° 157. 22 de janeiro a 5 de fevereiro de 2006.
- N° 158. 6 a 20 de fevereiro de 2006.
- N° 159. 21 de fevereiro a 7 de março de 2006.
- N° 160. 8 a 22 de março de 2006.
- N° 161. 23 de março a 6 de abril de 2006.
- N° 162. 7 a 21 de abril de 2006.
- N° 163. 22 de abril a 6 de maio de 2006.
- N° 164. 7 a 21 de maio de 2006.
- N° 165. 22 de maio a 5 de junho de 2006.
- N° 166. 6 a 20 de junho de 2006.
- N° 167. 21 de junho a 5 de julho de 2006.
- N° 169. 21 de julho a 4 de agosto de 2006.
- N° 170. 5 a 19 de agosto de 2006.
- N° 171. 20 de agosto a 3 de setembro de 2006.
- N° 171. 20 de agosto a 3 de setembro de 2006.
(Caderno Especial de Rosh Hashaná)
- N° 172. 4 a 18 de setembro de 2006.
- N° 173. 19 de setembro a 3 de outubro de 2006.
- N° 175. 19 de outubro a 2 de novembro de 2006.
- N° 176. 3 a 17 de novembro de 2006.
- N° 177. 18 de novembro a 2 de dezembro de 2006.
- N° 178. 3 a 17 de dezembro de 2006.

- N° 179. 18 de dezembro de 2006 a 1° de janeiro de 2007.
- N° 180. 2 a 16 de janeiro de 2007.
- N° 181. 17 a 30 de janeiro de 2007.
- N° 182. 1 a 15 de fevereiro de 2007.
- N° 183. 16 de fevereiro a 2 de março de 2007.
- N° 184. 3 a 17 de março de 2007.
- N° 185. 18 de março a 1° de abril de 2007.
- N° 185. 16 de março a 1° de abril de 2007.

(Caderno Especial de Pessach)

- N° 186. 2 a 16 de abril de 2007.
- N° 187. 17 de abril a 1 de maio de 2007.
- N° 188. 2 a 16 de maio de 2007.
- N° 189. 17 a 31 de maio de 2007.
- N° 190. 1 a 15 de junho de 2007.
- N° 191. 16 a 30 de junho de 2007.
- N° 192. 1 a 15 de julho de 2007.
- N° 193. 16 a 30 de julho de 2007.
- N° 194. 31 de julho a 14 de agosto de 2007.
- N° 195. 15 a 29 de agosto de 2007.
- N° 195. 15 a 29 de agosto de 2007.

(Caderno Especial de Rosh Hashaná)

- N° 196. 30 de agosto a 13 de setembro de 2007.
- N° 197. 14 a 28 de setembro de 2007.
- N° 198. 29 de setembro a 13 de outubro de 2007.
- N° 199. 14 a 28 de outubro de 2007.
- N° 200. 29 de outubro a 12 de novembro de 2007.
- N° 201. 13 a 27 de novembro de 2007.
- N° 202. 28 de novembro a 12 de dezembro de 2007.
- N° 203. 13 a 27 de dezembro de 2007.
- N° 204. 1 a 15 de janeiro de 2008.
- N° 205. 21 de janeiro a 4 de fevereiro de 2008.
- N° 206. 5 a 19 de fevereiro de 2008.
- N° 207. 20 de fevereiro a 5 de março de 2008.
- N° 208. 6 a 20 de março de 2008.

- N° 209. 21 de março a 4 de abril de 2008.
- N° 210. 5 a 19 de abril de 2008.

(Caderno Especial de Pessach)

- N° 210. 5 a 19 de abril de 2008.
- N° 211. 20 de abril a 4 de maio de 2008.
- N° 212. 5 a 19 de maio de 2008.
- N° 213. 20 de maio a 3 de junho de 2008.
- N° 214. 4 a 18 de junho de 2008.
- N° 215. 19 de junho a 3 de julho de 2008.
- N° 216. 4 a 18 de julho de 2008.
- N° 217. 19 de julho a 2 de agosto de 2008.
- N° 218. 3 a 17 de agosto de 2008.
- N° 219. 18 de agosto a 1 de setembro de 2008.
- N° 220. 2 a 16 de setembro de 2008.
- N° 220. 2 a 16 de setembro de 2008.

(Caderno Especial de Rosh Hashaná)

- N° 221. 17 de setembro a 1 de outubro de 2008.
- N° 222. 2 a 16 de outubro de 2008.
- N° 223. 17 a 31 de outubro de 2008.
- N° 224. 8 a 22 de novembro de 2008.
- N° 225. 23 de novembro a 7 de dezembro de 2008.
- N° 226. 8 a 22 de dezembro de 2008.
- N° 227. 23 de dezembro de 2008 a 6 de janeiro de 2009.
- N° 228. 7 A 21 de janeiro de 2009.
- N° 229. 22 de janeiro a 5 de fevereiro de 2009.
- N° 230. 6 a 20 de fevereiro de 2009.
- N° 231. 21 de fevereiro a 7 de março de 2009.
- N° 232. 8 a 22 de março de 2009.
- N° 233. 23 de março a 6 de abril de 2009.
- N° 234. 7 a 21 de abril de 2009.
- N° 235. 22 de abril a 6 de maio de 2009.
- N° 236. 7 a 21 de maio de 2009.
- N° 237. 22 de maio a 5 de junho de 2009.
- N° 238. 6 a 20 de junho de 2009.

- N° 239. 21 de junho a 5 de julho de 2009.
- N° 240. 6 a 20 de julho de 2009.
- N° 241. 21 de julho a 4 de agosto de 2009.
- N° 242. 5 a 19 de agosto de 2009.
- N° 243. Tribuna Judaica. 20 de agosto a 3 de setembro de 2009.
- N° 244. De 4 a 18 de setembro de 2009.
- N° 245. 26 de setembro a 10 de outubro de 2009.
- N° 246. 11 a 25 de outubro de 2009.
- N° 247. 26 de outubro a 9 de novembro de 2009.
- N° 248. 10 a 24 de novembro de 2009.
- N° 249. 25 de novembro a 9 de dezembro de 2009.
- N° 250. 17 a 31 de dezembro de 2009.
- N° 251. 1 a 15 de janeiro de 2010.
- N° 252. 16 a 30 de janeiro de 2010.
- N° 253. 31 de janeiro a 14 de fevereiro de 2010.
- N° 254. 15 de fevereiro a 1 de Março de 2010.
- N° 255. 2 a 16 de março de 2010.
- N° 256. 17 a 31 de março de 2010.
- N° 257. 1 a 15 de abril de 2010.
- N° 258. 16 a 30 de abril de 2010.
- N° 259. 1 a 15 de maio de 2010.
- N° 260. 16 a 30 de maio de 2010.
- N° 261. 31 de maio a 14 de junho de 2010.
- N° 262. 15 a 29 de junho de 2010.
- N° 263. 30 de junho a 14 de julho de 2010.
- N° 264. 15 a 29 de julho de 2010.
- N° 265. 30 de julho a 14 de agosto de 2010.
- N° 266. 20 de agosto a 04 de setembro de 2010.
- N° 267. 20 de setembro a 05 de outubro de 2010.
- Caderno Especial de Educação. Outubro de 2010.
- N° 268. 06 a 20 de outubro de 2010.
- N° 270. 16 a 30 de novembro de 2010.
- N° 271. 10 a 26 de dezembro de 2010.

No período de janeiro de 2006 a dezembro de 2010, ficaram faltando três edições que não foram encontradas: os números 168, 174 e 269.

Certamente, a escolha da Tribuna Judaica como principal fonte de pesquisa também impôs algumas limitações. Por exemplo, algumas entidades têm pouquíssimo espaço no jornal, a despeito da importância de suas atividades. Uma das razões para explicar a ausência de matérias e reportagens sobre elas tem a ver com a existência de um vínculo bastante perceptível entre o conteúdo do jornal e anúncios pagos: costumam ser publicadas informações sobre atividades apenas daquelas instituições que investem no jornal por meio de propagandas impressas e/ou peças publicitárias encartadas. Sem dúvida, isso traz outra limitação relacionada: todo o conteúdo a respeito do trabalho institucional é sempre laudatório. Disputas, tensões e conflitos internos praticamente não aparecem. Assim, a comunidade judaica construída pelo jornal é muito mais harmônica do que se verifica empiricamente. Para diminuir os prejuízos causados por estas limitações, procuramos recorrer a outras fontes.

Inicialmente, a pesquisa objetivava analisar também os boletins virtuais da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp). Conhecidos como FEDERAÇÃO INFORMA (ou, simplesmente, FISESP INFORMA), estes boletins são enviados regularmente por e-mail e constituem uma das principais formas de comunicação da Fisesp com a comunidade judaica que representa. Por reunir dezenas de instituições federadas, representar a comunidade judaica de São Paulo em toda sua diversidade e falar em seu nome, além de atuar nas mais diversas áreas (assistência social, comunicação, educação, eventos, jurídica, juventude, segurança e terceira idade), a Federação é, talvez, o órgão institucional mais importante da comunidade paulista. Por conta disso, seus boletins, que tratam de assuntos variados, são bastante relevantes.

No entanto, a dificuldade no acesso a este material excluiu a possibilidade de sua utilização como uma das principais fontes de pesquisa. Seguindo o caminho natural de procurar a Fisesp para obter acesso aos boletins, fui surpreendido com a resposta de que estes não haviam sido arquivados. Nem mesmo o responsável por sua publicação os havia armazenado. Devido à enorme preocupação que a Federação tem em relação à imagem (sua própria, da comunidade judaica de maneira geral e de Israel) é

possível que, desconfiados dos propósitos da pesquisa, seus diretores tenham optado por não ceder o material²¹. Ao procurar as bibliotecas comunitárias, soube que, apesar de receberem os boletins por e-mail, nem a biblioteca da Hebraica nem a do AHJB os haviam arquivado. Na realidade, como fiquei sabendo mais tarde, o pedido gerou uma grande discussão no AHJB acerca da preservação de fontes digitais – algo que, aparentemente, ainda não havia sido motivo de debate naquela instituição. Na tentativa de oferecer uma resposta imediata à minha necessidade, o AHJB recorreu a um backup de seus e-mails para recuperar alguns boletins recebidos, possibilitando sua impressão. Mas isso também gerou limitações. Além de haver um número bastante restrito de boletins na caixa de e-mails do AHJB, por não serem numerados e por não haver uma periodicidade definida para sua publicação, tornou-se impossível dimensionar o todo e diagnosticar a relevância do material obtido. A preservação de materiais virtuais, cada vez mais comuns no meio judaico (e não judaico) e de grande importância para o pesquisador, coloca também o problema acerca dos links, ou seja, as hiperligações características da internet, que permitem acesso a outras páginas e documentos a partir de algum elemento clicável (palavras, textos, imagens) de uma página ou documento. Isso sem considerar os vídeos, animações e arquivos sonoros, impossíveis de serem transportados para o papel, e no caráter temporário de muitas páginas na internet. Assim, mesmo a impressão dos documentos não é suficiente para garantir a integridade das publicações que contam com esses recursos. Não é o caso dos boletins FEDERAÇÃO INFORMA, que são compostos majoritariamente por textos e, em alguns casos, fotografias, mas isso ocorre no caso da Newsletter da Federação (ou, simplesmente, Fisesp News). Mais uma vez, de acordo com Nachman Falbel (2008, p. 33 e 34):

No fundo, o método de pesquisa histórica tradicional obriga o historiador a recorrer a essas fontes documentais que se encontram, por assim dizer, nos arquivos convencionais acima citados. Mas, para o caso do estudo da história dos judeus, não é suficiente percorrer os caminhos convencionais: por vezes, é necessário trilhar outros e até mesmo improvisá-los, de certa forma. É o caso da entrevista gravada, adotado na história oral, o qual penetrou pouco a pouco na metodologia da história contemporânea, alcançando um nível elevado de desenvolvimento e sofisticação

²¹ No entanto, no que se refere aos outros passos do trabalho, a Fisesp foi prestativa. Seu diretor institucional, Alberto Milkewitz, por exemplo, aceitou prontamente o convite para a realização da entrevista. Além disso, é presumível que o fato de o pesquisador ser membro da comunidade judaica tenha contribuído para diminuir as desconfianças.

teórico-analítica para se defrontar com os múltiplos e complexos aspectos da modernidade e da sociedade contemporânea e seus eventos.

Concordando com o autor, julgamos importante a realização de entrevistas semiestruturadas com líderes comunitários e representantes do Estado de Israel. Como informantes privilegiados, suas visões constituem testemunhos importantes e contribuíram muito com a pesquisa no sentido de trazer informações sobre práticas institucionais. Ao mesmo tempo, configuram discursos a serem analisados.

Assim, foram entrevistados o diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Jaime Spitzcovsky, o diretor institucional da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), Alberto Milkewitz, o ex-presidente do Fundo Comunitário, Nilton Serson, o presidente da B'nai B'rith Brasil, Abraham Goldstein e o cônsul geral de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman.

Enquanto Conib e Fisesp são as instituições que agregam a maioria das entidades judaicas e representam politicamente a comunidade, o Fundo Comunitário garante sua sustentação financeira. Já a B'nai B'rith é um caso interessante, pois trata-se de uma instituição judaica internacional e não federada, isto é, não vinculada à Fisesp e à Conib.

Além dessas grandes entrevistas, foram colhidos depoimentos importantes de profissionais de instituições judaicas ou de pessoas que participaram de algum programa promovido por elas. Deram depoimentos o gerente de comunicação da Conib, Ricardo Besen, a coordenadora de imigração da Agência Judaica, Vivian Ninio, a ex-coordenadora do programa das Classes Brasileiras em Ayanot, Rosa Helena Roizen, o coordenador de projeto do Centro Novo Horizonte Gabriel Douek e a escritora Márcia Camargos.

A experiência do autor e seu engajamento como membro da comunidade judaica de São Paulo também foi fundamental na coleta de informações. Tendo cursado Ensino Infantil, Fundamental e Médio em colégios judaicos, frequentado sinagogas e clubes como A Hebraica e Círculo Macabi, participado de inúmeros eventos organizados por essa comunidade, visitado instituições diversas e tomado parte em uma série de reuniões e encontros,

essa vivência comunitária foi determinante na própria formulação do problema de pesquisa.

Além disso, em diversos momentos recorremos a sites e boletins impressos e virtuais de instituições judaicas como forma de apreender seus objetivos e atividades.

Finalmente, como suporte fundamental sem o qual o trabalho seria impossível, a pesquisa contou com uma vasta bibliografia acerca dos temas concernentes: textos antropológicos, históricos, políticos e sociológicos sobre diáspora, diáspora judaica, Estado de Israel, construção e desconstrução de narrativas nacionais, comunidade judaica paulista e brasileira e metodologia da pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Diásporas e identidades contemporâneas

Durante muito tempo, a palavra diáspora foi utilizada para designar especificamente a dispersão dos judeus pelo mundo²² (SAFRAN, 2005, p. 36; BAUMANN, 2000, p. 313). Inclusive, é assim que os dicionários da língua portuguesa costumam apresentar a primeira definição do termo: “1. dispersão dos judeus, no decorrer dos séculos, por todo o mundo”. É por extensão de sentido que cunham um significado mais amplo: “2. dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica”²³.

Nas últimas décadas, entretanto, o termo diáspora adquiriu uma abrangência inédita, fenômeno observado por quase todos os pesquisadores do assunto. Robin Cohen (2008, p. 519) constata um “uso difundido do conceito de diáspora”. Para William Safran (2005, p. 39), “o número de comunidades étnicas e/ou religiosas discutidos sob a rubrica de diáspora parece interminável, e o conceito foi aplicado a uma variedade de grupos por historiadores, cientistas sociais e estudiosos da cultura em inúmeros artigos e livros”²⁴, o que o tornou “tão bem estabelecido e até mesmo moda”²⁵. Bernardo Sorj (2004, p. 53 e 54) fala em “explosão das diásporas”, e que “a diáspora se transformou num dos conceitos centrais para a compreensão das novas formas institucionais que assumem os novos atores coletivos transnacionais num mundo globalizado”. De acordo com Martin Baumann (2000, p. 313 e p. 325), “desde a década de 1970, ‘diáspora’ foi cada vez mais utilizado para designar

²² A dispersão dos judeus pelo mundo remonta ao ano 70, quando o Império Romano conquistou Jerusalém e destruiu o Templo judaico. Desde então, judeus passaram a viver em diversos lugares, desenvolvendo costumes, ritos e línguas particulares em cada região em que se encontravam.

²³ Grande Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Outros dicionários trazem definições bastante próximas. Cf. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa; Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa; iDicionário Aulete.

²⁴ No original: “the number of ethnic and/or religious communities discussed under the rubric of diaspora seems endless and the concept has been applied to a variety of groups by historians, social scientists, and students of culture in countless articles and books”.

²⁵ No original: “the term has now become so well-established, even trendy”.

quase todos os povos que vivem longe de sua pátria ancestral ou anterior”²⁶, tendo se tornado “um dos termos mais na moda no discurso acadêmico do final do século XX”²⁷. James Clifford (1994, p. 310) observa que “a linguagem da diáspora é cada vez mais invocada por povos deslocados que sentem (mantêm, revivem, inventam) uma conexão com um lar anterior”²⁸. Finalmente, Tölölian (1991:4-5 apud CLIFFORD, 1994, p. 303) afirma que “o termo que antes descrevia as dispersões judaica, grega e armênia, agora compartilha significados com um domínio semântico mais extenso, que inclui palavras como imigrante, expatriado, refugiado, trabalhador convidado, comunidade exilada, comunidade no exterior, comunidade étnica”²⁹.

É importante observar que a abrangência do termo está muito presente no discurso acadêmico – com autores fazendo uso do conceito de diáspora para análise de variados grupos sociais e/ou experiências vividas por estes –, mas não se restringe a ele: é cada vez mais comum a própria autorrepresentação de comunidades diversas como diásporas.

Estudiosos do tema concordam que esta proeminência da diáspora no discurso acadêmico e fora dele ocorre por conta de diversos fatores que transformaram a esfera social, política e econômica dos Estados industrializados (SAFRAN, 2005, p. 39; SORJ, 2004, p. 54; BAUMANN, 2000, p. 313; CLIFFORD, 1994, p. 306). Em grande medida, o planeta é, hoje, um espaço global compartilhado, caracterizado por movimentos em massa de populações, poderosas redes de informação (*mass media*), novos meios de comunicação e uma desenvolvida rede de transportes que aproxima pontos longínquos do globo. Refugiados, migrantes, deslocados e sem Estado são personagens comuns na história contemporânea. Aliado a todo esse movimento, verifica-se a crise do Estado-nação e das grandes ideologias como forças aglutinadoras de identidades. Poderíamos acrescentar que também contribuíram para a profusão das diásporas as leis de imigração que limitavam a absorção dos imigrantes na nova sociedade e a opção de alguns países pelo

²⁶ No original: “since the 1970’s, ‘diaspora’ was increasingly used to denote almost every people living far away from their ancestral or former homeland”.

²⁷ No original: “one of the most fashionable terms in academic discourse of late 20th century”.

²⁸ No original: “The language of diaspora is increasingly invoked by displaced peoples who feel (maintain, revive, invent) a connection with a prior home”.

²⁹ No original: “the term that once described Jewish, Greek, and Armenian dispersion now shares meanings with a larger semantic domain that includes words like immigrant, expatriate, refugee, guest-worker, exile community, overseas community, ethnic community”.

ius sanguinis – “direito de sangue” – como forma de outorga de cidadania³⁰. Baumann (2000, p. 321 e 322) destaca ainda a proeminência do termo nos estudos africanos devido aos processos de descolonização e de emancipação política vividos tanto por parte dos países da África como por povos negros no novo mundo. E, finalmente, Sorj (2004, p. 55) acrescenta que “a experiência da diáspora judaica representa um exemplo para os grupos que lutam pelo reconhecimento de sua especificidade” e que o êxito da diáspora judaica e de seu apoio ao Estado de Israel serviu como fonte de prestígio na utilização do conceito. De acordo com o autor (2004, p. 55), “o que inspira boa parte das novas diásporas é seu sucesso como mecanismo de organização que permite a solidariedade em condições adversas, a mobilidade social, a integração no sistema do poder e a participação no sistema político nacional e internacional”.

Mais do que ter se generalizado, ampliando seu significado e designando uma grande diversidade de grupos e experiências sociais, diáspora se tornou um conceito em disputa, dando lugar, no âmbito acadêmico, a uma série de discussões sobre a abrangência do termo, sua pertinência e significado. Grosso modo, a tensão reside nos contornos da definição do que seja diáspora e de qual enquadramento teórico permitiria melhor compreensão das relações sociais em jogo. A necessidade ou não de uma Terra Natal³¹ (e o que isso significa) para configuração de uma diáspora, as consequências de uma opção ou outra, e a aceitação ou não da diáspora judaica ou de qualquer outra como caso paradigmático (ou “tipo ideal”) são questões-chave que provocam divergências entre os pesquisadores.

Grande parte dos estudiosos do tema alerta para o risco de uma generalização seguida de uma dissolução do conceito (BAUMANN, 2000, p. 315 e p. 326). Incomodados com o fato de diáspora ter se tornado um termo tão amplo, autores buscaram uma definição mais precisa do seu significado. William Safran é, talvez, o mais proeminente desta linha, e justifica a busca de contornos mais bem delineados por conta da necessidade de criar ordem analítica a fim de facilitar a análise comparativa.

³⁰ O *ius sanguinis* define como nacional ou cidadão aqueles que descendem de nacionais, independentemente do território onde nasceram ou moraram por período prolongado, o que gerou uma massa populacional desprovida de nacionalidade e cidadania.

³¹ “Terra Natal” será utilizada aqui como o lugar onde um grupo reconhece sua origem ou auge.

De acordo com Safran (2005, p. 36), diferentemente de imigrantes comuns, diásporas são caracterizadas por “experiências de expatriação, criação de instituições, continuidade cultural e recusa ao abandono de suas identidades coletivas”³². Para o autor (2005, p. 39), a diáspora judaica constitui um modelo sobre o qual deve repousar a definição do próprio conceito de diáspora:

A diáspora judaica continua a ser utilizada como protótipo porque combina características tais como etnicidade, religião, status de minoria, uma consciência de pertencimento a um povo, uma longa história de migração, expulsão, adaptação a uma variedade de lugares cuja recepção foi condicional e instável, e orientação contínua a uma pátria e a uma narrativa e a etnosímbolos relacionados a ela³³.

Adotando a diáspora judaica como um caso paradigmático, mas considerando que outros grupos como os armênios, chineses, gregos, indianos, curdos, palestinos, parsis e sikhs compartilham com os judeus uma série de características que os diferencia de meros imigrantes, Safran (2005, p. 37) estabelece uma série de critérios que teriam por objetivo definir um grupo social como diáspora:

1. Eles ou seus antepassados foram dispersados de um determinado “centro” original para duas ou mais regiões periféricas ou estrangeiras.
2. Eles retêm uma memória, visão ou mito coletivo sobre sua pátria original – sua localização física, história, realizações e, muitas vezes, sofrimentos.
3. Sua relação com o elemento dominante da sociedade no lugar em que vivem é complicada e muitas vezes desconfortável. Eles acreditam que não são, e talvez não possam ser, totalmente aceitos pela sociedade de acolhimento e, portanto, sentem-se parcialmente alienados e isolados.
4. Eles consideram sua pátria ancestral como sua casa verdadeira e ideal e como o lugar para onde eles próprios ou seus descendentes irão (ou deveriam), no fim das contas, retornar – quando e se as condições forem adequadas.
5. Eles continuam a se relacionar com aquela pátria, pessoalmente ou indiretamente, de uma forma ou de outra, e sua consciência etnocomunal e solidariedade, que ultrapassam fronteiras políticas, são definidas fundamentalmente em termos da existência de tal relação. Essa relação pode incluir um compromisso coletivo para a manutenção ou o restabelecimento de sua pátria original e à sua independência, segurança e prosperidade. A ausência de tal relacionamento torna difícil falar de transnacionalismo.

³² No original: “experiences of expatriation, institution-building, cultural continuity, and refusal to relinquish their collective identities”.

³³ No original: “The Jewish diaspora continues to be used as prototype because it combines such features as ethnicity, religion, minority status, a consciousness of peoplehood, a long history of migration, expulsion, adaptation to a variety of hostlands whose welcome was conditional and unreliable, and continuing orientation to a homeland and to a narrative and ethnosymbols related to it”.

6. Eles desejam sobreviver como uma comunidade distinta – na maioria dos casos, como uma minoria – por meio da manutenção e da transmissão de uma herança cultural e/ou religiosa derivada de seu lar ancestral e dos símbolos baseados nele. Ao fazer isso, eles se adaptam às condições e experiências do lugar de acolhimento para tornarem-se, eles mesmos, centros de criação e elaboração cultural.
7. Suas relações culturais, religiosas, econômicas e/ou políticas com a pátria original são refletidas de forma significativa em suas instituições comunitárias³⁴.

Presente, de alguma forma, em quase todos os critérios, a idéia de Terra Natal é fundamental para a compreensão da diáspora na perspectiva de Safran, para quem as relações entre diáspora e Terra Natal constituem o foco da análise. Em grande medida, isso tem a ver com a própria opção de tomar a diáspora judaica – caracterizada, na atualidade, por fortes relações com sua terra ancestral (Israel), o que gera esforços e práticas comunitárias específicas – como caso paradigmático.

Embora Safran (2005, p. 39) reconheça que nenhuma diáspora, nem mesmo a judaica em sua totalidade, é capaz de preencher todos os critérios de sua definição, o autor lamenta o fato de que alguns, por conta disso, abandonaram sua lista na integridade.

Entre os críticos de Safran, destacam-se os teóricos identificados com o pós-estruturalismo e o pós-modernismo, dentre os quais Homi Bhabha, James Clifford, Paul Gilroy e Stuart Hall. Nas palavras de Martin Baumann (2000, p. 324), estes autores adotaram o termo diáspora para designar

³⁴ No original:

- “1. They, or their ancestors, have been dispersed from a specific original “center” to two or more peripheral, or foreign, regions.
2. They retain a collective memory, vision, or myth about their original homeland — its physical location, history, achievements, and, often enough, sufferings.
3. Their relationship with the dominant element of society in the hostland is complicated and often uneasy. They believe that they are not, and perhaps cannot be, fully accepted by their host society and therefore feel partly alienated and insulated from it.
4. They regard their ancestral homeland as their true, ideal home and as the place to which they or their descendants would (or should) eventually return—if and when conditions are appropriate.
5. They continue to relate, personally or vicariously, to that homeland in one way or another, and their ethnocommunal consciousness and solidarity, which reach across political boundaries, are importantly defined in terms of the existence of such a relationship. That relationship may include a collective commitment to the maintenance or restoration of their original homeland and to its independence, safety, and prosperity. The absence of such a relationship makes it difficult to speak of transnationalism.
6. They wish to survive as a distinct community — in most instances as a minority — by maintaining and transmitting a cultural and/or religious heritage derived from their ancestral home and the symbols based on it. In so doing, they adapt to hostland conditions and experiences to become themselves centers of cultural creation and elaboration.
7. Their cultural, religious, economic, and/or political relationships with the homeland are reflected in a significant way in their communal institutions”.

um tipo específico de experiência e pensamento, isto é, a 'consciência da diáspora'. Com o objetivo de ir além de noções essencializadoras, como 'etnicidade' e 'raça', em artigos geralmente carregados de jargões, a idéia de 'diáspora' tem sido celebrada como expressão de noções de hibridismo, heterogeneidade, fragmentação e (re)construção identitária, dupla consciência, fraturas de memória, ambivalência, raízes e rotas, cosmopolitismo discrepante, multilocalidade e assim por diante³⁵.

Influenciados por Jacques Derrida, afirmam que, no mundo pós-moderno, identidades individuais e coletivas são abertas, flexíveis, fluidas, líquidas, desterritorializadas, manipuláveis, situacionais, viajantes, permeáveis, ambíguas, híbridas, encontrando-se em permanente estado de mutação. Idéias rígidas de origem, pertencimento e essência são fortemente criticadas e noções comuns que serviam de referência ao conceito de diáspora, como as de "Terra Natal", "Local" e "Comunidade étnico-religiosa", são desconstruídas, dando lugar a uma concepção de diáspora que prescinde desses elementos. Com isso, além das comunidades tradicionalmente associadas ao conceito de diáspora, uma série de outros grupos e experiências sociais passam a ser designados como tal.

Ao analisar as identidades particulares na era da globalização, Stuart Hall (2006, p. 88 e 89) refuta a tese comumente aceita de que há apenas dois caminhos possíveis, isto é, retorno às raízes ou dissipação por meio da assimilação e da homogeneização.

Pois há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias "casas" (e não a uma casa particular). As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural "perdida" ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente *traduzidas*. A palavra "tradução", observa Salman Rushdie, "vem, etimologicamente, do latim, significando "transferir"; "transportar entre fronteiras". Escritores migrantes, como ele, que pertencem a dois mundos ao mesmo tempo, "tendo sido transportados através do mundo..., são homens traduzidos"

³⁵ No original: "a specific type of experience and thinking, i.e. that of "diaspora consciousness". Aspiring to move beyond essentialising notions such as "ethnicity" and "race", in often jargon laden papers, the idea of "diaspora" has been celebrated as expressing notions of hybridity, heterogeneity, identity fragmentation and (re)construction, double consciousness, fractures of memory, ambivalence, roots and routes, discrepant cosmopolitanism, multi-locality and so forth".

(Rushdie, 1991). Eles são o produto das *novas diásporas* criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.

Já Paul Gilroy (2001, p. 18), rejeita a imagem de nações, raças ou grupos étnicos naturais, como se estes fossem “espontaneamente dotados de coleções intercambiáveis de corpos ordenados que expressam e reproduzem culturas absolutamente distintas”. Seguindo suas palavras,

Como uma alternativa à metafísica da “raça”, da nação e de uma cultura territorial fechada, codificada no corpo, a diáspora é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento. Uma vez que a simples seqüência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência é rompida, o poder fundamental do território para determinar a identidade pode também ser rompido.

Em artigo intitulado *Diasporas*, James Clifford levanta uma série de questionamentos sobre a perspectiva adotada por Safran e propõe uma visão renovada sobre o tema³⁶. Mesmo reconhecendo a importância de se buscar contornos mais precisos para o conceito, Clifford (1994, p.306) critica o fato da definição de Safran identificar o fenômeno da diáspora com um grupo específico justamente no momento em que pretende abrir caminho para estudos comparativos:

Devemos ter cautela com a construção de nossa definição de um termo como diáspora recorrendo a um “tipo ideal”, com a consequência de que grupos passem a ser identificados como mais ou menos diaspóricos, tendo apenas duas, três ou quatro das seis características básicas. Eu tenho sugerido que mesmo as formas “puras” são ambivalentes, e inclusive divergem de características básicas. Além disso, em diferentes momentos de sua história, as sociedades podem fortalecer e enfraquecer sua condição de diáspora, dependendo das possibilidades de mudança – obstáculos, aberturas, antagonismos e conexões – em seus países de acolhimento e transnacionalmente.

Devemos ser capazes de reconhecer o forte vínculo da história judaica com a linguagem da diáspora sem fazer desta história um modelo definitivo. A diáspora judaica (assim como a grega e a armênia) podem ser tomadas como pontos de partida não-normativos para um discurso que está viajando ou se hibridizando em novas condições globais.³⁷

³⁶ O texto de Clifford é de 1994 e critica o artigo de Safran “Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return” (*Diaspora* 1(1):83-99), de 1991. Em 2005, Safran publica “The Jewish Diaspora in a Theoretical Perspective”, onde reafirma alguns pontos, responde às críticas de Clifford e realinha sua análise.

³⁷ No original: “We should be wary of constructing our working definition of a term like diaspora by recourse to an ‘ideal type’, with the consequence that groups become identified as more or less diasporic, having only two, or three, or four of the basic six features. Even the ‘pure’ forms, I’ve suggested, are ambivalent, even embattled, over basic features. Moreover at different times in their history, societies

Além de alertar para o risco de se recorrer a um “tipo ideal” para a constituição da definição de diáspora, Clifford (1994, p. 305 e 306) critica a construção de um modelo centralizado, orientado por conexões culturais contínuas entre diáspora e Terra Natal e por uma teleologia de retorno. Em primeiro lugar, por este modelo não levar em conta as fissuras e orientações diversas dentro das próprias diásporas no que se refere à relação que o grupo estabelece com a Terra Natal. Clifford lembra que segmentos judaicos significativos não têm grande apego nem desejo de retorno literal a uma pretensa Terra Natal e cita ainda aqueles fazem oposição expressa ao movimento sionista e ao Estado de Israel. Em segundo lugar, por desvalorizar as relações que uma diáspora desenvolve no âmbito local, responsáveis, inclusive, por sua perpetuação. Clifford menciona as sociedades judaicas cosmopolitas do mediterrâneo dos séculos XI ao XIII, que, envolvidas em múltiplas trocas culturais em centros geográficos diversos, abalam a crença em uma ligação especial com um único espaço do globo. E, finalmente, por excluir da categoria de diáspora uma série de grupos que passaram por experiências de deslocamento, mas não estão mais vinculados a outro território ou não pretendem retornar a ele, como os negros do continente americano e a diáspora sul-asiática, o que prejudica estudos comparativos que estabeleçam paralelos entre estes grupos e as diásporas “clássicas”.

Dessa forma, Clifford (1994, p. 307) sugere que se pense a diáspora por meio daquilo que ela não é:

Uma abordagem diferente seria a de especificar o campo discursivo diacriticamente. Ao invés de localizar características essenciais, deveríamos focar nas fronteiras da diáspora, naquilo a que ela se opõe. E, poderíamos perguntar, quais articulações de identidade estão sendo substituídas por reivindicações da diáspora? É importante ressaltar que o posicionamento relacional em questão aqui não é um processo de criação da alteridade absoluta, mas sim de intrincada tensão. As diásporas são confrontadas com e definidas em oposição (1) às normas dos Estados-nação e (2) a reivindicações, por povos “tribais”, do status de indígena e, particularmente, do status de autóctone³⁸.

may wax and wane in diasporism, depending on changing possibilities – obstacles, openings, antagonisms, and connections – in their host countries and transnationally.

We should be able to recognize the strong entailment of Jewish history on the language of diaspora without making that history a definitive model. Jewish (and Greek and Armenian) diasporas can be taken as nonnormative starting points for a discourse that is traveling or hybridizing in new global conditions”.

³⁸ No original: “A different approach would be to specify the discursive field diacritically. Rather than locating essential features, we might focus on diaspora’s borders, on what it defines itself against. And, we might ask, what articulations of identity are currently being replaced by diaspora claims? It is

Tendo tudo isso em conta, Clifford propõe um caminho mais aberto para a compreensão do fenômeno da diáspora. “Terra Natal” não só deve sair do foco de análise, dando lugar às relações que diásporas estabelecem nos locais em que habitam, como também é prescindível para a própria configuração de uma diáspora como tal. São as histórias de desapropriação, deslocamento, sofrimento, adaptação e resistência que devem conduzir a análise. Trata-se de buscar as respostas que grupos que passaram por experiências dessa natureza oferecem ao ajustarem-se aos novos locais de residência. Para além de movimento e trocas transnacionais, é preciso observar também as lutas políticas que estas comunidades levam a cabo a fim de reconstruir e dar sentido ao local em que agora se encontram e a si mesmos.

Este tipo de enquadramento teórico é extremamente politizado, estando ligado às lutas em prol do reconhecimento e promoção de identidades de grupos marginalizados e oprimidos nas sociedades hegemônicas (SORJ, 2004, p. 57). Clifford (1994, p. 302 e 307) enxerga a diáspora como uma forma de resistência ao Estado-nação:

Práticas diaspóricas contemporâneas não podem ser reduzidas a epifenômenos do Estado-nação ou do capitalismo global. Embora definida e limitada por essas estruturas, elas também as ultrapassam e as criticam: diásporas antigas e novas oferecem recursos para pós-colonialismos emergentes³⁹.

O Estado-nação, como tempo e espaço compartilhados, é atravessado e, em graus variados, subvertido por vínculos diaspóricos⁴⁰.

Entretanto, tanto James Clifford como Stuart Hall, apressam-se em distanciar-se de experiências diaspóricas em que a resistência ao Estado-nação se transforma em um nacionalismo exclusivista, baseado justamente em idéias rígidas de origem, pertencimento e essência. Estes autores criticam especialmente o caso da diáspora judaica e do Estado de Israel. De acordo com Clifford (1994, p. 308):

important to stress that the relational positioning at issue here is not a process of absolute othering, but rather of entangled tension. Diasporas are caught up with and defined against (1) the norms of nation-states and (2) indigenous, and especially autochthonous, claims by “tribal” peoples”.

³⁹ No original: “contemporary diasporic practices cannot be reduced to epiphenomena of the nation-state or of global capitalism. While defined and constrained by these structures, they also exceed and criticize them: old and new diasporas offer resources for emergent ‘postcolonialisms’”.

⁴⁰ No original: “The nation-state, as common territory and time, is traversed and, to varying degrees, subverted by diasporic attachments”.

Quando reivindicações por uma identidade “natural” ou “original” com a terra estão aliados a um projeto irredentista e ao poder coercitivo de um estado exclusivista, os resultados podem ser profundamente ambivalentes e violentos, como no caso do Estado judeu de Israel. Com efeito, alegações de uma ligação preliminar com a “pátria ancestral” geralmente passam por cima de direitos conflitantes e da história de outros povos na terra⁴¹.

Para Stuart Hall (apud SORJ, 2004, p. 58):

A diáspora não nos remete a essas tribos dispersas ligadas a uma terra natal sagrada à qual todos devem retornar a qualquer custo, mesmo que implique empurrar outros povos ao mar. Esta é a forma antiga, imperialista e hegemônica de “etnicidade”. Nós vimos o destino do povo Palestino nas mãos desta concepção de diáspora (e, junto com ela, a cumplicidade do Ocidente).

Todas essas análises reconfiguraram o campo de estudos da diáspora, gerando reações vigorosas, mas também novas sínteses. Defendendo-se das críticas dos autores pós-modernos, Safran (2005, p. 38) afirma que estes acadêmicos buscam transcender ou mesmo rebaixar a diáspora judaica, ao minimizar sua importância e ao enfatizar o grande número de diásporas existentes. Dirigindo-se particularmente a Clifford, mas também a todos aqueles que radicalizaram a ruptura entre diáspora e Terra Natal, Safran (2005, p. 51 e 53) observa:

Clifford afirma que a ênfase na pátria original como um centro ignora as interações locais específicas necessárias para a manutenção das formas sociais diaspóricas. Clifford vai ainda mais longe: ele argumenta que não há nem mesmo necessidade de haver um centro. Mas se não há um “exterior” centralizando o foco, então não se pode falar com facilidade de relações “transnacionais”; além disso, a cultura da diáspora torna-se demasiadamente difusa e incapaz de resistir às pressões da cultura do país de acolhimento, com o resultado de que as diásporas teriam dificuldade em se manter como tais.⁴²

A maioria dos judeus teria dificuldade em aceitar a ênfase de Clifford às orientações e atividades puramente locais, pois, mais do que no caso de outras diásporas, a

⁴¹ No original: “When claims to “natural” or “original” identity with the land are joined to an irredentist project and the coercive power of an exclusivist state, the results can be profoundly ambivalent and violent, as in the Jewish state of Israel. Indeed, claims of a primary link with “the home- land” usually must override conflicting rights and the history of others in the land”.

⁴² No original: “Clifford argues that the emphasis on the homeland as a center ignores the specific local interactions necessary for the maintenance of diasporic social forms. Clifford goes even further: he argues that there doesn’t have to be any center at all. But if there is no “outside” centralizing focus, then one cannot easily speak of “transnational” relations; moreover, diaspora culture becomes too diffuse and unable to resist the pressures of the hostland culture, with the result that diasporas cannot easily maintain themselves as such”.

identidade da diáspora judaica parece ser cada vez mais definida em termos de sua relação com Israel.⁴³

Opondo-se também aos críticos de Safran, Robin Cohen afirma que nos textos destes autores há pouca preocupação em explicar o fenômeno da diáspora⁴⁴. Para ele, as teorias encontram-se afastadas da etimologia, da história, dos limites, do significado e da evolução do conceito e são expressão clara de uma agenda política. Mesmo assim, sai em busca de uma síntese que agregasse as análises de Safran e de teóricos pós-modernos.

“Precisamos da terra natal para entender a diáspora?” ou, em outras palavras, Terra Natal é “condição *sine qua non* do conceito?”. Para responder essa questão, Cohen (2008, p. 522) elabora três versões principais de Terra Natal: *sólida* (“necessidade inquestionável da terra natal”), *dúctil* (“uma idéia intermediária, mais complexa, da terra natal”) e *líquida* (“uma interpretação pós-moderna do lar virtual”). De acordo com ele (2008, p. 522):

As críticas pós-modernas, na sua maior parte pouco fundamentadas, insinuam a existência de um movimento de mão-única, que vai das noções sólidas de terra natal às noções líquidas de lar. Todavia, como já argumentei, a categoria intermediária de dúctil continua sendo importante, e as versões de terra natal sólida recebem apoio cada vez maior, enquanto as diásporas se mobilizam para desempenhar um papel de destaque nas políticas nacionais e internacionais e no desenvolvimento econômico e social de seus territórios de origem.

Finalmente, em “Diáspora, judaísmo e teoria social”, Bernardo Sorj (2004, p. 57) critica todos eles: William Safran, Robin Cohen, Stuart Hall, James Clifford. Dividindo os autores em dois blocos – os que adotam perspectivas normativas e “procuram no conceito de diáspora um instrumento filosófica e politicamente correto de crítica e de intervenção social” (casos de James Clifford e Stuart Hall), e os que procuram “definir e construir modelos de

⁴³ No original: Most Jews would have difficulty accepting Clifford’s emphasis on purely local orientations and activities, because, more than in the case of other diasporas, the identity of the Jewish one seems to be defined increasingly in terms of its relationship with Israel. That, of course, is not true of all Jews — e.g., Bundists; secular Yiddishists; assimilated Reform Jews in Western countries for whom Judaism was nonterritorial and was merely a “cult” to which one adhered in an individual and voluntary capacity; and anti-Zionist ultra-Orthodox Jews. But these substitute foci of identity have declined: Bundist ideology has become irrelevant; Reform Judaism lacks emotional and cultural content; ultra-Orthodoxy has little appeal in an increasingly secular age; and the societal context of Yiddishism has virtually disappeared. What is left is Israel.

⁴⁴ Robin Cohen (2008, p. 520) os chama de “construcionistas sociais”, para “exemplificar uma linha de raciocínio intimamente ligada ao pós-modernismo, que sugere que a realidade é determinada pela interação social (ou intersubjetividade) e não pela objetividade (a aceitação de um mundo material ou natural) ou subjetividade (o mundo determinado pelas percepções individuais). A perspectiva tende a favorecer o voluntarismo e o agente coletivo humano em detrimento da estrutura, história e habituação”.

diáspora a partir da experiência sócio-histórica” (casos de Robin Cohen e William Safran) –, Sorj (2004, p. 68) censura ambos, que, de acordo com ele, tendem a cair em armadilhas metodológicas comuns:

A diáspora aparece como um conceito dado de uma vez por todas a partir de uma ou algumas experiências históricas exemplares ou de um ideal normativo. Assim, as outras autodefinidas diásporas, que não contêm as características instituídas pelo modelo ideal, passam a ser consideradas como ‘semi-diásporas’ ou ‘menos autênticas’.

Ao analisar mais detidamente textos de autores que adotam a perspectiva normativa, Sorj destaca uma série de problemas. Em primeiro lugar, questiona a transferência de uma problemática filosófica pós-moderna de identidade para a análise sociológica. Segundo o autor (2004, p. 58-59), ao fazer isso, as análises perdem de vista toda a dinâmica institucional, responsável, em último caso, por conferir unidade à identidade do grupo:

A passagem da problemática de desconstrução de uma narrativa, em que todo texto pode ser lido pelo que ele suprime, esconde, pode ter um papel propedêutico, mas não autoriza a sua transferência para uma problemática sociológica de constituição de identidades individuais ou sociais, pois a unidade da identidade nas ciências sociais é dada pelas práticas institucionais e pelos recursos materiais que permitem a reprodução da comunidade e não pela narrativa destas práticas. Para as ciências sociais, o problema da estabilidade identitária se resolve fora do discurso e de suas interpretações. Ela deve ser procurada na existência de instituições que mantêm a estabilidade de fronteiras e de regras grupais, impostas de alguma forma coercitivamente. Conceitos como identidades híbridas, mutantes, viajantes, não eximem a análise dos mecanismos que asseguram a estabilidade institucional das identidades coletivas.

Sorj (2004, p. 59) afirma ainda que a redução do conceito de diáspora a uma identidade ou condição existencial ignora a problemática da construção de instituições, de sua materialidade e historicidade, além de transformar tanto a construção de cosmovisões quanto a ação coletiva em política de identidade:

Embora autoproclamada defensora da especificidade num mundo globalizado, esta visão homogênea e absorve a questão da formação histórica dos mundos simbólicos, que são enraizados em histórias e sociedades diversas, num problema novomundista de construção da identidade do indivíduo, em *narrativization of the self*. Assim, ainda que se autodenomine pós-colonial e procure criticar as formas ocidentais de opressão, esta literatura aparece como profundamente etnocêntrica e provinciana, já que reduz a constituição de mundo simbólico e a ação coletiva a uma questão de política de identidade, conceitos que adquirem seu sentido específico na textura política e social do mundo anglo-saxão.

Além disso, o autor questiona a idealização das diásporas. De acordo com ele (2004, p. 60), os conceitos utilizados para analisar e criticar estruturas

dominantes e hegemônicas são esquecidos ao tratar do grupo oprimido ou marginalizado. Conseqüentemente, as relações de poder, dominação e coerção existentes no âmbito das diásporas são ignoradas:

Paradoxalmente, as análises que desconhecem a existência de instituições – com sua materialidade e poder específicos – em referência a seus próprios objetos, enfatizam estas dimensões quando se referem aos atributos dos grupos dominantes, com suas tecnologias, aparelhos de estado, força militar etc. – conceitos que, diga-se de passagem, não são desconstruídos. Os oprimidos só teriam suas identidades mutantes, híbridas e fluidas para oferecer, enquanto os grupos dominantes seriam monolíticos e estruturados institucionalmente com capacidade de mobilizar recursos materiais e disciplinadores. Tal visão implica uma idealização acrítica dos oprimidos como o abandono de uma reflexão sobre as formas organizacionais e materiais das novas identidades coletivas.

Por fim, Sorj (2004, p. 60) refere-se à falta de contextualização histórica nas análises:

Ao centrar o debate em torno do tema da desconstrução do discurso, parece que é a teoria de Derrida – e não as instituições democráticas – que permitiu o surgimento e a expressão legítima das novas identidades. Seja porque a democracia e a cidadania são para estes críticos culturais um dado óbvio, seja por pura irresponsabilidade intelectual, o fato é que todo o debate sobre diáspora não contém referências explícitas às suas condições políticas de existência.

No caso dos textos que elaboram um modelo ideal baseado em experiências históricas, especialmente o caso judaico, Sorj critica a construção de um conceito por meio da imputação de características “típicas”, afirmando que há mistura entre autodefinições do grupo e os processos históricos vividos por eles, confundindo-se fato e mito. A ausência de análise das estruturas sociais da diáspora e de contextualização histórica é também lembrada. Quanto ao fato de tomarem a diáspora judaica como tipo ideal, Sorj critica a falta de sensibilidade às diversas correntes no judaísmo moderno e às diferentes respostas que deram à sua condição diáspórica, particularmente os variados tipos de relações que estabeleceram com a Terra Natal e os lugares em que viveram ao longo do tempo. Finalmente, Sorj (2004, p. 68) verifica também nos textos destes autores a falta de considerações acerca das estruturas materiais e políticas responsáveis pela manutenção e perpetuação das diásporas:

Uma das principais carências destes autores é a falta de referência a estruturas sociais e de poder no interior das diásporas, à diversidade interna ideológica e às diversas estratégias de integração, à variedade de diásporas de acordo com o tipo de relação

com a sociedade local e à complexa relação entre diferentes diásporas, entre as diásporas centrais e periféricas. Apesar do referencial sociológico clássico, estes estudos tendem a enfatizar a dimensão identitária e cultural e deixam de lado as estruturas materiais e políticas que sustentam a reprodução de diásporas na história.

Tendo rejeitado as duas perspectivas, Sorj (2004, p. 69) recomenda que sejam entendidas como diáspora todos os grupos que se autodefinem como tais:

Propomos o estudo das diásporas não como a elaboração de um conceito normativo ou um tipo ideal, mas como um campo de análise comparado de *diásporas*, no qual nenhuma diáspora em particular representa um modelo ideal – seja do ponto de vista empírico ou normativo. Diásporas são, portanto, todos aqueles grupos sociais que se autodefinem como tais; o papel da teoria social é a análise comparada da gênese de cada uma delas e de suas estruturas sociais e institucionais. As diásporas são tantas e tão diversas como as que existem, existiram e venham a existir. Isso não significa, contudo, definir a diáspora como um conceito identitário fluido, aberto, em constante mutação, sem referencial fixo. A análise sociológica deve mapear a diversidade, a constituição de mecanismos de reprodução interna e de intercâmbio com o meio ambiente dentro de contextos sócio-históricos determinados.

É precisamente essa a perspectiva a ser priorizada neste trabalho, embora seja importante lembrar que não nos furtaremos de recorrer a outros autores apresentados neste capítulo sempre que pertinente. Adotar a perspectiva de Sorj significa, principalmente, não perder de vista a dinâmica institucional responsável por configurar a identidade da comunidade judaica; levar em conta não apenas práticas discursivas, mas os aspectos materiais que dão forma a ela; contextualizar historicamente aquilo que será abordado, ou seja, analisar a comunidade judaica paulista inserida no contexto brasileiro e no período atual.

Neste momento, chegamos à fase de descrição e interpretação. “A descrição”, de acordo com Lopes (2005, p. 149), “faz a ponte entre a fase de observação dos dados e a fase de interpretação”. Trata-se de reconstruir a realidade do objeto estudado por meio da reunião de evidências colhidas a partir de operações técnicas e analíticas. Nas palavras da autora,

A construção do “objeto empírico” vem a ser a reprodução do fenômeno concreto descrito através de seus caracteres essenciais. Este procedimento analítico só é possível mediante as interferências permitidas pela tabulação ou classificação anterior

dos dados, pelas quais o fenômeno deixa de ser percebido como algo caótico e ininteligível e passa a ser visto em seus atributos essenciais e interdependentes, isto é, sob uma forma sintética.

O objetivo é buscar, já nesse momento da pesquisa, dados pertinentes e certos padrões presentes nas fontes pesquisadas e nas entrevistas realizadas que ajudem a configurar a experiência contemporânea da comunidade judaica paulista. Paralelamente, à luz da teoria sobre diásporas discutida anteriormente, pretende-se fornecer interpretações para o fenômeno descrito. Citando Lopes (2005, p. 152) novamente,

A análise descritiva visa à reconstrução da realidade do fenômeno por meio de operações técnico-analíticas que convertem os dados de fato em dados científicos. A análise interpretativa visa à explicação do fenômeno mediante operações lógicas de síntese e de amplificação levando a análise a um nível superior de abstração e de generalização. Apesar de as operações e os objetivos de cada uma dessas etapas não se confundirem do ponto de vista da análise científica, é possível que, conforme o método de exposição adotado pelo pesquisador, as duas etapas se apresentem de forma conjunta e entrelaçada num único momento ou fase da pesquisa.

4. DESCRIÇÃO E INTERPRETAÇÃO

4. 1. Estratégias para experimentar Israel à distância

Após o show da cantora pop israelense Shiri Maimon no clube A Hebraica, em comemoração aos 90 anos do Keren Hayesod, no início de 2010, um espectador não hesitou em afirmar: “gostei muito do show, cantei, participei mesmo, e acho que essas oportunidades aproximam a comunidade judaica à sua pátria espiritual, foi como se eu estivesse de fato em Israel”⁴⁵.

Seja em sua dimensão política e ideológica, seja em sua dimensão cultural e simbólica, o vínculo entre a diáspora e o Estado de Israel é estabelecido e reforçado por uma série de iniciativas promovidas por diversas instituições da comunidade judaica paulista, como o mostram inúmeras atividades comunitárias e o discurso de suas lideranças.

Nesse sentido, as comemorações pelo Dia da Independência de Israel (*Iom HaAtzmaut*), um momento em que a comunidade judaica está mobilizada para a renovação dos laços com o Estado judeu, são bastante ilustrativas. Além de inúmeras atividades promovidas pelas instituições comunitárias em suas dependências, nos últimos anos um ato central tem sido realizado no clube A Hebraica, reunindo personalidades da comunidade judaica e representantes do poder público municipal, estadual e federal, e uma plateia de centenas de pessoas. Também na Hebraica, costuma-se realizar um grande evento promovido, em conjunto, por diversas entidades. Em 2010, uma cerimônia celebrando o Dia da Independência de Israel uniu dez instituições⁴⁶ e contou com show de dança folclórica israelense, apresentações musicais com repertório judaico e israelense e discursos diversos de lideranças comunitárias exaltando a centralidade do país para a diáspora. O evento em si e a maneira

⁴⁵ FEDER, C. Shiri Maimon brilha no palco pelo Keren Hayesod. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, contracapa, 1 a 15 abr. 2010.

⁴⁶ São elas: B’nai B’rith, Emunah, Fundo Comunitário, Grupo Chaverim, Hebraica, Keren Kayemet LeIsrael, Lar das Crianças da CIP, Na’amat Pioneiras São Paulo, Unibes e Wizo São Paulo.

como ele foi narrado pela Tribuna Judaica delineiam bem o vínculo emocional entre a comunidade judaica e o Estado de Israel:

Quatorze de maio. Judeus de todo o mundo celebram um sonho realidade de ter uma pátria estabelecida. Theodor Herzl, pai do sionismo, ficaria emocionado de ver o Teatro Arthur Rubinstein da Hebraica lotado, com a platéia cantando um vasto repertório de música judaica, para comemorar os 62 anos da existência de Israel⁴⁷.

Foi assim que a edição N°259 da Tribuna Judaica iniciou o texto a respeito da comemoração. Os discursos das lideranças comunitárias presentes reforçaram essa ligação. De acordo com Jairo Roizen, assessor executivo da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp) e mestre de cerimônias do evento, “as entidades têm em comum o sionismo e o amor a Israel. A união da diáspora traduz o valor e a tradição de um povo”. Para Artur Rotenberg, então presidente da Hebraica, “o mesmo sentido de união é que motiva todas as entidades presentes a dar suporte e apoio a Israel e aos judeus, em qualquer lugar em que se esteja. Israel é nosso elo e se sobrepõe às diferenças de opiniões, segmentos religiosos e condições sociais”. O texto da Tribuna Judaica trouxe ainda informações sobre a fala do então presidente da Fisesp, Boris Ber: “o presidente da Fisesp, Boris Ber, lembrou que ao longo desses 62 anos, houve muita luta para manter o Estado Judeu, houve muito para chorar, muito para comemorar, mas o resultado disso é que hoje temos muito orgulho do país em que ele se transformou, sendo avançado na área de tecnologia e ciência”. Finalmente, a representante da Agência Judaica no Brasil, Gaby Glazman, perguntou: “e por que gostamos de Israel? Minha resposta é simples: porque sua existência é um milagre e em nenhum outro lugar nos sentimos tão em casa como lá”.

Em 2009, um evento semelhante reuniu nove instituições⁴⁸. Na ocasião, Anita Nisenbaum, diretora do Departamento Social da Hebraica, afirmou: “estamos reunidos nesse evento de grande magnitude porque, embora fisicamente distantes de Israel, nossos corações estão em perfeita sintonia com

⁴⁷ FEDER, C. União em Iom Haatzmaut celebra Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 8, 1 a 15 maio 2010.

⁴⁸ São elas: B'nai B'rith, Emunah, Fundo Comunitário, Grupo Chaverim, A Hebraica, Lar das Crianças da CIP, Na'amat Pioneiras São Paulo, Unibes e Wizo São Paulo.

a emoção que reina no Estado Judeu”⁴⁹. Já em 2008, o ato central contou com a transmissão de uma mensagem do presidente de Israel, Shimon Peres⁵⁰.

Outras celebrações pelo Dia da Independência de Israel ocorrem nas dependências de várias instituições comunitárias e envolvem atividades como ouvir músicas, dançar, comer comidas típicas e cortar um bolo. Em 2007, durante a festividade organizada pelo Colégio I. L. Peretz, alunos vestiram roupas azuis e brancas, em referência à bandeira de Israel, soltaram balões das mesmas cores no pátio da escola, prepararam bandeiras do país e assistiram a um boneco de dois metros com o rosto de David Ben Guiron fazer o discurso de independência – com a fita do áudio original⁵¹.

Em relação a esse tipo de comemoração, 2008 foi um ano especialmente significativo por ocasião do 60º aniversário da proclamação de independência de Israel. Por conta disso, dezenas de eventos foram realizados em sua homenagem.

Divisão Feminina do Fundo Comunitário, Emunah, Grupo Chaverim, Keren Kayemet Lelsrael, Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista (CIP), Na’amat Pioneiras e Wizo, apoiadas pela Fisesp, reuniram-se no Centro da Cultura Judaica para relembrar a história do país⁵². Na ocasião, o rabino Michel Schlesinger, da CIP, recitou um *Izcor*⁵³ em memória dos soldados e civis israelenses mortos em guerras e ataques. O Centro da Cultura Judaica, que, desde 2003, promove anualmente o Ciclo Multicultural, apresentando atrações ligadas à música, cinema, fotografia, culinária e artes plásticas, adotou o tema “Israel contemporâneo” em 2008⁵⁴. Sua programação naquele ano incluiu ainda inúmeras atividades relacionadas ao Estado judeu, como exposição fotográfica⁵⁵, leituras dramáticas⁵⁶ e, para crianças, oficina de

⁴⁹ FEDER, C. “Shalom al Israel”: União em Iom Haatzmaut. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 237, p. 6, 22 maio a 5 jun. 2009.

⁵⁰ BOGUCHWAL, M. Ato central de Iom Haatzmaut contou com a presença do vice-presidente José Alencar. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, contracapa, 20 maio a 3 jul. 2008.

⁵¹ COLÉGIO I. L. PERETZ. Peretz comemora Iom Haatzmaut. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 190, p. 11, 1 a 15 jun. 2007.

⁵² BOGUCHWAL, M. Sete instituições judaicas comemoram *Iom Haatzmaut*. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, p. 8, 20 maio a 3 jun. 2008.

⁵³ Reza para os mortos.

⁵⁴ WAISMANN, D. Do cinema israelense a Marc Chagall. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 225, p. 15, 23 nov. a 7 dez. 2008.

⁵⁵ **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 208, p. 13, 6 a 20 de mar. 2008. Informe publicitário.

customização de camisetas utilizando a bandeira do país como tema⁵⁷. Em razão das comemorações, a Hebraica trouxe de Israel o grupo musical Gaya⁵⁸, o conjunto Accademia Daniel⁵⁹ e o violinista Shlomo Mintz⁶⁰ para diversas apresentações no clube. Os 60 anos de fundação do Estado também foi tema das olimpíadas de escolas de esporte, que reuniu 28 instituições na Hebraica e inspirou a decoração e os adereços de mão que as crianças do clube utilizaram no desfile de abertura⁶¹. A data foi também lembrada pela Na'amat Pioneiras, que se reuniu em Porto Alegre para comemorar os 60 anos do país e da própria organização feminina⁶². Na sede da Wizo, instituições femininas como a Divisão Feminina do Fundo Comunitário, Emunah, Na'amat Pioneiras, além da própria Wizo, plantaram sementes de árvores – uma delas vinda de Israel⁶³. No Colégio Bialik, uma exposição de artes intitulada “Israel 60 anos – um olhar artístico” reuniu trabalhos realizados em comemoração ao Estado judeu⁶⁴. A escola também promoveu atividades com filmes e músicas no Dia da Independência de Israel e homenageou o país com o 3º Show de Dança Ledor Vador⁶⁵. Já o Colégio I. L. Peretz, pelo mesmo motivo, promoveu o show “Israel bat shishim – 60 anos”, em que os dançarinos apresentaram a história dos 60 anos do Estado⁶⁶. Dentre os eventos promovidos pelo Colégio Renascença, destaca-se um show de dança que envolveu cerca de 120 dançarinos do 2º ao

⁵⁶ FEDER, C. Ouvindo histórias sobre Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, p. 11, 20 maio a 3 jun. 2008. WAISMANN, D. Betty e Rosane Gofman homenageiam Israel. **Tribuna Judaica**, n. 215, p. 8, 19 jun. a 3 jul. 2008.

⁵⁷ RAMOS, C. Crianças aprendem e se divertem em oficina. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, p. 13, 19 jun. a 3 jul. 2008.

⁵⁸ BUGUCHWAL, M. Duas noites com o grupo israelense Gaya. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, p. 9, 19 jun. a 3 jul. 2008.

⁵⁹ A HEBRAICA. Accademia Daniel celebra a arte de Bach. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 210, p. 9, 5 a 19 abr. 2008.

⁶⁰ A HEBRAICA. Shlomo Mintz encerrará temporada 2008. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 223, p. 9, 17 a 31 out. 2008.

⁶¹ A HEBRAICA. Olimpíadas de escolas de esportes. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 9, 18 ago. a 1 set. 2008.

⁶² NA'AMAT PIONEIRAS. Encontro Nacional da Na'amat Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 11, 18 ago. a 1 set. 2008.

⁶³ WIZO. Tu Bishvat e a “União Feminina”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 206, p. 10, 5 a 19 fev. 2008.

⁶⁴ SABOR de Israel no Colégio Bialik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 214, p. 8, 4 a 18 jun. 2008.

COLÉGIO BIALIK. Tudo pronto para o Dia das Artes 2008 do Colégio Bialik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 11, 18 ago. a 1 set. 2008. DIA das Artes com interatividade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 223, p. 15, 17 a 31 out. 2008.

⁶⁵ LEDOR Vador do Colégio Bialik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 224, p. 11, 8 a 22 nov. 2008.

⁶⁶ FEDER, C. Colégio I. L. Peretz emociona com show de dança *israeli*. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 224, p. 8, 8 a 22 nov. 2008.

9º ano do Ensino Fundamental no Theatro São Pedro⁶⁷. O Keren Kayemet Leisrael e o Grupo Chaverim organizaram um show de música com o grupo Lehakat Tzahal, formado por soldados do exército de Israel⁶⁸. Fruto de uma parceria entre A Hebraica, Círculo Macabi e Unibes, o espetáculo “The Cantors: A Faith In Song”, que teve duas apresentações em São Paulo, no clube A Hebraica e na Sala São Paulo, incluiu canções ligadas ao estabelecimento do Estado de Israel⁶⁹. O Hospital Israelita Albert Einstein também participou das comemorações ao promover, em parceria com a Universidade de Tel Aviv, o “Seminário Internacional Brasil e Israel: discussão de soluções para políticas e economias da saúde”, envolvendo especialistas israelenses e brasileiros desta área⁷⁰. O Arquivo Histórico Judaico Brasileiro apresentou uma exposição de selos que retratava Israel por meio de sua evolução filatélica e, na abertura, lançou o próprio selo comemorativo em homenagem aos 60 anos do país⁷¹. Finalmente, o tradicional Festival de Cinema Judaico, que em 2008 chegou a sua 12ª edição, apresentou diversos filmes de Israel e com temática relacionada à sociedade israelense, tendo sido aberto com o filme *Lemon Tree* e contando com a presença de seu diretor, o israelense Eran Riklis⁷².

Da mesma forma como feriados israelenses são comemorados na diáspora – especialmente o Dia da Lembrança do Holocausto (*Iom HáShoá*), o Dia da Lembrança dos Soldados Mortos de Israel e das Vítimas do Terrorismo (*Iom HaZicaron*) e o Dia da Independência de Israel (*Iom HaAtzmaut*) –, outros símbolos nacionais do país estão também bastante inseridos na vida da comunidade judaica de São Paulo. Assim, por exemplo, ao lado da bandeira

⁶⁷ RAMOS, C. Lehakat Dorot homenageiam Israel em show. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 214, p. 12, 4 a 18 jun. 2008.

⁶⁸ KKL. Keren Kayemet Leisrael. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, p. 10, 19 jun. a 3 jul. 2008.

⁶⁹ A HEBRAICA. Três *chazanims* nas comemorações dos 60 anos de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 206, p. 9, 5 a 19 fev. 2008. A HEBRAICA. Três *chazanims* nas comemorações dos 60 anos de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 207, p. 9, 20 fev. a 5 mar. 2008. BUGUCHWAL, M. Sucesso tríplice na música litúrgica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 210, p. 5, 5 a 19 abr. 2008. PERLOV, S. “O povo brasileiro têm bom gosto”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 210, p. 6, 5 a 19 abr. 2008. Caderno Especial de Pessach.

⁷⁰ HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. Hiae promove debate sobre soluções para problemas da saúde brasileira. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 223, p. 8, 17 a 31 out. 2008.

⁷¹ WAISMANN, D. A história de Israel nos selos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, p. 13, 20 maio a 3 jun. 2008. ABERTURA da exposição de selos no AHJB. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 9, 19 jul. a 2 ago. 2008.

⁷² A HEBRAICA. Cinema conta os sessenta anos de fundação do Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 216, p. 9, 4 a 18 jul. 2008. FEDER, C. Judaísmo marca presença na sétima arte. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 17, 18 ago. a 1 set. 2008.

brasileira, a bandeira de Israel costuma decorar as salas de diretoria e outros ambientes de convivência das instituições comunitárias⁷³ e, após o hino brasileiro, o hino israelense é comumente executado em diversas ocasiões em que a coletividade está reunida⁷⁴.

Notícias a respeito do Estado de Israel despertam o interesse e a preocupação dos judeus de São Paulo. É sintomática a característica de muitos judeus de iniciar a leitura de seus jornais diários de traz para frente, ou seja, começando pelos assuntos internacionais. No caso da imprensa comunitária, jornais, revistas e programas de televisão dedicam muitas páginas e vários minutos a notícias e discussões sobre Israel e o Oriente Médio. Alguns destes veículos, inclusive, contam com correspondentes internacionais *in loco*⁷⁵.

A inquietação e o interesse desta comunidade pelo Estado de Israel são traduzidos também na realização de inúmeras aulas, cursos, debates, fóruns, mesas-redondas, palestras e seminários com temática relacionada ao país. Tais eventos são promovidos pelas próprias instituições da comunidade judaica e em geral são destinadas ao seu público frequentador específico. Já os ministrantes variam, e vão das próprias lideranças comunitárias com maior contato com o assunto em questão até convidados nacionais e internacionais – muitas vezes acadêmicos ou profissionais com cargos relevantes para a análise do tema proposto. Na pauta, especialmente a situação de Israel, os conflitos com os palestinos e os países árabes vizinhos, a relação com a diáspora e o futuro do Estado judeu.

No que se refere a esse tipo de encontro, destacam-se alguns grandes eventos realizados para centenas de pessoas. Em 2009, por exemplo, a Nova

⁷³ Isso fica explícito em diversas fotos publicadas pela Tribuna Judaica, e pode ser confirmado pelo autor durante as entrevistas realizadas no interior de instituições como Fisesp e B'nai B'rith.

⁷⁴ A experiência comunitária do autor contribuiu para o desenvolvimento dessa percepção. Em relação a isso, Benedict Anderson (2008, p. 203 e 204) afirma: “existe um tipo específico de comunidade contemporânea que apenas a língua é capaz de sugerir – sobretudo na forma de poemas e canções. Tomemos o exemplo dos hinos nacionais, cantados nos feriados nacionais. Por mais banal que seja a letra e medíocre a melodia, há nesse canto uma experiência de simultaneidade. Precisamente nesses momentos, pessoas totalmente desconhecidas entre si pronunciam os mesmos versos seguindo a mesma música. A imagem: o uníssono. Cantar a Marselhesa, a Waltzing Matilda e a Indonésia Raya oferece a oportunidade do uníssono, da realização física em eco da comunidade imaginada. (O mesmo ao se ouvir [e talvez acompanhar em silêncio] a declamação de poesias cerimoniais, como, por exemplo, passagens do *Book of common prayer*.) Como parece desprendido esse uníssono! Se sabemos que, além de nós, há outras pessoas cantando essas canções exatamente no mesmo momento e da mesma maneira, não temos ideia de quem podem ser, o até onde estão cantando, se fora ou não do alcance do ouvido. Nada nos liga, a não ser o som imaginado”.

⁷⁵ David Tabacof na Revista Shalom e Marcos Wasserman na Tribuna Judaica, por exemplo.

Escola Judaica e a Hebraica, apoiadas por Confederação Israelita do Brasil (Conib) e pela Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), organizaram um painel de debates com os jornalistas Caio Blinder e Diogo Mainardi, do programa Manhattan Connection, transmitido atualmente pelo canal Globo News. Nas palavras do então presidente da Hebraica, Arthur Rotenberg, “sabemos que este tipo de evento é um dos favoritos dos nossos associados e da comunidade judaica, pois mistura cultura, informação, debate, divergências de opiniões, Israel, política, Judaísmo, etc.”⁷⁶.

O fato de muitos judeus de São Paulo já terem visitado Israel reforça ainda mais os laços com esse Estado. De acordo com pesquisa recente conduzida pelo demógrafo Sérgio Della Pergola, mais de 50% dos judeus brasileiros já viajaram para lá pelo menos uma vez⁷⁷. Além disso, há um número significativo, embora pequeno, de judeus brasileiros que emigram àquele país por meio da Lei do Retorno⁷⁸. De acordo com a coordenadora de imigração da Agência Judaica, Vivian Ninio, a cada ano cerca de 250 a 300 judeus brasileiros emigram a Israel (informação verbal)⁷⁹. Sem dúvida, a emigração e mesmo viagens temporárias de judeus paulistas a Israel geram impactos entre familiares e amigos que permaneceram no Brasil e seu vínculo com o Estado judeu pode se aprofundar. Em 2010, após a palestra do deputado israelense Yaakov Katz no Colégio Iavne, Silvia Migdal Cohen, mãe de dois ex-alunos, justificou sua presença na platéia da seguinte forma: “meus dois filhos moram em Israel. Por isso, temos muito interesse em saber o que se passa por lá”⁸⁰.

Grupos de danças folclóricas israelenses formados especialmente por membros de colégios, clubes e movimentos juvenis judaicos de São Paulo

⁷⁶ WAISMANN, D. Mainardi e Blinder debatem na Hebraica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 233, p. 19, 23 mar. a 6 abr. 2009.

⁷⁷ A informação é de Alberto Milkewitz, diretor institucional da Federação Israelita do Estado de São Paulo. MILKEWITZ, A. Judeus num mundo sem fronteiras. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 4, 31 maio a 14 jun. 2010.

⁷⁸ Promulgada em 1950, a Lei do Retorno, oferece cidadania israelense a todo judeu que decidir emigrar a Israel e adquirir nacionalidade israelense. Uma emenda de 1970 definiu como judeu todos aqueles que são filhos de mãe judia ou se converteram ao judaísmo (definição religiosa ortodoxa) e não professem nenhuma outra religião, e estendeu o direito à cidadania israelense a cônjuges, filhos e netos de judeus e seus respectivos cônjuges.

⁷⁹ Informação fornecida em conversa por telefone com o autor. A instituição não quis informar o número exato de emigrantes.

⁸⁰ TAWIL, M. “O maior perigo para Israel chama-se Irã”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 15, 20 set. a 5 out. 2010.

também fazem parte do cenário comunitário. O Brasil não só concentra o maior número de grupos como também apresenta, anualmente, o maior festival de danças israelenses fora de Israel – o Festival Carmel, realizado em São Paulo, que congrega grupos de diversos estados do país, da América Latina e de Israel. Ao unir músicas e danças israelenses a um repertório muitas vezes ligado a Israel, estes grupos contribuem para o fortalecimento do vínculo entre a diáspora judaica e o Estado judeu.

O esporte é utilizado também para a aproximação entre a comunidade judaica e o Estado de Israel. Desde as primeiras décadas do século XX, quando o país ainda não existia, o esporte já era utilizado para a divulgação das idéias sionistas. Walter Feldman, ex-Secretário dos Esportes, Recreação e Lazer da cidade de São Paulo, em coluna publicada na Tribuna Judaica, lembrou:

Na década de 1920, o filósofo Max Nordau propôs um movimento chamado “Judaísmo Muscular”, inspirado no “Cristianismo Muscular”, dos ingleses do século XIX. Com isso, houve muitos atletas e equipes esportivas que viajaram o mundo divulgando os princípios do sionismo⁸¹.

Atualmente, é significativa a atuação da União Macabi Mundial, representada no Brasil pela Confederação Brasileira Macabi (Macabi Brasil). Criada no Congresso Sionista de 1921 e hoje composta por 400 mil membros de mais de 50 países, a organização “enfoca a união judaica na Diáspora e a centralidade de Israel”⁸². Para isso, há uma série de ações, sendo a principal delas a realização, a cada quatro anos, da Macabíada Mundial, que reúne em Israel milhares de judeus de todos os continentes para uma competição esportiva. Em entrevista à Tribuna Judaica, o presidente da entidade, Guiora Esrubilsky, afirmou que o Macabi Mundial faz cursos preparatórios com jovens sobre Israel e está bastante engajado na defesa desse Estado. Em suas palavras:

⁸¹ FELDMAN, W. Macabíadas em São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 263, p. 12, 30 jun. a 14 jul. 2010.

⁸² CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA MACABI. História. Disponível em: <www.macabibrasil.com.br/historia.html>. Acesso em: 6 jun. 2012.

Desde o princípio, tem-se a imagem de que o Macabi é um movimento esportivo, mas o esporte é o meio, não a sua finalidade. Queremos lutar contra a assimilação, queremos a centralidade judaica e que prevaleçam os valores judaico-sionistas⁸³.

É interessante observar que a cerimônia de abertura da 18ª Macabíada Mundial, realizada em 2009, contou com a presença do presidente de Israel, Shimon Peres, e do primeiro ministro, Benjamin Netanyahu. Em seu discurso, dirigido aos atletas, Netanyahu afirmou: “você podem estar representando seus 65 diferentes países na Macabíada, mas há apenas um país que vocês verdadeiramente devem apoiar: Israel. Façam *aliá*⁸⁴ e venham para casa!”⁸⁵. A delegação brasileira presente nesta edição da Macabíada foi composta por cerca de 400 pessoas.

Desde 1967, a cada quatro anos, intercalando com a Macabíada Mundial, há também os Jogos Macabeus Panamericanos, uma competição esportiva realizada no continente americano. Durante a abertura do XI Jogos Macabeus Panamericanos (2007/2008), realizados na Argentina, foi apresentada uma mensagem em vídeo do primeiro-ministro de Israel na época, Ehud Olmert, saudando os atletas e os convidado a participar da 18ª Macabíada Mundial em Israel, referida acima⁸⁶. Na mesma ocasião, como ocorre com frequência em outras edições dos jogos panamericanos e mundiais, foi lembrado o sequestro e assassinato dos 11 atletas israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972. A edição 2011/2012 dos Jogos Macabeus Panamericanos ocorreu no Brasil e, durante a cerimônia de abertura, o vínculo entre diáspora e Estado de Israel foi reafirmado diversas vezes⁸⁷. No Brasil, existem ainda os Jogos Macabeus Escolares, que reúnem alunos de colégios judaicos de todo o país⁸⁸. Todas essas iniciativas aproximam a comunidade judaica da diáspora do Estado de Israel.

⁸³ FEDER, C. Um latino-americano à frente do Macabi Mundial. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 264, p. 14, 15 a 29 jul. 2010.

⁸⁴ Do hebraico, literalmente: “subida”, “ascensão”. O termo é utilizado para descrever a emigração de judeus a Israel.

⁸⁵ FEDER, C. Brasil brilha na “18ª Macabíada Mundial”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 241, contracapa, 21 jul. a 4 ago. 2009.

⁸⁶ FEDER, C. Espírito macabeu reúne 4 mil pessoas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 206, contracapa, 5 a 19 fev. 2008.

⁸⁷ O autor esteve presente no evento.

⁸⁸ Em 2010, os Jogos Macabeus Escolares reuniram 700 jovens de Brasil e Argentina e foi noticiado da seguinte forma: “Judaísmo, sionismo e confraternização nortearam uma vibrante competição esportiva”. FEDER, C. Amor ao judaísmo através do esporte. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 262, 15 a 29 jun. 2010.

Assim como os grandes shows de dança e os campeonatos esportivos mais importantes, uma série de festivais e mostras de cultura israelense já faz parte do calendário anual da comunidade judaica de São Paulo. Para citar apenas um exemplo, a Mostra Audiovisual Israelense, que teve sua quinta edição realizada em 2012 pelo Centro da Cultura Judaica, traz animações, documentários, filmes e séries de televisão daquele país. Ao longo do ano, há ainda muitos outros eventos ligados a artes plásticas, cinema, dança, fotografia, gastronomia, literatura, música e teatro promovidos por instituições diversas. Muitas vezes, tais eventos contam com a presença de artistas, cineastas e escritores israelenses.

Shows de cantores, músicos e conjuntos israelenses promovidos pela comunidade judaica paulista também são comuns. De 2006 a 2010, a Tribuna Judaica relatou as apresentações de Sarit Hadad⁸⁹, David D'Or⁹⁰, Hagai Shaham⁹¹, Idan Raichel⁹², Iddo Bar-Shai⁹³, Lehakat Hanachal⁹⁴, Michael Haran⁹⁵, Noa e Mira Awad⁹⁶, Oif Simches⁹⁷, Orquestra Filarmônica de Israel⁹⁸, Orquestra Sinfônica de Jerusalém⁹⁹, Quarteto de Cordas da Orquestra Filarmônica de Israel – formado por Ilia Konovalov, Shmuel Glaser, Roman Sptizer e Felix Nemirovsky¹⁰⁰ –, Shiri Maimon, Yair Dalal¹⁰¹ e Yeoram Gaon¹⁰².

⁸⁹ PERLOV, S. Pop star israelense no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, contracapa, 7 a 21 maio. 2006.

⁹⁰ DAVID D'Or arrepiou plateia na Hebraica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 240, p. 6, 6 a 20 jul. 2009.

⁹¹ FEDER, C. Violinista Hagai Shaham no CCJ. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 224, p. 12, 8 a 22 nov. 2008.

⁹² PROJETO Idan Raichel mostra pluralidade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 250, p. 12, 17 a 31 dez. 2009.

⁹³ PERLOV, S. Pianista israelense apresenta-se no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 192, p. 12, 1 a 15 jul. 2007.

⁹⁴ BOGUCHWAL, M. Músicos do Tzahal agitam a Hebraica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 4, 19 jul. a 2 ago. 2008.

⁹⁵ MÚSICA no CCJ. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 207, p. 11, 20 fev. a 5 mar. 2008.

⁹⁶ GIERSZTAJN, F. CIP reúne cantora árabe e israelense nos seus 70 anos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 22, 20 ago. a 4 set. 2010.

⁹⁷ BARENBEIN, D. B. Três anos e diversos motivos para comemorar. **Tribuna Judaica**, n. 170, p. 13, 5 a 19 ago. 2006.

⁹⁸ FEDER, C. Zubin Mehta rege orquestra em prol da CIP. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 243, p. 27, 20 ago. a 3 set. 2009.

⁹⁹ WAISMANN, D. Uma noite de gala e de solidariedade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 14, 20 set. a 5 out. 2010. WAISMANN, D. Música erudita israelense no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 220, p. 11, 2 a 16 set. 2008.

¹⁰⁰ A HEBRAICA. Quarteto israelense é uma das atrações. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 214, p. 9, 4 a 18 jun. 2008.

¹⁰¹ WAISMANN, D. O som do deserto no Centro da Cultura Judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 169, p. 12, 21 jul. a 4 ago. 2006.

¹⁰² BOGUCHWAL, M. Yoram Gaon emociona plateia em SP. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 221, p. 11, 17 set. a 1 out. 2008.

Tais eventos são promovidos por várias instituições e, muitas vezes, contam com o apoio da Embaixada de Israel no Brasil. Ora são destinados à comunidade judaica, ora são abertos a toda sociedade paulista e brasileira. De qualquer forma, também aproximam a comunidade judaica paulista e o Estado de Israel. Percebendo esses laços, o cantor Yoram Gaon afirmou:

Os judeus que nasceram e moram em Israel deveriam ter a oportunidade de uma vez na vida viajarem ao exterior para descobrir como as comunidades judaicas de outros países apoiam e amam o Estado de Israel. Acho que com isso eles teriam ainda mais ânimo de lutar por uma terra que nos é tão importante.

No mesmo sentido, em relação à recepção que teve da comunidade judaica brasileira, o cantor David D'Or comentou: “me senti como se estivesse com a minha família”. Para o tenente coronel Yael Tev, responsável pelo grupo Lehakat Hanachal, formado por soldados do exército de Israel, “foi uma surpresa ver o alto nível de organização das comunidades e quão forte é a ligação destas com Israel”.

Sem dúvida, poderiam ser citadas inúmeras outras atividades institucionais que revelam a maneira como a comunidade judaica da diáspora traduz em atividades concretas sua ligação cultural, simbólica, política ou ideológica com o Estado de Israel. O Colégio I. L. Peretz, por exemplo, incluiu uma visita à Embaixada de Israel no roteiro da viagem anual à Brasília para estudo do meio¹⁰³. Em 2008, o Colégio Bialik promoveu a troca de correspondências entre seus alunos e alunos do Colégio Ramat Aviv Guimel, de Tel Aviv, que resultou na confecção de uma agenda a partir de textos e desenhos das crianças¹⁰⁴. Por conta do projeto, o colégio foi parabenizado pelo prefeito da cidade israelense, Ron Huldai¹⁰⁵. A troca de correspondências entre instituições da comunidade judaica brasileira e instituições israelenses e/ou cidadãos do país com o objetivo de expressar solidariedade no caso de episódios dramáticos envolvendo o país também pode ser verificada. Para citar um exemplo apenas, em 2009, quando o soldado israelense Gilad Shalit,

¹⁰³ COLÉGIO I. L. PERETZ. Estudos do meio consolidam aprendizado de conteúdos teóricos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 220, p. 11, 2 a 16 set. 2008. COLÉGIO I. L. PERETZ. Peretz faz estudo do meio em Brasília. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 198, p. 11, 29 set. a 13 out. 2007.

¹⁰⁴ COLÉGIO BIALIK. Agenda Bialik 2008 traz como tema as cidades de São Paulo e Tel Aviv. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 14, 20 abr. a 4 maio. 2008.

¹⁰⁵ COLÉGIO BIALIK. Prefeito de Tel Aviv parabeniza o Bialik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, p. 11, 19 jun. a 3 jul. 2008.

capturado pelo grupo palestino Hamas, ainda permanecia em cativeiro, a organização feminina Na'amat Pioneiras enviou mensagem à sua mãe, Aviva Shalit:

Nós pertencemos a Na'amat Brasil. Apesar de muitas milhas que nos separam, estamos familiarizados com a sua triste história. Nós todos sabemos que o coração dos judeus é um só, um grande coração, onde cabem vários sentimentos, o que nos permite dar para vocês o nosso apoio e rezas¹⁰⁶.

Vale lembrar também que a defesa do Estado de Israel em círculos não judaicos pelas comunidades judaicas da diáspora adquiriu uma importância ímpar num mundo em que o país tornou-se extremamente impopular. Na mais recente edição da pesquisa Country Rating Poll, encomendada pela rede de TV britânica BBC e conduzida pelo instituto de pesquisas GlobeScan e pelo Programa de Atitudes em Política Internacional da Universidade de Maryland (EUA), Israel teve 49% de avaliações negativas e apenas 21% positivas. No Brasil, os números foram ainda mais desfavoráveis a Israel: 59% e 13%, respectivamente. O levantamento foi feito entre 2010 e 2011 com 28 mil pessoas de 27 países, avaliou 16 nações e a União Européia, e apontava que, em níveis de popularidade, Israel estava à frente apenas de Irã, Coreia do Norte e Paquistão¹⁰⁷. Conseqüentemente, o amparo a Israel por meio de intervenções públicas, emissão de notas de posicionamento dos órgãos diretivos da comunidade ou, inclusive, manifestações de rua, como as que assistimos na época de conflitos no Oriente Médio¹⁰⁸, contra a vinda do presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad ao Brasil¹⁰⁹ e pela libertação do soldado israelense Gilad Shalit¹¹⁰ tornaram-se também parte da vida comunitária. Em ato na Hebraica pela paz e em apoio ao Estado de Israel em

¹⁰⁶ NA'AMAT PIONEIRAS. Na'amat pede a volta de Gilad Shalit, seqüestrado pelo Hamas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 233, p. 13, 23 mar. a 6 abr. 2009.

¹⁰⁷ O relatório completo está disponível em BBC WOLRD SERVICE. Poll. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/05_03_11_bbcws_country_poll.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2012.

¹⁰⁸ COMUNIDADE judaica brasileira presente em uma notável demonstração de coesão. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 2, 22 jan. a 5 fev. 2009. Editorial. RAMOS, C. Comunidade judaica se une em manifestação para defender a paz entre Gaza e Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 11, 22 jan. a 5 fev. 2009. WAISMANN, D. Apoio permanente ao Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 6, 4 a 18 set. 2006.

¹⁰⁹ WAISMANN, D. Fora Mahmoud Ahmadinejad, fora! **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 248, contracapa, 10 a 24 nov. 2009. WAISMANN, D. Protesto contra Mahmoud Ahmadinejad. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 237, p. 10, 22 maio a 5 jun. 2009.

¹¹⁰ LIBERTAÇÃO imediata de Gilad Shalit. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 265, p. 12, 30 jul. a 14 ago. 2010.

meio à Guerra do Líbano de 2006, Dov Bigio, representando a juventude, afirmou à embaixadora de Israel, Tzipora Rimon, presente no evento: “transmita ao povo de Israel que ele não está sozinho, e nossos corações estão com todos os jovens israelenses que arriscam vidas para defender o país”¹¹¹.

Em relação aos laços que ligam a comunidade judaica paulista ao Estado de Israel, é interessante destacar também o papel desempenhado por judeus da diáspora na própria construção e desenvolvimento de Israel, por meio de contribuições financeiras a instituições israelenses como o Keren Kayement Lelsrael (KKL), que investe no “preparo do solo para plantio de árvores, construção de reservatórios de água, criação de novos povoados, infra-estrutura e estradas”, e em “pesquisas agrícolas de alto nível tecnológico”¹¹², ou o Keren Hayesod¹¹³ (no Brasil, Fundo Comunitário), instituição que arrecada doações da comunidade judaica para desenvolvimento comunitário local e do Estado de Israel. Em 2008, Mordechai Dayan, ex-presidente do KKL, afirmou:

Nessa comemoração dos 60 anos de Israel, a comunidade brasileira adotou dois novos povoados no Neguev, perto da fronteira com o Egito, para ajudar no seu desenvolvimento. Vai haver uma campanha para [que] cada judeu contribua para o desenvolvimento do Neguev como um presente ao Estado de Israel, e receberão um diploma. Por exemplo, a Argentina adotou um projeto de 100 mil árvores para serem plantadas lá. A escola Bialik de São Paulo adotou o projeto de uma floresta que levará o nome do colégio, assim como a Beit Yaacov. Esta floresta começará com mil árvores, mas como há muitos brasileiros em Israel que estudaram nesses colégios, eles irão querer contribuir para aumentar cada vez mais esse número. Este é o projeto que lancei aqui, e recebi muito apoio da Federação, da Hebraica e todas as instituições de São Paulo¹¹⁴.

Sem dúvida, dado o atual estágio de desenvolvimento do Estado de Israel e a limitação do montante arrecadado, hoje em dia tais contribuições têm importância principalmente simbólica, ao fortalecer os vínculos da diáspora judaica com o país. No final de 2009, o presidente do KKL mundial, Efi Stenzler, afirmou: “assim como a Torá¹¹⁵ conecta os judeus onde quer que estejam, o KKL nos últimos anos forneceu uma conexão, que é a caixa azul,

¹¹¹ WAISMANN, D. Apoio permanente ao Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 16, 4 a 18 set. 2006.

¹¹² Disponível em: <<http://www.kkl.org.br/>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

¹¹³ Fundo Nacional Judaico.

¹¹⁴ WAISMANN, D. Reavivar o amor ao Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 14, 19 jul. a 2 ago. 2008.

¹¹⁵ Livro que contém as escrituras religiosas judaicas; Pentateuco.

que reuniu o dinheiro para construir a nossa terra”¹¹⁶. Nas palavras de Nilton Serson, ex-presidente do Fundo Comunitário:

A nossa arrecadação é irrelevante para o Estado de Israel. Se você imaginar um ginásio de esportes que é feito por ano lá custa mais do que a arrecadação do Fundo. Mas a contribuição é uma coisa interessante, porque mantém o link. Ao contribuir, independente do valor, você mantém um link com o Estado. Isso é muito importante. A contribuição tem um caráter de vinculação, um caráter de pertinência. Ao contribuir, você pertence¹¹⁷.

O cônsul de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman, afirma que, excluindo-se a contribuição americana, que se dá pelas federações locais e não pelo Keren Hayesod, o montante arrecadado anualmente em todo o mundo gira em torno de 25 milhões de dólares. De acordo com ele, “não é muito dinheiro, mas não importa, essa ligação é positiva em si”¹¹⁸.

Por fim, é interessante verificar a existência de reivindicações por parte de algumas organizações da comunidade judaica na diáspora para que judeus tenham direito a votar em determinados assuntos do Estado de Israel. De acordo com Jack Terpins, ex-presidente da Conib e atual presidente do Congresso Judaico Latino Americano (CJL), “os judeus, tanto os que vivem em Israel como os que vivem na diáspora, têm direito a opinar sobre as questões vinculadas com os conflitos limítrofes que o afetam”¹¹⁹. No entanto, pesquisas revelam que mais de três quartos da população israelense recusa a ideia de que judeus que moram fora de Israel tenham o direito de votar no país – embora considerassem ser dever do governo israelense protegê-los do antissemitismo¹²⁰.

Em entrevistas realizadas com líderes de instituições comunitárias, as relações entre comunidade judaica da diáspora e o Estado de Israel foi um tema abordado diversas vezes. Alberto Milkewitz, diretor institucional da Federação Israelita do Estado de São Paulo, enxerga um amadurecimento nessa relação. Em suas palavras,

¹¹⁶ WAISMANN, D. Presidente Mundial do KKL em São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 249, p. 8, 25 nov. a 9 dez. de 2009.

¹¹⁷ Entrevista realizada pelo autor.

¹¹⁸ Entrevista realizada pelo autor.

¹¹⁹ POLÊMICA entre Israel e a Diáspora. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 3, 19 jul. a 2 ago. 2008.

¹²⁰ AHREN, R. Only 2% of Jewish Israelis consider emigration 'reasonable,' new survey shows. **Haaretz**, 25 oct. 2011. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/print-edition/news/only-2-of-jewish-israelis-consider-emigration-reasonable-new-survey-shows-1.391820>>. Acesso em: 6 jun. 2012.

Ao longo da história do Estado de Israel, tem se estabelecido um tipo de relação entre o Estado de Israel e a diáspora que, por momentos, foi como a relação entre um adulto e uma criança. Depois do holocausto, quando as comunidades judaicas tiveram que se recompor e muitas delas cresceram com a chegada dos imigrantes, o Estado de Israel fez coisas como, por exemplo, apoiar muito a educação judaica. Nas primeiras três décadas do Estado de Israel, muitas das comunidades judaicas da diáspora – e isso vale para São Paulo e para praticamente toda a América Latina – dependiam do Estado de Israel para ter professores, alguém que ensine hebraico, que ensine metodologias modernas, adequadas para a nova realidade. Durante todo esse período, a relação era como a de um pai que dá ao filho o que ele precisa. Progressivamente, algumas comunidades – a começar pela americana, mas também outras, inclusive latino-americanas, como São Paulo e Buenos Aires – continuaram crescendo e foram construindo os seus recursos humanos. (...) Agora, busca ser um diálogo entre adultos. Não partimos da idéia de que o Estado de Israel tem o saber. Claro que há um saber, mas hoje aqui também tem um saber que deve ser considerado, que é importante, e faz com que a relação não possa continuar sendo como a de um adulto com uma criança, é um relacionamento entre dois adultos. Às vezes, podemos discordar, e discordamos, outras vezes concordamos, mas é como uma relação familiar, ou uma relação de amor: às vezes, você briga, às vezes, um parente faz uma coisa errada e você pode discordar. Mas mesmo se um parente fez alguma coisa errada, ou o Estado de Israel fez alguma coisa errada, isso não dá direito de acabar com ele¹²¹.

Nilton Serson, ex-presidente do Fundo Comunitário, utiliza uma história bíblica que se passa no local onde foi erguido o Templo de Jerusalém para estabelecer uma analogia sobre como deveria ser a relação entre diáspora e Israel:

Havia dois irmãos. Um tinha onze filhos e era muito pobre. O outro era igualmente pobre, mas não tinha filhos. E aí, o que acontecia? Na época de inverno, discretamente, um levava comida para o outro. O irmão que não tinha filhos pensava: “eu sou muito pobre, mas meu irmão, além dele, tem que sustentar onze”. Já o outro, pensava: “coitado do meu irmão, não teve mulher, não teve ninguém, é uma pessoa sozinha, preciso cuidar dele”. Um dia os dois se encontraram levando comida para o outro e falaram: “então é você que está deixando comida na minha porta?!”. Eles se abraçam e Deus, ao ver aquela cena, diz: “aqui está a verdadeira fraternidade, desinteressada; em razão disso, eu deixo fazerem aqui um templo para me reverenciar, porque assim que eu quero que os homens hajam, com justiça”. Isso é sionismo. O Fundo Comunitário ainda mantém essa historinha, só que os dois irmãos, hoje, são a diáspora e Israel. Eu não aplico a Torá literalmente, mas acho que deveria ser assim a relação entre a comunidade e o Estado de Israel¹²².

Segundo Jaime Spitzcovsky, diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil,

Para mim, uma vida judaica é incompleta sem uma relação com o Estado de Israel. Ela pode se dar de várias formas. Ela pode se dar por meio de uma militância sionista, ela pode se dar por meio de uma vinculação espiritual religiosa, ela pode se dar por meio até de uma relação cultural ou econômica. Cada um constrói a relação do jeito que

¹²¹ Entrevista realizada pelo autor.

¹²² Entrevista realizada pelo autor.

quiser. Mas, para mim, uma vida judaica na diáspora só é completa tendo um vínculo com o Estado de Israel¹²³.

De acordo com Abraham Goldstein, presidente da B'nai B'rith Brasil,

Ajudar o Estado de Israel faz parte. Pode-se ajudá-lo de várias formas. Uma delas é ajudá-lo a compor o investimento necessário para cumprir seus desenvolvimentos, suas pesquisas, seus trabalhos de consolidação; outras são saber quem é o Estado de Israel, promover as suas verdades, a sua história. Isso não quer dizer, necessariamente, concordar com qualquer governo que estiver lá, mas pode-se ajudar o Estado de Israel a procurar os melhores caminhos dentro do sentido da busca da sua sobrevivência, da sua existência e do seu relacionamento com quem quer que seja, incluindo, principalmente, seus vizinhos mais próximos. Acho que isso faz parte da missão da comunidade judaica. Não acredito que a solução seja todos os judeus emigrarem para Israel, todos se concentrarem no Estado de Israel, não existir mais diáspora. Acho que isso não faz parte da formação judaica. Nós temos a capacidade de decidir onde queremos ficar, onde conseguimos ficar e gostamos de viver. Fomos treinados durante milênios para viver no planeta inteiro. O fato de morar num outro local não faz com que eu deixe de ser judeu, deixe de acreditar nos valores do judaísmo e na sua razão de ser¹²⁴.

Finalmente, em relação ao sionismo da comunidade judaica brasileira, Alberto Milkewitz afirma:

Eu diria que esta é uma comunidade formalmente sionista. (...) As pessoas se sentiriam magoadas se você falasse “não é sionista”, mas é um sionismo entre aspas, porque é um sionismo que, basicamente, não propõe que ninguém vá morar em Israel, propõe que apoiemos o Estado de Israel. (...) Isso é sionismo? Para mim, é sionismo como uma simpatia por Israel. É como: “você ama sua família?”, “amo”, “mas você não vai viver com a sua família?”, “não, de jeito maneira”¹²⁵.

Por tudo o que foi apresentado acima, pode-se perceber que, à distância, a comunidade judaica paulista se relaciona de diversas com o Estado de Israel. Sem dúvida, assim como todos os grupos culturais, para manter-se como tal, a comunidade judaica precisa de atividades específicas que façam com que símbolos possam ser também vividos e cultivados. “As culturas não sobrevivem na mente das pessoas, elas precisam de espaços delimitados e atividades organizadas que materializem simbologias” (WALZER apud SORJ, 2004, p. 55). Nas palavras de Martin Baumann (2000, p. 329), “esses esforços

¹²³ Entrevista realizada pelo autor.

¹²⁴ Entrevista realizada pelo autor.

¹²⁵ Entrevista realizada pelo autor.

típicos do grupo da diáspora buscam criar um lar reconfortante e revigorante longe de casa”¹²⁶.

Já afirmamos anteriormente que o sionismo concebeu os judeus como uma nação e, em seus primórdios, propunha que todo o povo se reunisse em Israel. Embora isso não tenha ocorrido, verificamos que, mesmo na diáspora, o sentimento nacional está presente. Nesse sentido, Yacov Rabkin (2009, p. 85) afirma:

O pluralismo atual permite várias identificações, como a de um norte-americano irlandês ou a de um alemão de origem turca. É nesse sentido que muitos judeus se identificam com Israel, assistem aos concertos dos cantores israelenses, defendem Israel na imprensa... tudo isso sem nunca ter pisado nessa terra ou sem saber dizer uma só frase em hebraico.

Ainda de acordo com o autor (2009, p. 86),

Esse israelismo à distância substitui a identidade judaica tradicional cada vez mais facilmente, uma vez que a nova identidade é muito menos exigente. Visto que a identidade judaica tradicional baseia-se na obediência da Torá e nos preceitos que ela articula, ela afeta tanto o campo privado mais íntimo (particularmente a alimentação e o sexo) como os comportamentos públicos (especialmente a não-utilização de veículos no dia do Shabat ou a maneira de vestir-se com modéstia). Ao contrário, o israelismo não impõe nenhuma obrigação específica, mas, ao mesmo tempo, transmite um sentimento de identificação.

É interessante notar, nos discursos das lideranças da comunidade judaica que apresentamos (e isso aparecerá ao longo do trabalho diversas vezes), as frequentes referências às categorias de parentesco – especialmente a de “irmãos”, mas também a de “pai” e “filho” – para definir a relação entre a comunidade judaica da diáspora e o Estado de Israel. Ou ainda a consideração de que Israel é a “casa” dos judeus – a “casa” é, por excelência, o lugar de habitação da família. E, por fim, a adoção do pronome pessoal na primeira pessoal do plural, “nós”, para referir-se a uma identidade específica que se sobrepõe às individualidades e apaga as diferenças, incluindo os judeus de Israel e da diáspora e, naturalmente, excluindo todos aqueles que não fazem parte desse coletivo. Idealmente, a família é caracterizada pela fraternidade original, pela lealdade e solidariedade. Seus membros estão ligados pelo sangue. De acordo com William Safran (2005, p. 55),

¹²⁶ No original: “These typical efforts of the diaspora group strive to create a comforting and invigorating home away from home”.

Para os judeus, a solidariedade tem sido uma obrigação moral [*mitsvá*], baseada na noção de que ‘todos os judeus são responsáveis uns pelos outros’ [*kol Yisrael arevim ze ba-ze*], e esta obrigação foi facilmente aplicada pela diáspora em relação à sua pátria¹²⁷.

Nas palavras de Robin Cohen (2008, p. 522),

A ideia de “terra natal” está normalmente imbuída de uma carga expressiva e um *pathos* sentimental que parecem ser universais. Terra mãe, pátria, terra natal, torrão natal, *Heimat*, a terra ancestral, a busca pelas raízes – todas essas noções semelhantes revestem a terra natal de “uma dimensão emocional, quase reverencial” (Conner, 1996, p. 16-45; Levy; Weingrod, 2004).

Por outro lado, segundo Benedict Anderson (2008, p. 32), nações são “comunidades imaginadas”:

Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles.

À primeira vista, soaria paradoxal o fato de o apego tão intenso de um cidadão à sua nação ser baseada em uma “imaginação”. Mas para Benedict Anderson (2008, p. 215), “o *amor patriae*, sob esse aspecto, não é muito diferente das outras afeições, em que sempre existe um elemento imaginário afetivo”. Ainda segundo o autor (2008, p. 202),

É verdade que, nesses últimos vinte anos, tem-se escrito muito sobre a ideia da família-como-estrutura-articulada-de-poder, mas essa concepção é, certamente, estranha à imensa maioria da humanidade. Pelo contrário, tradicionalmente concebe-se a família como o campo da solidariedade e do amor desinteressado. De modo que, mesmo que historiadores, diplomatas, políticos e cientistas sociais estejam plenamente à vontade com a ideia do “interesse nacional”, toda a questão da nação, para a maioria das pessoas comuns de qualquer classe social, é que ela é desinteressada. E exatamente por essa razão ela pode pedir sacrifícios.

Portanto,

Numa época em que é tão comum que intelectuais cosmopolitas e progressistas (sobretudo na Europa?) insistam no caráter quase patológico do nacionalismo, nas suas raízes engravadas no ódio ao Outro e nas suas afinidades com o racismo, cabe lembrar que as nações inspiram amor, e amiúde um amor de profundo autossacrifício. (ANDERSON, 2008, p. 199 e 200).

¹²⁷ No original: “For Jews, solidarity has been a moral obligation [*mitsva*], based on the *a* notion that ‘all Jews are responsible for one another’ [*kol yisrael arevim ze ba-ze*], and this obligation has been easily applied by the diaspora in relation to the homeland”.

4. 2. Visitas, viagens e intercâmbios

4.2.1 Israel – Brasil

Na construção e fortalecimento dos vínculos entre a diáspora e o Estado de Israel, são extremamente relevantes as visitas de autoridades do governo israelense à comunidade judaica brasileira. Com as distâncias reduzidas devido às novas facilidades em comunicação e transporte, estas visitas se tornaram comuns. Muitas vezes, o país é apenas um dos pontos da escala de um circuito de visitas a comunidades judaicas de toda a América Latina. Ainda que, frequentemente, o propósito maior da visita de autoridades israelenses ao Brasil é o encontro com líderes do governo brasileiro, uma vez no país, costumam passar por várias instituições judaicas e, não raro, em mais de um estado do país, participando de reuniões privadas com lideranças comunitárias até grandes cerimônias destinadas a todos os judeus. Nestas ocasiões, a preocupação do Estado de Israel com os judeus de todo o mundo e o vínculo entre Israel e a diáspora é sempre reafirmado, como veremos a seguir. Além do fortalecimento das relações bilaterais entre Israel e diáspora, estas visitas servem também a outros objetivos, como firmar diversos tipos de acordos e parcerias estratégicas, angariar fundos, buscar apoio político, incentivar a emigração de judeus a Israel, apresentar a agenda do país à diáspora e reparar sua imagem após períodos de crise.

Evidentemente, o fato de a diáspora judaica paulista ser relativamente pequena e periférica faz com que esse tipo de ação seja bem limitado comparando-se com o que ocorre em lugares com diásporas judaicas mais importantes, como a dos Estados Unidos ou as de alguns países europeus. Mesmo assim, para a experiência da comunidade judaica em São Paulo, estes intercâmbios são extremamente relevantes.

No ano de 2010, considerando apenas o primeiro escalão do governo israelense, vieram ao Brasil o vice-primeiro ministro de Israel, Silvan Shalom¹²⁸,

¹²⁸ SAVOIA, T. KKL traz ministro Silvan Shalom ao Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, contracapa, 10 a 26 dez. 2010.

o Ministro da Diáspora e Relações Públicas (Hasbará), Yuli Eldestein¹²⁹, o Ministro das Comunicações, Moshe Kahlon¹³⁰, e a Ministra da Absorção, Sofa Landver¹³¹.

Percebe-se, de antemão, a presença de ministros que dirigem pastas relativas a assuntos relevantes para as relações entre Israel e a diáspora. Sua vinda é intermediada, sobretudo, por instituições voltadas ao fortalecimento do Estado de Israel e à promoção de sua centralidade para a diáspora, como é o caso da Agência Judaica, do Fundo Comunitário e do Keren Kayemet Leisrael (KKL), que trouxeram, respectivamente, Sofa Landver, Moshe Kahlon e Silvan Shalom. O empenho destas instituições em trazer lideranças do primeiro escalão do governo israelense e organizar eventos diversos durante sua estada no país revela sua disposição em mobilizar a atenção da comunidade judaica e transformar a simpatia pelo Estado de Israel em ações concretas de apoio.

Como afirmamos, nas visitas de personalidades públicas israelenses, o vínculo entre diáspora judaica e Estado de Israel é sempre reafirmado. Em entrevista à Tribuna Judaica por ocasião de sua passagem pelo Brasil, o vice-primeiro ministro de Israel, Silvan Shalom, dirigindo-se à comunidade judaica brasileira, afirmou:

Antes de tudo, eu gostaria de dizer: eu amo vocês! Vocês são nossos irmãos, não importa onde vivem. Nós compartilhamos diversas coisas em comum. Todas as comunidades judaicas ao redor do mundo estão mais fortes do que costumavam ser até o estabelecimento do Estado de Israel. Nós queremos vê-los logo em Israel, seja como imigrantes ou turistas. Como costumamos dizer: no ano que vem, em Jerusalém!¹³²

A visita de Yuli Eldestein à Hebraica contou com a presença do então embaixador de Israel no Brasil, Giora Becher. De acordo com o embaixador,

¹²⁹ FEDER, C. Ministro de Israel é recebido com honras no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 14, 20 ago. a 4 set. 2010.

¹³⁰ TURTELATAUB, G. Ministro das Comunicações de Israel no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 15, 1 a 15 abr. 2010.

¹³¹ FEDER, C. Ministra da Absorção recebida com honras. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 7, 1 a 15 abr. 2010.

¹³² SAVOIA, T. KKL traz ministro Silvan Shalom ao Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, contracapa, 10 a 26 dez. 2010.

Essa é uma visita muito especial, dedicada 100% à comunidade judaica, que não vive em solo israelense. O porta-voz do governo de Israel pode entender melhor nossos desafios e estou seguro de que para nós esse vínculo é essencial¹³³.

Durante visita a São Paulo, o Ministro das Comunicações, Moshe Kahlon, também enfatizou a importância dos laços entre Brasil e Israel. Já a Ministra da absorção, Sofa Landver, em sua passagem pela cidade, destacou o grande potencial da imigração de brasileiros e afirmou ser importante estar em todos os lugares em que há judeus que possam ir a Israel.

No final de 2009, após décadas sem que o Brasil recebesse um chefe de estado de Israel, o presidente Shimon Peres desembarcou no país. Entre encontros com autoridades do governo brasileiro¹³⁴ e passagens por Brasília e Rio de Janeiro, Peres esteve presente no clube A Hebraica, em São Paulo, para uma grande cerimônia destinada à comunidade judaica da cidade que reuniu cerca de duas mil pessoas, além de participar de encontros com lideranças comunitárias¹³⁵. Na Hebraica, o presidente de Israel afirmou: “eu trago a vocês o amor profundo do Estado de Israel para a comunidade judaica brasileira”¹³⁶.

Alguns meses antes, quem esteve no Brasil foi o Ministro das Relações Exteriores de Israel, Avigdor Lieberman, participando também de encontros com a comunidade judaica¹³⁷.

Em meio à organização de eventos comemorativos dos 60 anos de independência do Estado de Israel, em 2008, a ministra sem pasta Ruhama Avraham Balila passou por São Paulo e Rio de Janeiro¹³⁸. Durante sua estadia, circulou por diversas instituições judaicas como Centro da Cultura Judaica,

¹³³ FEDER, C. Ministro de Israel é recebido com honras no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 14, 20 ago. a 4 set. 2010.

¹³⁴ Shimon Peres encontrou-se com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com o ministro da Defesa, Nelson Jobin, com o presidente do Senado, José Sarney, com o presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer, além de discursar no Congresso Nacional. O presidente de Israel foi agraciado com o título de Cidadão Honorário de Brasília, em sessão solene. Em nível estadual e municipal, Peres reuniu-se com o governador de São Paulo, José Serra, com o Secretário de Esportes, Lazer e Recreação da Cidade de São Paulo, Walter Feldman e com o vereador Floriano Pesaro. Em São Paulo, recebeu a Ordem do Mérito Industrial, na Fiesp.

¹³⁵ ZAIDLER, L. G. Shimon Peres destaca a importância do tratado Mercosul-Israel em evento da Fiesp. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 248, p. 10, 10 a 24 nov. 2009.

¹³⁶ FEDER, C. Presidente de Israel, Shimon Peres, é recebido com honras no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 248, p. 8-9, 10 a 24 nov. 2009.

¹³⁷ DELEGAÇÃO capitaneada por Lieberman esteve no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 241, p. 3, 21 jul. a 4 ago. 2009.

¹³⁸ Ruhama Avraham Balila também integrou a comitiva de Avigdor Lieberman no Brasil, em 2009.

Colégio I. L. Peretz, A Hebraica e Hospital Albert Einstein¹³⁹. Convidada para um bate-papo no Colégio I. L. Peretz junto com Tzipora Rimon, embaixadora de Israel no Brasil na época, Balila afirmou aos alunos: “saibam que ele [Israel] sempre será um lar para vocês, mantenham-no ao coração. Mesmo que vocês morem na Diáspora, conservem seu judaísmo. Vocês são o futuro de Israel e do nosso povo”¹⁴⁰.

No mesmo ano, a Ministra da Educação, Yuli Tamir, também visitou o país, onde conheceu instituições de ensino, encontrou-se com líderes da comunidade judaica e representantes do poder público brasileiro¹⁴¹.

É também recorrente a visita de autoridades que ocupam lugares inferiores na hierarquia do governo israelense, assim como sua presença em eventos da comunidade judaica. Entre 2006 e 2010, pode-se destacar a visita do deputado Yaakov Katz¹⁴², do diplomata Menashe Baron¹⁴³, do diretor de informações da chancelaria israelense, Daniel Zonshine¹⁴⁴, do diretor do Departamento de Comunidades Judaicas do Ministério das Relações Exteriores de Israel, Ami Mehl¹⁴⁵, do deputado Shlomo Molla¹⁴⁶, do soldado Roey Granitzá¹⁴⁷, do comandante da Força Aérea de Israel, Yair Berant¹⁴⁸, da diplomata sênior do Ministério de Relações Exteriores de Israel, Ruth Yaron¹⁴⁹, do prefeito de Yeruham (e ex-prefeito de Haifa), Amram Mitzna¹⁵⁰, do vice-

¹³⁹ BOGUCHWAL, M. Ministra israelense visita São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 209, p. 4, 21 mar. a 4 abr. 2008. A HEBRAICA. Ministra israelense sem pasta vem à Hebraica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 206, p. 9, 5 a 19 fev. 2008.

¹⁴⁰ FEDER, C. Peretz escolhido para a visita da ministra. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 209, p. 4, 21 mar. a 4 abr. 2008.

¹⁴¹ ZAIDLER, L. G. Ministra da Educação de Israel no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 13, 18 ago. a 1 set. 2008.

¹⁴² TAWIL, M. “O maior perigo para Israel chama-se Irã”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 15, 20 set. a 5 out. 2010.

¹⁴³ PARTICIPAÇÃO especial no “Amigos”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 252, capa, 16 a 30 jan. 2010. FEDER, C. Cerimônia rememora mortos no Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 258, contracapa, 16 a 30 abr. 2010.

¹⁴⁴ SEMINÁRIO para novos Líderes. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 12, 1 a 15 abr. 2010.

¹⁴⁵ FEDER, C. São Paulo forma nova liderança judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 12, 1 a 15 abr. 2010.

¹⁴⁶ WAISMANN, D. “A região no Neguev é o futuro de Israel”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 12, 4 a 18 set. 2009.

¹⁴⁷ WAISMANN, D. “O Tzahal é o mais ético do mundo”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 234, p. 6, 7 a 21 abr. 2009.

¹⁴⁸ BERGMANN, L. Solidariedade ao Estado Judeu. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 230, contracapa, 6 a 20 fev. 2009.

¹⁴⁹ WAISMANN, D. Caminho para a paz é a diplomacia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 8, 28 nov. a 12 dez. 2007.

¹⁵⁰ PERLOV, S. Prefeito de Yeruham visita Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 201, p. 8, 13 a 27 nov. 2007.

prefeito de Kfar Sabá, Amos Gabrieli¹⁵¹, do general da reserva das Forças Armadas de Israel, Iossi Peled¹⁵², do diplomata e diretor do Centro de Pesquisa Política do Ministério das Relações Exteriores de Israel, Nimrod Barkan¹⁵³ e do Chefe do Estado Maior da Marinha de Israel, Yuval Zur¹⁵⁴.

Em São Paulo, todos eles participaram de encontros diversos e palestras em instituições judaicas. Reuniões com autoridades públicas brasileiras da esfera executiva e legislativa, em nível municipal, estadual e federal também ocorreram. Segundo informações colhidas no jornal a Tribuna Judaica, Ami Mehl, quando esteve na cidade, defendeu a sintonia entre diáspora e Israel. Para ele, o enfraquecimento de Israel significaria o enfraquecimento da diáspora. Em suas palavras, “precisamos das duas igualmente firmes nesse alicerce em prol da nossa existência”. De origem etíope, Shlomo Molla, cujo objetivo da viagem era divulgar o trabalho de desenvolvimento agrícola no deserto do Neguev e buscar apoio da diáspora à empreitada, afirmou:

Acho que Israel é o centro dos judeus. Não estou dizendo para as pessoas virem a Israel da noite para o dia, não é isso. Mas queremos que todos sejam nossos parceiros na construção de Israel. Você pode estar aqui em São Paulo, mas ter uma conexão com Israel. É importante. Quando quiserem ir, Israel estará lá, de portas abertas. Em 1984, quando fomos para lá, esperávamos que todos os judeus da Diáspora também fossem. Hoje não é nossa expectativa, apenas queremos que as pessoas continuem a ver Israel como o centro de suas vidas e sejam parceiros, e que isso continue nas próximas gerações.

Além das visitas esporádicas de autoridades israelenses ao país, tanto o cônsul geral de Israel em São Paulo¹⁵⁵ como o embaixador de Israel no Brasil¹⁵⁶ são freqüentemente recebidos por instituições da comunidade judaica paulista e, muitas vezes, diplomatas israelenses e lideranças comunitárias trabalham em conjunto. É sintomático o fato de que, pouco antes de reabrir, em 2010, o Consulado de Israel em São Paulo funcionou durante alguns meses

¹⁵¹ PERLOV, S. Vice-prefeito da cidade israelense de Kfar Sabá em São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 196, p. 13, 30 ago. a 13 set. 2007.

¹⁵² BOGUCHWAL, M. General israelense faz chamado à união. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 188, p. 10, 2 a 16 maio. 2007.

¹⁵³ DIMANT, R. B. Palestra com o embaixador Nimrod Barkan. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 187, p. 4, 17 abr. a 1 maio. 2007.

¹⁵⁴ FEDER, C. Chefe da Marinha tem visão pessimista. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 179, p. 4, 18 dez. 2006 a 1 jan. 2007.

¹⁵⁵ Ilan Sztulman ocupa o cargo desde 2009.

¹⁵⁶ Rafael Eldad é o atual Embaixador de Israel no Brasil. Giora Becher ocupou o cargo entre 2008 e 2011 e Tzipora Rimon entre 2004 a 2008.

dentro da própria Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp). De acordo com Alberto Milkewitz, diretor institucional da entidade,

Obviamente que nós não abrigaríamos outro consulado. Não temos outro país com o qual se daria o caso, nem outro país aceitaria. (...) Tem um evento que o consulado de Israel faz para o Iom HaAtzmaut, para o Dia da Independência. Durante todo o período em que o consulado esteve fechado, nós organizamos. Não era nossa função chamar todos os diplomatas, porque diplomatas se relacionam com diplomatas. Mas a Federação, durante todos esses anos, trouxe diplomatas e, ano atrás de ano, organizamos (...). Então, nosso apoio a Israel é, sem dúvida, muito forte e se dá na prática, não é no *blá, blá, blá*. Também no *blá, blá, blá*, mas não apenas. (...) Muitas vezes, somos nós que levamos as autoridades das organizações israelenses à imprensa, aos políticos, aos contatos, aos acordos¹⁵⁷.

Com frequência, instituições da comunidade judaica difundem notas oficiais e o posicionamento da embaixada ou consulado de Israel em relação a assuntos variados. Nesse sentido, é interessante lembrar que o site da Fisesp¹⁵⁸, durante muito tempo, antes de sua reformulação, ocorrida há pouco, contava com a seção “embaixada explica”, que trazia informações sobre o posicionamento da embaixada de Israel em relação a eventos ocorridos no Oriente Médio. Em entrevista à Tribuna Judaica, o então embaixador de Israel no Brasil, Giora Becher, afirmou:

O principal objetivo de minha missão no Brasil é expandir a boa relação já existente em todos os campos possíveis (política, economia, negócios, investimentos, turismo, cultura, agricultura e muitos outros). Além disso, um dos pontos mais importantes é aumentar a relação com a comunidade judaica no Brasil e sua relação com o Estado de Israel. Eu encontrei aqui uma sólida base para trabalho e estou certo de que a embaixada, em conjunto com a comunidade judaica e os amigos de Israel no Brasil, será capaz de trabalhar junto para aumentar ainda mais as boas relações¹⁵⁹.

A mesma perspectiva está presente em depoimento da embaixadora anterior, Tzipora Rimon, ao final de seu mandato:

No balanço da minha atuação posso dizer que trabalhei profundamente com a comunidade judaica no Brasil. Além do que me cabe profissionalmente, é um grande prazer conhecer a comunidade judaica daqui e lidar com as questões que ela enfrenta. Em conjunto, planejamos atividades com Israel, especialmente com os jovens, nosso maior foco. Queremos estreitar os laços dessa relação entre os países¹⁶⁰.

¹⁵⁷ Entrevista realizada pelo autor.

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://www.fisesp.org.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2012.

¹⁵⁹ FEDER, C. Embaixador avalia relação Israel-Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 232, p.5, 8 a 22 mar. 2009.

¹⁶⁰ FEDER, C. Embaixadora atesta a importância da Diáspora. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 4, 20 abr. a 4 maio. 2008.

Já nas palavras do cônsul geral de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman,

Eu não tenho nem dúvida, o meu trabalho seria muito mais difícil se não fosse a ajuda que eu tenho da comunidade judaica. Tanto da institucionalizada como da não institucionalizada. Eu peço a ajuda de gente que está completamente fora do dia a dia da comunidade, que não pertence a nenhuma organização, e me oferecem: “o que você precisa? Onde você precisa chegar?”. Me ajudam. Não dá para medir, mas seria muito mais difícil sem a comunidade judaica¹⁶¹.

Em relação à sua atuação em conjunto com as principais instituições comunitárias, Ilan Sztulman afirma:

Eu praticamente não faço nada de importante e sério sem sentar com instituições como Federação, Conib, Hebraica, e faço tudo junto. Para planejar o Dia de Independência de Israel, fiz um comitê. Primeiro, um comitê pequeno, depois um comitê maior. E disse: “ok, gente, quero escutar, o que vocês acham que precisa fazer? O que não precisa fazer? Quem pode ajudar com isso? Quem pode ajudar com aquilo?”. E no dia a dia também. Falo com o Ricardo [Berkienstz, vice-presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo], com o Jaime [Spitzcovsky, diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil], duas ou três vezes por semana. Se eles fazem alguma coisa, eu compareço. Nós estamos trabalhando juntos o tempo inteiro. (...) Sem dúvida, para mim é essencial a ajuda da comunidade judaica. De todos os pontos de vista, até pessoal. Eu cheguei aqui e estou sem família. Por meses, não fiquei um dia sozinho. Gente que não me conhecia. Não sou nem sefardi, nem religioso, mas em Rosh Hashaná a família do Safra me telefonou: “cônsul, o que você vai fazer? Venha”¹⁶².

Entretanto, isso não significa que o consulado de Israel em São Paulo e as instituições representativas da comunidade judaica estejam sempre de acordo. De acordo com Ilan Sztulman,

Vejo um processo de divisão de interesses entre as comunidades judaicas e o Estado de Israel. E percebo essa tensão dia a dia no meu trabalho. Às vezes tomo uma decisão levando em conta os interesses do Estado de Israel, mas que não estão de acordo com as decisões da comunidade judaica. E os dirigentes da comunidade vêm para mim e dizem: “pô, que isso?! Por que você está fazendo isso?”. Eu respondo: “por que é bom para nós [Israel] por isso, isso e isso”. E eles: “mas, escuta, e nós aqui?”. E o contrário também acontece. Eu não tive muitas dessa, mas acontece. O cara diz: “olha, eu quero fazer isso porque é bom para a comunidade”. Eu digo: “mas isso não é bom para Israel”. Tem muito de comum, a maior parte é comum, mas já há interesses que são, às vezes, até conflitantes entre os dois¹⁶³.

Abordando o fato, o diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Jaime Spitzcovsky, afirma:

Eu não usaria a expressão “conflito de interesses”. Existe, claramente, diferenças de visão, o que é natural. A perspectiva israelense não é, necessariamente, a maneira

¹⁶¹ Entrevista realizada pelo autor.

¹⁶² Entrevista realizada pelo autor.

¹⁶³ Entrevista realizada pelo autor.

como os judeus do Brasil veem um determinado problema, uma determinada questão. É claro que existe uma cooperação intensa, mas isso não significa que não haja, em algum momento, discordâncias, que não haja, em algum momento, diferenças de opinião e de visão. Eu acho que isso tem que ficar muito claro. Nós judeus não somos uma maçonaria¹⁶⁴.

O vínculo entre Israel e a diáspora judaica é também explorado por instituições israelenses de natureza não governamental em busca de exposição e recursos. Muitas vezes, representantes dessas organizações estão inseridos em circuitos de viagens com objetivo de angariar apoio junto às comunidade judaicas ao redor do globo. Para citar um caso recente, logo após o incêndio no Monte Carmel em 2010, o maior acidente deste tipo na história de Israel, Amos Gaver, vice-presidente para assuntos externos e desenvolvimento de recursos da Universidade de Haifa, esteve na sede da Fisesp para pedir o engajamento da comunidade judaica brasileira na Campanha de Emergência da Universidade de Haifa, lançada em diversos países na América do Norte e do Sul, Europa e Oceania¹⁶⁵. O incêndio, que chocou Israel e a diáspora, provocou a morte de mais de 40 pessoas. Em seu discurso, Gaver afirmou: “essa tragédia afetou a moral de todo o país e entristeceu o povo de Israel. Queremos mostrar às pessoas afetadas que nos preocupamos com elas, não apenas os moradores do norte de Israel, mas os judeus de todo o mundo”¹⁶⁶.

A campanha visava angariar, ao todo, US\$ 10 milhões¹⁶⁷. Um ano antes, Gaver esteve no Brasil “a fim de se familiarizar e iniciar potenciais acordos de cooperação e parcerias entre a Universidade e a comunidade brasileira”, tendo se reunido com os “principais líderes de organizações judaicas do país”¹⁶⁸. Na época, comentou: “estou confiante de que a comunidade judaica vai manter e

¹⁶⁴ Entrevista realizada pelo autor.

¹⁶⁵ KKL e Fundo Comunitário também promoveram campanhas de arrecadação após o incêndio.

¹⁶⁶ SOS para o incêndio em Haifa. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 6, 10 a 26 de dez. 2010.

¹⁶⁷ Um dos cartazes apresentados dizia: “Nós precisamos de sua ajuda. Para modernizar os equipamentos de combate a incêndio do campus; para renovar 16 dos 30 andares da Torre Eshkol, adaptando-os aos padrões atuais de segurança contra incêndio; para reparar danos diretos do evento; para fornecer aconselhamento de trauma aos nossos alunos e funcionários afetados pelo fogo. Todas as doações são muito apreciadas”. No original: “We need your help. To upgrade the campus’ fire-fighting equipment and capabilities; to renovate 16 of the 30 floors of the Eshkol Tower to bring them to today’s fire safety standards; to cover direct damage from the event; to provide trauma counseling for our students and staff who have been adversely affected by the fire. All donations greatly appreciated”.

¹⁶⁸ PRIEST, M. Vice-presidente da Universidade de Haifa, Amos Gaver, visita o Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 33, out. 2009. Caderno Especial de Educação #10.

reforçar seu apoio à instituição. Esta é uma comunidade vibrante, comprometida com Israel, com seu futuro e progresso social”.

Ainda em 2010, pode-se citar a visita de um representante da Organização de Veteranos Incapacitados do Tzahal¹⁶⁹, que veio ao Brasil apresentar o trabalho da instituição e buscar o apoio da diáspora¹⁷⁰.

Em meio a visitas a diversas comunidades judaicas latino-americanas, Rafael Kaufmann, diretor para América Latina do escritório de relações públicas de Judeia e Samaria da organização Shivat Zion, passou por São Paulo no final de 2009¹⁷¹. Em sua visita, fez palestras em busca de suporte da comunidade judaica paulista à organização, que luta para que o Estado de Israel não abandone as terras de Judeia e Samaria (ou Cisjordânia), conferindo à diáspora um papel particularmente importante nessa empreitada¹⁷².

Em 2008, o presidente da Universidade Bar-Ilan, Moshe Kaveh, e o diretor do departamento ibero-americano da mesma universidade, Yossef Bar-Magen, passaram pelo país. Além de visitas a entidades judaicas, participaram de um jantar com líderes comunitários em que a instituição israelense foi apresentada¹⁷³.

Importante citar também a passagem pelo Brasil, no final de 2008, de Dani Molad, representante para a América Latina da organização Hagudá Le'Maan Hachaia¹⁷⁴. Fundada em 1942, a entidade apoiou soldados das brigadas judaicas que combatiam na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Desde 1948, com a criação do Estado de Israel e o estabelecimento do exército nacional, a instituição tem como objetivo proporcionar o bem estar dos soldados israelenses, suprimindo suas necessidades econômicas, sociais, educacionais e recreativas¹⁷⁵. Apenas recentemente, após a Guerra do Líbano de 2006, inaugurou seu núcleo latino-americano. De acordo com Dani Molad, a

¹⁶⁹ Acrônimo para Tzavá HaHaganá LeIsrael. Do hebraico, literalmente, “Exército de Defesa de Israel”.

¹⁷⁰ ORGANIZAÇÃO de Veteranos Incapacitados da Tzahal. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 10, 1 a 15 maio. 2010.

¹⁷¹ WAISMANN, D. Os muitos dilemas da Cisjordânia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 250, p. 10, 17 a 31 dez. 2009.

¹⁷² Mais informações disponíveis em <<http://www.shivatzion.com>>. Acesso em: 6 jun. 2012.

¹⁷³ **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 208, p. 14, 6 a 20 mar. 2008. Informe publicitário. MESTER, M. Presidente da Universidade Bar-Ilan visita SP. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 204, p. 11, 1 a 15 jan. 2008. FEDER, C. Presidente da Bar Ilan visita a Fisesp. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 13, 28 nov. a 12 dez. 2007.

¹⁷⁴ WAISMANN, D. Os *chaialim* de Tzahal buscam amigos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 6, 22 jan. a 5 fev. 2009.

¹⁷⁵ Disponível em <<http://jai.com.uy/?Q=articulo&ID=63>>. Acesso em 6 de jun. 2012.

entidade não recebe recursos do governo israelense e se mantém graças a doações. Em São Paulo, Dani Molad reuniu-se com líderes comunitários, buscando apoio financeiro da comunidade judaica para a instituição. Mas, de acordo com ele, “esse é um desafio muito difícil, pois em cada país já existem cerca de 50 instituições que precisam de apoio”.

Instituições religiosas israelenses também buscam apoio da diáspora judaica para se manter. Foi precisamente este o objetivo da viagem do rabino Shlomo Aviner, diretor da *yeshivá*¹⁷⁶ Ateret Cohanim, localizada em Jerusalém, em 2009¹⁷⁷.

Em relação a esse tipo de viagens, é interessante observar o depoimento de Ilan Sztulman abordando ainda o processo de “divisão de interesses” entre as comunidades judaicas da diáspora e o Estado de Israel:

As instituições do Estado de Israel contam com o dinheiro dos judeus para se manter. As universidades, ONGs, *Yeshivot* vem aqui pedir dinheiro para judeus. E alguns judeus dizem: “chega! Vocês já têm um Estado, já está forte, por que você quer que eu continue dando? Por um lado, você diz que é grande, forte, e, por outro, você diz que precisa do meu dinheiro”¹⁷⁸.

Ainda segundo Ilan Sztulman, por vezes, o risco existencial real que o Estado de Israel corre é manipulado por instituições israelenses como forma de angariar recursos:

Muitos israelenses, frente às comunidades judaicas, usam isso como uma bandeira: “pô, eu estou aqui defendendo a existência [de Israel] e você não vai me dar dinheiro?”. Como se o dinheiro comprasse a segurança. Na verdade, esse dinheiro não é, em geral, usado para nada que tenha a ver com segurança, é usado para fazer coisas que o Estado de Israel é bem capaz de fazer sozinho. Por outro lado, o pessoal que faz isso diz: “é verdade, não é essencial, mas o fato de pedirmos dinheiro, de dizer ‘vocês precisam ajudar’, cria uma ligação mais profunda, ele pega o próprio dinheiro e dá para Israel, então se sente mais perto”¹⁷⁹.

É também digna de nota a vinda ao Brasil de diretores, presidentes e representantes de organizações judaicas mundiais, como Keren Hayesod, KKL, Na’amat Pioneiras, Sochnut e Wizo. A presença destes ativistas é especialmente importante por dar fôlego à própria atuação de seus pares brasileiros nos núcleos destas instituições no país. Eliezer Sandberg,

¹⁷⁶ Academia tradicional judaica para estudo da literatura religiosa.

¹⁷⁷ WAISMANN, D. O ideal do movimento sionista-ortodoxo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 15, 4 a 18 set. 2009.

¹⁷⁸ Entrevista realizada pelo autor.

¹⁷⁹ Entrevista realizada pelo autor.

presidente mundial do Keren Hayesod, esteve em São Paulo em 2010 para as comemorações dos 90 anos da entidade. Durante o evento, que teve a presença de lideranças da América Latina, Sandberg destacou: “o suporte dos judeus do mundo todo é muito importante para os israelenses, isto nos dá força”¹⁸⁰. No final de 2009, o presidente mundial do KKL, Efi Stenzler, esteve em São Paulo, onde afirmou:

Se o KKL está forte, os judeus de todo o mundo também serão fortes, assim como Israel. (...) Nós precisamos do apoio dos judeus, para sermos fortes, e sermos capazes de construir Israel. Somos independentes há 60 anos, e se não trabalharmos duro, pode ser tarde. Queremos que o futuro de nossa nação seja bonito, e devemos nos preparar para que mais judeus possam viver em Israel¹⁸¹.

Quando esteve no Brasil, no início de 2006, Carole Solomon, presidente do Board of Governors da Agência Judaica para Israel, afirmou:

Acho que Israel oferece segurança e orgulho. Ao mesmo tempo, acho que a comunidade fora de Israel contribuiu em diversas formas para a estabilidade do Estado, e isso é mutuamente benéfico. (...) No relacionamento entre Israel e a diáspora, um pode contar com outro, especialmente hoje em dia. Eu estou muito orgulhosa desse fato¹⁸².

Podemos mencionar ainda a existência do fluxo de uma série de profissionais israelenses convidados para visitas pontuais ou para estadas mais prolongadas com o objetivo de fazer palestras, conhecer o trabalho de determinada instituição, firmar acordos de cooperação ou desenvolver projetos no Brasil. Isso é facilitado pela existência de diversos convênios entre instituições judaicas brasileiras e instituições israelenses. A associação brasileira Amigos do Weizmann, que apóia o Instituto Weizmann de Ciências, de Israel, a Sociedade Brasileira dos Amigos da Universidade Hebraica de Jerusalém e a Sociedade de Amigos da Universidade de Tel Aviv promovem intercâmbios do tipo, trazendo ao Brasil cientistas e professores israelenses renomados¹⁸³. Sem dúvida, a presença de professores e cientistas de ponta, muitas vezes premiados, associados ao prestigiado Instituto Weizmann ou a

¹⁸⁰ CHAME, R.; FEDER, C. Fundo Comunitário reúne lideranças da América Latina. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 15, 10 a 26 dez. 2010.

¹⁸¹ WAISMANN, D. Presidente Mundial do KKL em São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 249, p. 8, 25 nov. a 9 dez. 2009.

¹⁸² YOHANNA, A. Carole Solomon em visita ao Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, p. 4, 7 a 21 maio. 2006.

¹⁸³ A associação também leva brasileiros para conhecer e/ou desenvolver pesquisas junto ao instituto, oferecendo, inclusive, bolsas de estudo.

universidades consagradas, contribui para inflar o orgulho da diáspora judaica em relação à sua Terra Natal.

Vale lembrar que escolas, sinagogas e outras instituições judaicas de cunho cultural e educacional também procuram em Israel (e em outros países com comunidade judaica altamente organizada, como a Argentina ou os Estados Unidos) profissionais mais qualificados para comporem os seus quadros.

Clubes esportivos judaicos, por sua vez, costumam promover a visita ao Brasil de atletas israelenses. Em 2006, por exemplo, a corredora Svetlana Bahmend foi convidada pela Confederação Brasileira Macabi a participar da Corrida Internacional de São Silvestre¹⁸⁴, realizada em São Paulo. Em 2009, A Hebraica trouxe, junto com tenistas de outros países, o israelense Gilad Bloom para o torneio Grand Champions Brasil, realizado no clube¹⁸⁵.

A visita de empresários israelenses em busca do estabelecimento e fortalecimento de seus negócios no Brasil é também apoiada por instituições da comunidade judaica paulista, também interessada em incrementar os seus próprios negócios. Nesse sentido, é significativo o trabalho desenvolvido pela Câmara Brasil-Israel de Comércio e Indústria (CAMBICI), gerida, sobretudo, por ativistas e empresários da comunidade judaica e cuja missão é “promover e incrementar as relações entre a República Federativa do Brasil e o Estado de Israel, contribuindo para o desenvolvimento de seus interesses mútuos”. Em 2009, o então embaixador de Israel no Brasil, Giora Becher, afirmou:

Temos diversas câmaras bilaterais entre vários países e Israel, mas a câmara Brasil-Israel é uma das mais ativas do mundo. Neste momento, a prioridade número um da Embaixada está em reforçar as atividades comerciais e econômicas entre Brasil e Israel e a Câmara vem nos auxiliando muito neste processo¹⁸⁶.

Tal percepção, por vezes, é compartilhada por dirigentes de instituições do próprio governo brasileiro. Em 2009, durante comemoração pelos 50 anos da CAMBICI, o então presidente do Banco Central, Henrique Meirelles¹⁸⁷,

¹⁸⁴ BOGUCHWAL, M. Uma israelense na corrida de São Silvestre. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 11, 1 a 15 fev. 2007.

¹⁸⁵ BOGUCHWAL, M. Hebraica realiza AOC Grand Champions. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 238, contracapa, 6 a 20 jun. 2009.

¹⁸⁶ CÂMARA Brasil-Israel de comércio e indústria promove almoço palestra com Ilan Goldfajn. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 247, p. 8, 26 out. a 9 nov. 2009.

¹⁸⁷ Henrique Meirelles foi presidente do Banco Central do Brasil entre 2003 e 2011.

afirmou: “os dois países têm economias complementares que podem avançar muito. Temos, podemos e vamos trabalhar juntos, e a Câmara Brasil-Israel de Comércio e Indústria será a grande catalisadora neste processo”¹⁸⁸.

Não raro, o sucesso do estabelecimento de parcerias estratégicas no âmbito empresarial entre Brasil e Israel decorre da atuação e intermediação da comunidade judaica brasileira junto aos governos do país. Esta comunidade mobilizou-se e teve papel particularmente significativo na recente aprovação brasileira do Acordo de Livre Comércio Mercosul - Israel, sobre o qual iremos discorrer brevemente adiante.

É importante observar que, por vezes, interesses empresariais se confundem com interesses nacionais e sionistas. Itshak Cohen, vice-presidente mundial da companhia aérea El Al, que em 2009 inaugurou a rota São Paulo - Tel Aviv, com três vôos semanais¹⁸⁹, esteve no Brasil e participou de um evento para jovens judeus promovido pela Aish Brasil, onde sorteou uma passagem aérea a Israel. Na ocasião, afirmou:

Oferecemos essa passagem, pois a El Al não é apenas a companhia que leva judeus a Israel, queremos formar pessoas sionistas, pois é muito importante trazer jovens para o Estado Judeu, para que conheçam o país e possam fazer aliá no futuro¹⁹⁰.

Não se pode esquecer que rabinos israelenses de diversas linhas religiosas, especialmente as ortodoxas, também fazem parte desse circuito de viagens e intercâmbios entre Israel e a diáspora brasileira, sendo recebidos no Brasil principalmente pelas sinagogas correspondentes.

Finalmente, é interessante citar o projeto piloto do programa Mishlachot que, no início de 2010, trouxe ao Brasil 23 alunos da escola israelense Ironi Dalet para interagir durante uma semana com alunos da Nova Escola Judaica¹⁹¹. De acordo com matéria publicada no jornal Tribuna Judaica, “o projeto tem por objetivo aproximar alunos e professores dos dois países e reforçar o sentimento de pertencimento e os vínculos com o Estado de Israel, através de uma experiência de troca cultural com jovens da mesma faixa

¹⁸⁸ ZAILLER, L. G. Cinco décadas de muito sucesso. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, contracapa, 11 a 25 out. 2009.

¹⁸⁹ A rota esteve ativa apenas até o final de 2011.

¹⁹⁰ WAISMANN, D. Encerramento com chave de ouro. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 251, contracapa, 1 a 15 jan. 2010.

¹⁹¹ WAISMANN, D. Intercâmbio entre israelenses e brasileiros. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 256, p. 19, 17 a 31 mar. 2010.

etária”. Nas palavras de Alzira Ryngelblum e Joyce Szlak, coordenadoras da área judaica da Nova Escola,

Esta semana fez a diferença na vida destes jovens. Com certeza Israel se tornou mais próximo dos alunos da Nova Escola e saímos desta experiência mais fortalecidos e convictos em continuar a proporcionar experiências significativas aos nossos alunos.

Todas essas ações contribuem para aproximar o Estado de Israel da diáspora paulista e geram um impacto significativo no fortalecimento do vínculo entre a comunidade judaica e aquele país.

4.2.2 Brasil – Israel

O intercâmbio entre lideranças da comunidade judaica de São Paulo e do Estado de Israel é uma via de mão dupla, e não só membros do governo e de instituições israelenses vêm ao Brasil em missões políticas, como também, periodicamente, dirigentes de entidades judaicas de São Paulo fazem visitas oficiais a Israel. Nos últimos anos, duas das viagens mais importantes nesse sentido foram aquelas conhecidas como Hasseifá BaHaretz¹⁹². Promovidas pela Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp) nos anos de 2008 e 2010 e envolvendo lideranças de diversas entidades judaicas do país, esta iniciativa, programada para ocorrer a cada dois anos, tem como principal objetivo a capacitação dos participantes para o exercício de suas funções comunitárias. Uma escala na Europa antes do embarque para Israel faz parte do programa. Em 2008, o grupo foi à Polônia, onde passou por campos de concentração – Aushwitz I e II, Birkenau, Majdanek –, pelo Gueto de Varsóvia, além de conhecer lugares com forte presença judaica antes da guerra, como o bairro judeu em Cracóvia¹⁹³. Já em 2010, o país europeu escolhido foi a Alemanha, onde os participantes visitaram o museu judaico, o monumento em memória aos judeus mortos no Holocausto e o projeto Topografia do Terror, um centro de documentação e exposição sobre o nazismo, inaugurado no início

¹⁹² Do hebraico, literalmente, “Reunião na Terra”.

¹⁹³ LIDERANÇAS brasileiras em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 223, contracapa, 17 a 31 out. 2008.

daquele mesmo ano, e reuniram-se com representantes da Federação Judaica Alemã e da embaixada brasileira¹⁹⁴. Já em Israel, a agenda costuma compreender visitas diversas a instituições estatais, universidades e museus, além de encontros com autoridades do país. Em 2010, por exemplo, o grupo reuniu-se com três ministros de Estado e outras personalidades da área política, econômica, religiosa, científica e militar. Ainda durante a Hasseifá BaHaretz de 2010, a Fisesp tornou-se membro da Academia Internacional de Liderança Judaica (The International Academy for Jewish Leadership), que, de acordo com a descrição da Tribuna Judaica, “busca cultivar líderes com conhecimento da cultura judaica e do sionismo e o compromisso de garantir a continuidade judaica”.

Na volta ao Brasil, este tipo de vivência não raro leva ao desenvolvimento de ações concretas e articuladas com o Estado de Israel e com outras diásporas judaicas ao redor do mundo. Referindo-se à viagem de 2010, o diretor institucional da Fisesp, Alberto Milkewitz, afirmou:

Após Hassefá BaAretz, Mario Fleck¹⁹⁵ e eu, participamos durante três dias do Congresso do Jewish People Policy Institute, onde tivemos a oportunidade de ouvir Shimon Peres, Netanyahu, Tzipi Livni, Ehud Barak e Natan Sharansky, bem como um grupo de especialistas nos grande temas do povo judeu. O JPPI é uma organização dedicada a realizar um estudo anual da situação dos judeus e das comunidades judaicas pelo mundo todo em Israel, uma espécie de diagnóstico global, para identificar quais as maiores prioridades que os dirigentes devem tomar em conta nas suas decisões. Isso pode fazer que um ativista consciente acabe postergando alguns projetos da sua comunidade para encarar outros mais relevantes para o Judaísmo como uma totalidade.

Há, certamente, nessas viagens, uma tentativa reconstruir a narrativa sionista hegemônica, que associa a vida na diáspora sem um Estado judeu a uma história de horror, sofrimento e destruição – os lugares visitados na Europa traduzem essa ideia – e o Estado de Israel ao renascimento, fortalecimento e segurança do povo. Além da escolha dos lugares a serem visitados, o próprio percurso (primeiro a Europa, depois Israel) já carrega este sentido, mas um fato ocorrido durante a viagem à Polônia, em 2008, e relatado pela Tribuna Judaica, o demonstra de forma mais direta:

¹⁹⁴ ROIZEN, J. Fisesp comemora o sucesso da Hassefá BaAretz. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 270, p. 8-9, 16 a 30 nov. 2010.

¹⁹⁵ Vice-presidente da Fisesp na época.

Guiados pelo rabino David Weitman rezaram o *Kadish*¹⁹⁶ nas cinzas de Majdanek, ouviram o *shofar*¹⁹⁷ na beira dos fornos crematórios e cantaram o *Hatikvá*¹⁹⁸ dentro de um campo cinzento e terrível num dia frio, chuvoso e capaz de trazer imagens tenebrosas.

Entoar o hino de Israel em um antigo campo de concentração nazista simboliza a redenção do povo judeu por meio da fundação do país.

Além destas missões, há uma série de outras viagens de capacitação profissional em Israel. No final de 2010, por exemplo, professores do Colégio Renascença foram ao país para a realização de cursos de aprimoramento no Instituto Weizmann de Ciências¹⁹⁹. Muitos professores de colégios judaicos participam também de programas em Israel com duração de alguns meses voltados especialmente a educadores, como o Merchavim, ligado à Agência Judaica e ao Programa Masa, que será apresentado adiante²⁰⁰.

Encontros periódicos, congressos e seminários em Israel reunindo líderes de diversos países de organizações judaicas mundiais são frequentes²⁰¹. Sem dúvida, estas reuniões aproximam as diásporas, reforçam a centralidade do Estado de Israel e dão fôlego ao trabalho das organizações em seus núcleos nacionais. De acordo com a Tribuna Judaica, Cérez Maltz Bin, presidente da Na'amat Pioneiras Brasil, atribuiu ao Seminário de Liderança em Israel “grande parte do sucesso” das ações da instituição em 2010²⁰².

¹⁹⁶ Hino judaico em louvor a Deus, tradicionalmente recitado pelo enlutados.

¹⁹⁷ Instrumento de sopro utilizado em rituais religiosos judaicos.

¹⁹⁸ Hino oficial do Estado de Israel.

¹⁹⁹ COLÉGIO RENASCENÇA. Colégio Renascença reforça parcerias com Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 9, 20 set. a 5 out. 2010. COLÉGIO RENASCENÇA. Curso de aprimoramento provoca reflexão sobre Israel aos professores. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 9, 20 set. a 5 out. 2010.

²⁰⁰ FEDER, C. Programa Merchavim. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 13, 1 a 15 fev. 2007.

²⁰¹ NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Seminário de Liderança 2010 em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 254, p. 6, 15 fev. a 1 mar. 2010. NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Voluntárias participam de seminário de liderança em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 253, p. 10, 31 jan. a 14 fev. 2010. WIZO. Seminário Lapid. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 252, p. 8, 16 a 30 jan. 2010. WIZO. Jovens participam de Seminário em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 249, p. 6, 25 nov. a 9 dez. 2009. WIZO. Jovens em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 248, p. 6, 10 a 24 nov. 2009. WIZO. Não perca. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 9, 11 a 25 out. 2009. WIZO. Jovens em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 9, 11 a 25 out. 2009. WIZO. Anote na agenda. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 245, p. 7, 26 set. a 10 out. 2009. WIZO. Programe-se. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 9, 4 a 18 set. 2009. NA'AMAT PIONEIRAS. Compartilhando experiências. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 227, p. 9, 23 dez. 2008 a 6 jan. 2009. WIZO. 24º Congresso da Wizo Mundial. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 207, p. 10, 20 fev. a 5 mar. 2008. NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Na'amat Pioneiras Brasil participa de congressos no Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 195, p. 14, 15 a 29 ago. 2007.

²⁰² NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Executivo Nacional de Na'amat Pioneiras completa um ano. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 10, 1 a 15 maio. 2010.

Finalmente, são também recorrentes intercâmbios de natureza empresarial promovidos especialmente pela Câmara Brasil-Israel de Indústria e Comércio (CAMBICI), que leva a Israel empresários judeus e não judeus interessados em incrementar os negócios com o país²⁰³.

Além das viagens de caráter profissional (ainda que de forma voluntária), há que se mencionar a existência de uma série de viagens de natureza diversa. Promovidas por colégios, clubes, sinagogas de diversas linhas religiosas e instituições seculares como B'nai B'rith, Na'amat Pioneiras e Wizo, várias excursões turísticas levam periodicamente adolescentes, adultos e/ou idosos ao Estado de Israel. De acordo com Abraham Goldstein, presidente da B'nai B'rith Brasil, “todo o judeu deve ter a preocupação de visitar o Estado de Israel com o objetivo de conhecê-lo”²⁰⁴.

Em grande parte, o intuito destas viagens é fortalecer a identidade judaica secular dos judeus da diáspora por meio do vínculo com o Estado de Israel. Um editorial publicado pela Tribuna Judaica no final de 2007 afirmava:

A idéia de promover viagens a Israel demonstra uma preocupação em reforçar a identidade judaica na comunidade que vive na Diáspora, distante de uma realidade que confronta questões como história e atualidade, guerras e esperança de um futuro de paz. (...) Todos os envolvidos têm nosso total apoio neste empreendimento, que revela um verdadeiro compromisso em manter as tradições do Judaísmo²⁰⁵.

Nesse sentido, é importante ressaltar que jovens judeus de todo o mundo são alvo de inúmeras campanhas para participarem de viagens de curta duração a Israel ou programas de intercâmbio mais longos. Trata-se de uma resposta à preocupação entre os líderes comunitários em relação à percepção de enfraquecimento da identidade judaica secular na diáspora. Entre as atuais viagens de curta duração, deve-se destacar, no Brasil, a Marcha da Vida Internacional e o Taglit Birthright.

A Marcha da Vida, uma viagem que reúne, anualmente, milhares de jovens estudantes do mundo inteiro, é dividida em dois momentos: primeiro, os participantes vão à Polônia, onde conhecem os resquícios de vida judaica

²⁰³ ZAIDLER, L. G. Missão da construção civil em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 256, p. 20, 17 a 31 mar. 2010. MISSÃO brasileira embarcou para a Agritech no primeiro voo direto da El Al. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 237, p. 8, 22 maio a 5 jun. 2009.

²⁰⁴ Entrevista realizada pelo autor.

²⁰⁵ WIZO organiza excursões a Israel, dando exemplo de valorização da cultura judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 2, 28 nov. a 12 dez. 2007. Editorial.

antes da Segunda Guerra Mundial e os campos de concentração e de extermínio. É ali que refazem o percurso da caminhada conhecida como “marcha da morte”, isto é, a peregrinação dos prisioneiros do campo de Auschwitz ao de Birkenau durante o Holocausto. Em seguida, o grupo se dirige a Israel, onde visita pontos turísticos do país e celebra o *Iom HaAtzmaut* (Dia da Independência). No Brasil, diversas instituições apoiam a participação de jovens na Marcha da Vida, e o Fundo Comunitário é responsável por viabilizá-la. Para a entidade, o intuito do programa é despertar “um profundo compromisso com nossa história, nossas raízes e nossa identidade sionista”²⁰⁶. Em 2009, o então presidente do Fundo Comunitário, Nilton Serson, afirmou: “o principal objetivo do projeto é fortalecer os vínculos dos jovens da diáspora com Israel, incentivando a formação de novos líderes comunitários como garantia de continuidade do judaísmo”²⁰⁷. Ainda segundo Nilton Serson, trata-se de um programa de conscientização:

Vamos pegar o jovem para ele não achar que é cidadão do mundo. Minha geração viu os sobreviventes do Holocausto, conviveu, eu convivi. Essa geração nova já não sabe o que é isso. Quer dizer, eles sabem, mas não conviveram. Então, existem várias políticas de conscientização: “olha onde você acabou no abismo e para onde você foi”. Por isso a gente faz a Marcha da Vida²⁰⁸.

Como se pode ver pelo próprio trajeto, na Marcha da Vida há, novamente, a reconstrução da narrativa sionista hegemônica, isto é, aquela que relaciona a vida na diáspora sem um Estado judeu a uma história de horror, sofrimento e destruição e o Estado de Israel ao renascimento, fortalecimento e segurança do povo. Esse sentido fica ainda mais claro no discurso dos responsáveis pela viagem. Em 2007, uma carta desejando boa viagem aos participantes, assinada pelo então presidente do Fundo Comunitário, Moysés Bobrow, dizia:

Vocês, jovens, que são livres, têm a responsabilidade de manter acesa a chama desta história, pois vocês são os alicerces desta e das futuras gerações que hoje, Graças a D’us têm um Estado de Israel livre e forte, que é a garantia de que não se repetirão as atrocidades vividas por nosso povo²⁰⁹.

²⁰⁶ FUNDO COMUNITÁRIO. Universitários Marcha da Vida: formação de novas lideranças. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 224, p. 15, 8 a 22 nov. 2008.

²⁰⁷ FUNDO COMUNITÁRIO. Garantindo a formação de novos líderes. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 242, p. 11, 5 a 19 ago. 2009.

²⁰⁸ Entrevista realizada pelo autor.

²⁰⁹ **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 186, p. 12, 2 a 16 abr. 2007. Informe publicitário.

A viagem envolve um curso preparatório e há a expectativa entre os organizadores de que, ao retornarem, os participantes, que muitas vezes nunca frequentaram ou estão em idade em que começam a se afastar de instituições judaicas, se engajem em trabalhos comunitários. De acordo com Nilton Serson,

É impossível passar por essa experiência e não mudar. A nossa trajetória singular merece ser vivida, lembrada, contada e respeitada. É uma viagem com emoções completamente diferentes das demais, cujo retorno é uma resposta para a sociedade, em muitos casos gerando líderes comunitários²¹⁰.

Para Eduardo Wurzman, diretor do Fundo Comunitário responsável pela Marcha da Vida em 2010,

O programa é de altíssimo impacto. Todo ano, devolvemos à comunidade entre 120 e 140 jovens engajados, mais conscientes, conhecedores de sua história e mais responsáveis de seu papel na manutenção dos valores judaico-sionistas do futuro²¹¹.

Já tendo direcionado o programa a alunos do Ensino Médio (Chinuch Marcha da Vida) e universitários (Marcha da Vida dos Universitários), em 2011 o Fundo Comunitário estava organizando a Marcha da Vida Adultos, prevista para ocorrer em 2012.

Já o Taglit Birthright parte do pressuposto de que jovens judeus têm o direito de conhecer Israel, e oferece uma viagem de dez dias ao país a todo judeu entre 18 e 26 anos que nunca tenha participado de uma viagem do tipo. A palavra *taglit*, em hebraico, significa “descoberta”. O programa ocorre duas vezes por ano e é financiado por organizações da comunidade judaica, filantropos de diversos países e pelo Estado de Israel.

Segundo os organizadores, a viagem tem o propósito de “fortalecer a identidade judaica dos participantes, construir um entendimento, amizade e um vínculo duradouro com a terra e com o povo de Israel, e reforçar a solidariedade do povo judeu em todo o mundo”²¹². De acordo com Gidi Mark, diretor-geral do Taglit Birthright,

²¹⁰ FUNDO COMUNITÁRIO. Presidente do FC Nilton Serson fala sobre o Projeto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 239, p. 7, 21 jun. a 5 jul. 2009.

²¹¹ FEDER, C. Os degraus para alcançar educação de qualidade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 4, out. 2010. Caderno Especial de Educação.

²¹² Disponível em: <http://www.birthrightisrael.com/site/PageServer?pagename=about_main>. Acesso em: 12 jun. 2012.

O objetivo é garantir a continuidade da existência do povo judeu. Estamos muito preocupados com o que acontece à comunidade judaica no mundo. Temos medo de que, no futuro, não existam mais jovens judeus orgulhosos de sua identidade²¹³.

Ainda segundo ele, “o Taglit é um investimento direto no futuro de nosso povo que vive na Diáspora, ele reforça o significado de ser judeu”. De acordo com Shimshon Shoshani, diretor do Ministério da Educação de Israel e, até 2008, diretor executivo do Birthright Israel International, “tudo isso é muito importante, pois serve como estímulo para os jovens retomarem ou reforçarem sua identidade judaica”²¹⁴. Para Denise Kassow, executiva do projeto no Brasil, o Taglit “é uma ferramenta viável para o fortalecimento da comunidade judaica”²¹⁵. Finalmente, nas palavras de Ada Spitzer, vice-presidente do Taglit Mundial, “nós enviamos jovens para Israel, eles voltam diferentes, identificados e fazem a diferença dentro dessas comunidades”²¹⁶.

Nos últimos anos, milhares de jovens judeus brasileiros embarcaram a Israel pelo Taglit. A viagem é essencialmente turística e passa ao largo de questões políticas.

Há também intercâmbios de longa duração. Criado em 2003, o Projeto Masa, do Estado de Israel e da Agência Judaica, reúne dezenas de programas de estudos, estágios e trabalhos voluntários disponíveis em diversas áreas e promovidos pelas mais variadas instituições israelenses. Com duração de cinco a doze meses, é voltado a judeus de todo o mundo com idades entre 18 a 30 anos. Os programas são subsidiados, oferecem bolsas de estudo e dividem-se em “shnat hachshará”²¹⁷, “acadêmicos”, “vivenciais”, “de especialização e sob encomenda” e “de estudos judaicos”. De acordo com Allan Berkienstztat, coordenador do projeto no Brasil,

O grande objetivo do Projeto Masa é dar a possibilidade aos jovens de crescer profissionalmente, aprender línguas, conhecer novas culturas, entender Israel como cidadão israelense e não como turista, além de reforçar a identidade judaica. (...) Todo

²¹³ FEDER, C. Taglit fortalece a identidade judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 238, p. 7, 6 a 20 jun. 2009.

²¹⁴ BOGUCHWAL, M. Momento decisivo do Projeto Taglit. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 13, 28 nov. a 12 dez. 2007.

²¹⁵ FEDER, C. Jovens de todo o Brasil encantados com Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 207, p. 14, 20 fev. a 5 mar. 2008.

²¹⁶ RECHTMAN, J. Comunidade Judaica Brasileira: capital Manaus – 41ª edição da Convenção da Conib. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 8-9, 10 a 26 dez. 2010.

²¹⁷ Programas de capacitação em liderança.

jovem que não participou de nenhum programa de longa duração em Israel precisa ter essa incrível experiência²¹⁸.

Assinado em 2005, o acordo entre o governo do Estado de Israel e a Agência Judaica que oficializou o Projeto Masa afirmava, entre outras coisas:

Nós, em Israel, nos comprometemos a receber de braços abertos os nossos jovens irmãos da diáspora, a abrir nossos lares a eles, a influenciá-los com as qualidades da sociedade israelense, a transmitir conhecimentos e a aprender com sua experiência judaica. (...)

Apelamos a todos os jovens judeus na diáspora para vir para um ano de formação, em Israel, durante o qual irão se familiarizar com a terra e com as paisagens, com o povo e com a cultura israelense, e serão abençoados com suas realizações e se encarregarão de seus desafios²¹⁹.

Há ainda programas de intercâmbio voltados a estudantes secundaristas que possibilitam cursar de um a três anos do Ensino Médio em Israel. São eles Naale Zohar, lemin Orde e, até 2010, Ayanot.

Criado no início dos anos de 1980²²⁰ pela Agência Judaica com intuito de “aproximar jovens judeus brasileiros de Israel”²²¹, o programa das Classes Brasileiras em Ayanot funcionou até 2010. Com aulas em português, o curso seguia o calendário e currículo escolar brasileiros, além de contar com aulas de hebraico, judaísmo e história judaica. O ensino era reconhecido tanto no Brasil, pelo MEC, como em Israel, de modo que os alunos tinham a possibilidade de seguir os estudos em qualquer um dos países. Além das atividades curriculares, os jovens eram convidados a exercer trabalhos agrícolas e outras atividades complementares como dança, esportes, artes, música e informática. De acordo com Ana Naamat, coordenadora pedagógica do programa,

Nosso objetivo, nesses quase trinta anos, tem sido que os alunos conheçam Israel e se liguem emocionalmente a tudo aquilo que o povo judeu construiu e viveu aqui nesses

²¹⁸ FEDER, C. Projeto MASA: estudo em Israel ao alcance. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 265, p. 13, 30 jul. a 14 ago. 2010.

²¹⁹ No original: “We, in Israel, commit ourselves to receive with open arms our young brethren from the Diaspora, to open our homes to them, to influence them with the good of Israeli society, to impart knowledge to them, and to learn from their Jewish experience. (...) We call on every young Jewish person in the Diaspora to come for a formative year in Israel, during which they will become familiar with the land and the scenery, the people, and the Israeli culture, and be blessed with its accomplishments and undertake its challenges”. Disponível em <<http://www.masaisrael.org>>.

²²⁰ O site <www.ayanot.org.il> indica o ano de 1980. Porém, diversos informes da Na’amat Pioneiras, instituição responsável pelo projeto no Brasil durante muitos tempo apontam o ano de 1981.

²²¹ Disponível em: <www.ayanot.org.il/Portugues/tabid/66/Default.aspx>. Acesso em: 13 jun. 2012.

61 anos, reforçando assim seus laços com o judaísmo e com a comunidade judaica, quando de seu retorno ao Brasil²²².

Ana Naamat afirma ainda que cerca de 30% dos alunos decidiam morar definitivamente em Israel, enquanto os outros se tornavam mais ativos na comunidade judaica em seu retorno. Em carta endereçada a Tália Livni, presidente da Na'amat Pioneiras em Israel, Myriam Mau Roth, presidente da Na'amat Pioneiras no Brasil, instituição responsável pelo programa durante vários anos, afirmava:

Com o regresso dos jovens que passaram o último ano em Ayanot e a proximidade da ida da turma de 2006, nós, chaverot²²³ de Na'amat Brasil, chegamos ao consenso da importância e necessidade do "Projeto Ayanot", tendo como objetivo a continuidade e a preservação do judaísmo e do sionismo em nossas comunidades. Visamos sobretudo os jovens que, após a vivência de um ou dois anos em Israel, voltam imbuídos de "Ahavat Sion"²²⁴ e completamente identificados com o Judaísmo. Acreditamos plenamente que alguns dentre eles poderão constituir a futura liderança judaica no Brasil. Em seus depoimentos, ao regressarem, alguns manifestam desejos de aliá ou prosseguimento dos estudos em Israel.

Não podemos descuidar da responsabilidade de preservação das tradições judaicas e da continuidade do judaísmo local. Vivemos na Diáspora e depositamos nos jovens a esperança de reforçar e eternizar os nossos vínculos. Os jovens voltam a seus lares com uma carga de amor a Israel, identidade judaica assumida e conscientizados da vital importância do Estado de Israel. Vale ressaltar que, no ano de 2006, 32 alunos participarão do curso em Ayanot²²⁵.

O programa chegou ao fim em 2010. Segundo a coordenadora Rosa Helena Roizen²²⁶, atualmente, os judeus brasileiros interessados em cursar o Ensino Médio em Israel são encaminhados à Classe Brasileira de Iemin Orde.

Com programa semelhante, mas voltado a um público mais religioso, a Classe Brasileira de Iemin Orde também conta com aulas em português ministradas por professores brasileiros, seguindo as diretrizes do MEC. Cursos intensivos de Hebraico, História e Geografia de Israel e Estudos Judaicos fazem parte do currículo e a escola oferece atividades extracurriculares esportivas e culturais:

²²² NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Parte agrícola no programa das classes brasileiras em Ayanot. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 10, 4 a 18 set. 2009.

²²³ Do hebraico, literalmente, "amigas". Utilizado para descrever as mulheres que fazem parte da instituição.

²²⁴ Do hebraico, literalmente, "amor a Sião". Refere-se a Israel.

²²⁵ NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Carta para Na'amat Israel: "Passado um ano em Ayanot...". **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 158, p. 10, 6 a 20 fev. 2006.

²²⁶ Em conversa por telefone com o autor.

O programa é dirigido a adolescentes que procuram um significado na vida, oferecendo uma oportunidade para o jovem judeu ampliar seus horizontes, estimulando-o a procurar sua identidade, e assumir responsabilidades, com orgulho e maior compreensão de suas raízes²²⁷.

Finalmente, dentre esse tipo de programa, pode-se destacar o Naale Zohar. Direcionado não só, mas principalmente a imigrantes, o programa é fruto de uma parceria entre Agência Judaica e Ministério de Educação de Israel, oferecendo a judeus brasileiros a possibilidade de cursar o Ensino Médio israelense²²⁸. O estudante pode escolher um colégio secular (Mamlachti), religioso (Mamlachti Dati) ou ultra-religioso (Haredi). Para Lázaro (Lalo) Slepoy, diretor da América Latina do programa,

Não há dúvida de que um aluno que completar três anos do Ensino Médio de Israel torna-se uma virtual “Tzabar”²²⁹ e, como tal, ele se torna um membro profundamente leal de seu país e povo. O programa escolar é de um alto nível acadêmico e combina conhecimento com um amor à terra e à cultura judaica. É seguro supor que um aluno que retorna ao seu país de origem vai se tornar um membro leal de sua comunidade, com excelente potencial para o futuro de liderança comunitária²³⁰.

Realizada no final de 2010 em São Paulo, a Expo Israel, promovida pela Agência Judaica, apresentou aos interessados programas de absorção no país e deu dicas àqueles que pretendiam se estabelecer ou fazer turismo no Estado judeu. No contexto da feira, o mestre de cerimônias e representante do Projeto Masa no Brasil, Allan Berkienstzatt, afirmou: “o grande objetivo é fazer com que todo judeu possa encontrar seu lugar em Israel”. Em seguida, a representante da Agência Judaica no Brasil, Gaby Glazman, completou: “todo judeu tem lugar em Israel, e nós estamos aqui para ajudar cada um encontrar o seu lugar”²³¹.

Alan Hoffman, nomeado diretor geral da Agência Judaica no início de 2010, afirmou em 2009, quando era diretor do departamento de educação da instituição²³²:

²²⁷ Disponível em: <<http://www.yeminorde.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

²²⁸ Mais informações disponíveis em: <<http://agenciajudaica.com.br/naale.html>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

²²⁹ Termo utilizado para descrever os judeus que nasceram em Israel.

²³⁰ FEDER, C. Ensino Médio subsidiando em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 10, out. 2010. Caderno Especial de Educação.

²³¹ WAISMANN, D. Facilidades para conhecer o Estado judeu. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 270, p. 13, 16 a 30 nov. 2010.

²³² WAISMANN, D. Proximidade dos jovens com Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 6, 4 a 18 set. 2009.

A Agência Judaica tem como um de seus principais objetivos, junto com a *aliá*, promover a educação judaica e sionista ao redor do mundo. Porque sabemos que um dos principais problemas hoje é o fato dos judeus estarem desaparecendo, evaporando. Isso acontece nos EUA, na Europa e no Brasil também. E a conexão com Israel é uma âncora para manter jovens conectados com a comunidade judaica e sua identidade. Nosso trabalho ao redor do mundo é ressaltar sobre como a conexão com Israel ajuda jovens judeus em São Paulo, ou na Cidade do Cabo, ou na Califórnia, em todo lugar, a continuar com o Judaísmo.

Hoffman atribui o enfraquecimento da identidade judaica à integração dos judeus da diáspora nos países em que vivem:

Quando seus avós vieram para o Brasil ou quando os meus foram para a África do Sul, eles estavam procurando liberdade, acesso à educação e oportunidades econômicas. E nos últimos cem anos, os judeus vivem com liberdade, estabilidade econômica e podem estudar onde querem. Era o que nossos avós queriam. Mas tem sido um desafio manter a identidade judaica nesses países. Hoje um jovem judeu pode facilmente decidir sair de sua comunidade. Temos que encontrar o caminho pra que um jovem queira continuar a ser judeu.

Nesse sentido, viagens de curto ou longo prazo ou mesmo a imigração a Israel são vistas como uma solução para contornar o problema. Ainda seguindo as palavras de Hoffman,

Todo jovem que vá a Israel por uma semana, um mês, seis meses ou um ano, muda suas atitudes em relação ao seu Judaísmo. Se dependesse de mim, gostaria de ver todo jovem judeu no Brasil indo para Israel na época do Ensino Médio, para uma visita, e voltando para um tempo maior entre o Ensino Médio e a universidade; existe hoje uma grande variedade de programas para todos os tipos de interesses, desde estudos acadêmicos até estágios profissionais, todos enfatizando o conhecimento da sociedade israelense. Alguns decidiram fazer *aliá*, que também é uma boa maneira de permanecer judeu.

A *aliá*, isto é, a emigração de judeus a Israel também deve ser analisada, ainda que brevemente. Como vimos, um dos fundamentos básicos do movimento sionista, já no final do século XIX, era a emigração dos judeus da diáspora à Terra de Israel (Palestina). Tal deslocamento era percebido não como uma emigração, mas como um ato político nacional de retorno à pátria – conotação ideológica ainda presente nos dias de hoje. Não por acaso, a lei israelense que confere cidadania a qualquer judeu do mundo²³³ que decide morar em Israel é chamada de Lei do Retorno.

É interessante observar também que o termo em hebraico *aliá*, utilizado pela terminologia sionista – e, atualmente, israelense –, para nomear esse

²³³ Há algumas exceções, como, por exemplo, aqueles que cometeram determinados tipos de crimes em seus países de origem.

percurso, nada tem a ver com a palavra hebraica para “imigração”. Literalmente, *aliá* significa “subida”, “ascensão”. Considera-se, portanto, que todo judeu que emigra a Israel está “ascendendo”²³⁴. Nesse sentido, vale lembrar o lema seguido pelos imigrantes judeus que chegavam à Terra de Israel (Palestina) no final do século XIX e início do XX: “*anu banu artza livnot uleibanot ba*”, ou seja, “nós viemos para a Terra de Israel para nela construir, mas também para sermos nela reconstruídos”. Por outro lado, a denominação do movimento migratório inverso, isto é, a emigração de Israel para outros países, também não tem a ver com a palavra hebraica para “emigração”. O processo é chamado de *ieridá*, ou seja, “descida”, “descenso”. Aqueles que emigram são conhecidos como *iordim*, “aqueles que descem”²³⁵.

De acordo com a Agência Judaica, nos últimos anos, cerca de 250 a 300 judeus brasileiros emigraram anualmente a Israel (informação informal)²³⁶. Em sua maioria, jovens universitários ou recém-formados. Pouco mais da metade, do estado de São Paulo. Tal migração é estimulada por instituições como Agência Judaica e Fundo Comunitário e facilitada pelo Estado de Israel, que oferece diversos benefícios ao imigrante judeu, como passagem aérea, seguro médico, curso de língua hebraica, cultura, história e geografia israelenses (*ulpan*) e ajuda financeira.

Há que se considerar que, com o enfraquecimento das ideologias de maneira geral (e do sionismo em particular) e o sucesso de Israel como país desenvolvido, o perfil da emigração a Israel mudou. De acordo com Carole Solomon, presidente do Board of Governors da Agência Judaica para Israel, “mudanças fundamentais estão sendo feitas em uma das coisas mais importantes que fazemos, que é a aliá. Não vemos mais a aliá como uma forma de resgate, mas sim como escolha. Isso é bem diferente”²³⁷. Segundo Moshé Reskin, representante da Agência Judaica no Brasil, “a aliá passa a ser

²³⁴ Assim como diversos elementos da ideologia sionista, o termo *aliá* tinha, originalmente, um conteúdo religioso, tendo sido transformado em um termo com conotação política e nacional secular. *Aliá* era a palavra utilizada para nomear a peregrinação religiosa de judeus a Jerusalém há dois mil anos e, ainda hoje, descreve o ato dos fiéis que são chamados para fazer a leitura da Torá (Pentateuco) na sinagoga.

²³⁵ Interessante observar que, atualmente, o governo de Israel e a Agência Judaica têm estimulado o retorno de cidadãos israelenses que deixaram o país por meio de uma série de incentivos, como isenção de impostos.

²³⁶ Informação fornecida pela coordenadora de imigração da Agência Judaica, Vivian Ninio, em conversa por telefone com o autor.

²³⁷ YOHANNA, A. Carole Solomon em visita ao Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, p. 4, 7 a 21 maio. 2006.

encarada como uma oportunidade de vida”²³⁸. Assim, muitas vezes, o que explica esse movimento são as aspirações – nem sempre concretizadas – profissionais, acadêmicas e por uma maior qualidade de vida. Não raro, crises econômicas, como no caso da Argentina no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000 e, mais recentemente, nos EUA, aumentam o número de imigrantes em Israel. Muitas vezes, tais imigrantes retornam ao seu país de origem quando a situação econômica em seus países de origem está normalizada. Nesse sentido, é interessante observar que a emigração de judeus a Israel adquire também contornos de emigrações comuns a outros grupos e países, com as mesmas consequências. Segundo Bernardo Sorj (2004, p. 78 e 79), “o caso de Israel ilumina uma nova categoria, a da condição multidiaspórica, em que o retorno ao lar nacional pode significar tanto uma ‘normalização’ como a criação de uma nova condição diaspórica”.

Uma das coisas que mais chama a atenção no que foi apresentado acima é a percepção de que o Estado de Israel – e o estabelecimento e cultivo de relações com este país – é condição *sine qua non* para a continuidade do povo judeu, isto é, para a perpetuação da identidade judaica na diáspora. De acordo com Bernardo Sorj (1997, p. 19),

A modernidade para o povo judeu implicou numa barganha na qual recebia igualdade de direitos e abria mão de suas instituições jurídicas e de vida comunitária diferenciada. O direito à cidadania significou para os judeus a aquisição de uma identidade que os fazia parte de uma nova totalidade: a sociedade nacional. A modernidade implicou a separação existencial e política entre o indivíduo judeu e sua comunidade, quebrando os mecanismos de reprodução e socialização “natural” e colocando assim como uma questão permanentemente em aberto a continuidade da vida judaica.

Já nas palavras de William Safran (2005, p. 39),

Por um lado, um regime democrático e culturalmente pluralista facilitou a continuação das diásporas, ao permitir a existência de comunidades étnica e religiosamente particularistas; por outro lado, esse regime também tornou mais fácil para os indivíduos

²³⁸ PERLOV, S. Agência Judaica: trazendo Israel mais perto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 196, contracapa, 30 ago. a 13 set. 2007.

optarem por sair de suas comunidades, e tem sido atraente o suficiente para que eles abandonem sua separação diásporica²³⁹.

O desinteresse da maior parte dos judeus em adotar uma postura religiosa para manter sua identidade judaica, fez com que novos caminhos tivessem que ser buscados. O elemento nacional da identidade judaica talvez tenha sido, até o presente momento, o substituto que obteve maior sucesso. Podemos sugerir que a ligação com o Estado de Israel é percebida como a melhor saída para a perpetuação da identidade judaica pois o país combate as duas principais ameaças contra o povo judeu na contemporaneidade, segundo a percepção da própria comunidade judaica: risco de extermínio e assimilação. Por um lado, possuindo um exército forte, Israel conferiria segurança aos judeus em qualquer lugar do mundo; por outro, ao reunir a maior parcela de judeus em relação à totalidade da população, o país evitaria a assimilação. Contribui para isso o fato de inexistir, em Israel, casamento civil, o que impede a contração de matrimônio entre pessoas de religiões diferentes.

Sem dúvida, viagens de curto e longo prazo a Israel contribuem no fortalecimento do vínculo entre a diáspora e o Estado judeu. Após a Hasseifá BaHaretz de 2010, Mario Fleck, na época vice-presidente Fisesp e presidente dos Amigos do Instituto Weizmann, e, atualmente, presidente da Fisesp, deu um depoimento sintomático que reúne uma série de elementos que temos observado em diversas falas distribuídas ao longo do trabalho. Encerramos esse item com este depoimento para, em seguida, analisarmos mais detidamente as percepções que a comunidade judaica paulista tem do Estado de Israel:

Israel para mim representa meu principal canal de comunicação com minha história judaica. Nesta terra juntam-se minhas emoções com o passado do povo judeu, os conflitos e paradoxos de seu presente e as visões sobre seu futuro.

Em Israel consigo encontrar um caminho para reforçar minha admiração pela tenacidade deste povo, que foi incrivelmente capaz de sobreviver a todas as tentativas de submissão, jugo e extermínio e ainda assim permanecer firme nas suas convicções, na manutenção de seus princípios, valores e regras de comportamento. Nem todas as indagações aqui encontram respostas, mas para mim é suficiente a sensação de confluência de passado e futuro neste grande centro nacional.

Os conflitos e paradoxos do presente oferecem um farto material para reflexão. Que diferença incrível faz a existência de um Estado que podemos declarar como nosso,

²³⁹ No original: “On one hand, a democratic and culturally pluralistic polity has facilitated the continuation of diasporas by permitting the existence of ethnically and religiously particularistic communities; on the other hand, such a polity has also made it easier for individuals to opt out of their communities, and has been enticing enough for them to give up their diasporic separateness”.

cujos princípios e valores refletem o melhor que é possível alcançar em relação a direitos e liberdades naturais do ser humano. E que apesar de gigantescos desafios consegue equilibrar um incrível espectro de diversidades igualmente fortes e apaixonadas por suas respectivas convicções.

Aprecio e valorizo demais esta realidade de centro do Judaísmo mundial em todos os seus ângulos e faces. Esta capacidade de oferecer a sensação de estar em casa, com familiares e amigos, mesmo que desconhecidos; esta sensação de admiração pela coragem e perseverança de irmãos que enfrentam aqui desafios difíceis de por nós serem adotados; esta vontade de ser solidário e poder dançar abraçado entre soldados e religiosos, de todas as mais diversas colorações, e fortalecer a convicção de que o que nos une é muito maior do que o que nos separa.

Aqui em Israel e somente aqui, podemos unir nossas revoltas e admirações do passado de nosso povo com as indagações sobre seu futuro. Aqui percebemos com mais clareza que sim temos uma missão, que sim recebemos uma herança que muito nos orgulha e que sim queremos mostrá-la a nossas próximas gerações. Religião, raça, povo, nação, ciências, tecnologia, guerra e paz, filosofia, artes, história – ah, que pena que a vida não é mais longa²⁴⁰.

4. 3. O Estado de Israel como a “terra do leite e mel”

Marcos Wasserman, brasileiro que emigrou a Israel há décadas e, atualmente, colunista da Tribuna Judaica, certa vez comentou em um de seus textos:

Vou afirmar com todas as letras: a coisa mais acertada que fiz em minha vida foi fazer aliá com a minha família há mais de quarenta anos. Viver em Israel é a concretização de um sonho milenar do Povo Judeu. Pode soar pomposo, mas é o que sinto. Aqui sou um cidadão igual a qualquer outro em qualquer lugar do mundo. Acredito – e muito – nesta Terra do Leite e Mel. Estamos aqui, todos, participando, ativamente, da mais incrível aventura jamais ocorrida em toda a História da Humanidade. É verdade que o leite às vezes coagula e o mel às vezes azeda, mas é o meu leite e o meu mel²⁴¹.

À moda de outras diásporas, é marcadamente romântica e idealizada a visão que a comunidade judaica de São Paulo nutre em relação à sua Terra Natal – Israel. Na narrativa da diáspora paulista, o Estado de Israel adquire contornos da “terra que emana leite e mel”, a Terra de Israel (*Eretz Israel*) dos relatos bíblicos. Nesse sentido, é interessante partir de dois pequenos artigos veiculados pela Tribuna Judaica.

²⁴⁰ ROIZEN, J. Fisesp comemora o sucesso da Hasefá BaAretz. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 270, p. 8-9, 16 a 30 nov. 2010.

²⁴¹ WASSERMAN lançará livro no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 260, p. 2, 16 a 30 maio. 2010.

Intitulado “Israel, o pequeno gigante”, o primeiro deles é assinado por David Moran e foi publicado em 2008, ano da comemoração dos 60 anos do país:

Nos dias entre Rosh Hashaná e Iom Kipur fazemos balanço das nossas atividades. Aqui faço um balanço condensado do que Israel logrou nos seus 60 anos de Independência. Este pequeno país, do tamanho da metade da Ilha de Marajó, com 7,2 milhões de habitantes, conseguiu neste tempo algumas conquistas (não só militares). Desde a década de 1950, Israel ficou notório por sua agricultura, dominou até o deserto e suas técnicas de irrigação são mundialmente famosas (até mesmo no nordeste brasileiro). Laranjas Jaffo se tornou uma marca internacional e a produção de tâmaras têm crescido cada dia mais.

Israel é o maior lapidador de diamantes do mundo, apesar de não ter diamantes próprios. É o terceiro país com mais ações na Nasdaq, após EUA e Canadá. É também terceiro lugar do mundo em desenvolvimento de tecnologias, após EUA e Inglaterra e quarto lugar em desenvolvimento de aparelhos medicinais, após EUA, Alemanha e Inglaterra. Fica em segundo em registro de patentes na Europa e na publicação per capita de livros. É o primeiro em número de museus e tem o maior fabricante mundial de remédios genéricos, a Teva. O telefone celular foi desenvolvido nos laboratórios da Motorola em Israel. A Microsoft de Seattle tem laboratório em Haifa, único no mundo fora dos EUA, e lá foram desenvolvidos a maioria dos projetos do Windows NT e do Windows XP. Foi em Israel que a Intel desenvolveu e produziu o Pentium 4 e o Centrino, que estão em todo computador do mundo.

Um quarto da força trabalhadora de Israel possui título universitário. Só nos EUA e na Holanda a porcentagem é maior. Dos 1,3 bilhões de muçulmanos (20% da população mundial) só sete receberam Prêmio Nobel. Dos 14 milhões de israelitas (0,02%) da população mundial são inúmeros os ganhadores, entre os quais oito israelenses. Tel Aviv por anos é considerada a melhor cidade para jovens (24 horas sem parar). Ultimamente, o renomado Henri Alford, do “New York Times”, descreveu “a cidade espetacular que descobri no fim do mundo (...) os jovens são bonitos em níveis inimagináveis, inteligentes (...) excelente comida. Antes mesmo dos americanos terem celular, os bebês de Tel Aviv já os tinham”.

Mesmo após 60 anos de Independência de Israel, os demais países ainda não aceitaram Jerusalém como sua capital, apesar de ser milenar e mencionada na Bíblia 572 vezes (nenhuma vez no Corão). Mais do que isso, a comunidade internacional que inventar algo *sui generis*, que Jerusalém seja capital de Israel e da Palestina (isto 17 anos após a queda do muro de Berlim).

Não há lugar no mundo que tanto almeja a paz e a conclamamos em canções e no cumprimento do dia-a-dia com o famoso *Shalom*. Então rezaremos e almejaremos que o ano vindouro nos traga *Shalom* com saúde e prosperidade²⁴².

O segundo texto, intitulado “Um povo ancestral, uma determinação, uma jovem nação bem sucedida” é de Floriano Pesaro, eleito vereador da cidade de São Paulo em 2008 com amplo contingente de voto judaico, e foi publicado em 2010, por ocasião dos 62 anos do Estado de Israel:

Hoje, 62 anos depois, a paisagem desértica de outrora floresce de forma inimaginável. De nossos pioneiros que deixaram tudo e todos, fugindo da barbárie que se avizinhava para construir um sonho, vemos uma miríade de tradições, de culturas, de ondas migratórias mescladas em uma juventude aguerrida, independente e com sentido de pertinência.

²⁴² MORAN, D. Israel, o pequeno gigante. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 222, p. 13, 2 a 16 out. 2008.

Dos *kibutzim* vanguardistas, onde utopia e realidade conviveram por um bom tempo, herdamos hoje a força comunitária e as instituições mais democráticas da região.

Da longa luta para podermos exportar laranjas e *grapefruits*, hoje somos líderes em pesquisa e desenvolvimento, fornecedores de tecnologia de ponta, na indústria farmacêutica, de cosmético, de armamentos, de equipamentos médicos, irrigação e tantas outras áreas.

De nossa essência de povo do livro, temos hoje em Israel o maior índice mundial de diplomas universitários por população. De refugiados que fomos, hoje Israel recebe hostes de refugiados sudaneses e lhes dá educação e moradia.

Da escassez de terra e de recursos hídricos e com a sabedoria da tradição religiosa, Israel desenvolveu uma consciência ecológica ímpar no horizonte dos países modernos. No último século, os pioneiros de Israel adotaram então o *Tu Bishvat* como marco para o plantio de árvores, parte de um esforço maciço para a reconstrução e a renovação. As políticas ambientais estimulam pesquisas de ponta para que a nação possa aperfeiçoar seu conhecimento, compreensão da diversidade, distribuição e evolução dos elementos essenciais²⁴³.

Narrativas desse tipo aparecem dispersas em inúmeras falas e textos difundidos pela comunidade judaica de São Paulo. No campo político, a democracia israelense é sistematicamente celebrada. Atualmente, em um contexto como o do Oriente Médio, em que a maior parte dos países é governada por ditaduras há décadas, a democracia tornou-se um baluarte para a própria defesa do Estado de Israel. Um editorial da Tribuna Judaica publicado em 2009 na capa do jornal por ocasião da festa de Pessach²⁴⁴ se referia a Israel da seguinte forma: “as recentes eleições (...) mostraram claramente que todos têm seu espaço na democracia do país, que cada vez se consolida e se mostra um oásis político entre as ditaduras do Oriente Médio”²⁴⁵.

Da mesma forma, ao noticiar a viagem do presidente Lula a Israel, Joel Rechtman, diretor executivo do jornal, escreveu as seguintes linhas a respeito da ida da comitiva brasileira ao parlamento israelense:

Apesar das divergências entre as posições governamentais ficou um saldo extremamente positivo a este Parlamento, que é exemplo de democracia para o Oriente Médio, onde os visitantes podem defender suas posições democraticamente, e os anfitriões, inclusive a oposição, se manifestam de maneira livre, sem restrições²⁴⁶.

²⁴³ PESARO, F. Um povo ancestral, uma determinação, uma jovem nação bem sucedida. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 14, 1 a 15 maio. 2010. Um discurso na mesma linha proferido na Câmara Municipal de São Paulo pode ser lido em PESARO, F. O Estado de Israel na berlinda. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 264, p. 14, 15 a 29 jul. 2010.

²⁴⁴ Páscoa Judaica. Relembra a saída dos judeus do Egito, onde eram escravos do faraó.

²⁴⁵ PESSACH: será que somos mesmo um povo livre? **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 233, capa, 23 mar. a 6 abr. 2009. Editorial.

²⁴⁶ RECHTMAN, J. Registros de um momento histórico. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 8-9, 1 a 15 abr. 2010.

Já o jornalista e diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Jaime Spitzcovsky, em palestra na Wizo sobre perspectivas geopolíticas e os diversos cenários no Oriente Médio, em meados de 2009, afirmou: “a força de Israel está em sua democracia, e é isto que o diferencia dos seus vizinhos. No século 21, ser progressista é defender a liberdade e a circulação de ideias”²⁴⁷.

Interessante observar que casos de corrupção e outros problemas envolvendo lideranças do país são também abordados pelo jornal judaico. No entanto, nesses casos, a crítica que se faz é direcionada a indivíduos específicos. As instituições israelenses são sempre preservadas²⁴⁸. Nesse sentido, poderíamos afirmar que mesmo quando se critica governantes, no fundo, trata-se de um elogio à lisura e eficácia das instituições do país, responsáveis por resolver com justiça as infrações apuradas, mesmo quando se trata de violações cometidas por um membro do alto escalão do governo. É exatamente esta a abordagem de Marcos Wasserman, para quem “Israel é uma autêntica democracia, repousada em sólidas instituições estruturais e políticas”²⁴⁹, diante das acusações contra o ex-primeiro ministro israelense Ehud Olmert:

Durante o governo de Ariel Sharon, Ehud Olmert era ministro da Indústria. Naquela época, ele nomeou amigos e ativistas de seu partido para diversos cargos públicos. Em alguns países, tal nomeação, embora altamente criticável, seria considerada a coisa mais normal do mundo. Em Israel, não. É crime. (...)

A corrupção de alguns políticos é uma doença universal, e nenhum país do mundo contra ela está vacinado. Ela também existe em Israel. Com uma diferença: os policiais aqui são escrutinados e estão à mercê das críticas à opinião pública e das instituições. O resultado é o castigo, que decorre da abertura de inquérito policial e todas as suas consequências²⁵⁰.

Comentando outro caso de corrupção, a condenação por crime eleitoral de Omri Sharon, filho de Ariel Sharon, ex-primeiro ministro de Israel, Marcos Wasserman afirma:

Já ouço vozes cínicas e maliciosas – então em Israel também existe corrupção? Sim, existe. Como em qualquer outro país, aqui também ocorrem todos os tipos de

²⁴⁷ WIZO. Desafios de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 9, 4 a 18 set. 2009.

²⁴⁸ Uma exceção é o seguinte artigo de Caio Blinder: BLINDER, C. Israel sofre com sistema corrupto e disfuncional. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 220, p. 4, 2 a 16 set. 2008.

²⁴⁹ WASSERMAN, M. Nem milagres, nem profetas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 158, p. 2, 6 a 20 fev. 2006.

²⁵⁰ WASSERMAN, M. A queda de Olmert. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 222, p. 2, 2 a 16 out. 2008.

contravenções e todos os crimes previstos no Código Penal. Mas o que caracteriza Israel é que os infratores da lei, seja lá quem for, sabem que os atos por eles praticados, se ilegítimos forem, terão consequências muito sérias, e a lei se fará sentir contra eles com todo o seu rigor. (...)

Não deixa de ser triste e melancólico o episódio do deputado Omri Sharon. Ao mesmo tempo é digno de louvor o fato do judiciário de Israel ser um poder independente, que atua livre de quaisquer injunções políticas. É um indicativo da democracia israelense em sua plenitude²⁵¹.

Marcos Wasserman também enaltece a convivência social em Israel, cujo tecido social é composto por uma diversidade de grupos religiosos, étnicos e nacionais:

O padrão e a qualidade de vida de todas as comunidades são dos mais altos e de conformidade com a posição que Israel ocupa como país de Primeiro Mundo.

O “Saara” israelense, na realidade, é um verdadeiro oásis, o exemplo, o exemplo autêntico de que é possível uma coexistência harmônica nesta região ainda conflitante²⁵².

Na percepção da comunidade judaica paulista, está presente ainda a noção de que o controle do território da Terra de Israel (Palestina) pelo Estado de Israel é melhor para todos os povos, uma vez que garantiria a liberdade de circulação independentemente de religião, etnia ou nacionalidade, como pode ser verificado em trecho de artigo do diretor institucional da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), Alberto Milkewitz, sobre Jerusalém:

Desde que Israel recuperou Jerusalém, em 1967, ela é uma cidade muito bem cuidada. Todas as religiões circulam por lá em plena liberdade. Enquanto esteve sob ocupação jordaniana, ela era proibida a todos os judeus, sem importar nacionalidade. Estavam impedidos de visitar o Muro das Lamentações e as lápides dos cemitérios judaicos foram quebradas e utilizadas como latrinas e como pedras para a calçada²⁵³.

Israel é também percebido pela comunidade judaica paulista como estando sempre pronto para negociar a paz com os palestinos e os países árabes vizinhos. As guerras em que o país se envolve são sistematicamente atribuídas aos seus inimigos e Israel seria, conseqüentemente, empurrado a elas a contragosto. Em recado editorial veiculado em 2008, após as comemorações pelo 60º aniversário do Estado de Israel, a Tribuna Judaica destacou:

²⁵¹ WASSERMAN, M. Nove meses de cadeia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 160, p. 2, 8 a 22 mar. 2006.

²⁵² WASSERMAN, M. O Saara israelense. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 2, 11 a 25 out. 2009.

²⁵³ MILKEWITZ, A. O *status* de Jerusalém. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 4, 11 a 25 out. 2009.

Todas as comemorações do sexagenário tanto pelos israelenses como pelos outros povos e autoridades internacionais têm justamente evocado a paz, mas infelizmente, ainda há muitos protestos contra o país e ataques de grupos terroristas que insistem em manter a paz afastada da região²⁵⁴.

Marcos Wasserman adota um ponto de vista semelhante em diversos artigos publicados na Tribuna Judaica. No texto “Onde até as casas mudam de lugar”, veiculado no início de 2006, o autor afirma:

Israel também mudou em inúmeros aspectos. A palavra paz hoje é um denominador comum, causador do positivo terremoto político que ocorre no País. É melancólico constatar que os vizinhos palestinos não querem mudar. Há dias outro fanático se explodiu na cidade de Natânia, em um atentado terrorista que matou e feriu uma centena de inocentes civis. A desgraça é que os palestinos não tiveram um Ben Gurion. E, hoje, falta-lhes um Peres-Sharon²⁵⁵.

Em “Paz, amanhã?”, publicado em 2007, o mesmo autor afirma:

Ouso pensar que o fator fundamental e mais importante é a falta de vontade política por parte da maioria dos países árabes em terminar, de uma vez por todas, com o conflito israelo-palestino²⁵⁶.

Já em “29 de novembro de 1947”, a respeito da Partilha da Palestina, Marcos Wasserman questiona:

E os árabes, o que aconteceu com os árabes palestinos? Alguém parou por algum momento para pensar quão diferente teria sido o destino deles e desse interminável conflito israelo-palestino, que já custou um interminável número de vítimas, se tivessem os árabes palestinos aceitado a decisão da ONU e então criado o seu próprio Estado? Hoje estariam vivendo lado a lado dois Estados, um judeu e outro palestino, conforme assim foi pela ONU definido.

Desgraçadamente, não foi o que aconteceu. Os palestinos perderam a sua grande oportunidade histórica há 60 anos. E, à medida que passa o tempo, a ideia de que possa surgir um Estado Palestino parece cada vez mais um sonho distante e irrealista. Isto, apesar de que Israel está pronto a aceitar a existência de dois países que possam viver lado a lado. E os palestinos, nos dias de hoje, onde estão?

Neste mês de novembro está programado um encontro em Anápolis, nos Estados Unidos. Lá deverá se discutir, mais uma vez, a solução de dois países para dois povos. Vai depender muito da disposição dos países árabes de decidir, e de uma vez por todas, por um ponto final no conflito israelo-palestino²⁵⁷.

²⁵⁴ MILITARES brasileiros homenageiam o Estado de Israel em seu 60º aniversário. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 218, p. 3, 3 a 17 ago. 2008. Editorial.

²⁵⁵ WASSERMAN, M. Onde até as casas mudam de lugar. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 156, p. 2, 7 a 21 jan. 2006.

²⁵⁶ WASSERMAN, M. Paz, amanhã? **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 199, p. 2, 14 a 28 out. 2007.

²⁵⁷ WASSERMAN, M. 29 de novembro de 1947. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 201, p. 2, 13 a 27 nov. 2007.

Em “O suicídio como opção política”, Marcos Wasserman cita os ataques suicidas praticados por grupos palestinos:

A grande tragédia dos palestinos se origina em sua própria incapacidade de substituir a emoção pela racionalidade. Ante a perspectiva que se lhes era oferecida, em vez de dançarem nas ruas, como fizeram os judeus em 1948, prefeririam seguir na mesma monótona linha de negação a qualquer tentativa de paz, e começaram a atacar Israel com foguetes lançados da Faixa de Gaza. (...)

A nova liderança palestina responde aos acenos de paz de Israel enviando homens-bomba para matarem inocentes civis israelenses, como aconteceu há algumas semanas na cidade de Tel Aviv. (...)

Para desgraça de todos, ao que tudo indica, em vez de começar a construção de seu futuro país, os que detêm em suas mãos o destino dos palestinos optaram por continuar utilizando a arma dos homens-suicidas²⁵⁸.

Por fim, em “Não adianta, eles não querem”, o autor revela o que constitui, em sua visão, a causa do conflito:

A tragédia dos palestinos é o seu inconformismo em aceitar a realidade, que é a existência do Estado de Israel. É uma tragédia também para os israelenses, cansados de guerra e prontos a aceitar a coexistência com o Estado Palestino vizinho²⁵⁹.

Nas palavras de outro colunista da Tribuna Judaica, o jornalista Caio Blinder, “o fundamental na crise segue sendo a incapacidade árabe de aceitar a legitimidade do Estado de Israel”²⁶⁰. Tal percepção é compartilhada por diversos líderes da comunidade judaica paulista. Assim, segundo o presidente da B’nai B’rith Brasil, Abraham Goldstein, é importante que o Estado de Israel se mantenha forte:

Se o judeu que está hoje em Israel tomar a decisão “paz e amor” e se desarmar, ele vai ser dizimado, vai ser destruído. Existe suficiente capacidade no seu inimigo de dizimá-lo. Então, Israel não tem opção de se desarmar hoje, ele tem que se manter armado²⁶¹.

É o mesmo ponto de vista presente no discurso do cônsul geral de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman:

Israel existe porque tem um grande exercito, uma grande força de sacrifício de israelenses, que mantém essa capacidade pela grande criatividade que, na minha opinião, é judaica, não israelense. O dia em que nós perdermos essa vantagem

²⁵⁸ WASSERMAN, M. O suicídio como opção política. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 165, p. 2, 22 maio a 5 jun. 2006.

²⁵⁹ WASSERMAN, M. Não adianta, eles não querem. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 161, p. 2, 23 mar. a 6 abr. 2006.

²⁶⁰ BLINDER, C. Ser pessimista é ser realista no ano novo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 243, p. 11, 20 ago. a 3 set. 2009.

²⁶¹ Entrevista realizada pelo autor.

estratégica militar nós vamos deixar de existir, sem dúvida nenhuma. Nós vivemos em uma área cercados de gente que não aceita a existência do Estado de Israel, nem como Estado judeu, nem como Estado em geral. O fato de termos acordos de paz com alguns países árabes é porque esses países são pragmáticos e entenderam que eles não podem destruir o Estado de Israel, então disseram: “ok, não temos o que fazer, precisamos aceitar”. *We don't fit*. Israel é uma democracia, Israel é moderno. É até uma ameaça para eles. Imagina um país como a Arábia Saudita. As mulheres começam a olhar e falam: “pô, o que é isso? Você pode ser membro do parlamento? Você pode ser um primeiro-ministro? O que está acontecendo aqui? E eu que não posso nem guiar?”. Do ponto de vista deles, é uma coisa desestabilizante. (...) E se você pensa no preço, não é demagogia. (...) Eu sentei um dia com a minha mulher e comecei a fazer as contas. Dos 54 anos que eu tenho, 9 anos eu dei para o exército de Israel. Fiz quatro anos e meio de serviço regular e depois um ou dois meses por ano. Teve ano que eu fiz até três meses de reserva. Todo o israelense faz isso. (...) O preço econômico que nós pagamos... Não me lembro do número exato, mas vinte e poucos por cento do PIB são gasto militares, para manter toda essa força gigante. Não é por amor ao militar, é por necessidade. Sem isso, Israel não existiria²⁶².

Frequentemente, o discurso das lideranças da comunidade judaica de São Paulo ou das autoridades do Estado de Israel quando em passagem pelo Brasil contém referências a frases célebres da ex-primeira ministra Golda Meir, embora ditas, às vezes, de forma adaptada²⁶³. Em 2006, Luiz Largman, então presidente da Associação Cultural Religiosa Brasileira Israelita (Acrelbi), mantenedora do Colégio I. L. Peretz, afirmou: “acredito que o dia em que esses movimentos largarem as armas, haverá paz por parte de Israel. Atualmente, porém, se Israel abrisse mão das armas, seria destruída”²⁶⁴. Da mesma forma, quando o Ministro das Comunicações de Israel, Moshe Kahlon, esteve no Brasil em 2010, participando de evento no clube A Hebraica com líderes da comunidade judaica, comentou: “temos ameaças, nossos inimigos não descansam. Se eles abaixarem as armas haverá paz. Se o Estado de Israel abaixar as armas, não haverá Israel”²⁶⁵. Em manifestação de apoio a Israel ocorrida na Hebraica em meio à Guerra do Líbano de 2006, Jayme Blay, que na época ocupava o cargo de presidente da Fisesp, disse: “o dia em que as mães árabes gostarem dos seus filhos da mesma forma que nós gostamos,

²⁶² Entrevista realizada pelo autor.

²⁶³ As mais comuns são: “o dia que os árabes abandonarem suas armas haverá paz; o dia que Israel abandonar suas armas, não haverá Israel”; “eu sempre repeti que em nossas guerras contra os árabes tínhamos uma arma secreta: a falta de alternativa”; “nós podemos perdoá-los por matarem os nossos filhos, mas jamais os perdoremos por terem obrigado nossos filhos a matarem os seus”; “acredito que teremos paz com os nossos vizinhos, mas estou certa de que ninguém fará paz com um Israel fraco. Se Israel não for forte, não haverá paz”.

²⁶⁴ HERSZZON, A. Educação gera o desenvolvimento. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 171, p. 7, 20 ago. a 3 set. 2006. Caderno Especial de Rosh Hashaná.

²⁶⁵ TURTELTAUB, G. Ministro das Comunicações de Israel no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 15, 1 a 15 abr. 2010.

haverá paz”²⁶⁶. Por fim, David Moran, em artigo publicado na Tribuna Judaica afirmou, citando Golda Meir, que “nunca vai perdoar os árabes por nos obrigar a lutar e a matá-los”²⁶⁷.

O exército de Israel é também percebido, muitas vezes, como zeloso dos códigos de ética militar, ponto de vista reforçado por representantes do exército israelense em visitas ao Brasil. Quando esteve no país a convite do Fundo Comunitário para palestras a jovens de São Paulo e Rio de Janeiro, o soldado Roey Granitz afirmou: “o Tzahal é o exército mais ético do mundo”²⁶⁸.

No discurso de dirigentes das principais instituições da comunidade judaica paulista, é interessante verificar também o modo como conquistas israelenses na área de ciência e tecnologia são sempre exaltadas e motivo de orgulho. Em 2009, na época em que ocupava os cargos de presidente do Amigos do Instituto Weizmann e de vice-presidente da Fiesp, Mario Fleck afirmou durante evento comemorativo ao aniversário da independência de Israel: “é muito gratificante falar sobre Israel, porque as contribuições são fantásticas e infinitas”. Segundo ele, pesquisadores israelenses são “sempre movidos pela curiosidade, não pela demanda da indústria”²⁶⁹.

Nesse sentido, em 2008, Alberto Milkewitz afirmou em artigo:

Quando Theodor Herzl falou “Se o quiserem não será uma lenda” e afirmou que os judeus teriam um Estado próprio, como o resto dos povos do planeta, muitos, inclusive entre os próprios judeus, o acharam mais um judeu maluco. Hoje Israel, apesar de todas as guerras e a rejeição mundial, existe e é uma forte democracia, destaque mundial do ponto de vista científico e tecnológico²⁷⁰.

Segundo Abraham Goldstein,

O Estado de Israel, hoje, é uma sociedade moderna, extremamente competitiva, um país pujante, restrito territorialmente, num território difícil, mas que, com tecnologia, com competência, com esforço, com investimento, conseguiu encontrar caminhos que lhe permitissem um valor econômico impressionante²⁷¹.

²⁶⁶ WAISMANN, D. Apoio permanente ao Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 16, 4 a 18 set. 2006.

²⁶⁷ MORAN, D. Bombardeio incessante e impune. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 12, 19 jul. a 2 ago. 2008.

²⁶⁸ WAISMANN, D. “O Tzahal é o mais ético do mundo”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 234, p. 6, 7 a 21 abr. 2009.

²⁶⁹ FEDER, C. “Shalom al Israel”: União em Iom Haatzmaut. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 237, p. 6, 22 maio a 5 jun. 2009.

²⁷⁰ MILKEWITZ, A. Sonhar é preciso, também na comunidade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 6, 20 abr. a 4 maio. 2008.

²⁷¹ Entrevista realizada pelo autor.

Em um recado editorial publicado no início de 2010, a Tribuna Judaica destacava:

E quando se pensa em tecnologia de segurança, o primeiro país que vem à mente é Israel. Com todo o seu know-how na área, pode ajudar a resolver problemas brasileiros com tecnologia de ponta²⁷².

Da mesma forma, artigo de Alberto Milkewitz também enaltecia a capacidade e o preparo de Israel diante de adversidades externas:

O atentado de 11 de setembro foi um anúncio de novas exigências impostas a sociedades e comunidades organizadas neste século. Na prevenção desse lado humano, Israel é um exemplo. Os inimigos dos judeus são criativos e inventam sempre formas de agressão, mas Israel se prepara. Refúgios subterrâneos, máscaras de gás, muros, vigilância nas fronteiras, aeroportos e locais públicos, detectores de metais, câmaras, cães farejadores se somam a programas educativos, monitoramento de mísseis de longo alcance, bem como profissionais bem treinados, sistemas de alerta, proteção e normalização, planos de fuga e outros. Seja para casos de cataclismos ou terrorismo, Israel mostra como diminuir os riscos²⁷³.

Em relação ao nível cultural e intelectual da população israelense, o colunista da Tribuna Judaica Caio Blinder afirma: “Israel tem o maior número de PhDs per capita do mundo e alguns dos melhores centros de pesquisa, como o Technion”²⁷⁴. Em entrevista realizada pelo jornal em 2008, Claudia Costin, ex-secretária da Cultura do Estado de São Paulo e, desde janeiro de 2009, Secretária Municipal de Educação do Rio de Janeiro, lembrou: “para se ter uma idéia, em Israel se lê, em média 12 livros por ano enquanto, no Brasil, 1,8”²⁷⁵. Já em 2010, em outra entrevista, Victor Bonano, jovem que decidiu cursar o Ensino Médio em Israel, afirmou: “em Israel todos leem jornal, as pessoas são mais cultas”²⁷⁶.

²⁷² TECNOLOGIA israelense pode garantir segurança de eventos no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 253, p. 3, 31 jan. a 14 fev. 2010. Editorial.

²⁷³ MILKEWITZ, A. Se preparar para eventos de impacto extremo e severo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 253, p. 4, 31 jan. a 14 fev. Há outro artigo com o mesmo sentido: ISRAEL está preparado para se defender. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 167, p. 3, 21 de jun. a 5 jul. 2006.

²⁷⁴ BLINDER, C. O mau Madoff os bons empreendedores. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 234, p. 5, 7 a 21 abr. 2009.

²⁷⁵ WAISMANN, D. As diversas lições trazidas do Canadá. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 222, p. 14, 2 a 16 out. 2008. Dois anos antes, o curador do Prêmio Jabuti José Luiz Goldfarb afirmou: “em Israel, a média é de cerca de 17 livros por habitante por ano, enquanto no Brasil não chegamos a dois”. WAISMANN, D. Um novo incentivo para a leitura. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 192, p. 11, 1 a 15 jul. 2007.

²⁷⁶ WAISMANN, D. Cursar o Ensino Médio em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 13, 1 a 15 maio. 2010.

Israel é visto também como exemplo no que se refere a desenvolvimento agrícola e plantação de árvores. Em artigo publicado em meados de 2008 a respeito desse tema, Alberto Milkewitz dizia:

Os israelenses têm justo orgulho de seu país por ter sido o único no mundo onde, no século 20, a área de vegetação cresceu. Israel transformou desertos e pântanos em plantações frutíferas, colocando aquela nação na contramão da atual destruição das florestas e da natureza.

Em relação a isso, o trabalho do Keren Kayemet LeIsrael e o seu papel na memória coletiva da comunidade judaica é particularmente importante. Fundado em 1901, durante o V Congresso Sionista Mundial, o Keren Kayemet / Fundo Nacional Judaico é uma organização não governamental que tinha por missão a compra de terras e o desenvolvimento agrícola de áreas onde, desde 1948, está localizado o Estado de Israel. Para isso, campanhas de arrecadação de fundos entre os judeus do mundo todo foram organizadas desde o início do século XX e ainda são até hoje. Além de possibilitar a concretização da missão da instituição, tais campanhas contribuíram no fortalecimento da própria ligação entre as comunidades judaicas do mundo e o Estado de Israel. De acordo com a entidade²⁷⁷, ao longo de sua história, foram plantadas 240 milhões de árvores, construídos mais de 200 reservatórios e açudes, e criados mais de 1000 parques. Informes do KKL são frequentemente publicados na Tribuna Judaica. Em um deles, o texto trazia:

Há mais de 100 anos [o KKL] desenvolve projetos de reflorestamento que transformaram a aridez do deserto em terras produtivas. Irrigando o solo, plantando árvores, desenvolvendo a agricultura, criando condições para que nosso povo pudesse retornar à terra de nossos antepassados, povoá-la, defendê-la e lá viver com dignidade²⁷⁸.

Muitas vezes, toda essa percepção em relação a Israel é alimentada por israelenses em visitas ao país. Quando o deputado israelense Shlomo Molla esteve no Brasil, em meados de 2009, afirmou em entrevista à Tribuna Judaica:

É nossa responsabilidade vir e falar com as pessoas, para que venham visitar o país. Ver como Israel desenvolveu sua beleza nesses 60 anos, é um fantástico país, em

²⁷⁷ Disponível em: <<http://www.kkl.org.br/>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

²⁷⁸ KEREN KAYEMET LE ISRAEL (KKL). Keren Kayemeth LeIsrael Jewish National Fund. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 14, 20 abr. a 4 maio. 2008.

tecnologia de ponta somos os melhores do mundo, na área médica também, assim como na tecnologia de plantação. Temos que mostrar ao mundo como os judeus estão ajudando a humanidade no desenvolvimento da civilização²⁷⁹.

Finalmente, na percepção da comunidade judaica paulista, o papel de “luz entre as nações”, atribuído ao povo judeu no relato bíblico do profeta Isaías, é transferido ao Estado de Israel. Nesse sentido, destacam-se na produção discursiva comunitária a divulgação de iniciativas de auxílio do Estado de Israel a países em dificuldade, por meio instituições como Mashav²⁸⁰, Forças de Defesa de Israel²⁸¹ e IsraAID²⁸².

Logo após o terremoto de janeiro de 2010 no Haiti, a Tribuna Judaica trazia um relato do médico Avi Itzjak, membro da equipe israelense enviada àquele país em missão de ajuda humanitária. Itzjak, um imigrante etíope que recebeu bolsa do Keren Hayesod para cursar medicina quando chegou a Israel, afirmou:

A situação aqui é muito difícil, há dezenas de feridos esperando ali fora para receber atenção... o pequeno Estado de Israel conseguiu estabelecer em 20 horas o hospital de acampamento mais avançado no Haiti... o povo tem demonstrado grande gratidão pelos esforços de Israel em aliviar a dor dos feridos e eu me sinto muito orgulhoso. (...) É importante que aqueles que contribuem para o Keren Hayessod saibam que Israel se transformou em uma força moral que retribui ao mundo... de certo modo, aqueles que me ajudaram no período de meus estudos estão agora aqui, representados por mim e por Israel, enquanto damos assistência às vítimas deste desastre²⁸³.

O jornalista, diretor de relações institucionais da Conib, Jaime Spitzcovsky, foi quem mais destacou ações de ajuda humanitária israelense em textos publicados no jornal Tribuna Judaica nos anos de 2007 e 2008. Isso

²⁷⁹ WAISMANN, D. “A região no Neguev é o futuro de Israel”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 12, 4 a 18 set. 2009.

²⁸⁰ Israel’s Agency for International Development Cooperation.

²⁸¹ De acordo com as Forças de Defesa de Israel, nos últimos 26 anos esta instituição enviou 15 delegações de ajuda humanitária a 14 países. Ainda segundo os números oficiais, foram realizados 36 partos, 220 pessoas foram salvas de morte iminente e 2300 receberam medicações. As ações ocorrem em: México, 1985 (terremoto); Armênia, 1988 (terremoto), Argentina, 1994 (ataque terrorista), Ruanda, 1994 (genocídio); Quênia, 1998 (ataque terrorista); Turquia, 1999 (terremoto); Grécia, 1999 (terremoto); Kosovo, 1999 (genocídio); Índia, 2001 (terremoto); Quênia, 2002 (ataque terrorista); Egito, 2003 (ataque terrorista); Sri Lanka, 2004 (tsunami); Estados Unidos, 2005 (furação); Haiti, 2010 (terremoto); Japão, 2008 (terremoto e tsunami). ISRAEL DEFENSE FORCES. IDF Aid Missions Save Thousands Around the World. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=L7OyAb20zww>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

²⁸² The Israel Forum for International Humanitarian Aid.

²⁸³ RELATO de um médico israelense no Haiti. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 253, p. 12, 31 jan. a 14 fev. 2010.

ocorreu, por exemplo, nas edições 216²⁸⁴, 202²⁸⁵, 196²⁸⁶, 187²⁸⁷ e 185²⁸⁸, em que abordou, respectivamente: o envio de ajuda humanitária israelense à China, logo após o terremoto que atingiu o país no início de 2008; o envio de 2,5 toneladas de medicamentos às vítimas de uma enchente na Uganda, no final de 2007; a doação de meia tonelada de medicamentos e alimentos, além de auxílio para a reconstrução de casas após um terremoto no Peru, em 15 de agosto de 2007, e o envio de 25 bombeiros israelenses à Grécia para combater um incêndio de grandes proporções que atingiu o país no mesmo período; o envio de ajuda humanitária às ilhas indonésias após o tsunami que atingiu a região em dezembro de 2004; e, finalmente, o envio equipes israelenses ao Quênia, Geórgia, Uzbequistão e Camboja e de ajuda humanitária a países como Nuru, Vietnã, Guatemala, Suazilândia, Turquia, EUA, Paquistão. Abordando o caso do envio de ajuda ao Quênia, Jaime Spitzcovsky afirmou:

Participar de missões internacionais de ajuda humanitária não é nenhuma novidade para Israel. Mas a iniciativa de fevereiro, no Quênia, aponta para a intensificação de uma ferramenta fundamental para solidificar os laços do Estado judeu com diversos países e comunidades ao redor do planeta, respondendo assim a imperativos morais, éticos e também a uma diplomacia guiada por valores fundamentais como solidariedade e cooperação²⁸⁹.

Em suma, à distância, o Estado de Israel é percebido (e construído) pelas lideranças institucionais da comunidade judaica paulista como (a) exemplo político (constituiria a maior democracia do Oriente Médio), (b) modelo de atuação diplomática (estaria sempre disposto a negociar a paz, cujo fracasso é de responsabilidade de seus inimigos), (c) exitoso nas áreas econômica e empresarial (abrigaria grandes companhias, entre as quais algumas das mais importantes do mundo), (d) realizador de façanhas na área de ciência e tecnologia (traduzidas no recebimento de diversos Nobel e outros

²⁸⁴ SPITZCOVSKY, J. A China, as Olimpíadas e Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 216, p. 7, 4 a 18 jul. 2008.

²⁸⁵ SPITZCOVSKY, J. Israel intensifica laços com países da África. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 7, 28 nov. a 12 dez. 2007.

²⁸⁶ SPITZCOVSKY, J. Ações israelenses na ajuda ao Peru e à Grécia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 196, p. 7, 30 ago. a 13 set. 2007.

²⁸⁷ SPITZCOVSKY, J. Israel e Indonésia construindo diálogo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 187, p. 7, 17 abr. a 1 maio. 2007.

²⁸⁸ SPITZCOVSKY, J. Israelenses participam de missão na África. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 185, p. 7, 18 mar. a 1 abr. 2007.

²⁸⁹ SPITZCOVSKY, J. Israelenses participam de missão na África. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 185, p. 7, 18 mar. a 1 abr. 2007.

prêmios), (e) caracterizado pelo alto nível cultural de sua população (comprovado pelo índice de cidadãos com ensino superior) e (f) por sua conduta ética e moral insuspeita em todos os domínios (seu exército seria o “mais ético do mundo” e o país estaria sempre pronto a enviar ajuda humanitária a qualquer outro diante de calamidades).

Embora tudo o que foi apresentado acima esteja muito próximo da versão oficial divulgada pelo Estado de Israel principalmente por meio de seu ministério de relações exteriores, uma análise mais aprofundada, considerando-se autores das ciências sociais israelenses e dados de institutos de pesquisa daquele país, indica descompasso entre a percepção da comunidade judaica e a realidade empírica observada em Israel e a própria visão que a sociedade israelense tem de seu país²⁹⁰.

Em relação à democracia, de acordo com a pesquisa The Israeli Democracy Index - 2011²⁹¹, publicada pelo The Israel Democracy Institute, apenas 52,3% dos israelenses acreditam que a democracia do país funciona bem. Quase metade dos entrevistados não está satisfeita, seja por acreditar que o sistema é “excessivamente” democrático ou por considerá-lo “não suficientemente” democrático. Jovens, judeus ultraortodoxos e árabes eram os mais descontentes. A pesquisa revela fortes tendências anti-democráticas na população e aponta limitações da democracia israelense em comparação com outros países democráticos. Isso fica partilamente evidente no que se refere às liberdades civis, como pode ser visto no gráfico a seguir:

²⁹⁰ A maior parte dos dados e observações que seguem foram veiculadas no curso Tendências da Sociedade Israelense Contemporânea, da The Open University of Israel, ministrado pelo professor Zeev Rosenhek, do Departamento de Sociologia, Ciências Políticas e Ciências da Comunicação da, oferecido aos alunos da Universidade de São Paulo no segundo semestre de 2011.

²⁹¹ Disponível em: <http://www.idi.org.il/sites/english/events/ThePresidentsConference/Documents/Democracy%20Index%202011.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2012.

A pesquisa traz ainda um resumo das posições ocupadas por Israel em ranking internacional, levando-se em conta outros indicadores democráticos:

Figure 77: Israel's ranking in major democracy indicators – 2011*

* The vertical lines represent Israel's rank (or range of ranks shared with other countries).

Desde sua fundação, em 1948, o Estado de Israel se define como Estado judeu e democrático. Cabe perguntar se essa combinação é possível, uma vez que muitos veem aí um paradoxo, afirmando que o Estado de Israel só poderá ser efetivamente democrático se deixar de ser um Estado judeu, transformando-se em um Estado “para todos os seus cidadãos”.

Se por um lado é verdade que árabes e outras minorias não judaicas²⁹² – que, de acordo com o Escritório Central de Estatísticas de Israel, constituíam

²⁹² Muçulmanos, cristãos de várias denominações (ortodoxos, católicos, protestantes) e drusos.

24,7% da população em 2011²⁹³ – tem cidadania israelense, são representados no parlamento, oficialmente contam direitos civis e políticos e, além disso, junto com o hebraico, o árabe é também a língua oficial do país, por outro lado a discriminação informal contra estas minorias é bastante perceptível. Em outras palavras, se a igualdade entre todos os cidadãos está garantida no plano formal, verifica-se que, empiricamente, há desigualdade entre a maioria judaica e minorias não judaicas nos planos civil, econômico, político, social, cultural e nacional.

Árabes constituem a maior parcela da população não judaica de Israel – em 2011, eram cerca de 1.587.000 pessoas, ou 20,4% da população²⁹⁴. São conhecidos como árabes-israelenses, embora, em geral, se autorreconheçam muito mais como árabes ou palestinos do que como israelenses. Tal grupo é composto por aqueles que permaneceram no território em que, desde 1948, está estabelecido o Estado de Israel, e seus descendentes. A divisão entre a maioria judaica e a minoria árabe é um dos conflitos mais centrais existentes hoje na sociedade israelense.

Em primeiro lugar, pode-se destacar a desigualdade entre essas duas populações nos planos social e econômico. De acordo com o Escritório Central de Estatísticas de Israel, em 2008, a renda mensal familiar média para famílias judias era de 14.279 shekalim, o equivalente a cerca de 3.600 dólares à época. Entre as famílias árabes, a renda era de 8.151 shekalim, ou cerca de 2.000 dólares. No que se refere aos ganhos auferidos por meio de pensões e fundos de seguridade social, a disparidade era também evidente: entre as famílias judias, 1.101 shekalim (275 dólares); entre as famílias árabes, 213 shekalim (53 dólares).

Renda mensal média por família por grupo social (2008) (em shekalim)

	Famílias judias	Famílias árabes
Renda bruta	14.279	8.151
Renda de pensões e fundos de seguridade social	1.101	213

Fonte: Escritório Central de Estatísticas de Israel

²⁹³ CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. Press release. Disponível em: http://www1.cbs.gov.il/www/hodaot2011n/11_11_101e.pdf >. Acesso em 13 jun. 2012.

²⁹⁴ Idem.

Se considerarmos o fato de que, em média, famílias árabes são maiores do que as famílias judias – mulheres judias têm, em média, 2,88 filhos, enquanto que, entre as mulheres árabes, o número atinge a marca de 3,84 –, iremos perceber que a desigualdade na renda entre essas duas populações é ainda maior.

Tal diferença está expressa também nos índices de pobreza do país: a população árabe tende a ser muito mais pobre do que a população judaica. Em 2009, segundo o Fundo de Seguridade Social de Israel, 14,5% dos judeus e 46,8% dos árabes viviam abaixo da linha de pobreza.

Pobreza (2009) (em %)			
	Crianças	Pessoas	Famílias
População total	28,7	20,9	19,4
Judeus	19,5	14,5	15,2
Árabes	54,2	46,8	45,7

Fonte: Fundo de Seguridade Social de Israel

Finalmente, podemos considerar a diferença de escolaridade entre árabes e judeus no Estado de Israel como um elemento importante no que se refere à desigualdade social entre os grupos. De acordo com o Escritório Central de Estatísticas de Israel, em 2009, entre os judeus, a parcela da população com 13 anos ou mais de estudos chegava a 48,6%. Já entre os árabes, o número era de apenas 21,2%.

Anos de escolaridade da população com 15 anos ou mais (2009) (em %)

Fonte: Escritório Central de Estatísticas de Israel

De acordo com o professor Zeev Rosenhek, do Departamento de Sociologia, Ciências Políticas e Ciências da Comunicação da The Open University of Israel²⁹⁵, “tal fenômeno de desigualdade é, em grande medida, consequência das práticas de exclusão que o Estado de Israel aplica em relação à população árabe no que se refere à distribuição de recursos econômicos e sociais”²⁹⁶. Ainda segundo o professor, recursos sociais e econômicos do país são direcionados muito mais à parcela judaica de sua população. Assim, verifica-se grande desigualdade no acesso aos recursos de educação, habitação, saúde, seguridade e assistência social e programas de desenvolvimento industrial.

Deve-se deixar claro que o acesso aos benefícios públicos não leva em conta a origem religiosa dos cidadãos. O que ocorre é a distribuição desigual de fundos de acordo com as áreas do território israelense. Uma análise desta distribuição indica que as zonas que recebem mais benefícios são habitadas

²⁹⁵ Universidade Aberta de Israel.

²⁹⁶ Aula cinco do curso citado anteriormente.

principalmente por cidadãos judeus e as áreas que recebem menos benefícios são habitadas principalmente por cidadãos árabes²⁹⁷.

Outro fator de discriminação está relacionado à apropriação das terras pelo Estado e instituições judaicas ligadas a ele. De acordo com Baruch Kimmerling (2008, p. 206 e 207),

A terra é o bem material básico sobre o qual se assenta o fundamento de toda a sociedade humana, e em Israel ela é um dos recursos mais caros e escassos, e quase toda ela está nacionalizada. 93% de todo o território (e seus recursos) do país estão sob posse pública. Cerca de 15 milhares de *dunam*²⁹⁸ pertencem à Administração dos Bens Imóveis de Israel, e cerca de 2,5 milhares de *dunam* encontram-se sob controle do Keren Kaiemet Lelsrael²⁹⁹. Essas terras são, conforme a definição legislativa, propriedade do “povo judeu”. Esse fenômeno da posse de terras nas mãos do Estado aproxima o regime em Israel de uma espécie de feudalismo estatal (...). Em essência, a existência de um monopólio deste tipo confere ao Estado poder e centralismo intoleráveis num regime comprometido com sua democracia, a qual, supostamente, abarca todos os seus cidadãos, em todos os seus segmentos.

Por conta de tudo isso, diversos autores verificam a existência de desigualdades significativas entre cidadãos judeus e não judeus no Estado de Israel. De acordo com S. N. Eisenstadt (1977, P. 494), “desenvolveu-se uma certa assimetria entre os grupos judaicos e árabes (ou qualquer outra minoria) enraizada na própria essência do Estado de Israel”. Segundo Dan Horowitz e Moshe Lissak (1992, p. 4),

Esses dois componentes da identidade israelense, o componente nacional-étnico e o componente civil não chegaram a uma fusão completa e isto refletiu-se no status da minoria árabe que se mesclou somente de forma parcial na sociedade israelense.

Para Baruch Kimerling (2002, p. 1120), o Estado de Israel é responsável por uma

discriminação sistemática, burocratizada e de longo alcance contra os cidadãos árabes, negando-lhes acesso a terras para construção de casa ou para quaisquer outros fins. Isso juntamente com a Lei do Retorno, constitui a principal forma de discriminação legal contra os árabes em Israel e está baseada em princípios culturais, políticos e legais³⁰⁰.

²⁹⁷ Em Israel, em grande parte, populações judaicas e árabes estão (voluntariamente) concentradas em bairros específicos. Além disso, pode-se considerar também outras práticas informais de exclusão, comuns em diversos países do mundo, em que minorias étnicas têm maior dificuldade no acesso aos recursos sociais devido às próprias diferenças culturais, que as coloca em situação de desvantagem.

²⁹⁸ *Dunam*: unidade de medida de terras que equivale a 1000 metros quadrados.

²⁹⁹ Fundo agrário estabelecido pela Organização Sionista Mundial para a aquisição de terras na Palestina, como patrimônio nacional judaico, base para o estabelecimento do moderno Estado de Israel.

³⁰⁰ No original: “systematic, bureaucratized, and far-reaching discrimination against Arab citizens, denying them Access to lands for construction of homes or any other purposes. This, together with the

Já nas palavras de Peter Demant (2002, p. 219),

Enquanto os árabes israelenses tinham formalmente adquirido direitos civis e políticos iguais, eles permaneciam discriminados em acesso à terra, recursos públicos, empregos etc.; e enfrentavam uma segregação social informal. Eles eram e continuam a ser um grupo “excluído”, discriminado pela grande maioria dos judeus israelenses. Isso foi menos grave para a identidade israelense enquanto eles permaneceram invisíveis. Nos anos 80, porém, essa comunidade tinha se transformado em quase um milhão ou mais de pessoas, mais organizada, mais decidida e cada vez mais identificada com os palestinos além da Linha Verde. Isso trouxe para mais perto o dilema de saber se Israel era apenas o Estado dos judeus (caso em que não poderiam mais se considerar democrático) ou se de todos os seus habitantes (caso em que sua definição como Estado judeu ficaria sob pressão).

Um fator importante na produção da desigualdade no acesso a recursos sociais e econômicos tem a ver com a desigualdade existente em outro plano: o político. Assim, as próprias limitações que a população árabe encontra para influir no sistema político de Israel contribuiriam para a perpetuação desta situação.

No plano político, formalmente, é estabelecida a igualdade entre todos os cidadãos: todos têm garantido o direito de votar, de organizarem-se em partidos e de serem votados; de fato, há partidos árabes com representação no parlamento israelense, assim como parlamentares árabes em partidos de maioria judaica. Entretanto, uma série de fatores faz com que a minoria árabe tenha muito menos capacidade de atuar nos processos políticos do país do que a maioria judaica, como veremos a seguir.

Na atual composição do parlamento – 18º Knesset –, de um total de 120 parlamentares, 14 (12%) são árabes, enquanto 106 (88%) são judeus. Percebe-se, de antemão, que a representatividade árabe é menor do que a proporção dessa população no Estado de Israel (20,4%).

Law of Return, constitutes the main form of legal discrimination against Arabs in Israel and is based on the cultural, political, and legal principles”.

Porcentagem de judeus e árabes na população de Israel e no Knesset 18

Fonte: Escritório Central de Estatísticas de Israel e Knesset

Tal diferença pode ser explicada pelo fato de nos últimos anos uma menor parcela da população árabe ter comparecido às eleições em – em Israel, o voto não é obrigatório. Além disso, muitas vezes, árabes optam por votar em listas compostas principalmente por judeus, de partidos com maior chance de vitória, uma vez que isso possibilitaria maior influência no resultado final³⁰¹.

É importante ressaltar que os partidos não sionistas – representados pelos comunistas ou árabes – jamais fizeram parte de uma coalizão governante³⁰². Consequentemente, ao longo da história de Israel, representantes dos interesses da população árabe tiveram muito menos possibilidade de interferir nos processos políticos do país. Nesse aspecto, há ainda um significado simbólico que pode ser apontado: por nunca terem sido aceitos em uma coalizão governante, não seria exagerado supor que a população árabe não é plenamente reconhecida como parte do coletivo político legítimo em Israel. Nas palavras de Baruch Kimmerling (2008, p. 199), os árabes se sentem discriminados

³⁰¹ Grosso modo, é possível separar os partidos israelenses em sionistas (judaicos) e não sionistas (árabes ou comunistas). Evidentemente, há parlamentares árabes em partidos sionistas judaicos e judeus em partidos não sionistas. Atualmente, no Knesset 18, partidos sionistas judaicos contam com 109 cadeiras, sendo quatro delas ocupadas por árabes; partidos não sionistas ficaram com 11, sendo uma ocupada por um judeu.

³⁰² Entre 1992 a 1996, no governo de Yitzhak Rabin e Shimon Peres, tais partidos apoiaram a coalizão, ou seja, contribuíam com os seus votos para a manutenção do governo, ainda que não fizessem parte dele.

Não apenas pelos excessivos direitos políticos, econômicos e culturais outorgados aos judeus e os direitos básicos dos quais os árabes foram privados, mas também porque suas vozes e reivindicações não são consideradas legítimas num Estado que se define como judeu em suas Leis Fundamentais.

Pode-se acrescentar também que certos direitos dos cidadãos árabes são limitados em nome da segurança nacional. De acordo com Sammy Smooha (1991, p. 4),

Israel é capaz de usar a ameaça à sua sobrevivência com o objetivo de escurecer as tensões emanadas de sua natureza étnica e das pressões dos árabes para terem uma participação igual nas decisões de estado. Uma vez que os árabes israelenses formam parte do mundo árabe que presumivelmente ameaça a existência de Israel, restrições em seus direitos são comumente justificadas.

Verifica-se, portanto, no plano político, uma diferença entre o discurso oficial e as práticas empíricas no que se refere às divisões entre a maioria judaica e as minorias árabes. Segundo Baruch Kimmerling (2008, p. 200),

Daí também brota a grande distorção do conceito de “democracia” em Israel, no sentido da definição de governo da maioria sobre a minoria, sem consideração à proteção dos direitos do cidadão e igualdade civil das minorias diversas (principalmente árabes e mulheres) diante da arbitrariedade de uma maioria imaginária.

Para aprofundar a discussão sobre a democracia israelense, é preciso estabelecer uma diferenciação entre *democracia formal* e *democracia substantiva*³⁰³. Sem dúvida, o Estado de Israel é um regime democrático do ponto de vista formal, uma vez que todos os seus cidadãos são iguais perante a lei, há liberdade de organização política, liberdade de expressão, imprensa e eleições livres. Entretanto, isso não é suficiente para definir um regime como democrático do ponto de vista substantivo. Para tanto, seria necessário não apenas igualdade formal, mas também igualdade de fato entre toda a população sob a autoridade do Estado. Além disso, deveria haver neutralidade do Estado em questões religiosas e de identidades étnicas, garantindo-se a separação entre Estado e religião. Em outras palavras, o Estado deve pertencer e representar todos os cidadãos, definindo-se a comunidade política com base em categorias universais de cidadania. Em Israel, o Estado não é

³⁰³ Mais uma vez, as observações a seguir foram veiculadas no curso Tendências da Sociedade Israelense Contemporânea (especialmente aula 12).

neutro do ponto de vista religioso e étnico. De acordo com Sammy Smooha (1990, p. 3),

Como Estado de e para os judeus, Israel se define como a pátria só dos judeus. A língua dominante é o hebraico enquanto o árabe é degradado a um status inferior. As instituições, datas festivas, símbolos e heróis, são exclusivamente judeus. A Lei do Retorno permite que judeus entrem livremente ao país, excluindo árabes e palestinos e admitindo outro tipo de não-judeus somente sob circunstâncias específicas. Israel confere um status especial à Agência Judaica e ao Fundo Nacional Judaico que, através de seus organismos, cuidam só da população judaica. A terra e as políticas de assentamento são pensadas para satisfazer os interesses judeus. O bem-estar das comunidades judaicas diaspóricas é uma consideração fundamental do Estado de Israel no desenho de sua política exterior. De muitas outras formas o Estado outorga tratamento preferencial aos judeus que aspiram conservar o judaísmo e o sionismo do Estado.

Por outro lado, para Don Handelman (2001, p. 4),

O estabelecimento do termo, “nacionalidade” (Heb. *le'om*), como cognato de “nação” (*uma*), tem sido uma força poderosa na construção de um sentimento de povo em Israel. Em seu uso oficial, *le'om* inaugura o que poderia ser chamado de um “discurso da diferença” dentro da premissa de uma unidade cívica originalmente pura, ou seja, a premissa que considerava os cidadãos individuais como equivalentes tanto morais como políticos. Este discurso de diferença nacional fornece sustentação para a implementação de novas e adicionais distinções coletivas. A unidade pode então ser organizada sobre a base da diferença coletiva, e não apenas sobre a de similaridades estruturais de cidadania. A alocação oficial de encargos ou benefícios públicos a diferentes categorias de nacionalidades divide os cidadãos em termos de suas características coletivas e imputadas, e vicia a concepção de cidadãos como indivíduos equivalentes e iguais entre si. Ao invés de recuar para a obscuridade popularesca, as premissas particularistas de nacionalidade se sobrepõem aos supostos universalistas de identidade cívica (ver Seligman 1992:27). Por exemplo, um acadêmico argumenta que “a coletividade de judeus israelenses tem um senso de estado fraco no sentido ocidental... e um forte senso de comunidade. Quando eles imaginam Israel... eles imaginam uma comunidade e não um estado”. (Liebman 1988:96).

Ainda segundo o autor (2001, p. 8)

Quando a expressão “Povo de Israel” é usada de forma intercambiável com a de “cidadãos israelenses”, a distinção entre nacionalidade judaica e cidadania israelense é apagada, empurrando os não judeus para as margens do estado e mais além.

Ao mesmo tempo, a existência de uma grande comunidade judaica mundial além das fronteiras do Estado de Israel elimina qualquer superposição entre território, cidadania e identidade nacional-étnica. De acordo com Horowitz e Lissak (1992, p. 3),

Na sociedade israelense não existe uma superposição entre território, cidadania e identidade nacional-étnica. A maior parte do povo judeu vive fora dos limites do Estado de Israel, e no Estado de Israel encontram-se cidadãos com outra identidade nacional

definida, seja ela considerada árabe ou palestina. O problema tem dois aspectos: do ponto de vista da sociedade israelense, é o problema da definição de fronteiras do sistema. Estas fronteiras estabelecem quem tem parte e participação no coletivo israelense. O estabelecimento do Estado de Israel materializou, portanto, um anseio, mas manteve muitas das contradições que caracterizaram o yishuv³⁰⁴ judaico até o seu estabelecimento. Possibilitou a concretização dos objetivos do sionismo do ponto de vista do status soberano e do ponto de vista da concessão de expressões simbólicas para a conexão da nova entidade política ao povo judeu. Mas ele deixou diversas demonstrações de obscuridade em tudo o que se refere à identidade do coletivo israelense como estado e como comunidade nacional-étnica.

Outra característica importante da relação entre Estado e religião em Israel que tem consequências principalmente para pessoas não religiosas (qualquer que seja a religião) tem a ver com a autoridade de instituições religiosas em questões pessoais, mesmo sobre pessoas que se autodefinem como não religiosas ou sem religião³⁰⁵. Segundo Sammy Samoocha (1991, p. 3),

De acordo com a lei israelense, todo indivíduo pertence a uma comunidade religiosa que tem jurisdição total sobre seu status pessoal, incluindo matrimônio, divórcio, testamento, custódia de filhos e enterro. E embora os casamentos inter-étnicos não sejam proibidos, eles não podem ser consumados dentro da lei existente. Está é uma contradição com as democracias ocidentais. A separação involuntária entre as comunidades étnicas e a endogamia étnica em Israel reforça a natureza étnica do Estado.

A estas duas limitações à democracia israelense (o status da minoria árabe e a sobreposição entre Estado e religião), podemos acrescentar mais uma: a ocupação dos territórios palestinos de Gaza e da Cisjordânia, desde 1967. A construção e a ampliação de assentamentos, controle das fronteiras terrestres e marítimas e do espaço aéreo, vigência de leis militares, além de incursões periódicas por parte de Israel em territórios palestinos ameaçam a democracia do país. De acordo com Michel Gherman (2009, p. 11),

Ao contrário do que ocorreu com as regiões conquistadas na Guerra de Independência, Israel não anexa os territórios ocupados em 1967 (com exceção da parte oriental de Jerusalém e do Golan) deixando milhões de palestinos, que viviam anteriormente na Jordânia e no Egito sem o Status de cidadãos. Desta forma, quaisquer investimentos em saúde, educação ou infra-estrutura estavam seriamente comprometidos, já que tais populações não contavam com representação no Knesset (Parlamento).

³⁰⁴ Do hebraico, literalmente, “assentamento”. Indica os assentamentos judaicos na Terra de Israel (Palestina) antes da criação do Estado de Israel.

³⁰⁵ Vale ressaltar que é o Estado de Israel que define o pertencimento religioso de seus cidadãos.

Caberia, portanto, a pergunta: em que medida podemos caracterizar o Estado de Israel como democrático? Nas ciências sociais israelenses, o regime político do país é caracterizado por, pelos menos, três modelos: *democracia liberal* (com algumas limitações importantes), *democracia étnica* e *etnocracia*.

Aqueles que o classificam como uma democracia liberal acreditam que as limitações abordadas acima podem ser resolvidas sem afetar a essência de Israel como Estado judeu e democrático. Para estes autores, não há contradição entre essas duas características.

Há os que definem Israel como uma democracia étnica. De acordo com essa visão, coexistem direitos civis e políticos de todos os cidadãos e dominação institucionalizada do Estado pelo grupo étnico majoritário. Assim, a subordinação (com direitos) da população árabe seria uma característica do regime israelense, o que é consequência da definição do Estado como judeu.

Finalmente, aqueles que caracterizam o Estado como uma etnocracia afirmam tratar-se de um regime não democrático definido pelo domínio de um grupo étnico. Segundo esses autores, a comunidade política soberana não é definida tendo como base critérios universalistas de cidadania, mas sim critérios particularistas de pertencimento étnico. A consequência é que o Estado não pertenceria a seus cidadãos, mas ao grupo étnico dominante. Na visão desses autores, um regime como este não poderia ser qualificado como democrático.

Longe de estar resolvida, esta questão desafia atualmente pensadores de diversas áreas do conhecimento. No entanto, enquanto esta discussão é recorrente entre a população judaica de Israel ou mesmo de diásporas mais centrais, no Brasil e, particularmente, em São Paulo, este problema é apenas muito raramente aventado, adotando-se a perspectiva oficial do governo israelense.

A celebração das conquistas do Estado de Israel em ciência e tecnologia e de seu êxito nas áreas econômica e empresarial pela comunidade judaica de São Paulo encobre estratificações e desigualdades sociais importantes entre os cidadãos israelenses que se acentuaram principalmente nas últimas

décadas, quando, à moda do que ocorria em diversos países ao redor do globo, o neoliberalismo se tornou a doutrina econômica hegemônica no país³⁰⁶. Porém, como afirma Benedict Anderson (2008, p. 34),

Independente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal. No fundo, essa foi a fraternidade que tornou possível, nestes dois últimos séculos, que tantos milhões de pessoas tenham se disposto não tanto a matar mas sobretudo a morrer por essas criações imaginárias limitadas.

Em relação às estratificações e desigualdades sociais, para não nos alongarmos, é suficiente apresentar alguns dados socioeconômicos que revelam o aumento expressivo da brecha entre ricos e pobres na população israelense. Em 2009, o Índice de Gini, por exemplo, que calcula a desigualdade na distribuição de riquezas³⁰⁷, atingiu a marca de 0,389. Trata-se de um valor elevado se comparado com os de outros países desenvolvidos³⁰⁸.

³⁰⁶ Dentre as principais características observadas, pode-se apontar: ideologia hegemônica de livre mercado; privatização de atividades econômicas; desregulação do mercado de trabalho; desregulação dos mercados financeiros; liberalização do comércio exterior; integração da economia israelense no sistema global; redução do estado de bem estar.

³⁰⁷ De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Índice (ou Coeficiente) de Gini “mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita. Seu valor varia de 0, quando não há desigualdade (a renda de todos os indivíduos tem o mesmo valor), a 1, quando a desigualdade é máxima (apenas um indivíduo detém toda a renda da sociedade e a renda de todos os outros indivíduos é nula)”. Disponível em <<http://www.pnud.org.br>>.

³⁰⁸ Entre países desenvolvidos, Israel é o segundo mais desigual (os primeiros são os EUA). Para efeito comparativo: Japão (2008): 0,376; Canadá (2005): 0,321; EUA (2007): 0,45; Austrália (2006): 0,305; Nova Zelândia (1997): 0,362; Alemanha (2006): 0,27; Bélgica (2005): 0,28; Dinamarca (2007): 0,29; Espanha (2005): 0,32; França (2008): 0,327; Grécia (2005): 0,33; Irlanda (2009): 0,293; Itália (2006): 0,32; Luxemburgo (2005): 0,25; Países Baixos (2007): 0,309; Portugal (2007): 0,385; Reino Unido (2005): 0,34; Áustria (2007): 0,26; Finlândia (2008): 0,268; Suécia (2005): 0,23; União Europeia (2009): 0,304. Brasil (2009): 0,539. CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). Distribution of family income – Gini index. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2172.html>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

Variação do Índice de Gini de desigualdade em Israel

Ao verificarmos a distribuição de renda entre as diferentes camadas da população, a desigualdade é ainda mais nítida:

Distribuição de renda entre decis da população (em %)

	1997	2009
Decis 1-3 (30%) (classe baixa)	12.6	11.3
Decis 4-5 (20%) (classe média baixa)	14.4	14.4
Decis 6-7 (20%) (classe média)	20.5	20.6
Decis 8-9 (20%) (classe média alta)	28.9	29.2
Decis 10 (10%) (classe alta)	23.6	24.5

De acordo com a tabela acima, os 10% mais ricos da população israelense recebem mais do que o dobro do que os 30% mais pobres. Percebe-se ainda que, de 1997 a 2009, a desigualdade foi agravada. A embaixadora de Israel no Brasil de 2004 a 2008, Tzipora Rimon, reconhece este fato:

Tivemos muitos avanços nos últimos anos em todos os indicadores econômicos. Pagamos isso com problemas de desigualdade maior, aumento de pobreza em parte da população. Então o governo tem que trabalhar sério nisso³⁰⁹.

Um dos aspectos mais marcantes da estrutura de classes em Israel foi a criação de uma hierarquia socioeconômica baseada em divisões etnonacionais. Enquanto as classes média, média alta e alta são compostas principalmente por judeus de origem ocidental (ashkenazitas), a população árabe, judaica ortodoxa, judaica de origem oriental (sefaraditas; mizrahim) e judaica etíope constituem os segmentos mais pobres da sociedade.

³⁰⁹ WAISMANN, D. "O Hamas é uma organização terrorista". **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, p. 14, 7 a 21 maio. 2006.

A concentração de capital privado também atinge níveis extremamente elevados em Israel. Como resultado de processos de privatizações e subsídios estatais, estima-se que, atualmente, apenas sete famílias controlem 30% do capital privado existente na economia israelense, o que representaria um dos índices de concentração de capital privado mais altos do mundo.

O achatamento do estado de bem estar social, em acordo com a ideologia neoliberal, levou ao surgimento de diversas organizações da sociedade civil (ONGs) para suprir necessidades básicas da população.

Considerando esse contexto, é interessante lembrar que, de julho a setembro de 2011, eclodiram as maiores manifestações de rua da história de Israel. Diferentemente de grandes manifestações anteriores, o conflito nacional entre Israel e os palestinos e/ou países vizinhos não estava na pauta. O que levou centenas de milhares de cidadãos israelenses às ruas foi o anseio por mudanças nas políticas sociais e econômicas do país³¹⁰.

Em relação à percepção da comunidade judaica paulista, é interessante notar ainda que conquistas do Estado de Israel são vistas não como conquistas israelenses – de todos os seus cidadãos – mas, principalmente, como conquistas judaicas. Além disso, a percepção que associa o Estado de Israel à democracia, desenvolvimento econômico, científico e tecnológico, prêmios Nobel etc. o faz a partir do ponto de vista ocidental, valorizando, especialmente, a contribuição europeia ao país. Em outras palavras, Israel é percebido principalmente como um país unificado por referências ocidentais e ashkenazitas (europeias). Porém, isso está muito distante do que se verifica empiricamente em Israel nos dias de hoje, momento em que a hegemonia dos

³¹⁰ Na contramão das visões mais românticas em relação ao Estado de Israel, com alguma frequência a organização feminina Na'amat Pioneiras reproduz dados em seu espaço na *Tribuna Judaica* que revelam desigualdades entre homens e mulheres em Israel. Nesse aspecto em particular, a missão feminista da entidade se sobrepõe à característica comum de instituições judaicas paulistas de apresentar Israel como “terra do leite e mel”. Ver, por exemplo: NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Adesão à OECD irá aumentar a ênfase nas questões sociais. *Tribuna Judaica*, São Paulo, n. 261, p. 6, 31 maio a 14 jun. 2010. NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Israel debate participação da mulher no mercado de trabalho. *Tribuna Judaica*, São Paulo, n. 257, p. 10, 1 a 15 abr. 2010. NA'AMAT PIONEIRAS. Na'amat Israel lança campanha pública sobre diferença salarial entre homens e mulheres. *Tribuna Judaica*, São Paulo, n. 255, p. 8, 2 a 16 mar. 2010. NA'AMAT PIONEIRAS. Os cursos profissionalizantes na Na'amat Israel. *Tribuna Judaica*, São Paulo, n. 245, p. 8, 26 de set. a 10 out. 2009. NA'AMAT PIONEIRAS. “Ele não quer que você trabalhe”. *Tribuna Judaica*, São Paulo, n. 240, p. 11, 6 a 20 jul. 2009. NA'AMAT PIONEIRAS. Manifestação. *Tribuna Judaica*, São Paulo, n. 182, p. 11, 1 a 15 fev. 2007. NA'AMAT PIONEIRAS. Na'amat Israel expõe suas reivindicações para o novo governo. *Tribuna Judaica*, n. 158, p. 10, 6 a 20 fev. 2006. NA'AMAT PIONEIRAS. Gratuidade da educação para a primeira infância em Israel. *Tribuna Judaica*, n. 162, p. 10, 7 a 21 abr. 2006.

valores ashkenazitas na configuração da identidade israelense está em franca decadência. Como afirma Baruch Kimmerling (2008, p. 192),

Os *ahusalim*³¹¹ foram os soberanos absolutos do país pelo menos nas suas duas primeiras décadas. A partir da terceira década, diante da falta de êxito da mistura dos exílios, eles paulatinamente perdem sua força.

Segundo Michel Gherman (2009, p. 11),

De uma sociedade unificada por referências culturais e políticas hegemônicas, a sociedade israelense judaico-sionista está hoje mais dividida e é marcada por identidades culturais e políticas minoritárias, diversificadas e matizadas.

A quebra dos consensos sociais do sionismo clássico transformou a sociedade Israelense em uma sociedade extremamente complexa, marcada por uma infinidade de identidades inseridas conflitos e debates internos acirrados. Nas palavras de Peter Demant (2002, p. 218)

Como resultado de uma exaustão interna da fase sionista clássica, de um renovado confronto com os palestinos e da diminuição da hostilidade árabe “externa”, Israel se tornou uma sociedade profundamente dividida. Nos anos 80, pelo menos quatro profundas divisões dividiam sua política: esquerda *versus* direita (*hawks’ versus doves*); israelenses judeus *versus* israelenses árabes; asquenazes *versus* judeus orientais; e judeus religiosos *versus* seculares.

Anacronicamente, o establishment da comunidade judaica paulista parece conceber o Estado de Israel e a sociedade israelense como aquela de outrora, caracterizada pela hegemonia *ashkenazita*. Com isso, encobre e deslegitima a herança dos judeus de origem oriental, de outros imigrantes judeus e não judeus e da população árabe nativa na formação da identidade israelense. Encobre também as relações de poder que ainda perduram entre as elites ashkenazitas e outros cidadãos do país.

Na visão da comunidade judaica paulista, os conflitos étnicos são também minimizados, tanto os antigos, de ashkenazitas *versus* orientais, como os mais recentes: problemas sérios de inserção dos judeus etíopes na sociedade, o conflito cada vez mais acirrado entre os segmentos laico e ortodoxo e os desafios criados pelo grande número de *ovdim zarim*, isto é “trabalhadores *estranhos*” – estrangeiros – e seus filhos nascidos em Israel.

³¹¹ Baruch Kimmerling utiliza o termo *ahusalim* para designar os judeus oriundos da Europa central e oriental (*ashkenazitas*), laicos, veteranos, socialistas e nacionalistas (ou sionistas).

Muitas vezes, tal percepção defasada reforça a dos inimigos de Israel, que enxergam o país como um “enclave europeu (ou norte-americano; ou ocidental) no Oriente Médio”. Mais do que enfatizar aspectos como democracia, desenvolvimento econômico, científico e tecnológico, prêmios Nobel etc., talvez fosse interessante destacar o surgimento em Israel de uma cultura rica, nova, não judaica (com importantes elementos judaicos), não europeia (com importantes elementos europeus) e, principalmente, diversa e cheia de conflitos internos, como ocorre em qualquer outro país. Pouco mais de 60 anos da fundação do Estado de Israel, talvez esse tenha sido o grande milagre do sionismo.

4. 4. Um porto seguro contra o antissemitismo

“Enquanto as portas de Israel permanecerem abertas, as portas de Auschwitz ficarão fechadas”. A frase acima estampou uma série de informes publicitários do Fundo Comunitário publicados na imprensa judaica³¹². De acordo com Nilton Serson, ex-presidente da instituição,

Se você fugiu da Pérsia, fugiu da Babilônia, fugiu do Egito, fugiu da própria Terra de Israel, fugiu da Europa, fugiu de Portugal, fugiu da Espanha, fugiu da Alemanha, achar que está incólume é desprezar a história. Se nós somos um povo de seis mil anos, dos quais três mil vivendo efetivamente como povo, nos últimos três mil anos a gente fugiu³¹³.

Ainda segundo ele,

Temos que ter claramente que a história não é um conhecimento enciclopédico, mas serve para não repetirmos erros. Fugimos sempre de todos os países. A única forma que temos de nos mantermos judeus, mantermos nossa dignidade, seja em que parte do mundo quisermos viver, é ter uma postura afirmativa em relação a Israel. Pois lá é onde sempre poderemos viver de uma forma organizada, pois em outros países, segundo os ventos políticos, podemos depender da vontade dos governantes³¹⁴.

³¹² Veiculado, por exemplo, em **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 11, 20 abr. a 4 maio. 2008.

³¹³ Entrevista realizada pelo autor.

³¹⁴ WAISMANN, D. Dar continuidade, mas com renovação. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 18, 20 abr. a 4 maio. 2008.

A visão de que Israel confere segurança ao povo judeu é amplamente aceita tanto pela comunidade judaica da diáspora como por aquela que vive em território israelense. Esta percepção aparece de maneira clara em diversos textos veiculados pela Tribuna Judaica. No início de 2010, o jornal trouxe o seguinte destaque editorial na capa de uma de suas edições:

Os judeus vivem em uma época sem igual em sua história. Moram em sua maioria em países democráticos, em grandes cidades, e desfrutam de boa condição econômica na média. Também não sofremos mais perseguições e, apesar do antissemitismo no mundo, são raros os casos de violência. E, principalmente, temos o Estado de Israel, um país moderno, que é o nosso porto seguro³¹⁵.

Em 2009, o jornal noticiou a palestra no clube A Hebraica do presidente da Porto Seguro, Jayme B. Garfinkel, aos ativistas do Dor Hemshech, grupo jovem do Fundo Comunitário. Na ocasião, Henrique Tichauer, ex-presidente do grupo, afirmou: “Israel é o nosso Porto Seguro, o melhor seguro de vida que um judeu pode ter”³¹⁶.

Nas entrevistas realizadas com lideranças das principais instituições da comunidade judaica, verificou-se a mesma percepção. De acordo com o diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Jaime Spitzcovsky,

O Estado de Israel torna a vida dos judeus na diáspora mais segura. Isso é inquestionável, um elemento absolutamente cristalino na medida em que, hoje, os judeus podem contar com um Estado que vai poder vir em defesa deles caso haja essa necessidade, um Estado que pode ser o refúgio para esses judeus caso haja necessidade de saírem dos países onde estão vivendo. Sem dúvida nenhuma que, repito, o Estado de Israel torna a vida dos judeus mais segura³¹⁷.

Nas palavras do diretor institucional da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), Alberto Milkewitz,

Você precisa de uma casa própria? Eu acho que sim, que você precisa de uma casa própria. E se você ainda não tem uma casa própria, no dia em que você casar, você vai precisar de uma casa própria. Nós temos uma casa própria. A casa própria é o Estado de Israel. (...) O mundo está organizado em Estados nacionais. As regras do jogo são, por enquanto, Estados nacionais. É o que te permite defender a segurança e permitir que o teu pessoal viva como quer. (...) O Estado de Israel defende os judeus. É o

³¹⁵ PESSACH e a conquista da liberdade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 256, capa, 17 a 31 mar. 2010. Editorial.

³¹⁶ GARFINKEL fala aos jovens do Fundo Comunitário. **Tribuna Judaica**, n. 247, p. 10, 26 out. a 9 nov. 2009.

³¹⁷ Entrevista realizada pelo autor.

único. Alguns países podem até simpatizar: “que pena que mataram alguns dos teus”. Obrigado, mas porque não nos defenderam?³¹⁸

Para o presidente da B’nai B’rith Brasil, Abraham Goldstein, é preciso “reconhecer a importância do Estado de Israel perante as necessidades de todos os judeus do mundo”. Seguindo suas palavras,

Se eu sou um judeu e vivo em um país em que não tem discriminação, que não me põe em risco pelo fato de eu ser judeu, posso dizer: “ter ou não ter o Estado de Israel, para mim, tanto faz”. Pode-se comparar Israel com Índia, Nova York, Brasília, São Paulo ou qualquer outro lugar. Mas acho que nós, como judeus, somos um povo só, distribuídos por muitos lugares. Alguns dos membros do nosso povo ainda sofrem ou tem dificuldade de viver como judeus em alguns lugares, até hoje. A existência do Estado de Israel permite uma opção a essas pessoas. É uma opção para aqueles que procuram uma vida judaica mais satisfatória³¹⁹.

Sem dúvida, o Holocausto foi o acontecimento que solidificou, na memória coletiva da comunidade judaica, a necessidade de um Estado que defendesse os judeus em qualquer lugar do mundo e permanecesse sempre aberto à imigração judaica. De acordo com Avihai Shvitiel, professor de Estudos Semíticos da Universidade de Cambridge,

O acontecimento que mudou o rumo da história judaica foi o Holocausto. De repente, ficou claro e evidente que o ódio do qual os judeus eram alvo poderia levá-los à beira do genocídio e da aniquilação total. Assim, o argumento em favor do judeu errante enquanto receita de sobrevivência mudou para uma crença profunda na importância da unidade dos judeus em um só território. E Israel passou a ser visto como o único abrigo e porto seguro para todos os judeus³²⁰.

Nesse sentido, é comum a crença de que, caso o Estado de Israel tivesse sido criado antes do Holocausto, este possivelmente não teria ocorrido. Em 2008, o então presidente da Fiesp, Boris Ber, afirmou: “se nós tivéssemos criado Israel antes da Segunda Guerra Mundial, talvez não tivéssemos sofrido o Holocausto”³²¹. Da mesma forma, segundo Alberto Milkewtz,

Se nós tivéssemos o Estado de Israel, seguramente o holocausto não teria acontecido ou teria sido minimizado. Outros foram evitados, como aconteceu na Etiópia, como

³¹⁸ Entrevista realizada pelo autor.

³¹⁹ Entrevista realizada pelo autor.

³²⁰ SHIVTIEL, A. Da busca da terra prometida até a... difícil conquista da paz na região. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 abr. 1998, especial.

³²¹ RAMOS, C. Jerusalém e Israel são homenageados na Assembléia Legislativa de São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, contracapa, 19 jun. a 3 jul. 2008.

aconteceu com a saída dos judeus russos. O Estado de Israel funciona como o único que nos defende até as últimas consequências³²².

Assim, o Estado de Israel é visto também como a garantia de que as atrocidades contra o povo judeu irão se repetir. Quando o escritor argentino radicado em Israel Gustavo Perednik, criador do termo “judeofobia”, esteve no Brasil e foi questionado pela Tribuna Judaica a respeito da possibilidade da ocorrência de um novo Holocausto, respondeu: “não, pois agora temos Israel e muito mais possibilidades de nos defendermos”³²³.

Experiências de salvamento, em que Israel promoveu o resgate de judeus em situação de perigo e/ou vulnerabilidade fora de seus domínios são acompanhadas com entusiasmo pelas comunidades da diáspora e reafirmam, em seu imaginário, a certeza do compromisso israelense com o povo judeu. Para mencionar apenas algumas mais famosas, já em 1949 e 1950, a Operação Asas de Águia, também conhecida como Tapete Mágico, trouxe secretamente ao Estado de Israel quase 50 mil judeus iemenitas que passaram a sofrer perseguições em seu país após a aprovação da Partilha da Palestina, em 1947. Permanece ainda viva na memória da comunidade judaica a cinematográfica Operação Entebbe, ocorrida em 1976, em que o governo israelense socorreu na Uganda judeus (israelenses ou não) seqüestrados em vôo comercial da Air France. Finalmente, pode-se citar o resgate de milhares de judeus Etíopes entre 1984 e 1991 – Operação Moisés, Operação Josué e Operação Salomão –, em meio às crises humanitárias vividas no país africano³²⁴. De acordo com Alberto Milkewitz, “com a ajuda de Israel, comunidades inteiras podem fugir do perigo e da ameaça para a segurança e a liberdade”³²⁵.

Ainda hoje, quando ocorrem eventos desse tipo, recebem cobertura da imprensa judaica. Em 2008, durante conflito na Geórgia por conta da querela envolvendo a Ossétia do Sul – esta última apoiada pela Rússia e desejando separar-se do país –, a Tribuna Judaica trouxe a seguinte nota:

³²² Entrevista realizada pelo autor.

³²³ FEDER, C. Fundo Comunitário traz Gustavo Perednik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 258, p. 4, 16 a 30 abr. 2010.

³²⁴ Há diversos outros exemplos, como a Operation Yakhin (Marrocos), e a Operação Esdras e Neeemias (Iraque).

³²⁵ MILKEWITZ, A. Judeus num mundo sem fronteiras. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 4, 31 maio a 14 jun. 2010.

O governo israelense enviou aviões à Geórgia para evacuação dos judeus, que serão levados ao Estado de Israel. Só no primeiro voo havia 230 passageiros a bordo e a previsão é que esse número ainda aumente nos próximos voos. O total de judeus residentes na Geórgia é de aproximadamente 12 mil, além de turistas e pessoas que viajam a negócios. A Agência Judaica (Sochnut) comunicou que fará todos os esforços para ajudar os judeus de Geórgia e para repatriar todos que desejarem. E garantiu: “é um compromisso que assumimos hoje na Geórgia, que está em perigo; onde há um judeu, ali estaremos para ajudá-lo”³²⁶.

Além deste tipo de operação, Israel também desempenha um papel diplomático importante frente os países em que judeus se deparam com algum tipo de discriminação. Em artigo para a Tribuna Judaica, Jaime Spitzcovsky destacou:

Em 2007, Israel e Bielorrússia enfrentaram uma crise diplomática, por conta de comentários do presidente Lukashenko que trouxeram doses inaceitáveis de anti-semitismo, ao afirmar, entre outros disparates, que “judeus não se preocupam com o lugar em que vivem”. A então chanceler Tzipi Livni convocou o embaixador da Bielorrússia em Israel para fazer um vigoroso protesto³²⁷.

De acordo com a Embaixadora de Israel no Brasil, Tzipora Rimon,

O governo israelense tem uma atenção muito grande com o anti-semitismo no mundo inteiro. Há um departamento especial no escritório do primeiro-ministro e uma divisão no Ministério das Relações Exteriores que acompanham estes assuntos³²⁸.

Muitas vezes, o próprio exército de Israel se apresenta não apenas como defensor dos cidadãos do Estado de Israel, mas também como protetor de todo o povo judeu onde quer que seja. Nesse sentido, é interessante lembrar a afirmação do atual chefe do Estado Maior do Exército israelense, general Benny Gantz, em cerimônia realizada no Dia da Lembrança do Holocausto no Kibutz Tel Yitzhak, em Israel, no início de 2010:

Mais de 60 anos se passaram desde que os crematórios tiveram que cessar sua tenebrosa atividade, e os sons de tiros nos assassinatos em massa tornaram-se silenciosos. Mas ainda agora o povo judeu enfrenta muitos desafios e diferentes

³²⁶ FEDER, C. Israel envia ajuda a judeus da Geórgia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 12, 18 ago. a 1 set. 2008.

³²⁷ SPITZCOVSKY, J. Bielorrússia homenageia vítimas do Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 7, n. 223, p. 7, 17 a 31 out. 2008.

³²⁸ WAISMANN, D. “O Hamas é uma organização terrorista”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, p. 14, 7 a 21 maio. 2006.

inimigos que querem destruí-lo. É por isso que as FDI³²⁹ têm o compromisso histórico de enfrentar as ameaças e frear qualquer ataque contra judeus em qualquer lugar³³⁰.

O cônsul geral de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman, concorda que o Estado de Israel aumenta a segurança dos judeus no mundo e cita um fato bastante curioso que caracteriza o Estado de Israel como um porto seguro não só contra o antissemitismo, mas também contra dificuldades de outras ordens (social, política, financeira) que judeus possam enfrentar na diáspora:

Na Argentina, no tempo da ditadura, quando começaram a matar todo mundo, para onde fugiram os judeus? Para Israel. E milhares e milhares de judeus entravam na embaixada. Eu conheci alguns desses judeus ativistas, completamente assimilados, mas quando estavam sendo procurados, para onde iam? Para a embaixada de Israel! Ali, lhes abriam a porta e, às três da manhã, quando não havia polícia, os colocavam num carro e levavam à Mar del Plata para passar a fronteira³³¹.

Por fim, pode-se dizer também que, frequentemente, atribui-se ao Estado de Israel a maior segurança dos judeus não apenas para o caso de alguma eventualidade futura, mas em sua própria condição atual, mesmo em países democráticos como o Brasil. São ilustrativas as observações de Alberto Milkewitz, que credita a liberdade dos judeus no país à existência de um Estado judeu:

A experiência lhe mostra que não teríamos liberdade para você estar em uma Federação Israelita no meio de São Paulo discutindo isso, depois indo para a USP, a nossa maior universidade, colocando o teu mestrado nas prateleiras livremente. Não teríamos isso. Hoje parece bobagem, mas não teríamos isso. (...) O Estado de Israel defende os judeus³³².

Tal percepção está sintetizada em uma frase atribuída ao sobrevivente do Holocausto, escritor e Prêmio Nobel da Paz Elie Wiesel difundida em diversos materiais promocionais do Fundo Comunitário: “um judeu pode viver fora de Israel, mas jamais sem Israel”.

Nesta percepção, é interessante observar também que, ao defender o povo judeu, o Estado de Israel contribuiria também para dignificá-lo. Segundo Nilton Serson,

³²⁹ Forças de Defesa de Israel.

³³⁰ FDI prontas para defenderem o povo judeu. **Rua Judaica**, Rio de Janeiro, 6 maio 2011. Boletim enviado por e-mail.

³³¹ Entrevista realizada pelo autor.

³³² Entrevista realizada pelo autor.

Israel dá dignidade para o judeu. A minha geração não sabe o que é ser cuspid – “seu judeu filho da puta, você não tem direito” –, mas meus avós sabem. Então, tem outra conscientização. Perder a cidadania, não ser cidadão de nada, não ter direitos, não ter a quem recorrer, o Estado não te proteger... Hoje, nenhum judeu se sente mais assim, e eu reputo essa dignificação ao Estado de Israel. O Estado de Israel deu dignidade ao judeu. O judeu não é mais o judeu que apanha, o judeu não é mais o cuspid, o judeu tem exército, o judeu reage, o judeu provoca e mata também, que é uma linguagem meio bruta, mas é uma linguagem que o mundo entende³³³.

O Estado de Israel é visto hoje, portanto, como provedor da segurança e dignidade das quais os judeus se viram carentes durante quase toda a sua história³³⁴. Sua perda – ou a perda de seu caráter judaico – significaria, para esta coletividade, voltar a conviver com o risco permanente de extermínio³³⁵. Para Alberto Milkewitz,

A ingenuidade não é permitida ao Povo Judeu. A fé na bondade, na responsabilidade e na ética dos homens pode ser suicida. (...) É preciso dialogar, buscar a paz, mas sempre e quando possa se garantir a vida dos próprios cidadãos e nunca deixá-la em mãos de outros que não são confiáveis³³⁶.

Esta visão é muito próxima daquela apresentada por Benjamin Netanyahu em declaração ao parlamento israelense por ocasião do Dia Internacional em Memória às Vítimas do Holocausto, em janeiro de 2012: “no que diz respeito às ameaças à nossa existência, não podemos deixar o nosso futuro nas mãos dos outros. Com relação ao nosso destino, nosso dever é confiarmos em nós mesmos”³³⁷.

Esse tipo de discurso que afirma que, em momento de perigo, judeus só podem confiar em outros judeus não condiz com o que se verifica na própria história judaica. De acordo com Bernardo Sorj (2010, p. 88 e 89),

Trata-se de uma perspectiva errônea tanto do ponto de vista moral quanto do político e histórico. Moralmente falso, porque esquece a quantidade de não judeus que colocaram em risco suas vidas para salvar judeus. Historicamente errônea, porque o

³³³ Entrevista realizada pelo autor.

³³⁴ Esta concepção está bastante presente no discurso oficial do Estado de Israel e apareceu, por exemplo, na fala do presidente Shimon Peres por ocasião do Dia da Lembrança do Holocausto (*Iom HáShoá*). HAARETZ SERVICE. Peres in Yad Vashem: Holocaust proves Jews must fend for themselves. **Haaretz**, 1 May 2011. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/jewish-world/peres-in-yad-vashem-holocaust-proves-jews-must-fend-for-themselves-1.359206>>. Acesso em 13 jun. 2012.

³³⁵ Isso vale especialmente para os judeus seculares. Para os ortodoxos ou ultraortodoxos, o destino dos judeus depende do cumprimento dos mandamentos (*mitzvot*) e de Deus.

³³⁶ MILKEWITZ, A. Gaza: um monstro criado pela Liga Árabe. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 6, 19 jul. a 2 ago. 2008.

³³⁷ PM Netanyahu addresses Knesset session marking International Holocaust Remembrance Day. **MFA Newsletter**, 24 jan. 2012. No original: “In the end, with regard to threats to our very existence, we cannot abandon our future to the hands of others. With regard to our fate, our duty is to rely on ourselves alone”.

povo judeu sempre dependeu de alianças para sobreviver e realizar seus projetos, seja no retorno do exílio da Babilônia e a reconstrução do segundo Templo, possibilitados por decretos dos reis persas, seja na criação do Estado de Israel, que contou com o voto majoritário da comunidade internacional, seja nas guerras que o país enfrentou, quando recebeu armas do bloco soviético, depois, da França e, finalmente, dos Estados Unidos. A visão de isolamento, de estar só no mundo, é politicamente perigosa, porque, como minoria na diáspora ou no Estado de Israel, a capacidade de autodefesa sempre dependerá de alianças e apoios os mais amplos possíveis. A capacidade de mobilizar esses apoios foi e continua sendo uma das condições de sobrevivência dos judeus.

De acordo com Yacov Rabkin (2009, p. 98)

A mãe pátria é chamada de mãe porque recebe sempre seus filhos pródigos e para eles o seu amor é generoso, incondicional e natural. A mãe é o último refúgio e, com efeito, o Estado de Israel é frequentemente apresentado e percebido como a última terra de asilo para os judeus, a última garantia de sua segurança.

Porém, num sentido contrário a todas as afirmações discursivas apresentadas acima, isto é, as de que Israel é um porto seguro para os judeus, o autor (2009, p. 86) questiona a capacidade de um estado nacional inserido em uma região conflituosa aumentar a segurança de seus “cidadãos em potencial” e, especificamente, o fato do Estado de Israel ter realmente aumentado a segurança dos judeus:

A existência de um Estado dotado de uma bandeira nacional, de um exército poderoso e de uma economia próspera confere certa segurança. Cabe perguntar se a adesão a um Estado-nação em uma região heterogênea aumentou de fato a segurança, por exemplo, dos bósnios ou dos ucranianos. Mas, para grande número de judeus, a existência do Estado de Israel se tornou uma condição *sine qua non* para a sobrevivência dos judeus.

Nesse sentido, em 1993, Shmuel Shnitzer (apud WEIZMAN, 2008, p. 34), ex-editor do jornal israelense Ma’ariv, observou:

De todos os lugares no mundo, o Estado de Israel é o mais perigoso para os judeus. Se os judeus fossem assassinados e feridos em qualquer lugar do mundo à razão em que isso ocorre no Estado de Israel, diríamos: ‘Por que vocês estão vivendo na diáspora? Venham, todos vocês, para o Estado de Israel’. Mas é óbvio que hoje é mais perigoso viver em Israel do que em qualquer outro lugar do mundo³³⁸.

³³⁸ Não foi possível checar a íntegra do texto, pois os arquivos pela internet do jornal não chegam ao ano de 1993. Weizman (2008, p. 34) traz ainda as seguintes informações: “mais de 21.000 pessoas foram assassinadas na luta pela independência do Estado: 1589 foram mortas antes do estabelecimento do Estado, 4783 foram mortas na Guerra de Independência, 1151 antes da Campanha do Sinai e 231 durante a Campanha, 1001 desde então até a Guerra dos Seis Dias, 776 na Guerra dos Seis Dias, 2069 desde então

Judeus que seguiram vivendo na diáspora, por sua vez, tiveram que passar a conviver com o antissemitismo impulsionado pelos conflitos do Oriente Médio. De acordo com William Safran (2005, p. 45),

A grande contribuição de Israel para a diáspora é que ele constitui uma fonte de orgulho por suas realizações e proporciona uma refutação de vários estereótipos negativos sobre os judeus da diáspora que já existem há muitos anos. Mas há uma consequência: a culpa pelos erros de Israel (assim percebidos) recaem sobre a diáspora³³⁹.

De fato, dados publicados em diversas pesquisas revelam o aumento do antissemitismo e da insegurança dos judeus na diáspora no caso de conflitos no Oriente Médio. Para citar apenas o exemplo mais importante e próximo da comunidade judaica brasileira, em 1994, um atentado de grandes proporções à sede da Associação Mutual Israelita Argentina (AMIA), um dos principais centros da comunidade judaica daquele país, deixou 85 mortos e centenas de feridos. Sem dúvida, agressões contra judeus por motivações políticas relacionadas aos conflitos no Oriente Médio continuam a ocorrer, e nos diversos continentes. Segundo Bila Sorj (2007, p. 99), “a Europa vem assistindo, desde o início do século XXI, a uma onda de manifestações antijudaicas impulsionada pelo conflito entre Israel e os palestinos”³⁴⁰.

Sem dúvida, dirigentes de instituições judaicas de São Paulo e a própria imprensa comunitária percebem a correlação entre os conflitos no Oriente Médio e o aumento do antissemitismo na diáspora. Nesse sentido, é significativo todo o aparato de segurança construído em torno das principais instituições judaicas do estado. Em particular, os atentados em Buenos Aires (à AMIA, em 1994, e à Embaixada de Israel, em 1992) fizeram com que a

até a Guerra do Yom Kipur, 2687 durante o desenrolar da Guerra de Yom Kipur, 2020 desde a Guerra do Yom Kipur até o começo da Guerra do Líbano, mais de 1500 de lá até a partida do Líbano e mais de 700 homens, mulheres e crianças desde o começo da atual Intifada”.

³³⁹ No original: “a major contribution of Israel to the diaspora is that it constitutes a source of pride for its achievements and provides a refutation of several negative stereotypes about diaspora Jews that have existed for many years. But there is an observe consequences: the blame for the perceived misdeeds of Israel are visited upon the diaspora”.

³⁴⁰ Seguindo as palavras da autora (2007, p. 99-100), “o entendimento desse fenômeno, tratado pelos estudiosos como um ‘novo anti-semitismo’, é muitas vezes afetado pela carga emotiva, ideológica e política que envolve o debate. Duas visões, igualmente extremadas, mostram-se insatisfatórias: aquela que minimiza o fenômeno, atribuindo-lhe caráter meramente episódico e inconsequente, que decorreria dos confrontos legítimos no contexto do conflito israelo-palestino, e a que superdimensiona o enraizamento do anti-semitismo ao estabelecer relação de simples continuidade com o passado, atualizando a narrativa do ‘eterno anti-semitismo’”.

comunidade judaica no Brasil permanecesse sempre alerta. Isso também aparece em diversos textos publicados pela Tribuna Judaica. Em 2006, um recado editorial afirmava:

A sinagoga da Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob, localizada na região central de Campinas, foi alvo de atentado. Na circunstância, dois homens arremessaram um coquetel molotov no local. Antes, escreveram na calçada: “Líbano, o verdadeiro Holocausto”, evidenciando as razões do ataque³⁴¹.

Pouco tempo após a Guerra em Gaza, no final de 2008 e início de 2009, outro editorial trazia a seguinte informação a respeito do que ocorria na cidade de Passo Fundo (RS):

Recentemente, após os acontecimentos em Gaza, a paz que sempre permeou o local foi quebrada com pichações antissemitas no muro da sinagoga local, no qual foi desenhada uma suástica e escrita a frase “Fora Israel”³⁴².

Em Minas Gerais, ainda em janeiro de 2009, segundo relato do jornal, participantes de uma manifestação de apoio ao povo palestino atiraram objetos e jatos de tinta vermelha na sede da Federação Israelita do Estado de Minas Gerais (Fisemg)³⁴³.

Finalmente, quando em entrevista à Tribuna Judaica o vice-presidente executivo da Fisesp, Ricardo Berkiensztat, foi questionado sobre o momento mais difícil enfrentado durante sua gestão, respondeu:

O ano de 2009 foi particularmente difícil. Tivemos no início do ano do ano a Operação Gaza do Exército israelense que acirrou muito o anti-sionismo e, conseqüentemente, o anti-semitismo³⁴⁴.

Manifestações antissemitas desse tipo eram verificadas também em outros países da América Latina. Em 2006, a Tribuna Judaica informava o que ocorria na Venezuela:

³⁴¹ SINAGOGA no centro de Campinas é alvo de atentado. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 3, 4 a 18 set. 2006. Editorial.

³⁴² PICHANÇA na sinagoga de Passo Fundo prova que antissemitismo não tem lugar para ocorrer.

Tribuna Judaica, São Paulo, n. 231, p. 2, 21 fev. a 7 mar. 2009. Editorial.

³⁴³ SITUAÇÃO na faixa de Gaza repercute no mundo: Fisemg é alvo de vandalismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 230, p. 3, 6 a 20 fev. 2009. Editorial.

³⁴⁴ ROIZEN, J. Representação política e agilidade nas decisões. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 8, 20 ago. a 4 set. 2010.

Na Venezuela, por exemplo, a cada manifestação pró-governo, cuja caminhada passasse por instituições judaicas, eram feitas pichações “fora-sionistas” e “viva a Palestina” nos muros das sinagogas, escolas e clubes³⁴⁵.

Em 2009, o foco era a Argentina:

O que parecia adormecido nos últimos anos, parece ter ressurgido, principalmente após os conflitos em Gaza. Grupos ligados à esquerda política do país saem constantemente às ruas e ofendem judeus, adultos e crianças, que passem pelo caminho. Eles são obrigados a escutar insultos como “ratos, os judeus estão levando nosso dinheiro” e outras falácias antissemitas que nos remetem a Berlim de 1940. Eduardo Elstain, que aceitou um cargo no Conselho Judaico Mundial, teve as paredes de seu escritório pichado com uma mistura de suástica e de Magen David. (...) A Argentina, que possui uma comunidade muito maior, continua sendo cenário de ódio reprimido de terroristas, que esperam apenas um pretexto para destilarem sua violência, por enquanto verbal e contra o patrimônio, contra a comunidade local³⁴⁶.

Na Europa, constatava-se essa mesma realidade. Um texto publicado pelo diretor de redação da Tribuna Judaica com observações de Jacobo Israel, presidente da Federação de Comunidades Judaicas da Espanha, dizia:

O representante dos mais de 40 mil judeus que vivem na Espanha enfatizou que, a cada enfrentamento entre Israel e os terroristas palestinos, isto no Oriente Médio, há sempre ameaças veladas contra a comunidade. Por exemplo, quando as tropas israelenses tiveram que atacar a cadeia de Jericó, para evitar que indivíduos perigosos fossem soltos pelo Hamas, colégios e sinagogas de Madri tiveram que redobrar a vigilância pois sofreram ameaças de retaliação de parte de grupos islâmicos que agem no país³⁴⁷.

Caio Blinder, jornalista e articulista da Tribuna Judaica, fez também afirmações neste sentido a respeito do que ocorria na Grã-Bretanha em 2009: “quatro semanas depois da operação Chumbo Fundido, aumentaram em oito vezes os incidentes antissemitas na Grã-Bretanha”³⁴⁸.

Um recado editorial publicado em 2010 trazia a confirmação desta tendência:

Em artigo publicado no jornal “O Estado de S. Paulo”, saiu uma nota preocupante. Após dez anos de baixa contínua, o número de ataques contra judeus na Europa vem crescendo desde o conflito em Gaza, em janeiro de 2009. Segundo o jornal, “em todo o continente, pelo menos 1,1 mil incidentes antissemitas – 49% deles contra o patrimônio

³⁴⁵ COMUNIDADE judaica da América Latina sofre com anti-semitismo e falta de liberdade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 156, p. 2, 7 a 21 jan. 2006. Editorial.

³⁴⁶ COMUNIDADE de Buenos Aires vive horas de terror e medo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 232, p. 3, 8 a 22 mar. 2009. Editorial.

³⁴⁷ ANTI-SEMITISMO na Espanha preocupa dirigentes judeus. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, p. 3, 7 a 21 maio 2006.

³⁴⁸ BLINDER, C. O novo antissemitismo é mais descarado, inclusive no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 231, p. 5, 21 de fev. a 7 de mar. 2009.

– foram registrados em 2009, contra 559 em 2008, de acordo com a classificação da Universidade de Tel Aviv”. França e Inglaterra concentram a maioria dos casos. Com os recentes acontecimentos da flotilha, é possível que os casos aumentem ainda mais. Diante desse quadro, temos que ficar alertas por aqui também, pois manifestações antissemitas espalham-se pelo mundo com velocidade impressionante. E se já vimos protestos organizados em São Paulo, em que manifestantes queimavam a bandeira de Israel, não é difícil que isso se transforme em hostilidades ainda piores³⁴⁹.

Por fim, o próprio Alberto Milkewitz que, como vimos há pouco, atribuiu ao Estado de Israel os créditos pela maior segurança a todo o povo judeu, publicou artigo com os resultados de relatórios sobre antissemitismo que também indicavam a correlação entre os conflitos no Oriente Médio e o aumento do antissemitismo na diáspora:

Os trabalhos mostram que há alguma ligação, em geral não visível, entre muitos dos eventos antissemitas que se registram em cada canto do mundo. A Universidade de Tel Aviv monitora os eventos antissemitas no mundo todo há mais de 10 anos. (...) O gráfico mostra um aumento exponencial do antissemitismo nas suas variadas linhas (cristão, muçulmano, de direita, de esquerda). É claramente ascendente na última década tendo os aumentos acentuados em períodos como os de conflito com Gaza e o da Flotilha³⁵⁰.

Considerando-se tudo o que foi apresentado acima, como conciliar, então, a crença de que Israel confere segurança aos judeus de todo o mundo com os dados que revelam incremento do antissemitismo após guerras, conflitos e crises entre o Estado de Israel, os palestinos e seus vizinhos? Uma possível resposta a esta questão está na associação entre antissionismo e antissemitismo: para a maior parte dos dirigentes de instituições da comunidade judaica de São Paulo, manifestações anti-Israel dirigidas a judeus ou entidades judaicas da diáspora logo após incidentes no Oriente Médio são apenas máscaras que encobrem o ódio latente contra o povo judeu, impossibilitado de manifestar-se como tal após o Holocausto. É vigente a crença de que desde os tempos imemoriais os judeus foram, hoje são e para sempre serão alvo do mesmo tipo de antipatia. Atualmente, esta aversão se traduziria na censura ao Estado judeu, mas existiria independentemente dele.

De fato, esta analogia entre antissionismo e antissemitismo está largamente presente no discurso de lideranças da comunidade judaica

³⁴⁹ ANTISSEMITISMO aumenta na Europa após dez anos: é preciso ficarmos alertas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 263, p. 3, 30 jun. a 14 jul. 2010. Editorial.

³⁵⁰ MILKEWITZ, A. A Universidade de Yale aborda crise atual de antissemitismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 4, 20 set. a 5 out. 2010.

brasileira e mundial³⁵¹. Em passagem pelo Brasil, o vice-primeiro ministro de Israel, Silvan Shalom, fez as seguintes declarações a respeito do antissionismo:

Esta é a maneira moderna de propagar o antissemitismo. Nós queremos trazer os responsáveis por isso à tona e mostrar ao mundo que estas pessoas são, na verdade antissemitas. Transvestidos com esta fantasia, eles não querem mostrar sua faceta antissemita, se escondendo atrás de críticas a Israel³⁵².

O cônsul geral de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman, tem uma opinião semelhante:

Eu acho que onde tem um aumento do antissemitismo por causa de ações de Israel, esse antissemitismo está lá, latente, de qualquer forma. E ele vai sair para fora se Israel faz alguma coisa ou se tiver alguma coisa nessa mesma comunidade. (...) O antissemitismo se manifesta contra Israel, mas eu acho que esse antissemitismo vai se manifestar de outra forma, com qualquer outra coisa, que não tem nada a ver. (...) Eu acho que quando se manifesta porque Israel fez alguma coisa é uma desculpa deles. A essência da posição deles diante dos judeus em geral não tem nada a ver com Israel, ao contrário, é gente ignorante, gente que não tem nenhuma ideia do que acontece no Oriente Médio ou aqui e são contra judeus por xenofobia. Isso vai acontecer de qualquer forma, com Israel ou sem Israel, infelizmente³⁵³.

Segundo diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil, Jaime Spitzcovsky,

É claro que situações conjunturais do Oriente Médio provocam um aumento do antissemitismo, isso é inegável, até porque, muitas vezes, os adversários de Israel buscam misturar antissemitismo, com antissionismo, com antiisraelismo. Eu, pessoalmente, acho que é absolutamente possível ser antissionista e não ser antissemita. Porém, hoje, de forma tática, muitos antissemitas posam de antissionistas e aproveitam dessas situações mais agudas do Oriente Médio e, com grande oportunismo político, procuram disseminar antissemitismo, antissionismo, antiisraelismo. (...) Estruturalmente, a nossa situação hoje, como judeus, é muito mais segura do que a dos nossos avós a cinco gerações ou sei lá quantas gerações – pelo menos desde a criação do Estado de Israel. Agora, no conjuntural, repito, às vezes essas crises agudas no Oriente Médio elevam a temperatura do debate político e

³⁵¹ Esta analogia está presente em diversos artigos dos colunistas da Tribuna Judaica Marcos Wasserman e Caio Blinder. Por exemplo: BLINDER, C. Esquerda contrária ao Estado de Israel é nova face do antissemitismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 187, p. 5, 17 abr. a 1 maio. 2007. BLINDER, C. Peça inglesa em Nova York dramatiza o novo antissemitismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 235, p. 5, 22 abr. a 6 maio. 2009. BLINDER, C. Estado de Israel é alvo de saraivada de hipocrisia global na crise de Gaza. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 5, 22 jan. a 5 fev. 2009. BLINDER, C. Minúsculas contas diplomáticas de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 254, p. 5, 15 de fev. a 1 mar. 2010. WASSERMAN, M. Nada de novo no front. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 2, 22 jan. a 5 fev. 2009. WASSERMAN, M. Não matei Jesus. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 232, p. 2, 8 a 22 mar. 2009. WASSERMAN, M. O vizinho mordeu o cachorro. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 2, 4 a 18 set. 2006.

³⁵² SAVOIA, T. KKL traz ministro Silvan Shalom ao Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, contracapa, 10 a 26 dez. 2010.

³⁵³ Entrevista realizada pelo autor.

existem os oportunistas antissemitas que buscam se aproveitar desse momento para disseminar uma mensagem muitas vezes travestida de antiisraelismo que é, no fundo, antissemitismo³⁵⁴.

De acordo com o diretor institucional da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), Alberto Milkewitz,

De repente, acontece alguma coisa em que o Estado de Israel esteja envolvido e, imediatamente, você vai encontrar um nível de agressividade enorme. “Ah, isso é anti-sionismo”. Não é anti-sionismo, anti-sionismo é uma palavra bonita para dizer que tudo o que os judeus fazem está errado e que a melhor solução para os judeus é serem eliminados³⁵⁵.

Nas palavras do ex-presidente do Fundo Comunitário, Nilton Serson,

Todo esse antissemitismo tem um potencial latente. Quando Israel faz alguma coisa – e o judeu da diáspora não tem nenhuma ingerência sobre isso, ele não vota lá, ele não faz nada – essa latência explode, ressurgue. A potencialidade, a latência do antissemitismo, que eu prefiro chamar de judeofobia, está lá, independente de ter ou não ter Israel. Israel apenas evidencia um pouco mais ou um pouco menos e mostra quão ignorante é o antissemita: ele não entende que nós não temos nada a ver com uma ação direta do governo³⁵⁶.

Finalmente, o recém-eleito presidente da Fisesp, Mario Fleck, afirmou:

O cenário político ocupa uma de nossas maiores preocupações. Vivemos tempos de hipocrisia flagrante no cenário internacional, com graves ameaças ao Estado de Israel, cujo processo de deslegitimação nada mais é que uma versão contemporânea dos conhecidos pensamentos antissemitas³⁵⁷.

Assim, considerando o que foi apresentado, Israel não seria responsável pelas ameaças à segurança da comunidade judaica pois, na percepção dos líderes desta comunidade, o país apenas serve de pretexto e disfarce para a manifestação de um antissemitismo latente e preexistente. Nas palavras da historiadora da Universidade de Tel Aviv, especialista em antissemitismo, Dina Porat, citada em artigo por Alberto Milkewitz, “o Oriente Médio é o fósforo para o antissemitismo, mas o que pega fogo é o material inflamável que já está no mundo todo”³⁵⁸. Israel, por sua vez, ofereceria ainda cidadania e refúgio seguro a todos os judeus que, sentindo-se ameaçados na diáspora, desejarem emigrar

³⁵⁴ Entrevista realizada pelo autor.

³⁵⁵ Entrevista realizada pelo autor.

³⁵⁶ Entrevista realizada pelo autor.

³⁵⁷ Mensagem de Mário Fleck, o novo presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo. **Rua Judaica**, Rio de Janeiro, 6 jan. 2012. Boletim enviado por e-mail.

³⁵⁸ MILKEWITZ, A. A Universidade de Yale aborda crise atual de antissemitismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 4, 20 set. a 5 out. 2010.

para lá. Percebido como antissemitismo, o antissionismo e críticas mais duras a Israel podem, inclusive, fortalecer o vínculo entre a comunidade judaica e aquele país, uma vez que consistiriam na expressão de um antissemitismo latente e, com isso, reafirmariam a necessidade de um Estado onde judeus possam sentir-se seguros. Segundo o presidente da B'nai B'rith Brasil, Abraham Goldstein,

O Estado de Israel não garante que não exista antissemitismo. O Estado de Israel dá a todo e qualquer judeu a opção dele poder se deslocar para um lugar onde ele possa se sentir mais seguro e praticar o seu judaísmo, conviver em um ambiente judaico que lhe permita desenvolver, praticar e viver com os seus valores. (...) Não é o único lugar. Ele pode ir para outro país que, naquele momento histórico, não tem leis que prejudicam, ao contrário, tem leis que permitem a convivência e fortalecem a convivência diversificada³⁵⁹.

Se, como temos observado, o vínculo entre diáspora e Estado de Israel é defendido pelas principais instituições da comunidade judaica de São Paulo, em grande parte, para a garantia de um refúgio em caso de ameaças antissemitas, como explicá-lo diante da realidade brasileira, em que não se verifica um antissemitismo relevante como em outros países?³⁶⁰

Além de todo o aspecto cultural, abordado no início, e do investimento de diversas instituições comunitárias no fortalecimento deste vínculo por meio de inúmeras ações, como já foi analisado também, há ainda outras razões ligadas à própria história judaica e à história dos judeus brasileiros que podem sugerir respostas a esta questão. Referindo-se ao povo judeu, Elizabeth Roudinesco (2010, p. 19) afirma:

E, desde suas origens míticas, esse povo caracteriza-se pelo culto que devota à sua própria memória. Ele não para de se lembrar das catástrofes (Holocausto) que sempre lhe foram enviadas por Deus e que, a cada vez, o condenam ao exílio, à dispersão (diáspora ou *Galut*) e, portanto, à perda de seu território e de seus lugares santos: destruição por Nabucodonosor do primeiro templo construído por Salomão, cativo na Babilônia, regresso do cativo, reconstrução do segundo templo destruído por Tito – e do qual subsistirá apenas um muro de choro e soluços (o muro das Lamentações) –,

³⁵⁹ Entrevista realizada pelo autor.

³⁶⁰ Nas palavras de Bernardo Sorj (1997, p. 10), “nos dois grandes centros onde se encontram a grande maioria dos judeus, Rio de Janeiro e São Paulo, práticas ou discursos anti-semitas que afetam seja a qualidade de vida e convivência social, ou que influenciem as chances efetivas de mobilidade social, são bastante excepcionais. Neste sentido, e voltaremos mais adiante a este ponto, o judaísmo no Brasil encontra-se numa situação diferente do resto da América Latina”.

perseguições pelos romanos, que rebatizam a Judeia de *Palestina*, e depois pelos cristãos.

A história do povo judeu é a história de um eterno sofrimento, de um profundo infortúnio e de uma infinita lamentação que se traduz, ao longo das expulsões e dos massacres, pelo sonho nunca realizado sem catástrofe de uma volta à Terra Prometida: “O Eterno te dispersará no meio de todos os povos de um extremo a outro da terra. Ele te dará ali um coração inquieto, olhos enlanguescidos e alma angustiada”.

A história judaica é marcada por narrativas de perda e angústia, o que incute na memória coletiva dos judeus uma perpétua sensação de insegurança. Muitas vezes, mesmo quando judeus acreditaram na estabilidade de sua condição em meio a outras nações, foram repentinamente surpreendidos com novos episódios de perseguição e antissemitismo. Segundo Bernardo Sorj (2010, p. 68),

Para os judeus que entraram em contato com os valores da modernidade, isso significou a possibilidade de sair do gueto, de deixar de ser excluídos de profissões e sobretudo de participar ativamente na construção de um mundo em que todos os seres humanos seriam livres e iguais. Tudo isso sem deixar de ser judeus. Essa travessia foi, e continua sendo, penosa, não só porque exigiu transformações profundas no judaísmo, mas porque o avanço dos valores iluminista foi tortuoso, apresentando retrocessos periódicos por vezes dramáticos, como foi o nazismo. Esses retrocessos produziram nos judeus uma cisão interna entre a vontade de acreditar nas promessas da modernidade e o medo de que o pesadelo do antissemitismo possa sempre ressuscitar.

Outro ponto a ser considerado refere-se à própria história dos judeus no Brasil. Apesar de o país não apresentar tradição antissemita, judeus brasileiros são ainda fortemente marcados por histórias de perseguição, fuga e deslocamento forçado: parcela significativa da comunidade judaica atual são refugiados ou descendentes diretos de refugiados que, muitas vezes, acreditavam estar plenamente integrados à sociedade em que habitavam, mas sofreram grandes reveses subitamente.

Nesse sentido, reviravoltas em ambientes amistosos são esperadas e a comunidade permanece atenta, sendo hipersensível diante de qualquer manifestação suspeita. Bernardo Sorj (2010, p. 71) explica este fenômeno com as seguintes palavras:

A possibilidade de ser excluído como um “estranho”, como alguém que não pertence à cultura majoritária, embora tenha sido vivida com mais intensidade no passado, ainda mais quando estava associada à condição de migrante, continua presente na psique judia.

Ainda de acordo com o autor (1997, p. 21)

Na tradição judaica, (...) o passado – seja na elaboração mitológica ou na memória histórica ainda presente –, faz do futuro algo temido, fonte de incertezas e angústia. O presente se transforma num espaço de preparação para futuras calamidades, de lembrança do passado, esvaziado de conteúdo ou realidade própria.

Portanto, para compreender a cosmovisão da comunidade judaica paulista, é preciso considerar sua percepção da história judaica, da história da comunidade judaica brasileira e das histórias particulares de cada um de seus membros ou antepassados diretos. Devem-se levar em conta emoções, medos e traumas que forjaram as identidades coletivas e individuais.

Uma série de depoimentos e textos das lideranças da comunidade judaica revelam o peso do passado e o lugar da memória na compreensão e atuação diante de desafios do presente. Para o vice-presidente executivo da Fisesp, Ricardo Berkienstz,at,

Hoje temos a possibilidade de sermos judeus, professar nossa religião, desfrutar dessa liberdade e do Estado de Israel. Mesmo assim, o povo tem que estar sempre atento a sua história para fazer com que ela não se repita³⁶¹.

De acordo com Alberto Milkewitz,

Os judeus, alvo predileto do impulso de morte, que é como alguns chamam a estas energias violentas, precisam lembrar sempre que a diferença entre vida e morte está sujeita à instável moral humana, e que, portanto, é imperativo estarem sempre bem defendidos. Quando a violência está à solta, os judeus que se cuidem. A história antiga e recente assim o ensina. Mesmo que pareça paranóia. É imprescindível manter uma defesa alerta e permanente contra as energias destruidoras dos indivíduos. Frente às forças da natureza humana, não basta confiar na lei, na ética humana e na proteção divina, é necessária a auto-proteção e vigilância permanente. Isso é preservar a própria vida e a daqueles que se ama³⁶².

Em outro artigo, Alberto Milkewitz afirma:

Diz um ditado que “quando vir as barbas do seu vizinho pegar fogo ponha as suas de molho”. Neste mundo globalizado é preciso acompanhar o que acontece em outras comunidades, estar ligado aos judeus do mundo todo e em especial de América Latina. Há um passado, um presente e um destino comum. Outros não cuidarão de nós. *Kol Israel arevim zé laze*, cada um é responsável pelo seu irmão³⁶³.

³⁶¹ FEDER, C. Escolas judaicas relembram Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 188, p.13, 2 a 16 maio. 2007.

³⁶² MILKEWITZ, A. Os judeus que se cuidem! **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 167, p. 6, 21 jun. a 5 jul. 2006.

³⁶³ MILKEWITZ, A. América Latina e os judeus: complicado panorama. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 188, p. 8, 2 a 16 maio. 2007.

Além da existência do Estado de Israel, o fortalecimento de regimes democráticos e dos direitos humanos no mundo confere alguma tranquilidade. Entretanto, a incerteza em relação ao que ainda está por vir encontra-se presente mesmo em países democráticos, em que a segurança de minorias deveria estar garantida. Para Alberto Milkewitz, independentemente da boa integração dos judeus como cidadãos do Brasil e de outras nações, o único Estado judeu é Israel³⁶⁴. Segundo ele,

As democracias ainda não estão preparadas para evitar que tiranos ao “estilo Chávez” cheguem ao poder. E os governantes podem se disfarçar de pseudo-pacíficos, “estilo Irã”. No passado, a Alemanha levou ao topo, pela via democrática, o maior assassino da história, porque o voto da maioria não é sempre inteligente, justo nem correto. É bom se proteger do perigo que corre o mundo se este tipo de pessoa chegar ao poder em grandes estados nacionais. O pesadelo é um estado nazista sem barreiras, combinado com alta tecnologia. Para isso, é essencial um Israel forte e garantir já a proteção ágil das minorias e dos diferentes em todas as nações³⁶⁵.

Na identidade judaica atual, a memória do Holocausto ocupa um lugar central. “O Holocausto é, com certeza, o principal evento ao redor do qual a identidade judaica contemporânea se construiu, particularmente na diáspora” (SORJ, 2007, p. 112). Nesse sentido, Hitler é um personagem ainda muito presente no jornal judaico, onde lembranças da barbárie nazista aparecem em quase todas as edições, e imagens e caricaturas do líder do Terceiro Reich são comuns. Interessa-nos, particularmente, verificar, ainda que rapidamente, como a memória do genocídio, que feriu de forma absolutamente profunda a identidade judaica, opera na compreensão de fatos atuais.

De acordo com a jornalista e historiadora israelense Idith Zertal (apud ROUDINESCO, 2010, p. 142), em Israel, “desde 1948 e até a crise atual, que começou em outubro de 2000, não houve guerra ou conflito armado que não tenha sido percebido, definido e conceitualizado pela sociedade israelense em termos ligados ao genocídio”.

Na diáspora, verifica-se o mesmo tipo de leitura. Isso é particularmente evidente, por exemplo, no que se refere à percepção da ameaça representada pelo Irã. Desde outubro de 2005, quando o recém-eleito presidente Mahmoud Ahmadinejad chamou Israel de “mancha desgraçada” que deve ser “apagada

³⁶⁴ MILKEWITZ, A. Lições de Birobidzhan para os judeus. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 198, p. 6, 29 set. a 13 out. 2007.

³⁶⁵ MILKEWITZ, A. Judeus num mundo sem fronteiras. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 4, 31 maio a 14 jun. 2010.

do mapa” durante o evento “O Mundo sem Sionismo”, diante de uma platéia de 4.000 estudantes que o receberam aos gritos de “Morte a Israel”³⁶⁶, as ações do país persa tem sido acompanhadas com extrema desconfiança pela comunidade judaica. Ávido por estabelecer um programa nuclear dito pacífico e, ao mesmo tempo, acusado pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), ligada à Organização das Nações Unidas (ONU), de falta de colaboração com seus técnicos, o Irã desperta temores na comunidade judaica quanto aos verdadeiros fins deste programa. É grande o receio da construção de uma bomba atômica, que poderia levar ao extermínio da população israelense, nas mãos de um país que não esconde sua aversão ao Estado judeu. Este medo foi acentuado a partir do momento em que Ahmadinejad passou a colocar o próprio Holocausto sob suspeita. Em resposta, são comuns as comparações levantadas pela comunidade judaica entre o Irã atual e a Alemanha nazista e, principalmente, entre o presidente Mahmoud Ahmadinejad e líder do Terceiro Reich, Adolf Hitler. No final de 2008, o diretor de redação da Tribuna Judaica declarou:

Alguma diferença entre o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad e Adolf Hitler? Talvez, só o bigode. De resto, ambos são semelhantes fisicamente e mentalmente. Um e outro tem a mesma estatura. Ambos se equivalem como nanicos acomplexados. A propósito do cerebelo, absolutamente nenhuma diferença. Néscios intolerantes e maldosos, nasceram para demonstrar que a bestialidade não é uma característica só dos animais irracionais³⁶⁷.

Ilustrando o texto, o jornal trazia uma caricatura de Ahmadinejad e, na legenda, afirmava: “como Hitler, o presidente do Irã teima em fazer ‘bombinhas’ nucleares determinado a ser o ‘führer’ do OM”³⁶⁸.

³⁶⁶ Israel deve ser “apagado do mapa”, diz líder do Irã. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 out. 2005. Mundo, Caderno A, p. 14.

³⁶⁷ HITLER Ahmadinejad na tribuna da ONU. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 222, p. 3, 2 a 16 out. 2008.

³⁶⁸ Em geral, a comparação de Hitler, do Holocausto ou do Nazismo com o que quer que seja costuma ser veementemente criticada pela comunidade judaica em geral, ainda mais no contexto atual, em que críticos de Israel muito frequentemente aventam o paralelo totalmente descabido entre ações do país em relação aos palestinos àquelas do Nazismo em relação aos judeus na época da Segunda Guerra. Para a maior parte dos judeus, o Holocausto é único, uma excepcionalidade histórica que não pode ser comparado a nada. Um editorial da própria Tribuna Judaica, publicado em 2009, afirmava: “a banalização do termo [nazista] (...) acaba por diminuir o que realmente foi a ideologia que massacrrou homens, mulheres e crianças de forma sistematizada, como uma verdadeira indústria da morte, e não há nada, absolutamente nada hoje em dia, que possa ser comparado a isso”. (BANALIZAÇÃO do termo “nazista” contribui para a não compreensão do que foi essa ideologia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 243, p. 2, 20 ago. a 3 set. 2009. Editorial). Nesse sentido, é tentador sugerirmos a existência de uma certa reivindicação da comunidade judaica pelo monopólio das comparações com Hitler, o Holocausto ou o Nazismo.

Quando o ministro israelense da Diáspora e Relações Públicas (Hasbará), Yuli Edelstein, esteve no Brasil, em meados de 2010, expressou ideia semelhante em evento na Hebraica. De acordo com ele, “alguns dizem que Ahmadinejad é apenas um palhaço. Mas no século passado também achávamos que um novo e polêmico líder era apenas um palhaço e vejam o que aconteceu”³⁶⁹.

É o mesmo sentido que aparece no texto do colunista da Tribuna Judaica, Marcos Wasserman, publicado em 2006:

No decurso da história da civilização sempre existiram líderes que se caracterizaram por sua perversidade verbal. Via de regra, nunca foram levados a sério, até o dia em que suas palavras se transformaram em ação. Nunca é demais recordar as figuras de Mussolini e Hitler, que nos seus rompanes discursos provocavam de início sorrisos, e até mesmo gargalhadas com os seus uniformes teatrais e as inusitadas saudações. Diziam que eles não passavam de palhaços, pelo que não deveriam ser levados a sério.

Ficou mais do que provado que as palavras, por mais grotescas que sejam, tem uma enorme força quando a sua virtual brutalidade é traduzida em ação – que resultaram afinal na horrível hecatombe que foi a Segunda Guerra Mundial.

Assim foi com o presidente Nasser, do Egito, que, com sua verbosidade, ameaçou jogar os israelenses ao mar e, depois, quando partiu para a ação desencadeou a Guerra dos Seis Dias, em 1967. O mesmo aconteceu recentemente com o comandante do grupo terrorista Hezbollah, braço do Irã, que provocava Israel com os seus inflamados e ameaçadores discursos de natureza pseudo-religiosa e que, entusiasmado com as suas próprias palavras, resolveu pô-las em ação, resultando na última guerra, na qual o Líbano acabou pagando um alto preço. (...)

Dizem que a história não se repete. Mas certas circunstâncias mantêm um inequívoco paralelismo. Há muito tempo já passamos da fase do palavreado folclórico de determinados líderes, cujos impérios e ameaças estão sendo postos em ação. Em todos os continentes, o veneno se espalha e é gostosamente absorvido. O resultado é um renovado anti-semitismo, pois, como não podia deixar de ser, historicamente os judeus passam a ocupar a linha de frente, como primeiro alvo, numa tática muito bem calculada³⁷⁰.

Finalmente³⁷¹, no artigo “De Chamberlain a Lula: paz para a nossa época”, Alberto Milkewitz estabelecia um paralelo entre o presidente Lula, que iria encontrar-se com o presidente do Irã Mahmoud Ahmadinejad, e o desacreditado Arthur Neville Chamberlain, primeiro ministro do Reino Unido entre 1937 e 1940 e defensor da política de conciliação com a Alemanha Nazista:

³⁶⁹ FEDER, C. Ministro Edelstein fala aos jornalistas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 14, 20 ago. a 4 set. 2010.

³⁷⁰ WASSERMAN, M. Obscenidades políticas globalizadas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 176, p. 2, 3 a 17 nov. 2006.

³⁷¹ Há ainda outros artigos publicados na Tribuna Judaica que seguem a mesma linha: TENENBAUM, M. A Comunidade Internacional e Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 190, p. 5, 1 a 15 jun. 2007. A VISITA do presidente Lula ao Irã. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 3, 31 de maio a 14 jun. 2010.

Chamberlain pensava que, “dialogando” com os nazistas, não “colocando eles contra a parede” e fazendo algumas “concessões”, a guerra seria evitada. (...) A história demonstrou que Chamberlain e os que o apoiavam foram senão burros, ingênuos e enganados. (...) Mas certos líderes não aprendem tão rápido do passado. (...) Pronto, Lula, estimulado pelos seus assessores em política internacional, se encontrará com o presidente do Irã. Como Chamberlain, Lula está convicto de ser o caminho mais correto. E até poderia ser. Mas é difícil imaginar quais as expectativas da diplomacia brasileira, talvez um novo pacto de Munique, agora com Teerã³⁷².

A sensação de ameaça é corroborada pela baixa popularidade do Estado de Israel frente a opinião pública mundial – já citamos pesquisa sobre o tema. A percepção de isolamento do país fortalece a ideia corrente entre os judeus de que Israel, um país pequeno, único país judeu do mundo, vive em meio a um grande ambiente hostil, hostilidade esta que se não se restringe aos seus vizinhos diretos ou ao Oriente Médio, mas que abarca quase todo o planeta. Esta visão é simétrica àquela que enxerga o judeu vivendo em meio a populações que lhe tem aversão.

4. 5. Soldados da diáspora

Se em Israel o sentimento de ameaça sempre presente se traduz não só, mas, sobretudo, na grande quantidade de investimento na área militar, na diáspora isso se manifesta essencialmente em ações de relações públicas em defesa do Estado judeu. Sem dúvida, ações deste tipo são também – e muito mais – desenvolvidas por Israel, mas adquirem importância fundamental na e para a diáspora, em que as comunidades judaicas vivem junto a governos e populações muitas vezes antipáticas ao país (ou, pelo menos, vistas como tal). De acordo com o diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Jaime Spitzcovsky,

A diáspora tem uma *enorme* importância para o Estado de Israel. Pelo menos desde 1973, ficou claro que os adversários de Israel optaram por uma estratégia de privilegiar os fóruns políticos e diplomáticos em detrimento da estratégia militar. Desde 1973, da Guerra de Iom Kipur, Israel nunca mais se envolveu numa guerra simétrica, de Estado contra Estado, forças armadas regulares contra forças armadas regulares. Todos os

³⁷² MILKEWITZ, A. De Chamberlain a Lula: paz para a nossa época. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 4, 1 a 15 abr. 2010.

conflitos desde então foram conflitos assimétricos: Israel contra população civil, Israel contra o Hamas, Israel contra o Hezbollah, Intifadas. Isso embute uma clara estratégia do outro lado de desgastar Israel politicamente, de isolar Israel, de procurar obter, no campo político e no campo diplomático, aquilo que não foi possível obter no campo militar. Costumo dizer que 1973 foi a última guerra simétrica e, em 1975, já veio a resolução da ONU equiparando sionismo a racismo. Nesse contexto, as diásporas servem como uma importante ferramenta para você contrapor essas estratégias e procurar criar espaços diplomáticos onde Israel possa respirar, onde discursos políticos pró-Israel encontrem espaço para circular. Hoje, a atuação da diáspora no plano da opinião pública, no plano da articulação política, no plano da articulação diplomática, é muito importante para Israel³⁷³.

Ainda de acordo com ele,

Para mim, é uma enorme decepção que, mais de 60 anos depois da resolução 181 da ONU, nós ainda tenhamos, por mais incrível que pareça, que participar de debates políticos que, infelizmente, colocam em xeque o direito do povo judeu a ter o seu próprio estado nacional. (...) Israel ainda tem a sua existência questionada por *players* importantes do cenário internacional, ainda tem a sua existência questionada em setores importantes da academia, importantes setores de formadores de opinião³⁷⁴.

Essa percepção das representações negativas do Estado de Israel nos fóruns políticos, diplomáticos e nos meios de comunicação, fez com que, há algumas décadas, fosse desenvolvido o conceito de *hasbará*, que poderia ser traduzido literalmente do hebraico como “explicação” ou “esclarecimento”, e nomeia o ato de advogar em prol deste país, intercedendo publicamente em seu favor. É sintomático o fato de que Israel possui, inclusive, um ministério para ocupar-se especificamente desta questão: o ministério da Diáspora e de Relações Públicas. Como falamos no início, o titular da pasta, Yuli Eldestein, esteve no Brasil em meados de 2010.

A ideia central da *hasbará* é disseminar informações consideradas mais equilibradas a respeito de Israel e dos conflitos no Oriente Médio, influenciando a opinião pública. Isso é feito de diversas formas, envolvendo lobby e campanhas junto a governos e veículos de comunicação, organização de aulas, palestras, cursos e seminários, apresentação de exposições, edição de materiais informativos impressos e virtuais e até patrocínio a viagens de formadores de opinião ao Estado de Israel. Estudando e conhecendo as táticas e argumentos daqueles que são considerados inimigos, núcleos de *hasbará* preparam manuais com os pontos de vista do Estado de Israel e treinam aqueles que tiverem interesse para responder aos ataques. Além disso,

³⁷³ Entrevista realizada pelo autor.

³⁷⁴ Entrevista realizada pelo autor.

procuram transmitir uma imagem positiva do país, destacando os seus maiores sucessos e apresentando-o como um local atraente, desenvolvido cultural, tecnológica e ecologicamente. Muitos dos críticos, no entanto, consideram a *hasbará* apenas um eufemismo para “propaganda”.

No Brasil, ações de *hasbará* são bastante comuns e se inserem no trabalho de diversas instituições comunitárias. De acordo com Ricardo Berkiensttat, vice-presidente executivo da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), “trabalhamos em conjunto com a Embaixada de Israel no fortalecimento da imagem do Estado Judeu em nosso país”³⁷⁵. Para Alberto Milkewitz, diretor institucional da mesma entidade, “aos judeus que moram fora de Israel, cabe-lhes esclarecer permanentemente a opinião pública”³⁷⁶. A atuação compreende um leque de ações. Em 2006, em meio a Guerra do Líbano, momento em que se verificou um número elevado de manifestações contra o Estado de Israel, Ricardo Berkiensttat afirmou: “nossa equipe está agindo, estamos fazendo tudo o que for possível, seja por meio da participação em debates e até mesmo com processos na justiça”³⁷⁷.

Segundo Jaime Spitzcovsky,

A gestão atual da Conib decidiu investir em comunicação e política, por um diagnóstico da situação atual. Nós percebemos que, hoje, os adversários do Estado de Israel, anti-semitas e anti-sionistas, optaram por atuar justamente nesta área, em detrimento da ação militar. A intenção deles é derrotar Israel por isolamento político, demonização e deslegitimação. Nós não podíamos ficar de braços cruzados³⁷⁸.

Para Abraham Goldstein, presidente da B’nai B’rith Brasil,

Eu acho que cabe não só ao judeu, mas a todo e qualquer cidadão de bem, todo cidadão que entende os valores das relações e tem algum conhecimento da grande complexidade que envolve as grandes forças que convivem naquele tão pequeno espaço de terra, entenderem a complexidade do cenário e não se precipitarem na expressão das suas opiniões sem que compreendam as razões que estão por trás [de ações do Estado de Israel]. Isso nos coloca uma sobrecarga de preocupações, sobrecarga de atenção para ajudar a explicar às pessoas, na sua grande maioria com pouca preocupação em entender todos os detalhes, mas que fica impressionada por

³⁷⁵ WAISMANN, D. Novo presidente da Aish Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 171, p. 14, 20 ago. a 3 set. 2006.

³⁷⁶ MILKEWITZ, A. Hiroshima, Nagasaki e a próxima bomba atômica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 178, p. 6, 3 a 17 dez. 2006.

³⁷⁷ FEDER, C. Fisesp atuante em prol da sociedade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 175, p. 13, 19 out. a 2 nov. 2006.

³⁷⁸ RECHTMAN, J. Comunidade Judaica Brasileira: capital Manaus – 41ª edição da Convenção da Conib. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 8-9, 10 a 26 dez. 2010.

uma ação pontual, e toma uma decisão que pode prejudicar a comunidade judaica que mora em uma determinada região³⁷⁹.

A percepção de uma guerra midiática sendo travada contra o Estado judeu é muito presente entre a comunidade judaica paulista. Fala-se, por exemplo, em “distorção e manipulação dos fatos”, “propaganda”, “análises superficiais”, “operação midiática para isolar Israel da comunidade internacional”, “armadilhas” e “demonização”. Israel seria vítima de uma campanha intensa e organizada de deslegitimação e caberia às instituições comunitárias fiscalizar a imprensa, explicar o que realmente acontece e apresentar uma visão mais equilibrada dos fatos, revelando a verdade por trás daquilo que a mídia mostra.

Em recado editorial publicado em julho de 2010, após o exército de Israel interceptar a flotilha que tinha por objetivo quebrar o bloqueio marítimo imposto pelo país à Faixa de Gaza, e que resultou na morte de nove ativistas, a Tribuna Judaica destacou:

Nos recentes acontecimentos em Israel, presenciamos que as pedras jogadas contra Israel não são mais sólidas, mas sim midiáticas. Em um episódio de menor importância, apesar das perdas humanas, da flotilha, pudemos observar de maneira didática as estratégias desta nova onda de informação contra Israel.

Sabemos que depois da guerra de 1967, quando a superioridade militar de Israel se tornou incontestável, os que querem destruir a única democracia do Oriente Médio começaram a utilizar outras armas. A escalada nuclear desenvolvida pelo governo iraniano, cedo ou tarde, terá uma resposta. Observadores internacionais alertam por uma situação limite. Caso este provável cenário se concretize, não apenas a estratégia militar israelense será necessária, mas também a convocação de um contingente humano, que terá como missão construir um escudo de defesa para os ataques midiáticos.

Esta ação não se faz de um dia para o outro, requer planejamento e organização, e em especial, o apoio de nossos líderes mais esclarecidos. Precisamos de tintas para impressão que também servem, em caso de emergência, para pintar as caras e se preparar para o pior³⁸⁰.

Em 2009, após conflito na Faixa de Gaza entre Israel e o Hamas, o então presidente do Fundo Comunitário, Nilton Serson convocou os judeus brasileiros a atuarem como *embaixadores* de Israel:

Meus amigos, nós judeus da Diáspora, nesses momentos difíceis, temos que mostrar nossa cara e estreitar nossos óbvios laços com o Estado de Israel, precisamos nos

³⁷⁹ Entrevista realizada pelo autor.

³⁸⁰ A INTIFADA midiática e as caras pintadas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 264, p. 3, 15 a 29 jul. 2010. Editorial.

converter em embaixadores, qual nossa missão diplomática? Penso, não sendo prolixo, em duas básicas:

Ajudar, em especial, as populações próximas ao conflito que tenham o suficiente de abrigos antiterror e que essas populações tenham condições e recursos para viver com o menor trauma possível pela potencialidade de serem atingidos por mísseis incertos e imprevisíveis, com deslocamento de crianças, estudantes e idosos para áreas sem maiores riscos.

Explicarmos, não para nós mesmos, já não necessitamos de repisar nossos próprios conceitos, mas para a grande comunidade brasileira, o que é o Hamas e porque tal organização deve ser combatida por todos os detentores de valores mínimos de convivência humana e universal (...)

Creio que esse é nosso papel divulgarmos a verdade dos fatos em todos os locais em que possamos, nos ambientes que freqüentamos, nas posições que temos e papéis que assumimos, e assim estarmos como sempre irmanados, no melhor espírito de Tsion, com o Estado de Israel³⁸¹.

De acordo com Persio Bider, presidente da Juventude Judaica Organizada, uma instituição criada em 2006, após a Guerra do Líbano, com o propósito de “defender o legítimo direito de existência do Estado de Israel, como única nação em que o povo judeu pode se manifestar como tal, sem preocupar-se com o crescente antissemitismo característico ao longo da história”³⁸²,

É inadmissível calar-nos quando vemos que o ódio gratuito e infundado conta Israel é manipulado pela mídia em geral. Não precisamos ser a favor ou contra este ou aquele governo, mas precisamos sim, lutar pela existência e legitimidade de um país que nos possibilita sermos quem somos, independentemente de onde estivermos.

Nossa resposta pode ser de diversas formas, seja na escola, faculdade, trabalho ou entre amigos, mas o que não podemos nunca é ficarmos omissos quando o assunto é Israel. Devemos agir, como judeus, contra qualquer situação que tentem colocar a legitimidade de existência do Estado de Israel em jogo e isso não podemos permitir nunca. (...) Falar mal dos judeus não é mais “in”, porém, atacar Israel ainda é, e se não começarmos a tomar atitudes de defesa, quem de novo estará “out” seremos nós, os judeus apátridas da história³⁸³.

Finalmente, Alberto Milkewitz, para quem “é inocente pensar que só as armas vencem as guerras”³⁸⁴, no artigo “Marketing e verdade: o status de vítimas”, afirmou:

[Os palestinos] desenvolveram um *marketing* que os transformou nos donos do *status* de vítimas. Publicaram inúmeras fotos distorcendo os fatos e buscando mostrar os israelenses como vilões. (...) O *marketing* não requer verdade. Pode ter bom marketing baseado em falsidade. O “produto palestino” é “nós somos frágeis e injustiçados,

³⁸¹ SERSON, N. Mensagem do presidente do FC. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 11, 22 jan. a 5 fev. 2009.

³⁸² JUVENTUDE JUDAICA ORGANIZADA. Quem somos. Disponível em: <<http://www.jubiel.com.br/JJO/blog/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

³⁸³ BIDER, P. Por que defender Israel? **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 3, 11 a 25 out. 2009.

³⁸⁴ MILKEWITZ, A. A batalha pelas cabeças: a Aliança das Civilizações. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 262, p. 2, 15 a 29 jun. 2010.

lutamos desesperados”. Isso é vendido através da TV, nos jornais e universidades, para um público ávido por culpados e por ter respostas simples para temas complexos. O *marketing* pró-palestino os transforma em vítimas. (...) E a vítima gera pena. E essa pena por aquele que é visto como vítima mais frágil diminui as exigências morais. Seu *marketing* exagera a fragilidade e esconde a inumanidade. O lado palestino faz décadas tem muito bom *marketing*. E para enfrentar um inimigo com tanta habilidade, devem ser utilizados os recursos da melhor forma possível. (...) Precisa-se, através de imagens e palavras, construir outra linha argumentativa. Isso cabe ao outro *marketing*, ao do lado israelense-judaico³⁸⁵.

Sem dúvida, no que se refere à cobertura da mídia há opiniões divergentes. Questionado sobre a parcialidade do conteúdo divulgado pelas agências de notícia internacionais, o colunista da Tribuna Judaica Caio Blinder respondeu:

Aqui há muita paranoia. Judeus acham que a cobertura é anti-Israel e os adversários dizem o contrário. Trabalhei muitos anos como editor de Internacional da “Folha de S. Paulo” e o material de agências como *Associated Press* e *Reuters* é profissional. Pode haver um ou outro deslize ou má-fé de algum fotógrafo, mas estas agências vendem produtos globais. Não podem brincar em serviço com agendas ideológicas³⁸⁶.

Entretanto, a percepção institucional majoritária leva ao engajamento comunitário na defesa do Estado de Israel, principalmente por meio de ações de *hasbará*. Em 2006, a Federação Israelita do Estado de São Paulo lançou o programa Hafganá³⁸⁷. De acordo com o então assessor da presidência da entidade, Marcio Svartman, o objetivo do projeto era

capacitar membros da comunidade judaica a se manifestarem em nome da comunidade, sempre que encontrarem situações onde o esclarecimento seja importante numa dinâmica contra o preconceito. O Hafganá é um mecanismo de defesa comunitária pacífico e importante para defender e ampliar o entendimento sobre os judeus, sua história, sua relação com o Estado de Israel e sobre a vida da comunidade judaica brasileira³⁸⁸.

Assim, interessante observar que o lobby é visto como uma ferramenta que possibilita corrigir possíveis distorções inerentes à democracia e constituiria, assim, um direito das coletividades. De acordo com Alberto Milkewitz,

³⁸⁵ MILKEWITZ, A. *Marketing* e verdade: o status de vítimas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 260, p. 4, 16 a 30 maio. 2010.

³⁸⁶ WAISMANN, D. Caio Blinder: 30 anos de imprensa judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 176, p. 14, 3 a 17 nov. 2006.

³⁸⁷ Do hebraico, literalmente, “manifestação”.

³⁸⁸ SVARTMAN, M. Hafganá: esclarecimento para a paz. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 167, p. 12, 21 jun. a 5 jul. 2006.

A democracia funciona em base a um mecanismo falível que é a opinião da maioria. Assim o nazismo chegou ao poder pelo voto, representando a vontade dos alemães. Por causa desta falibilidade o *lobby* deve ser um direito de todos os grupos na democracia, permitindo corrigir erros e distorções³⁸⁹.

Muitas vezes, as diretrizes da ação da comunidade judaica da diáspora em relação a Israel partem do governo israelense, seguem para as embaixadas do país no exterior e, finalmente, são transmitidas às comunidades judaicas locais. Em meados de 2011, o jornal inglês The Guardian publicou uma matéria divulgando mensagens confidenciais enviadas pelo Ministério de Relações Exteriores de Israel a embaixadas em todo o mundo solicitando engajamento contra o pedido de reconhecimento do Estado Palestino na ONU, encabeçado pela Autoridade Nacional Palestina, e fornecendo argumentos para tanto. De acordo com a reportagem,

As missões diplomáticas foram orientadas a fazer lobby junto a funcionários de governos nos países que servem, oferecer à mídia artigos e entrevistas contrários ao reconhecimento, angariar apoio nas comunidades judaicas locais e, se necessário, solicitar visitas de altas autoridades israelenses³⁹⁰.

Entretanto, isso não significa que o governo israelense – suas embaixadas e consulados – e comunidades judaicas da diáspora estejam sempre de acordo. Conforme afirma William Safran (2005, p. 45), Israel “tem as suas próprias prioridades nacionais, que podem colidir com os interesses da diáspora”³⁹¹. Assim, referindo-se ao mesmo pedido de reconhecimento do Estado Palestino na ONU citado acima, o cônsul geral de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman, declarou:

Nós temos, daqui a três semanas, um evento na ONU em que vão votar a aprovação ou não do Estado Palestino. Nós [Israel] vemos isso como um truque técnico que os palestinos estão fazendo, que não vai dar em nada. (...) Então, eu não tenho interesse em sair agora nas ruas falando disso aqui no Brasil. Aqui no Brasil, isso não é *issue*, ninguém está falando nisso, ninguém está tocando no assunto. Faltam três semanas, e está todo mundo diplomático. Então, eu digo: “não quero falar sobre isso”. Não vou tomar a iniciativa de trazer o assunto à tona. Eu tenho possibilidade de mudar a posição do governo brasileiro? Não, impossível. Então, para que entrar em uma briga em que eu não vou conseguir ganhar nada, só vou trazer o assunto? Fica quieto, deixa a onda passar e tudo bem. A comunidade judaica diz: “pô, é verdade que não estão

³⁸⁹ MILKEWITZ, A. *Lobby: um direito coletivo*. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 216, p. 6, 4 a 18 jul. 2008.

³⁹⁰ DO “GUARDIAN”. Israel lança campanha contra planos palestinos na ONU. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jun. 2011, Mundo.

³⁹¹ No original: “[Israel] has its own national priorities, which may clash with the interest of the diaspora”.

falando, mas quando começarem a falar vão dizer 'o que seus amigos de Israel, seus primos, estão fazendo?' e nós não temos o que dizer, então precisa falar, precisa saber, dentro da comunidade". O evento da Hebraica é no domingo³⁹². Eu digo: "você não vai ganhar nada com isso, ao contrário". É um conflito de interesses³⁹³.

Ilan Sztulman fala ainda sobre as diferenças na atribuição de significado à imagem de Israel por parte da comunidade judaica e do próprio país para o qual trabalha:

A imagem, para um país, é um instrumento para obter alguma coisa – pode ser apoio político nas instituições internacionais, relações econômicas, relações de segurança etc. Para Israel, a imagem é um instrumento para conseguir alguma coisa. Para a comunidade judaica, não. Para a comunidade judaica, é uma coisa essencial, porque a imagem de Israel, para eles, é como a imagem deles mesmo, é uma extensão deles. Então, tem essa frustração. Eu digo: "ok, nós temos a imagem ruim, e daí? Para quem a imagem é ruim?". Deixa eu explicar isso de outra forma: se você está vendendo um Cadillac, você não vai fazer um grande esforço e uma campanha para penetrar a marca da Cadillac nas favelas ou em toda a cidade de São Paulo, porque ninguém vai comprar Cadillac. Nós, quando fazemos o nosso plano de *hasbará*, de melhorar a imagem de Israel, temos em mente os públicos que são relevantes, que podem ajudar alguma coisa. Para o judeu, não. Para o judeu, se você vai à universidade, sei lá, no departamento de História e de Sociologia, pode questionar: "pô, como não tem atividades do consulado aqui?". E eu respondo: "quantos parlamentares brasileiros estudaram história e sociologia? Zero". Para que eu vou fazer alguma atividade lá? Eu vou fazer uma atividade na Getúlio Vargas, na Insper, na Faap, onde tem gente que estuda economia e administração, porque esse pessoal pode me trazer um dividendo político ou econômico. Para os judeus, não. Os judeus dizem: "pô, vocês vão para Gaza e eu preciso explicar para o meu vizinho o que vocês estão fazendo! Por que você não vai e explica?". Todo o *approach* é completamente diferente. Eu não vou gastar energia e recursos que eu não tenho em coisas que não vão me trazer um dividendo. E, muitas vezes, isso conflita com a posição da comunidade. Para mim, é muito importante, por exemplo, a comunidade homossexual. Por quê? Porque os homossexuais começam, cada vez mais, a ter força política como comunidade. Para te dar uma ideia, o único brasileiro no *board* da Anistia Internacional é homossexual. Israel, por outro lado, tem uma legislação extremamente favorável, os homossexuais têm muitos direitos, comparando-se com outros Estados, o Brasil inclusive. Então, para nós, é natural tentar chegar perto desse público, fazer atividades com eles, trazê-los para Israel, mostrar. A comunidade judaica diz: "Mishigne!"³⁹⁴. O que você quer com esses caras?!". E é um conflito de interesses. Nós vemos as coisas de maneira diferente. Não é que para nós a imagem de Israel no Brasil não é importante, mas o que é importante para nós não é necessariamente importante para a comunidade e vice versa. Então, sempre vai ter essa tensão entre os "entes", vamos dizer assim, representantes do Estado de Israel e representantes da comunidade judaica³⁹⁵.

De toda forma, muitas vezes instituições da comunidade judaica realizam o trabalho de *hasbará* em conjunto com os representantes do Estado de Israel, e têm percebido, cada vez mais, as vantagens de atuar não apenas durante as crises em Israel, que despertam sentimentos hostis ao país e aos

³⁹² A comunidade judaica organizou um evento para discutir o assunto.

³⁹³ Entrevista realizada pelo autor.

³⁹⁴ Do iídiche, "maluco", "doido".

³⁹⁵ Entrevista realizada pelo autor.

judeus e exigem respostas imediatas num momento desfavorável, mas principalmente em tempos de calma. Assim, atualmente, a Conib e as federações estaduais defendem um trabalho a longo prazo e permanente. Para isso, tem-se investido significativamente no desenvolvimento de ferramentas modernas de comunicação, utilizando-se largamente das possibilidades oferecidas pela internet. Modernização de sites, criação de blogs, envio de boletins virtuais periódicos, produção e difusão de textos e vídeos e a presença nas redes sociais mais importantes, como Facebook e Twitter, são algumas das iniciativas mais recentes.

Nesse sentido, em 2010, Conib e outras instituições judaicas apoiaram a criação do site Israel na Web³⁹⁶. Dirigido por voluntários e profissionais, o site tem por objetivo combater o antissemitismo e o antissionismo da internet e apresenta notícias, artigos, vídeos, dossiês e conteúdo direcionado para diferentes tipos de público: cristão, judeu, muçulmano, jovem e de esquerda.

No mesmo ano, Howard Friedman, ex-presidente da American Israel Public Affairs Committee (AIPAC) – maior lobby pró-israel dos EUA – foi convidado para um bate papo no clube A Hebraica, promovido pela Divisão Feminina do Fundo Comunitário. Denise Feder, presidente da Divisão, afirmou, durante o evento: “defender Israel e saber formar ativistas é uma tarefa que ainda temos que aprender. Este trabalho, entre muitos outros, é o que faz o AIPAC”³⁹⁷. Um recado editorial publicado pela Tribuna Judaica na época trazia:

Os recentes acontecimentos no Brasil em relação a Israel e o exemplo do Aipac devem inspirar nossa comunidade a cada vez mais se organizar para a difícil batalha da *hasbará* que, com o Brasil em destaque no cenário internacional, será cada vez mais necessária³⁹⁸.

A idéia por trás da *hasbará*, de que é necessário “explicar à” ou “esclarecer a” opinião pública a respeito do que de fato ocorre em Israel e no Oriente Médio, justificando as ações do Estado judeu, pressupõe, muitas vezes, quando não o antissemitismo, a ignorância do interlocutor. Isso é

³⁹⁶ Disponível em: <<http://israelnaweb.com>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

³⁹⁷ FEDER, C. Fundo Comunitário traz ex-presidente do AIPAC. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, contracapa, 1 a 15 maio. 2010.

³⁹⁸ AIPAC e Brasil em destaque no cenário internacional devem inspirar comunidade a se organizar para a batalha da *Hasbará*. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 3, 1 a 15 abril. 2010. Editorial.

particularmente evidente no seguinte trecho de artigo de Marcos Wasserman, colunista da Tribuna Judaica, publicado em 2008:

O que causa incômodo é que pessoas consideradas de certo nível saibam da existência de um país chamado Israel, mas nada mais conhecem a respeito, o que não as impede de fazer as mais esdrúxulas observações e comentários, e tomar posições em relação a tudo o que se passa no Oriente Médio. Resultam então subjetivos pensamentos que nada têm a ver com a realidade. Muitas vezes é uma falsa ideologia que leva um temário profissional a fazer, fantasias, para não dizer falsas afirmações, contra Israel. (...) Esta é uma ignorância indesculpável³⁹⁹.

A mesma ideia pode ser verificada em recado editorial publicado pelo jornal após a Guerra do Líbano de 2006:

Jornalistas, professores e pseudo-analistas políticos – é incrível como nessas ocasiões aumenta o número de pessoas que compreendem a temática – tentam em vão explicar as razões do conflito entre Israel e o Hezbollah. Acentuamos o “em vão”, pois a maioria não dispõe de cabedal, ou ainda têm poucos conhecimentos sobre a realidade dos fatos que estão por trás deste conflito que tem o Líbano como cenário. Poderíamos citar um sem número de opiniões e destacamentos em artigos de jornais, revistas, internet e em entrevistas em emissoras de rádio e televisão. (...) Causa tristeza ler e ouvir argumentos e opiniões sem embasamento histórico, político e social. Esse tipo de posicionamento apenas serve para disseminar nas mentes “menos avisadas” imagens que não correspondem à realidade⁴⁰⁰.

Acreditando ser o desconhecimento e a falta de informações os principais motivos que levam ao desenvolvimento de percepções negativas em relação a Israel, instituições da comunidade judaica investem principalmente em ações educativas e viagens ao país voltadas a formadores de opinião. Profissionais da imprensa, capazes de atingir e influenciar uma massa extremamente grande de pessoas recebem atenção especial, mas escritores, professores do ensino fundamental, médio e superior e políticos são também alvos de projetos específicos.

Nesse sentido, em 2010, Carlos Alberto Sardenberg, da Rádio CBN e da TV Globo, Celso Ming, do jornal O Estado de S. Paulo e João Rosa Ferreira, do jornal Valor Econômico, receberam convites para viajarem a Israel. A viagem foi organizada pela Câmara Brasil-Israel de Comércio e Indústria (CAMBICI) e pela Missão Econômica de Israel em São Paulo e contou com apoio da Fiesp.

³⁹⁹ WASSERMAN, M. Jerusalém não existe. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 221, p. 2, 17 set. a 1 out. 2008.

⁴⁰⁰ OPINIÕES levianas pululam nos meios de comunicação. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 171, p. 3, 20 ago. a 3 set. 2006. Editorial.

De acordo com nota da Conib⁴⁰¹ e recado editorial publicado no jornal Tribuna Judaica⁴⁰², os jornalistas se encontraram com o presidente de Israel, Shimon Peres, e com o presidente do Banco Central do país, Stanley Fischer. O recado da Tribuna Judaica, que dizia que “a guerra midiática é dura, e não podemos baixar a guarda”, ao final, afirmava:

A viagem repercutiu em artigos e entrevistas na grande mídia, mostrando um lado não muito divulgado do Estado judeu. Que ações como essas se repitam, pois as tintas impressas em jornais e livros que mostram a verdade continuam a ser nossas maiores armas.

Celebridades são também convidadas a viajar para Israel. Ao final da novela Caras & Bocas, apresentada às 19h pela Rede Globo durante quase todo o ano de 2009 até o início de 2010, os atores Theodoro Cochrane, Júlia Lund e Ana Lucia Torre, que formavam um núcleo judaico religioso na trama, interpretando, respectivamente, as personagens Issac, Hannah e Esther, e o autor do enredo, Walcyr Carrasco, foram convidados a visitar o país, em viagem de uma semana organizada pelo Ministério do Turismo de Israel e apoiada pela Conib⁴⁰³ e pela companhia aérea El Al. Um “jantar de boa viagem” realizado antes da partida reuniu os globais, autoridades israelenses – como o Embaixador de Israel no Brasil, Giora Becher, um representante do Ministério do Turismo de Israel no Brasil, Cléo Ickowicz – e líderes comunitários – como os presidentes do Congresso Judaico Latino-Americano, Jack Terpins, e da Conib, Claudio Lottenberg. Em Israel, os convidados conheceram pontos turísticos do país e lugares que inspiraram a construção de seus personagens.

Em fevereiro de 2007, os escritores Affonso Romano Santanna, Ana Maria Moretzsohn, André Sant’anna, Daniel Galera, Ignácio de Loyola Brandão, Luis Fernando Veríssimo, Márcia Camargos, Marina Colasanti, Moacir Amâncio, Pedro Bandeira, Rubem Fonseca e Walcyr Carrasco viajaram a Israel a convite da Conib e da Embaixada de Israel no Brasil⁴⁰⁴. Lá, participaram da

⁴⁰¹ RENOMADOS jornalistas brasileiros visitam Israel e encontram o presidente Shimon Peres.

Disponível em : <<http://www.conib.org.br/noticia-completa.asp?id=239>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

⁴⁰² NA GUERRA midiática, estamos no caminho certo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 3, 10 a 26 dez. 2010.

⁴⁰³ ATORES de “Caras & Bocas” falam da viagem. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 14, 1 a 15 abr. 2010. ATORES da novela “Caras & Bocas” brindam ida ao Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 252, p. 10, 16 a 30 jan. 2010.

⁴⁰⁴ FEDER, C. Escritores em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 13, 1 a 15 fev. 2007. PERLOV, S. Reescrevendo o Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 185, p. 8, 16 mar. a 1 abr.

Feira Internacional do Livro de Jerusalém, representando o Brasil no projeto “Autores do Mundo Escrevem a Bíblia”. Entraram em contato com autores israelenses, e conheceram pontos turísticos e universidades do país.

No final de 2007, a Embaixada de Israel no Brasil e a Conib também apoiaram a visita a Israel de familiares⁴⁰⁵ do diplomata brasileiro Oswaldo Aranha, que presidiu a Assembleia Geral das Nações Unidas durante a votação da Partilha da Palestina, em 1947, que deu origem ao Estado judeu⁴⁰⁶. Lá, participaram de homenagens, conheceram pontos turísticos e foram recebidos pelo presidente Shimon Peres junto a familiares de outros diplomatas que votaram a favor da Partilha.

Professores do ensino fundamental, médio e superior de instituições não judaicas são também foco de ação da comunidade, empenhada em melhorar a imagem do Estado de Israel. São comuns os projetos que levam educadores ao país. Em 2010, a Tribuna Judaica destacou a viagem de 29 docentes de diversas regiões do Brasil a Israel para participarem de um seminário no Yad Vashem, o Museu do Holocausto, uma das instituições basilares do Estado judeu⁴⁰⁷. A ação foi promovida pelo representante do Instituto Yad Vashem no Brasil, Jayme Melsohn, em conjunto com a Marcha da Vida Brasil e o Instituto Unibanco. Segundo a notícia da Tribuna Judaica,

Os participantes puderam, além de conhecer os lugares sagrados para o judaísmo, cristianismo e islamismo de Jerusalém, vivenciar um pouco de um Estado de Israel moderno, diferente do que muitos estão acostumados a assistir nos noticiários belicistas.

Quatro anos antes, 19 professores universitários não judeus, de vários estados do país, viajaram a Israel a convite da Conib e do Ministério de

2007. Caderno Especial de Pessach. ESCRITORES brasileiros viajam a Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 186, p. 3, 2 a 16 abr. 2007. WASSERMAN, M. Diálogo com os escritores brasileiros. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 187, p. 8, 17 abr. a 1 maio. 2007. FEDER, C. Encontro de escritores brasileiros. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 190, contracapa, 1 a 15 jun. 2007. VIAGEM de escritores brasileiros a Israel. Disponível em: <http://www.conib.org.br/video-descricao.asp?cod_subcanal=5&cod_conteudo=103>. Acesso em 14 jun. 2012.

⁴⁰⁵ Viajaram Zenia Aranha da Silveira, Eloá Trein Aranha, Oswaldo Aranha Neto, Maria Guadalupe Van Hoogstraten Aranha e Guilherme Aranha Coelho.

⁴⁰⁶ PERLOV, S. Shimon Peres recebe familiares de Oswaldo Aranha. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 205, p. 7, 21 jan. a 4 fev. 2008.

⁴⁰⁷ FEDER, C. Para não cair no esquecimento: educação. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 254, p. 12, 15 de fev. a 1 de mar. 2010.

Relações Exteriores de Israel⁴⁰⁸. Poderiam ser citadas ainda outras viagens do mesmo tipo envolvendo parlamentares e jornalistas⁴⁰⁹.

Sem dúvida, um dos principais aspectos de todas essas viagens é aproximar formadores de opinião da narrativa judaica e israelense, influenciando sua percepção sobre o Estado de Israel e, conseqüentemente, suas impressões acerca de questões políticas após a experiência no país. Nesse sentido, cabe lembrar que, ao final do seminário acima citado, todos aqueles que participaram receberam certificados que os qualificava como “Embaixadores do Yad Vashem no Brasil”. Um recado editorial publicado no início de 2006 pela Tribuna Judaica, após a viagem de professores universitários, afirmava:

E quanto aos professores, eles vão ser os propulsores da verdadeira imagem do Estado de Israel por aqui, assim como seus alunos. Todas as visitas, seus responsáveis e organizadores, os participantes e afins, ganham o mérito de dissipar uma imagem valorizada e verdadeira de Israel para o Brasil, algo que vai além das notícias cotidianas que reportam apenas conflitos⁴¹⁰.

Entretanto, nem sempre tais programas têm o efeito desejado. De acordo com Márcia Camargos, uma das escritoras que viajou ao país em 2007,

Apesar do carinho com que fomos recebidos, ficou a impressão de que em todos os lugares visitados, estavam mais preocupados em despejar sobre nós suas conquistas como o resgate do hebraico, por exemplo, do que nos escutar e fazer um intercâmbio de ideias. Com exceção da simpática plateia da Casa do Brasil, ninguém se mostrou o mínimo interessado em saber o que pensávamos nem o que tínhamos eventualmente a dizer, fosse sobre o Brasil ou mesmo a respeito de Israel. A programação intensiva não nos dava tempo de absorver e digerir o que víamos e ouvíamos, calando desta forma qualquer possibilidade de senso crítico devido ao cansaço da maratona diária. Fiquei de qualquer modo um tanto decepcionada com o comportamento passivo do nosso grupo, em que eu era, na maioria das vezes, a única a levantar perguntas tidas como incômodas ou trazer à baila assuntos fora da pauta como a questão palestina, varrida para debaixo do tapete. Fui eu quem insistiu para ver de perto o que alguns chamam de Muro da vergonha e outros de Muro do Apartheid, isolando as aldeias e impossibilitando sua sobrevivência. Embora isto não tenha sido discutido no momento, o espectro deste paredão ficou marcado na minha memória. O que me foi mostrado ao longo da viagem serviu para embasar e solidificar minhas convicções anteriores, mas agora exigindo de mim uma militância política ativa⁴¹¹.

⁴⁰⁸ ISRAEL na ótica de mestres universitários. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 156, p. 3, 7 a 21 jan. 2006.

⁴⁰⁹ PERLOV, S. Conib realiza sua 36ª convenção anual. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 156, p. 3, 7 a 21 jan. 2006.

⁴¹⁰ VIAGENS mostraram a verdadeira face de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 157, p. 3, 22 jan. a 5 fev. 2006. Editorial.

⁴¹¹ Entrevista realizada pelo autor.

Outro tipo de ação das instituições mais representativas da comunidade judaica de São Paulo tem sido a realização de visitas de suas lideranças aos mais importantes veículos de comunicação do estado. Nas palavras de Alberto Milkewitz:

Neste novo século, cada guerra de Israel provoca paralelamente uma batalha de mídia e ela é desproporcionada quando o adversário domina um conglomerado de comunicação. Muitas notícias veiculadas pela imprensa brasileira não passam de reprodução literal de nota produzidas por agências internacionais, que com frequência não simpatizam com Israel nem com os judeus, que são sempre alvos potenciais. Mas, ao contrário da fala antissemita, os judeus não controlam a mídia. Por isso o contato com os comandos centrais e com todos os níveis internos destes grupos jornalísticos é parte essencial do trabalho de advogar pelos interesses de Israel e do povo judeu. Melhor fazer isso antes de sentir diretamente os efeitos ruins⁴¹².

Ainda segundo Alberto Milkewitz,

Nas agências de notícias, é preciso garantir que quem escreve tenha as informações certas, fontes equilibradas e conhecimento histórico e de contexto. (...) Toda forma de influência na mídia ajudará bastante a diminuir os ataques à legitimidade de Israel⁴¹³.

Assim, no final de 2006, o então presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo, Jayme Blay, e o vice-presidente executivo, Ricardo Berkiensttat, visitaram as redações das revistas *Veja* e *Istoé*, onde encontraram-se, respectivamente, com Diogo Schelp e Claudio Camargo, editores de *Internacional*. De acordo com a *Tribuna Judaica*, “além de conversarem sobre a situação no Oriente Médio e como o assunto vem sendo repercutido na mídia, na ocasião eles aproveitaram para entregar aos jornalistas uma cópia do filme *Obsession – a guerra do Islã*⁴¹⁴ contra o Ocidente”⁴¹⁵.

Em meados de 2007, o novo presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo, Boris Ber, o ainda vice presidente executivo, Ricardo Berkiensttat, e o assessor de comunicação, Jairo Roizen, estiveram

⁴¹² MILKEWITZ, A. Israel, os judeus e a concentração de poder na mídia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 240, p. 4, 6 a 20 jul. 2009.

⁴¹³ MILKEWITZ, A. Da Al Jazeera à Reuters: visões tendenciosas, abertas e disfarçadas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 264, p. 4, 15 a 29 jul. 2010.

⁴¹⁴ O nome correto do filme é *Obsession – a guerra do Islã radical* contra o ocidente.

⁴¹⁵ FEDER, C. Federação Israelita na “*Veja*” e “*Istoé*”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 176, p. 13, 3 a 17 nov. 2006.

novamente na redação da revista Istoé, onde reuniram-se com Cláudio Camargo⁴¹⁶.

Já no final de 2008, dirigentes da Fisesp foram à redação do jornal Folha de S. Paulo, tendo sido recebidos por Claudia Antunes, editora de Internacional, e Ligia Braslauskas, editora da Folha Online,⁴¹⁷.

A Tribuna Judaica traz ainda a informação de que Ricardo Berkienstztat esteve em Nova York na redação do programa de televisão Manhattan Connection, onde encontrou-se com os apresentadores Caio Blinder e Lucas Mendes, que é também o editor executivo da atração⁴¹⁸. A respeito destas visitas, Ricardo Berkienstztat afirma:

Visitamos de tempos em tempos as redações dos principais veículos de comunicação para que os editores e redatores conheçam o rosto de nossas lideranças. A mídia já tem a Federação como fonte de informações. Isto é importante para que não deixemos sem resposta qualquer fato que a mídia publique. (...) Creio que a mídia dá espaço à comunidade judaica quando temos problemas no Oriente Médio e buscamos sempre mostrar que os conflitos têm dois lados e que ambos devem ser escutados sempre⁴¹⁹.

Em entrevista realizada em 2008, nos últimos momentos de seu mandato como presidente da Conib, Jack Leon Terpins fez uma análise da gestão e lembrou algumas ações desenvolvidas em parceria com órgãos da imprensa⁴²⁰. De acordo com ele, naquele mesmo ano, em que se celebrava o 60º aniversário de Israel, a instituição pautou e apoiou a Rede Globo na produção de um programa Globo Repórter dedicado integralmente ao país, e, em parceria com o canal pago Globo News, um programa Arquivo N sobre a história de Israel. Nas palavras do ex-presidente: “decidimos homenagear Israel, apresentando o país de uma forma distinta da que, usualmente, é mostrada pela imprensa, e buscando atingir o máximo de pessoas”. Ainda de acordo com ele, “é fato que nós judeus brasileiros nos sentimos muito bem ao notar uma percepção positiva sobre Israel por parte da sociedade maior”⁴²¹.

⁴¹⁶ KREIMER, S. Fisesp é recebida na redação da “Istoé”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 195, p. 16, 15 a 29 ago. 2007.

⁴¹⁷ FEDER, C. Fisesp na “Folha de S. Paulo”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 225, p. 12, 23 nov. a 7 dez. 2008.

⁴¹⁸ ENCONTRO ilustre. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 3, 11 a 25 out. 2009.

⁴¹⁹ ROIZEN, J. Representação política e agilidade nas decisões. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 8, 20 ago. a 4 set. 2010.

⁴²⁰ WAISMANN, D. Pela defesa dos interesses comunitários. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 5, 18 ago. a 1 set. 2008.

⁴²¹ Em 2011, viajariam a Israel a convite da Fisesp e do Projeto Interchange, do American Jewish Committee, os jornalistas Adriana Lopes de Freitas (Rede Record), Adriana Mafília (TV Globo), Allen

A preocupação da comunidade judaica com a boa imagem do Estado de Israel perante o público brasileiro gera ainda ações específicas de preparo das próprias lideranças comunitárias para o exercício da função de porta-vozes de Israel. Sua participação (ou de profissionais indicados por eles) em debates sobre Israel e o Oriente Médio é muito comum e, portanto, a capacitação para tanto tornou-se extremamente importante. A realização de um seminário em julho de 2010 revela de forma contundente o investimento no preparo de representantes da comunidade judaica. Sobre este seminário, que reuniu líderes de 13 estados do país, Jaime Spitzcovsky afirma:

Na questão mais direta do contato das lideranças comunitárias com a mídia, promovemos um treinamento de porta-vozes em julho último, em que trouxemos especialistas da mídia impressa, televisiva e eletrônica. Foram discutidos, entre outros temas, maneiras de se preparar para uma entrevista; a postura física que um entrevistado deve assumir perante uma câmera de TV; estratégias para gerenciamento de crises; a agenda dos principais jornais brasileiros e a criação de um banco de especialistas nos múltiplos temas judaicos⁴²².

Entre as ações voltadas ao estreitamento dos laços com formadores de opinião, pode-se citar ainda o programa da Fisesp denominado Lifnei HaMashber – literalmente, “Antes da Crise”. Tal programa visa “preparar os formadores de opinião para contar com toda a informação disponível para situações críticas para o povo judeu”⁴²³. Assim, são organizados encontros entre especialistas e formadores de opinião na sede da entidade.

Na promoção da boa imagem do Estado de Israel no Brasil, podemos lembrar ainda a organização de uma série de concursos que promovem os valores defendidos pelas instituições da comunidade judaica brasileira e são voltados para públicos judaicos e não judaicos. Entre os mais relevantes destinados ao público não judeu, pode-se citar o Concurso WIZO de Pintura e

Chahad (Portal Terra), Edilson Sacashima (UOL), Guilherme Russo (O Estado de S. Paulo), Humberto Saccomandi (Valor Econômico), Márcia Soman Moraes (Folha de S. Paulo), Paulo Henrique Caetano Galvão (Rádio Bandeirantes), Roberto Nonato Ramos (Rádio CBN) e Sheila Magalhães (Rádio Bandnews). A programação incluía encontros com o presidente de Israel Shimon Peres, com a líder do partido Kadima, Tzipi Livni, e com representantes da Autoridade Palestina em Ramallah, além de membros do parlamento israelense, do Ministério da Defesa e dos Negócios Estrangeiros, analistas políticos e acadêmicos. JORNALISTAS brasileiros que vão a Israel participam de café da manhã na residência do Cônsul Ilan Sztulman. Disponível em:

<<http://netjudaica.blogspot.com.br/2011/09/jornalistas-brasileiros-que-vao-israel.html>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

⁴²² BESEN, R. Comunicação estrutural é a chave da mudança. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 6, 20 ago. a 4 set. 2010.

⁴²³ Informação disponível em carta-convite para um evento com o professor Uzi Rabin, diretor do Centro Moshe Dayan da Universidade de Tel Aviv, assinada por Ricardo Berkiensztat e Alberto Milkewitz.

Desenho, promovido pela organização feminina, com o apoio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Realizado desde 1989, o concurso tem como um de seus objetivos divulgar uma imagem positiva do Estado de Israel e abrange a rede estadual de ensino fundamental e médio, contando com mais de 5 mil escolas da capital e interior. A cada edição, o concurso apresenta um tema integrando Brasil e Israel como, por exemplo: “Brasil/Israel: Energia – Novas Fontes” (2006), “Brasil/Israel: Esporte e Lazer na Educação” (2007), “Brasil/Israel: Flores e Frutas” (2008), “Brasil/Israel: Água – Preservação e uso racional” (2009) e Brasil/Israel: Intercâmbio Comercial e Tecnológico (2010). Para auxílio na elaboração dos trabalhos, os estudantes recebem apostilas explicativas com informações sobre o tema de cada ano. De acordo com a presidente de honra da Wizo-SP, Sulamita Tabacof, o concurso foi inspirado em um similar promovidos por Israel em alguns países europeus cujo prêmio era uma exposição e uma viagem a Jerusalém⁴²⁴. Na versão brasileira promovida pela Wizo, os vencedores e seu professor orientador ganham uma viagem à Brasília para conhecerem pontos turísticos da cidade e a Embaixada de Israel, além de equipamentos eletrônicos, livros e kits de pintura. A cerimônia de premiação costuma ocorrer no auditório da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo⁴²⁵, e conta com a presença de representantes do poder público do estado, do Consulado Geral de Israel em São Paulo e da Federação Israelita do Estado de São Paulo.

Em outra ação do tipo, a B’nai B’rith, apoiada pela Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, Laboratório de Estudos sobre a Etnicidade, Racismo e Discriminação da USP (LEER/USP), Sherit Hapleitá (Associação dos Sobreviventes do Nazismo) e pelo vereador Gilberto Natalini, promove, desde 2004, o Concurso de Redações para a Rede Municipal de Ensino de São Paulo, com temas ligados à questão do racismo, da intolerância e do Holocausto e prêmios como computadores, máquinas fotográficas e aparelhos de DVD. Atualmente, o concurso se estendeu, sendo realizado também em outras capitais do país.

⁴²⁴ WAISMANN, D. Ensinar sobre Israel nas escolas públicas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 16, out. 2010. Caderno Especial de Educação.

⁴²⁵ Em 2006, a cerimônia de premiação ocorreu na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.

Outros concursos são voltados especificamente a jovens judeus, com o objetivo de fortalecer sua identidade judaica. A própria B'nai B'rith promove, desde 2001, o Concurso Fábio Dorf de Redação para alunos de colégios judaicos de todo o país e premia os vencedores com um notebook.

Em 2007, o Fundo Comunitário realizou o concurso “De Sion a Sionismo – a obra de Theodor Herzl” para alunos de escolas judaicas, em que os candidatos apresentaram dissertações sobre o tema⁴²⁶. O prêmio era uma viagem a Israel aos estudantes e seus professores orientadores.

Em 2008, para comemorar os 60 anos do Estado judeu, o Fundo Comunitário promoveu o concurso 10 X Chai. Divido em três fases, os participantes tinham que responder a dezenas de perguntas sobre cultura judaica, história e geografia de Israel e personalidades judias e eram incentivados a fazer consultas e pesquisas. De um total de 450 participantes, 38 chegaram à final e 6 foram premiados com viagens a Israel. O principal objetivo do concurso foi promover a ligação com o judaísmo e com o Estado de Israel, tendo como lema “Fortalecer as raízes judaicas e sionistas está em nossas mãos”. Nas palavras de Nilton Serson, na época em que era presidente do Fundo Comunitário,

O concurso traduz o nosso ideal de manter uma postura de afirmação com relação ao Estado de Israel, fazendo com que judeus sejam embaixadores de Israel em seu país. Para que isso aconteça, temos que promover o conhecimento do país que patrocinamos e a convicção de nossos valores. Com o concurso, buscamos motivar todo o *ishuv*⁴²⁷ ao estudo⁴²⁸.

No mesmo ano, Na'amat Pioneiras e a Associação Moshé Sharett, com apoio do Centro da Cultura Judaica, do Keren Kayemet Lelsrael (KKL), da Embaixada de Israel, da Conib e da Fisp, organizaram o concurso de fotografias “Israel 60 anos – Israel e Eu”⁴²⁹, que tinha como prêmio passagens a Israel e máquinas fotográficas digitais aos melhores colocados.

Finalmente, promovido pelo Programa Mibereshit também em comemoração aos 60 anos de Israel, o Certame Infantil Internacional, um

⁴²⁶ WAISMANN, D. Fundo Comunitário promove concurso entre escolas Judaicas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 180, p. 4, 2 a 16 jan. 2007.

⁴²⁷ No caso, refere-se à comunidade judaica brasileira.

⁴²⁸ FUNDO COMUNITÁRIO. Quem sabe mais sobre Israel? **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 225, p. 9, 23 nov. a 7 dez. 2008.

⁴²⁹ FEDER, C. Centro da Cultura Judaica (1). **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 216, p. 12, 4 a 18 jul. 2008.

concurso mundial para alunos de colégios judaicos com questões sobre o Estado de Israel, ocorreu em doze países com 8400 crianças inscritas. No Brasil, foram 870 participantes. O vencedor da etapa brasileira ganhou uma viagem a Israel, onde disputaria a final mundial. De acordo com o Drorit Milkewitz, representante do Programa Mibereshit no Brasil, “o Certame ajuda a fortalecer os laços que unem as crianças da diáspora ao estado de Israel”⁴³⁰.

Se a defesa e promoção do Estado de Israel é um dos pilares da atuação de diversas instituições da comunidade judaica paulista e, como vimos, críticas mais duras ao país ou a seu caráter judaico proferidas por não judeus são, muitas vezes, atribuídas a um antissemitismo enrustido, cabe perguntar como as lideranças destas organizações atuam quando isso parte de judeus. São legítimas as críticas a Israel por parte de quem vive na diáspora? Há limites? Quais? De acordo com o diretor institucional da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), Alberto Milkewitz,

Os judeus, devido ao sofrimento secular e das perseguições que têm acontecido ininterruptamente ao longo da história, desenvolveram uma grande sensibilidade. Alguns consideram hipersensibilidade e outros uma sensibilidade doentia. Os que são enquadrados neste último caso, são os que consideram que deve ser proibido que um judeu critique outro judeu. Acham que é anti-semitismo criticar Israel e traição quando isso é feito por membros da comunidade. Porém, é ingenuidade um judeu criticar publicamente Israel e não prever que os inimigos daquele país usarão o que foi escrito justamente por um judeu para desqualificar aquela nação. A linha divisória é sutil. Por tudo isso, é necessário muito cuidado na hora da crítica, para que o tiro não saia pela culatra. Ao mesmo tempo é bom refletir sobre esse assunto, para que não aconteça o patrulhamento ideológico nem a inibição da livre expressão. Trata-se de uma questão que tem nuances e sutilezas que não permitem fazer afirmações radicais nem julgamentos fáceis. Mas não por isso deixa de ser um tema grave e relevante⁴³¹.

Em geral, críticas ao governo da ocasião costumam ser consideradas legítimas e aparecem de quando em quando. Nas palavras do jornalista e colunista da Tribuna Judaica Caio Blinder,

⁴³⁰ ALUNO do Iavne vence a final brasileira do Certame Infantil Internacional. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, p. 12, 20 maio a 3 jun. 2008.

⁴³¹ MILKEWITZ, A. Judeu *versus* judeu. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 169, p. 6, 21 jul. a 4 ago. 2006.

Estamos aí, claro, para defender o Estado de Israel, mas nem sempre o governo de plantão. Estamos sempre orgulhosos da concretização do sonho sionista, mas nem sempre de quem está a frente da realidade nacional israelense⁴³².

Segundo Alberto Milkewitz,

Nos permitimos o direito de discordar de ações do governo de turno. E posso te dizer que aqui dentro da Federação, na diretoria, as discussões são de lascar, somos extremamente críticos. Eu posso te dizer, o governo que está aí em Israel, para Alberto, pessoa física, por favor, *jamaiz* votaria nesses caras, mas *jamaiz*. Só que, uma coisa que, às vezes, as pessoas não entendem, é que quando a gente vira pessoa pública ou instituição pública, tem que ter muito cuidado, porque se eu digo que eu acho que o Avigdor Lieberman é, assim, um grosso, inadequado para o papel, vão dizer, “a Federação fala”. Aí, você, que não tem nada a ver com isso e que, de repente, adora o cara, vai dizer “pô, porque a Federação está falando isso?”⁴³³.

De acordo com o diretor de relações institucionais da Confederação Israelita do Brasil (Conib), Jaime Spitzcovsky,

Integrantes da diretoria da Conib naturalmente têm as suas posições pessoais. O difícil também, para essas pessoas, é separar o momento em que elas falam institucionalmente e que elas falam como pessoa física. Então, por exemplo, eu, que tenho uma trajetória como analista, preciso tomar um enorme cuidado em deixar claro qual é a minha visão pessoal e qual é a visão da instituição para a qual eu trabalho⁴³⁴.

Críticas mais duras e opiniões que questionem a existência do Estado de Israel – ou o seu caráter judaico –, principalmente se feitas por um judeu “em público”, ou seja, em meio a não judeus, não são toleradas. Muitas vezes, tal atitude é considerada uma traição. Após o episódio em que o exército de Israel interceptou a flotilha que tentava quebrar o bloqueio à Faixa Gaza, resultando na morte de nove ativistas, o que resultou em inúmeras críticas ao país, um editorial publicado na Tribuna Judaica criticava o “fogo amigo”:

Muito já foi discutido se nós, judeus da Diáspora, devemos dar apoio incondicional ao governo de Israel, ou se assim como os cidadãos do país, devemos ser críticos a posições que não concordamos. (...) O que nos causa espanto é ver e ler a opinião de alguns membros da nossa comunidade, influenciados por uma mídia parcial, quer seja por má fé ou pela total desinformação de seus jornalistas, ataquem de maneira pública as ações de um governo democrático, que cumpre ao pé da letra e honra literalmente o nome do seu exército, que é de defesa de Israel. O fogo amigo dentro do *ishuv*⁴³⁵ não é bem vindo, o apoio nas horas de crise sim⁴³⁶.

⁴³² BLINDER, C. Le chaim para o jovial octogenário Peres. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 249, p. 5, 25 nov. a 9 dez. 2009.

⁴³³ Entrevista realizada pelo autor.

⁴³⁴ Entrevista realizada pelo autor.

⁴³⁵ Refere-se à comunidade judaica brasileira.

⁴³⁶ NA BATALHA da Hasbará, Israel não precisa de “fogo amigo” de membros da comunidade. **Tribuna Judaica**, n. 262, p. 2, 15 a 29 jun. 2010. Editorial.

Em relação a isso, o cônsul geral de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman, afirma:

Minha posição institucional diz que a comunidade judaica tem que estar sempre do lado de Israel. A minha opinião pessoal é que a comunidade judaica tem que apoiar Israel, mas também tem que criticar Israel. Os judeus não têm que dizer que tudo o que Israel faz é bom. Eu acho que tem direito, como *shareholders*⁴³⁷. Para o Estado de Israel, cada judeu é um cidadão em potencial. Até legalmente, se alguém tem um bisavô, um dos oito, judeu, ele tem direito de ser cidadão. Então, ele tem direito de dizer o que tem de errado em Israel. Se tem alguma coisa que ele não gosta, eu acho que ele tem direito, e até dever, de dizer: “meu, isso aqui não está bem, você está fazendo errado” ou “kol hacavod”⁴³⁸, você faz isso muito bem”. É parte dele. Mesmo se ele não tiver o passaporte ou não votar, é dele, porque, se ele quiser, ele pega o passaporte. (...) Israel é o país do povo judeu. Os judeus que moram lá têm o passaporte. Os judeus que moram aqui têm direito ao passaporte, mas não têm o passaporte. Eu acho que eles têm todo o direito de influenciar, para bem ou para mal, de serem ativos dentro da política israelense⁴³⁹.

Sobre críticas a Israel feitas em público, Ilan Sztulman pondera:

Eu acho que isso depende da situação. Eu não tenho problema que isso seja feito publicamente, mas prefiro que não. Em hebraico se diz “roupa suja se lava em casa”. (...) Em minha opinião, institucional e pessoal, preferiria que, se tivesse crítica, fosse crítica dentro de casa. Eu acho que ela é mais eficiente também. Mas se vem um judeu e me escreve uma carta [criticando Israel] num jornal, vou aceitar isso. Não vou gostar, preferiria que ele viesse para mim e dissesse: “olha, eu quero dizer uma coisa: vocês são uns idiotas, fazendo tal, tal e tal”. Assim como eu preferiria que a minha mulher, quando está brava comigo, brigasse comigo em casa e não no supermercado, para todo mundo escutar. Mas, da mesma forma, se minha mulher ficar muito brava, ela vai fazer isso no supermercado, e eu vou fazer o que? Jogar ela para fora? Não. Com o judeu é a mesma coisa⁴⁴⁰.

Entre os judeus com posições mais críticas ao Estado de Israel, pode-se distinguir dois grupos: o de intelectuais mais ligados à esquerda no espectro político e o dos religiosos ultraortodoxos antissionistas. De acordo com o colunista da Tribuna Judaica Marcos Wasserman,

É certo que faz parte da genética judia o prazer da discussão e também o direito de ser do contra. A pergunta é: até que limite a crítica pode ser válida, e quando ela deixa de ser uma expressão democrática e passa a ser uma anarquia irresponsável? (...) A todos os dissidentes em Israel e, até, ao Povo Judeu, defendo o livre direito à crítica. Mas sem golpes baixos⁴⁴¹.

⁴³⁷ O termo, em inglês, significa “acionistas”. É utilizado para designar aqueles que possuem parte de determinada empresa ou organização.

⁴³⁸ Do hebraico, literalmente, “com todo o respeito”, “com toda a honra”. Adquire também o sentido de “parabéns”.

⁴³⁹ Entrevista realizada pelo autor.

⁴⁴⁰ Entrevista realizada pelo autor.

⁴⁴¹ WASSERMAN, M. 60 professores contra um doutor. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 2, 31 maio a 14 jun. 2010.

Segundo o autor,

Acho que chegou o momento de colocarmos os pingos nos is sobre o que ocorre na época em que vivemos, onde judeus contemporâneos resolveram assumir posições violentas contra o Estado de Israel, mantendo opiniões que, afinal, como não poderia deixar de ser, acabam se transformando em verdadeiros ricochetes, atingindo seus irmãos onde estiverem, em Israel ou no exterior.

É claro que Israel e suas políticas podem estar sujeitos a críticas, como sói acontecer com relação a qualquer governo de qualquer país do mundo. A diferença está entre a crítica legítima e aquela que, rompendo os limites da lógica e da inteligência, passa a defender a tese da ilegitimidade da existência do Estado de Israel.

Simplesmente ignoram o direito, considerado universal, do Povo Judeu de delinear sua autodeterminação política, a qual resultou no Estado de Israel.

Chegou a hora de desmascarmos os Noam Chomsky, os Norman Finkelstein, os Max Blumenthal e outros congêneres que podem ser encontrados em cada esquina, nos lugares mais incríveis que se possa imaginar.

Vai uma grande distância entre a crítica legítima, repito, e juntar-se a grupos antissemitas, como o fizeram não poucos, e digamo-lo com todas as letras, inclusive alguns dos mais extremistas religiosos ortodoxos de Mea Shearim.

O gênio e a loucura judaicos caminham de braços dados desde longa data⁴⁴².

Em outro artigo, Marcos Wasserman aborda especificamente o caso de judeus ultraortodoxos antissionistas:

É isso mesmo, meu caro leitor. Não é erro de imprensa. Existem, realmente, judeus declaradamente inimigos de Israel. Soa absurdo, mas não é novidade na milenária história dos judeus na Diáspora, e, em não poucas ocasiões, judeus anti-semitas se fizeram notar por atos e palavras. (...)

O povo judeu nunca foi uma agremiação monolítica (...). Mas o inconcebível é que aqueles judeus religiosos fanáticos tenham cruzado a linha do permissível para se aliar aos que propõe a pura e simples destruição de Israel. Seu comportamento é inominável e deve ser repudiado. É doloroso⁴⁴³.

Em relação a este assunto, há ainda outros textos publicados na Tribuna Judaica que podem ser conferidos⁴⁴⁴. Assim como ocorre em Israel, nas diásporas centrais é possível verificar o surgimento de grupos judaicos mais críticos em relação a atuação dos governos do Estado de Israel⁴⁴⁵. No Brasil, algumas ações nesse sentido ainda não se traduziram na institucionalização de grupos organizados.

⁴⁴² WASSERMAN, M. Pesadelos Judaicos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 2, 20 set. a 5 out. 2010.

⁴⁴³ WASSERMAN, M. Judeus inimigos de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 2, 1 a 15 fev. 2007.

⁴⁴⁴ GERALD Thomas choca a plateia no RS ao dizer ser contra Israel e “indústria do Holocausto”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 214, p. 2, 4 a 18 jun. 2008. Editorial. BLINDER, C. O auto-ódio e o judaísmo de Tony Judt. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 262, p. 5, 15 a 29 jun. 2010. JUDAÍSMO: até os zeides se equivocam. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 3, 4 a 18 set. 2006. WASSERMAN, M. O Sionismo de pernas pro ar. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 166, p. 2, 6 a 20 jun. 2006.

⁴⁴⁵ Nos Estados Unidos, por exemplo, pode-se citar o J Street⁴⁴⁵ e o Jewish Voice for Peace⁴⁴⁵.

Considerando-se o que foi apresentado nesse capítulo, é interessante destacar que diversos autores concordam com o fato de que as diásporas se tornaram muito influentes no cenário internacional. Nas palavras de Robin Cohen (2008, p. 523),

A idéia de 'terra natal' sólida ganhou força nos últimos anos com o reconhecimento do crescente papel desempenhado pelas diásporas como agentes das políticas internacionais e de desenvolvimento da "terra natal". Evidentemente, há anos que as diásporas são importantes para as políticas internacionais.

Ainda segundo o autor (2008, p. 523),

O principal achado de uma recente coletânea de estudos sobre as diásporas em conflito é que elas podem ser uma força para a estabilidade (promotoras de paz), como também uma força que amplifica ou mesmo cria conflitos (promotoras de conflito). Segundo os organizadores dessa coletânea: "Ainda é preciso estudar o envolvimento diaspórico nos conflitos; no entanto o que se pode dizer é que as diásporas desempenham 'papéis significativos e diversos' em toda a gama de atividades do ciclo de conflito" (Smith; Stares, 2007, p. 9).

Bernardo Sorj (2004, p. 54) concorda e afirma que

As diásporas se transformam em fatores de importância crescente na política internacional. Só para mencionar alguns exemplos políticos recentes, a diáspora de Kosovo (em particular a baseada na Alemanha) desempenhou um papel importante no financiamento de compra de armas para o Exército de Libertação de Kosovo e a diáspora curda nas manifestações de protesto contra o governo turco, sem mencionar a diáspora judaica e palestina no conflito do Oriente Médio.

Um dado significativo, mas poucas vezes lembrado é que a quantidade de judeus e de palestinos que se encontram fora do Estado de Israel e dos territórios palestinos de Gaza e Cisjordânia é maior do que o dobro dos que estão dentro. Sua relevância como atores diretamente envolvidos com os acontecimentos daquela região mais ou menos distante não pode ser desprezada ou subestimada.

Sem dúvida, diásporas judaicas ao redor do globo, especialmente as diásporas centrais, tiveram (e ainda têm) um papel considerável no desenrolar dos fatos no Oriente Médio. Embora com importância extremamente limitada

nesse contexto, a comunidade judaica brasileira também se mobiliza para atuar da forma que está ao seu alcance.

Interessante lembrar que, recentemente, os presidentes do Congresso Judaico Mundial, Ronald S. Lauder, e do Congresso Judaico Latino-Americano (CJL), Jack Terpins, reuniram-se com o presidente da Autoridade Nacional Palestina (ANP), Mahmoud Abbas, em Londres⁴⁴⁶. De acordo com Ronald Lauder,

Alcançar a paz é o desejo do povo judeu e estou convencido que uma melhor cooperação entre as comunidades judaicas e palestinas de todo o mundo podem contribuir para isso, a construir o futuro de paz que nossos dois povos querem.

Já Jack Terpins, que é brasileiro e ex-presidente da Conib, afirmou que "a posição de ambas comunidades, judaica e palestina, deve ser a de colaborar para um melhor entendimento".

É interessante lembrar também que, no início de 2012, as comunidades árabe e judaica latino americanas receberam uma carta do negociador chefe da Autoridade Palestina, Saeb Erekat, pedindo engajamento conjunto em prol da criação do Estado palestino⁴⁴⁷.

4. 6. Integração no sistema do poder, participação no sistema político e outras conexões locais

Enquanto uma comunidade da diáspora, minoritária, o estabelecimento e o cultivo de boas relações com os poderes locais e com a própria população brasileira é absolutamente fundamental – inclusive por que, muitas vezes, por conta de uma percepção preconceituosa, a diáspora, ao manter-se fiel a identidades alheias às do país em que se encontra, pode causar desconfiança em relação à sua lealdade e ser vista como uma ameaça à segurança nacional. Assim, nas palavras de Bernardo Sorj (2004, p. 55), “para a liderança

⁴⁴⁶ AS COMUNIDADES judaicas e palestinas podem contribuir para a Paz. Disponível em: <<http://www.congresojudio.org.ar/nota.php?np=1320>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

⁴⁴⁷ BERGAMO, M. Boa Vizinhança. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 mar. 2012. Ilustrada, Caderno E, p. 2.

diaspórica ser bem-sucedida deve integrar-se de forma ativa nas coalizões políticas dominantes”⁴⁴⁸.

Sem dúvida, lideranças da comunidade judaica estão bastante empenhadas nesse trabalho, que ocupa parte significativa da agenda das instituições representativas desta coletividade, especialmente a Confederação Israelita do Brasil (Conib), em nível nacional, e as federações estaduais, em nível estadual e municipal. Este tipo de atuação compreende iniciativas como contatos com líderes de diversos partidos, reuniões com representantes dos poderes executivo, legislativo e judiciário, envio periódico de comitivas formadas por dirigentes comunitários para encontros com autoridades em diversos órgãos do governo – nos últimos anos foi comum, por exemplo, a ida de uma comitiva ao Palácio do Planalto para desejar *shaná tová*⁴⁴⁹ ao presidente da República e ao povo brasileiro – até o engajamento da comunidade em campanhas sociais do país – por exemplo, a adoção de cidades do Programa Fome Zero⁴⁵⁰, o combate à dengue e o recolhimento de doações para as campanhas beneficentes⁴⁵¹. De acordo com o presidente da Conib, Claudio Lottemberg,

Nossa intenção é intensificar o diálogo, para levar às lideranças políticas as preocupações da comunidade judaica e também para sabermos de que forma podemos intensificar nossas ações, a fim de colaborarmos ainda mais na solução de problemas que atingem nosso país⁴⁵².

É interessante notar que Lottemberg utiliza a expressão “nosso país” para referir-se ao Brasil. Nesse sentido, podemos afirmar, utilizando as palavras de Martin Baumann (2000, p. 330), que “a retenção por parte de um grupo da diáspora de elementos que a diferenciam religiosamente, não impedem sua integração socioeconômica nem sua identificação nacional”⁴⁵³.

⁴⁴⁸ De acordo com Bernardo Sorj (2004, p. 56), “enquanto as diásporas mais antigas tiveram que enfrentar a oposição do estado nacional, com a crise de legitimação dos estados capitalistas democráticos a diáspora adquire uma nova configuração e novas possibilidades de ação e organização”.

⁴⁴⁹ Do hebraico, literalmente, “bom ano”. Felicitação tradicional para saudar o início do ano judaico.

⁴⁵⁰ Foi adotada a cidade de Itinga, localizada no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

⁴⁵¹ Todas essas ações que envolvem o engajamento da comunidade judaica em projetos sociais não podem ser pensadas fora do âmbito de sua divulgação. Ou seja, a divulgação da ação é tão importante quanto ela mesma e tem como principal objetivo revelar à sociedade brasileira, a preocupação e o envolvimento da comunidade judaica com o país e o papel de seus membros como cidadãos brasileiros.

⁴⁵² CONIB conversa com Tarso Genro sobre política e segurança. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 234, p. 10, 7 a 21 abr. 2009.

⁴⁵³ No original: “a diaspora group's retention of religious difference does not impede its socio-economic integration and national identification”.

Em 2006, quando ocupava o cargo de vice-presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp), Gabriel Zitune afirmou: “é preciso mostrar que a comunidade judaica não está à margem do que acontece no Brasil”⁴⁵⁴. A inserção na sociedade brasileira é encarada também como uma forma de combater o antissemitismo. Em 2006, logo após a Guerra do Líbano, momento em que se verificou o aumento de ações antissemitas, o então presidente da Fisesp, Jayme Blay, afirmou:

Não vamos nunca conseguir negar alguns fatos, como a morte de civis no Líbano. Essas imagens são imutáveis para a imprensa. Mas temos que mostrar para a imprensa nossas boas ações, nossos feitos positivos, o que verdadeiramente somos⁴⁵⁵.

Já nas palavras do presidente da B'nai B'rith Brasil, Abraham Goldstein,

A sociedade democrática se mantém estabilizada em convivência na medida em que existe dentro dela a representatividade de todos os grupos que formam o complexo da sociedade e cada um desses grupos exerce suas capacidades de pressão. Eu sempre digo o seguinte: uma sociedade se torna equilibrada quando a ela pode-se associar um movimento browniano de forças, que se caracteriza pelo equilíbrio. Você tem forças de todos os lados, todo mundo tem força, todo mundo se movimenta. No momento em que existe um direcionamento só, todo mundo se alinha em uma única direção de força, aí você tem um problema, uma distorção social, e as consequências históricas nós já vimos em vários lugares do mundo⁴⁵⁶.

Sem dúvida, a proximidade entre líderes da comunidade judaica e representantes do povo brasileiro, assim como o interesse destes últimos na obtenção de apoio eleitoral daquela comunidade faz com que membros do executivo e legislativo das esferas federal, estadual e municipal participem e ajudem a organizar eventos junto a instituições judaicas. São frequentes também demonstrações de boas relações por meio de mensagens oficiais em dias especiais para comunidade judaica, como festas religiosas ou mesmo o sexagésimo aniversário do Estado de Israel, em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva congratulou o povo e o governo israelenses. Em 2006, a assessora especial do presidente Lula, Clara Ant, afirmou:

Nosso governo é do diálogo. As organizações da comunidade judaica e de todas as outras comunidades têm trânsito livre aqui. O presidente Lula já recebeu diversas delegações com integrantes do Congresso Mundial Judaico, a Conib, as federadas, a

⁴⁵⁴ FEDER, C. Fisesp atuante em prol da sociedade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 175, p. 13, 19 out. a 2 nov. 2006.

⁴⁵⁵ Idem.

⁴⁵⁶ Entrevista realizada pelo autor.

CIP, rabinos de várias sinagogas, a Hebraica, o Centro da Cultura Judaica, ente outros. Ele participou da celebração do Dia Mundial em Memória das Vítimas do Holocausto, do 50º aniversário da Hebraica e foi representado por ministros e assessores em diversas outras atividades. Algumas lideranças da comunidade costumam dizer que nunca houve tanta integração como agora⁴⁵⁷.

Sessões solenes e outras ações realizadas em parceria com vereadores e deputados estaduais nas câmaras municipais e assembleias legislativas, bem como a apresentação de projetos de lei do interesse da comunidade judaica também ocorrem de tempos em tempos. Nas palavras do vice-presidente executivo da Fisesp, Ricardo Berkienstz,at,

Trabalhamos tanto nas Câmaras Municipais de São Paulo e do Interior do Estado, bem como na Assembleia Legislativa a fim de que nossos representantes ouçam a voz da comunidade em temas pertinentes ao judaísmo e a Israel⁴⁵⁸.

Para citar alguns exemplos que tiveram destaque na imprensa judaica, em 2008, por iniciativa do deputado Gilmaci Santos (PRB), comemorou-se o Dia de Jerusalém e os 60 anos do Estado de Israel na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, com a participação de diversos líderes de instituições judaicas⁴⁵⁹. Um ano antes, deputados estaduais aprovaram o projeto de Campos Machado (PTB) que criava o Dia Estadual de Lembrança do Holocausto no dia 29 de novembro – Lei 12.778/07⁴⁶⁰ –, dia em que, em 1947, foi votada e aprovada a partilha da Palestina na Assembleia Geral das Nações Unidas.

No âmbito da Câmara Municipal de São Paulo, no final de 2007, foi sancionada a Lei 14.551 de autoria de Lenice Lemos (DEM) que instituiu o 6 de junho como Dia de Jerusalém⁴⁶¹. De acordo com a vereadora,

⁴⁵⁷ WAISMANN, D. A assessora especial do presidente Lula. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 179, p. 14, 18 dez. 2006 a 1 jan. 2007.

⁴⁵⁸ ROIZEN, J. Representação política e agilidade nas decisões. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 8, 20 ago. a 4 set. 2010.

⁴⁵⁹ RAMOS, C. Jerusalém e Israel são homenageados na Assembleia Legislativa de São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, contracapa, 19 jun. a 3 jul. 2008.

⁴⁶⁰ ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Lei nº 12.778, de 28 de novembro de 2007. Disponível em:

<<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2007/lei%20n.12.778,%20de%2028.11.2007.htm>>.

Acesso em 14 jun. 2012. Na imprensa judaica: ASSEMBLÉIA Legislativa aprova projeto de lei do Dia Estadual da Lembrança do Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 204, p. 2, 1 a 15 jan. 2008.

Editorial.

⁴⁶¹ PL 207/07. Disponível em:

<http://www1.camara.sp.gov.br/projintegrapre_joomla.asp?fProjetoLei=207%2F07&sTipoPrj=PL>.

Acesso em 14 jun. 2012. Na imprensa judaica: FEDER, C. Nova lei institui o Dia de Jerusalém. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 201, p. 13, 13 a 27 nov. 2007.

A idéia para a elaboração da Lei que estabelece o dia 6 de junho como sendo o Dia de Jerusalém surgiu do convívio, já de algum tempo, com a comunidade judaica. Por admirar e respeitar o modo de vida, costumes, hábitos e religião dos judeus, resolvi que deveria homenageá-los de alguma forma pelo exemplo de força e obstinação que representam⁴⁶².

Na atual formação da Câmara Municipal de São Paulo, os vereadores Floriano Pesaro (PSDB) e Gilberto Natalini (PV) são os mais próximos da comunidade judaica paulistana. Contando com importante número de eleitores judeus, ambos muitas vezes estão presentes em eventos da comunidade judaica, frequentemente visitam instituições comunitárias e levam ao plenário as aspirações desta coletividade. Floriano Pesaro é autor de diversas leis aprovadas recentemente como, por exemplo: Lei 15.285/2010: Institui o Dia do Ensino e Participação Coletiva inspirados na obra do Rebe de Lubavitch – Movimento Chabad e o inclui no Calendário Oficial de Datas e Eventos do Município de São Paulo; Lei 15.285/2010: Inclui no Calendário Oficial do Município de São Paulo o evento de Rosh Hashaná – Ano Novo judaico; Lei 15.293/2010: Inclui no Calendário Oficial do Município de São Paulo o Mês em Comemoração à Festa das Luzes – Chanuká; Lei 15059/2009: Institui na cidade o Dia Municipal em Memória às vítimas do Holocausto, a ser celebrado anualmente no dia 27 de janeiro. Floriano Pesaro é ainda autor de projeto de lei PL112/09, que visa incluir o tema Holocausto na disciplina de História da rede municipal de ensino, e, ao lado de Gilberto Natalini⁴⁶³, é co-autor do projeto de lei PL449/2009, que dispõe sobre a colocação de floreiras de concreto armado nas calçadas fronteiriças de templos, instituições religiosas, culturais, assistenciais, esportivas e de lazer para fins de proteção e segurança e dá outras providências. Além disso, Floriano Pesaro muitas vezes dedica discursos inteiros no plenário à comunidade judaica, ao holocausto e à defesa do Estado de Israel. Foi assim, para citar apenas um exemplo, em 18 de outubro de 2011, quando deu as boas vindas ao soldado israelense Gilad

⁴⁶² SOUSA, R. Sessão solene comemora o Dia de Jerusalém. Disponível em: <http://www.camara.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=515:sessao-solene-comemora-o-dia-de-jerusalem&catid=37:eventos&Itemid=94>. Acesso em: 14 jun. 2012.

⁴⁶³ Gilberto Natalini é autor da Lei 13873/04, que declara as cidades de Tel Aviv e São Paulo cidades irmãs. Mais informações disponíveis em: <<http://www.natalini.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

Shalit, capturado pelo Hamas em junho de 2006 e libertado naquele dia em troca da soltura de 1027 palestinos presos em Israel⁴⁶⁴.

Finalmente, é interessante lembrar que a Câmara Municipal de São Paulo foi palco, em 2011, de pelo menos três sessões solenes em homenagem ao aniversário de instituições da comunidade judaica: pelos 75 anos da CIP; pelos 65 anos da Fisesp⁴⁶⁵ e pelos 90 anos da Wizo.

Sessões solenes e homenagens também ocorrem na esfera federal, assim como ali são apresentados projetos de lei do interesse da comunidade judaica. Para citar alguns exemplos com destaque na mídia judaica, vale lembrar que, em 2008, a Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei PL 6.104/2005 que institui do dia 29 de novembro como o Dia de Celebração da Amizade Brasil-Israel⁴⁶⁶. O projeto, de autoria do senador Marcelo Crivella (PMR/RJ) foi remetido ao Senado Federal e aguarda retorno na Mesa Diretora da Câmara para tornar-se lei⁴⁶⁷. No mesmo ano, a Câmara dos Deputados celebrou os 60 anos de Israel em evento requerido pelo Deputado Ibsen Pinheiro (PMDB-RS) que contou com a participação de diplomatas israelenses e dirigentes da comunidade judaica brasileira⁴⁶⁸. São comuns também discursos em lembrança às vítimas do Holocausto no dia em que se recorda o acontecimento⁴⁶⁹.

Todas essas homenagens nos órgãos legislativos municipais, estaduais e federais tem pouco impacto de fato e, por tratarem de assuntos aos quais a maioria da população brasileira é indiferente, não trazem grandes custos

⁴⁶⁴ Este e outros discursos estão disponíveis em: <<http://www.floriano45.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

⁴⁶⁵ Já os 60 anos da entidade foram comemorados no Palácio dos Bandeirantes e reuniu, entre outros, o governador do estado Claudio Lembo, o prefeito da cidade Gilberto Kassab, o ministro da justiça Márcio Thomas Bastos, o presidente da Assembleia Legislativa Rodrigo Garcia, o presidente do Banco Central Henrique Meirelles, o senador Eduardo Suplicy e José Serra. FEDER, C. Fisesp comemora 60 anos de existência. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 5, 4 a 18 set. 2006.

⁴⁶⁶ A data faz referência ao dia em foi votada e aprovada a partilha da Palestina na Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1947. A sessão foi presidida pelo diplomata brasileiro Oswaldo Aranha.

⁴⁶⁷ CÂMARA DOS DEPUTADOS. PL 6.104/2005. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=304176>>. Acesso em 14 jun. 2012. Na imprensa judaica: CÂMARA institui “Dia de Celebração da Amizade Brasil-Israel” para aproximar os dois países. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 2, 20 abr. a 4 maio. 2008. Editorial.

⁴⁶⁸ TELLES, O. Sessão solene lembra a criação do Estado de Israel. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/115519.html>>. Acesso em 14 jun. 2012. Na imprensa judaica: CÂMARA dos Deputados comemora os 60 anos da partilha da Palestina. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 205, p. 2, 21 jan. a 4 fev. 2008. Editorial.

⁴⁶⁹ BELL, I. Senado prestigia vítimas do Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 159, p. 8, 21 fev. a 7 mar. 2006.

políticos. Por outro lado, tem muita importância simbólica, para os grupos beneficiados.

Já no final de 2009, o Congresso Nacional ratificou o Acordo de Livre Comércio Mercosul - Israel⁴⁷⁰, que havia sido assinado em Montevideu em 18 de dezembro de 2007. Este acordo, que tem uma importância que vai muito além da dimensão simbólica, entrou em vigor em abril de 2010, com a publicação do Decreto 7.159 no Diário Oficial da União⁴⁷¹. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

A liberalização israelense inclui oito mil códigos tarifários que obedecerão a um cronograma de redução tarifária em um período de oito anos. Do outro lado, a liberalização do Mercosul abrange 9.424 itens, que, em sua quase totalidade, em 10 anos terão sua importação proveniente de Israel isenta de tarifas⁴⁷².

Esse foi o primeiro acordo do tipo entre Mercosul e um país de fora da América Latina. Alguns meses antes, o então embaixador de Israel no Brasil, Giora Becher, havia afirmado que “a ratificação deste tratado pelo Mercosul brasileiro é a prioridade número um, para nós, da embaixada de Israel no Brasil”⁴⁷³. Se por um lado, como parte da campanha pelo boicote, desinvestimento e sanções (BDS) contra o Estado de Israel⁴⁷⁴, movimentos sociais e parte da comunidade árabe brasileira uniram esforços para impedir que o acordo fosse aprovado, instituições da comunidade judaica, por outro, organizaram campanhas junto a parlamentares e responsáveis pela viabilização do tratado, tendo papel importante em sua aprovação e ratificação.

Em relação à atuação da comunidade judaica junto a representantes do poder público, Ricardo Berkiensttat afirma:

Há um respeito muito grande dos políticos em relação à nossa comunidade. Isto graças a um trabalho, que vem sendo desenvolvido a muitos anos, de aproximação e troca de idéias. Somos cidadãos que participamos da vida brasileira e contribuimos com esse país que nos acolheu de forma cálida há algumas décadas. Colaboramos com os

⁴⁷⁰ DECRETO LEGISLATIVO Nº 936, DE 2009. Disponível em:

<<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=239433>>. Acesso em 14 jun. 2012.

⁴⁷¹ DECRETO Nº 7.159, DE 27 DE ABRIL DE 2010. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7159.htm>. Acesso em 14 jun. 2012.

⁴⁷² ACORDO de Livre Comércio Mercosul/ Israel. Disponível em:

<<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1404>>. Acesso em 14 jun. 2012.

⁴⁷³ ZAIDLER, L. G. Relação de livre comércio entre Mercosul e Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 239, p. 7, 21 jun. a 5 jul. 2009.

⁴⁷⁴ BDS. Disponível em: <<http://www.bdsmovement.net/>>. Acesso em 14 jun. 2012.

governos, sejam eles de que partidos políticos forem, e procuramos expressar nossas inquietudes para eles⁴⁷⁵.

Evidentemente, isso não significa que lideranças da comunidade judaica estejam sempre em acordo com poderes executivo, legislativo e judiciário brasileiros. Muitas vezes, entidades representativas desta comunidade se contrapõem a decisões do governo brasileiro, como foi o caso, por exemplo, da visita ao Brasil do presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad. Segundo o diretor institucional da Fisesp, Alberto Milkewitz,

Quando a gente fala que nós somos a representação política, representação política não significa aparecer na foto sorrindo, sempre. Nesse momento, significa dizer ao governo brasileiro que discordamos muito da política externa do Brasil, por fazer amizade com um país que ameaça com a destruição de outro Estado democrático, que é o Estado de Israel, e que é o único Estado judeu⁴⁷⁶.

Analisando a postura de lideranças comunitárias de bajular poderosos e figuras de destaque, Alberto Milkewitz afirma:

A dureza da integração às sociedades das que a comunidade faz parte talvez tenha a ver com a tendência a bajular os que estão no poder. Foi difícil para os judeus serem aceitos como pares. A sociedade esteve por séculos fechada e, quando se abriu, nunca, até hoje, a discriminação sumiu totalmente. Por isso, só em democracias desenvolvidas, onde os judeus não temem viver sua identidade, pode ser exigido que não se caia na bajulação⁴⁷⁷.

A Tribuna Judaica traz ainda um artigo do jornalista Miguel Fernandes criticando a atuação do Congresso Nacional:

Depois de custear passagens e estadia de generosa comitiva parlamentar em visita aos territórios da Autoridade Palestina, a Câmara se nega a pagar as passagens de parlamentares interessados numa ida a Israel. Além disso, a presidência deixa criar poeira um requerimento do deputado Max Rosenmann (PMDB/PR) pedindo a celebração da sessão solene em lembrança das seis milhões de vítimas do Holocausto. Apresentado em 19 de janeiro, o requerimento previa ser atendido ainda no dia 27, instituído pela ONU como Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto. Mofa até hoje – e já não poderá ser agendada a sessão solene a partir de julho, por exigência da legislação – enquanto a presidência faz tramitar a toda pressa qualquer pedido simpático ao governo. O que não vem de Lula nem vai à Palestina, pelo visto, não tem pressa na Câmara. E se for para Israel ou pelas vítimas do Holocausto, que desapareça em Xangri-lá. Ou na Terra do Nunca⁴⁷⁸.

⁴⁷⁵ ROIZEN, J. Representação política e agilidade nas decisões. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 8, 20 ago. a 4 set. 2010.

⁴⁷⁶ Entrevista realizada pelo autor.

⁴⁷⁷ MILKEWITZ, A. Contra a bajulação pública. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 236, p. 4, 7 a 21 maio. 2009.

⁴⁷⁸ A QUESTÃO é: “Palestina ou Xangri-lá?”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 167, p. 3, 21 jun. a 5 jul. 2006. Editorial.

Ainda em relação à integração desta comunidade no sistema do poder e à sua participação no sistema político, é interessante mencionar que, em tempos de eleições, é muito comum a realização de reuniões com os principais candidatos aos cargos majoritários em disputa. Promovidos por instituições como Conib e Fisesp, tais encontros costumam ser realizados na casa de ativistas da comunidade judaica e reúnem algumas dezenas de pessoas, entre líderes comunitários, intelectuais, rabinos e empresários. Nestes momentos, a comunidade judaica expressa suas preocupações e anseios àqueles que aspiram ao cargo de representantes do povo. Em 2010, por exemplo, ano das últimas eleições presidenciais, a comunidade judaica reuniu-se com os candidatos Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva⁴⁷⁹. A relação entre Brasil e Israel, o processo de paz com os palestinos e a questão do Irã estiveram sempre na pauta destes encontros, em que os candidatos demonstraram conhecimento sobre as preocupações da comunidade e proferiram discursos sob medida para angariar seu apoio. Em 2008, ano das últimas eleições municipais, também houve encontros com os candidatos à prefeitura de São Paulo Geraldo Alckmin, Gilberto Kassab e Marta Suplicy⁴⁸⁰.

Para os cargos legislativos, muitas vezes a comunidade judaica apoia candidatos judeus ou simpatizantes. Discutindo a presença de judeus em cargos de representação pública, o diretor de redação da Tribuna judaica, em recado editorial publicado pelo jornal, afirmou:

Mesmo que não haja um direcionamento político comunitário, o que é saudável, pois mostra o pluralismo e a diversidade de opiniões dentro do *ishuv*⁴⁸¹, é sempre importante termos representantes junto ao poder público. Até porque a esfera política não está imune a atos e manifestações antissemitas, e é sempre bom que lá esteja alguém para nos defender⁴⁸².

⁴⁷⁹ DILMA e Serra se reúnem com a comunidade. Candidatos à presidência do Brasil debatem com representantes temas do interesse do Ishuv. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, capa, 20 set. a 5 out. 2010. GRANDES Festas: novos desafios em 5771. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 3, 20 ago. a 4 set. 2010.

⁴⁸⁰ ENCONTROS com Marta e Alckmin. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 221, capa, 17 set. a 1 out. 2008. KASSAB abre série de encontros com a comunidade judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 220, p. 13, 2 a 16 set. 2008.

⁴⁸¹ Refere-se à comunidade judaica brasileira.

⁴⁸² GOVERNADOR de São Paulo de origem judaica é um marco de nossa representatividade na vida política nacional. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 258, p. 3, 16 a 30 abr. 2010. Editorial.

Cabe lembrar ainda o vínculo entre instituições comunitárias, órgãos de segurança pública e autoridades policiais. Encontros diversos e trabalhos em conjunto são comuns e visam combater o antissemitismo em território nacional. Atualmente, isso tem ocorrido não só, mas especialmente em nível estadual, com a Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo e a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi), do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP). De acordo com Margarette Barreto, delegada titular da Decradi,

Todos os grupos mantêm um diálogo com a Delegacia, enviam denúncias e fazem propostas de melhoria no trabalho. (...) A comunidade judaica mantém um diálogo e intercâmbio de ideias e informações. A Decradi busca acompanhar as grandes festas e os eventos da comunidade⁴⁸³.

A participação da comunidade judaica em conferências reunindo diversos grupos da sociedade civil e o poder público para a discussão de políticas governamentais em âmbitos de seu interesse é também bastante relevante. Este papel é desenvolvido particularmente pela B'nai B'rith, que frequentemente representa os judeus em conferências de Direitos Humanos e de Promoção da Igualdade Racial em âmbito municipal, estadual e federal. De acordo com o presidente da instituição, Abraham Goldstein,

Digo que só há dois lugares no mundo onde somos maioria: Brooklyn, Nova Iorque e em Israel. Portanto, sendo minoria em todos os outros lugares do mundo, devemos estar e agir unidos, conhecer, divulgar e compartilhar os nossos valores e tradições. Devemos formar e desenvolver amizades, parcerias e, assim, almejar e obter uma real oportunidade de uma vida melhor, identificada, atuante e participativa⁴⁸⁴.

Dessa forma, a instituição estabeleceu parcerias estratégicas entre a comunidade judaica e outros grupos da sociedade civil, como o movimento negro, grupos representantes de diversas religiões e associações de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT). Estas parcerias são cultivadas por meio de ações distintas. Para citar apenas um exemplo, em 20 de março de 2009, Abraham Goldstein, falando em nome da entidade que

⁴⁸³ PERLOV, S. Combate à discriminação racial e preconceito. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 166, p. 14, 6 a 20 jun. 2006.

⁴⁸⁴ COLUNA ALEF – “ANTONIETTA E LEON FEFER”. Entrevista com Abraham Goldstein. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 268, p. 11, 6 a 20 out. 2010.

preside, publicou uma carta no painel do leitor do jornal Folha de S. Paulo defendendo as cotas raciais nas universidades brasileiras:

A sociedade brasileira tem uma dívida impagável com os descendentes de escravos negros, que vai além de encontrar caminhos para reduzir as diferenças, aumentando as oportunidades. Agora que, pela primeira vez, se está tentando fazer alguma coisa (as cotas universitárias), há senadores receosos do “risco de fomentar a desigualdade racial”, como se esta até agora não existisse.

ABRAHAM GOLDSTEIN, copresidente da B'nai B'rith do Brasil, entidade judaica de defesa dos direitos humanos (São Paulo, SP)⁴⁸⁵.

A costura de alianças com diversos grupos da sociedade civil resultou, por exemplo, na criação da Frente pela Liberdade no Iran⁴⁸⁶, que mobilizou-se contra a visita do presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, ao Brasil. Unidos contra um inimigo comum, a Frente foi formada no dia 3 de novembro de 2009, na sede da B'nai B'rith, em São Paulo, e reuniu lideranças dos mais variados movimentos sociais, incluindo, inclusive, alguns cujos interesses em outros temas são bastante conflitantes, como representantes de religiões afro-brasileiras, evangélicos e associações LGBTT. De acordo com a B'nai B'rith⁴⁸⁷, estiveram presentes representantes das seguintes entidades: Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania (ABLIRC), Associação Nacional de Brinquedos Educativos (ABRINE), Aqui não!, AMISRAEL – O Mensageiro da Paz, Articulação Política de Juventudes Negras de São Paulo, Associação Beneficente e Cultural B'nai B'rith do Brasil/São Paulo, Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-Brasileira (CENARAB), Comissão de Liberdade Religiosa OAB/SP, Congresso Nacional Afro Brasileiro (CNAB), Comunidade Baha'i, Comunidade Zen do Brasil, Conselho Parlamentar pela Cultura de Paz da ALESP (Conpaz), Comissão de Liberdade Religiosa OAB/SP, De Olho Na Midia, Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fiesp), Friends of Life Organization (FLO), Forum Paulista LGBT, Fundação Nacional de Cultura Negra e Miscigenação, Juventude Judaica Organizada (JJO), Instituto Edson Neves, Instituto Oromilade, Primado do Brasil de Umbanda e Candomblé, Education for Peace Globalnet (REDEPAZ), Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo e Iniciativa das Religiões Unidas (URI).

⁴⁸⁵ PAINEL DO LEITOR. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2009. Opinião, Caderno A, p. 3.

⁴⁸⁶ FRENTE PELA LIBERDADE NO IRAN. Disponível em:

<<http://frentepelaliberdadenoiran.blogspot.com/>>. Acesso em 14 jun. 2012.

⁴⁸⁷ BERGMANN, L. Criada na B'nai B'rith a Frente pela Liberdade no Iran – FLI. Disponível em:

<http://www.bnai-brith.com.br/content/mail/press_especial.asp?cod=213>. Acesso em: 14 jun. 2012.

Estiveram presentes ainda a antropóloga Adriana Dias, o professor titular do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Roberto Romano e o vereador Gilberto Natalini.

Como se pode ver, a despeito da manutenção de características étnicas, religiosas e culturais essenciais a comunidade judaica brasileira não deixa de fazer parte do coletivo político e social brasileiros.

5. CONCLUSÕES

Próximos e distantes. O paradoxo define bem a relação entre a comunidade judaica paulista e o Estado de Israel. Como vimos, se, por um lado, membros desta comunidade se reúnem com frequência para celebrar os feriados nacionais israelenses, cantar o hino do país, ouvir músicas, dançar e comer comidas típicas, por outro, permanecem vivendo a milhares de quilômetros de Jerusalém, sendo uma minoria aquela que sabe falar o hebraico. Se, por um lado, membros e funcionários das principais instituições desta comunidade desenvolvem percepções muito próprias sobre o Estado de Israel, constatáveis em inúmeros textos e discursos, como os trazidos ao leitor ao longo destas páginas, por outro, muitas vezes são pontos de vista distantes daquilo que se verifica empiricamente. Se, por um lado, membros desta comunidade acreditam que o Estado de Israel é o “verdadeiro lar”, a “casa própria” e o “porto seguro” de todos os judeus, por outro, são poucos os que optam por transferir-se àquele país. Se, por um lado, membros desta comunidade não lutam nas guerras do Oriente Médio, por outro, muitos atuam como soldados na diáspora, intercedendo a favor de Israel na política e diplomacia brasileiras. Se, por um lado, membros desta comunidade possuem laços fraternos com o Estado de Israel, por outro, não deixam de desenvolver sentimentos nacionalistas em relação ao Brasil ou de se integrar no sistema de poder local.

Nos capítulos anteriores, verificamos como os símbolos presentes na memória coletiva da comunidade judaica de São Paulo são transformados em experiências concretas que dão forma à dinâmica cultural. Fundamentalmente, a materialização dos vínculos entre a comunidade judaica paulista e o Estado de Israel é realizada por meio de celebrações, encontros e outras manifestações coletivas que exigem engajamento e participação ativa dos membros desta comunidade.

Pode-se afirmar ainda que os vínculos entre a comunidade judaica de São Paulo e o Estado de Israel são organizados e mantidos por um núcleo institucional relativamente pequeno, e reforçados por representantes do governo israelense que, periodicamente, visitam o Brasil. Como foi observado,

a presença, na diáspora, de autoridades do governo israelense e seus discursos direcionados a esse público, reafirmam, na memória coletiva judaica, o compromisso do Estado de Israel com o povo judeu e vice-versa.

Da mesma forma, para a comunidade judaica de São Paulo, viagens a Israel de curta ou longa duração, para turismo, estudos, encontros com familiares e amigos, participação em rituais de passagem como bar-mitzvot, casamentos e enterros, ou negócios também são importantes na aproximação entre diáspora e Terra Natal. Pelo fato de grande parte das instituições comunitárias considerar que a ligação com o Estado de Israel é fundamental para a identidade judaica – constituindo, inclusive, a condição para a sua continuidade – tais viagens são estimuladas por muitas delas, que direcionam seus esforços especialmente ao público jovem – com identidade ainda em formação. Muitas vezes, estas viagens são precedidas por viagens à Europa e incluem visitas aos campos de concentração nazistas, num trajeto que reconstrói a narrativa sionista hegemônica, de que a vida na diáspora sem o Estado de Israel não é segura, e que a segurança dos judeus depende desse país.

Em relação às percepções da comunidade judaica paulista sobre o Estado de Israel, verificamos que o discurso comunitário é marcadamente idealizado, mítico, e anacrônico. Idealizado e mítico pois está distante da realidade empírica apresentada em pesquisas desenvolvidas por historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos e jornalistas daquele país, como tentamos demonstrar. Anacrônico pois a sociedade israelense é concebida como aquela de outrora, pré-quebra de consensos do sionismo hegemônico, formulado e cristalizado pelas elites *ashkenazitas* até a década de 1990. Disputas e conflitos internos, notadamente étnicos e religiosos, cada vez mais acirrados, são minimizados, assim como a herança dos judeus de origem oriental, de outros imigrantes judeus e não judeus e da população árabe nativa na formação da identidade israelense atual.

Podemos destacar também que, apesar de o Brasil não apresentar tradição antissemita, o fato de grande parte dos membros da comunidade judaica brasileira atual serem refugiados ou descendentes de refugiados, isto é, marcados por memórias de perseguição e fuga no passado, como o é também a própria história judaica, faz com que o presente seja encarado com

desconfiança e incerteza. O Estado de Israel é visto como um porto seguro contra o antissemitismo e, portanto, sua defesa nos fóruns políticos e diplomáticos locais adquire contornos de uma luta pela sobrevivência individual (de cada judeu) e coletiva (do povo judeu), não importando se os judeus estão na diáspora ou no Estado de Israel. Tentamos demonstrar as diversas ações desenvolvidas pelas instituições da comunidade judaica nesse sentido.

Finalmente, percebemos que o estabelecimento de boas relações com a sociedade brasileira e a integração nos poderes locais é fundamental para a própria perpetuação da diáspora como tal.

Levando-se em consideração a discussão teórica sobre diásporas apresentada ao longo do trabalho, especialmente no capítulo 3, pode-se dizer que seria difícil compreender o caso da comunidade judaica de São Paulo sem reconhecer os laços concretos que a unem à sua Terra Natal, Israel. Pelo menos no que se refere ao grupo e ao período estudado, o conceito de Terra Natal é imprescindível para a análise⁴⁸⁸. Portanto, se adotarmos os termos de Robin Cohen, podemos considerar que o Estado de Israel como Terra Natal adquire contornos *sólidos* para a comunidade judaica paulista. De acordo com o autor (2008, p. 522), isso significa que há uma “necessidade inquestionável da terra natal”, isto é, a Terra Natal é condição *sine qua non* para entender a diáspora.

O presente trabalho tinha por objetivo analisar as percepções e atitudes da comunidade judaica paulista em relação ao Estado de Israel. Entretanto, deve-se reconhecer que isso não basta para compreender, em sua totalidade, a identidade desta comunidade como diáspora. Os laços com o Estado de Israel constituem apenas uma das dimensões que devem ser consideradas. É preciso observar também, de maneira mais aprofundada, o modo como esta diáspora se insere na sociedade brasileira e, principalmente, é importante levar em conta a complexidade das relações estabelecidas entre a comunidade judaica e suas múltiplas terras natais, nem sempre *sólidas*, às vezes *dúcteis* (“uma idéia intermediária, mais complexa, da terra natal”) ou *líquidas* (“uma interpretação pós-moderna do lar virtual”), para insistir nos termos de Robin Cohen (2008, p. 522). A necessidade de um recorte preciso que possibilitasse

⁴⁸⁸ Como já afirmamos, isso vale especialmente para os segmentos seculares da comunidade judaica. Judeus ortodoxos e ultraortodoxos constituem um caso à parte que não foi abordado.

a realização dos objetivos do trabalho fez com que descobertas interessantes, mas não diretamente relacionadas a esses objetivos fossem deixadas de lado. Porém, ao longo do trajeto da pesquisa, nos deparamos com diversas situações em que outras Terras Natais predominavam. Descobrimos, por exemplo, inúmeras famílias que saíram em busca de suas raízes nos países de onde emigraram – do Cairo, Egito, à Ilha de Corfú, na Grécia –, dando origem a interessantes livros de memórias. Encontros comunitários envolvendo músicas e comidas típicas de outros centros de vida judaica também foram verificados. No Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, principal local onde as pesquisas para este trabalho se desenvolveram, um assíduo grupo de senhores reunia-se uma vez por semana para falar em iídiche e, com isso, recuperar as lembranças da Europa Oriental. No início de 2012, para atuar em um campeonato realizado no clube A Hebraica envolvendo times de dezenas de sinagogas de São Paulo, a Congregação Mekor Haim, que acolhe judeus oriundos do Oriente Médio, utilizou em seu uniforme um logo que trazia inscrições na língua árabe e as iniciais da instituição em caracteres do alfabeto latino, sem qualquer referência ao hebraico. Finalmente, deparamos-nos também com a organização de viagens comunitárias não a Israel, mas a outros centros de vida judaica como Toledo, na Espanha, ou países da Europa Oriental. Nesses casos, não se tratava de reconstruir a ideia de que a vida na diáspora é insegura sem o Estado de Israel, mas, ao contrário, de apreender a riqueza da vida judaica nesses lugares.

Portanto, ainda que o discurso das principais instituições da comunidade judaica seja centrado em Israel como Terra Natal dos judeus, outras memórias pessoais, familiares e míticas dessa coletividade permanecem vivas e intensas. Embora não tenha aparecido de forma sistematizada no trabalho, é importante considerar esse fato não apenas para sugerir a realização de novas pesquisas sobre o assunto, mas principalmente para indicar que a comunidade judaica de São Paulo é atravessada por múltiplas identidades. Sem dúvida, a erupção de cada uma delas, e das memórias que lhes dão sustentação, dependem de contextos históricos específicos. Desses contextos depende também a intensidade da(s) conexão(ões) entre diáspora e sua(s) Terra(s) Natal(is).

Em relação ao tema central do trabalho, certas questões, todas elas relacionadas entre si, ainda fazem-se presentes: por que críticas aos governos

de Israel e suas políticas são tão moderadas? A que se devem as percepções idealizadas, míticas e anacrônicas da comunidade judaica de São Paulo sobre Israel numa época em que a comunicação tornou-se tão acessível e imediata? Por que os acirrados conflitos que hoje assolam a sociedade israelense são pouco divulgados e/ou percebidos?

Podemos arriscar algumas respostas. Em primeiro lugar, tudo isso pode estar relacionado com a própria condição da comunidade judaica paulista e brasileira: trata-se de uma coletividade pequena e periférica no contexto do judaísmo global. Assim, como afirma Bernardo Sorj (1997, p. 21), “a frágil comunidade judaica brasileira fica totalmente exposta à colonização pelas tendências ideológicas e institucionais provenientes de Israel e dos Estados Unidos”. Ainda segundo o autor (1997, p. 24),

As lideranças comunitárias encontram-se numa situação defensiva, apoiando-se em discursos defasados e materiais educativos “importados” de Israel e, em menor medida, dos Estados Unidos. Este discurso (...) leva muito pouco em consideração a experiência real do jovem judeu brasileiro.

Além disso, o distanciamento de intelectuais judeus das atividades comunitárias é um agravante:

Na diáspora, a orfandade intelectual das instituições judaicas é dramatizada pelo abandono da vida comunitária por boa parte dos intelectuais judeus, deixando-as em geral em mãos de pessoas, ainda que bem-intencionadas, geralmente conservadoras. (SORJ, 2010, p. 132)

Porém, gostaria de sugerir ainda uma explicação que leva em conta fatores psicossociais. Observamos que, atualmente, os laços com o Estado de Israel contribuem para formatar a identidade judaica na diáspora. Isso é estimulado tanto por grande parte das instituições comunitárias, que definem essa identidade utilizando como referência o vínculo com Israel, como pelo Estado de Israel, que se apoia nesses laços para legitimar-se como Estado judeu – como afirma o Cônsul de Israel em São Paulo, Ilan Sztulman, “sem esse vínculo com a diáspora, Israel não tem razão de ser”⁴⁸⁹. Isso faz com que, na consciência coletiva desta comunidade, muitas vezes, o Estado de Israel confunda-se com a própria identidade judaica e, em última instância, com a identidade pessoal de cada judeu identificado.

⁴⁸⁹ Entrevista realizada pelo autor.

Nesse sentido, críticas a Israel e/ou ao governo israelense são percebidas como violações à própria identidade judaica. Não por acaso, antissionismo é, muitas vezes, encarado como antissemitismo, como vimos nos capítulos anteriores. Por isso, torna-se particularmente difícil para a comunidade judaica tomar a frente nessa tarefa. Da mesma forma, não raro, a erosão de mitos nacionais que dão suporte à identidade judaica podem gerar crises identitárias. Assim, percepções idealizadas, míticas, e anacrônicas sobre Israel que forjaram e ainda hoje sustentam essa identidade permanecem presentes mesmo que pouco ou nada tenham a ver com o que se verifica empiricamente no país. Finalmente, em relação à falta de divulgação e de percepção dos acirrados conflitos que caracterizam a sociedade israelense atual, mais uma vez parece estarmos diante de uma ameaça aos pilares que sustentam a identidade judaica dos judeus não só da diáspora, mas também de Israel. Em 1995, logo após o assassinato do primeiro-ministro israelense Itzhak Rabin por um judeu de extrema-direita, num exemplo fundamental da dimensão desses conflitos, a jornalista Guila Flint (2009, p. 19) escreveu:

Os órgãos de segurança de Israel estavam preparados para um atentado palestino, mas não para o perigo de um atentado por parte da extrema-direita judaica. Como se explica isso?

Talvez seja um problema conceitual ou de caráter psicossocial. Desde a fundação de Israel, em 1948, o mito da irmandade judaica predominou. A extrema direita sempre foi tratada pelas autoridades com luvas de pelica. Seus militantes eram considerados os *bad boys*, os meninos travessos da grande família judaica. Mas agora um dos “meninos” matou o patriarca da família.

Esse ato, de extrema violência e crueldade, obriga os israelenses a encarar a realidade: Israel não é uma família, é um Estado. Porém, as pessoas choram a perda da ilusão da família.

Ao longo do trabalho, vimos que a comunidade judaica, seja em São Paulo ou Jerusalém, é percebida por grande parte de seus membros e, principalmente, por suas principais instituições como uma família. Mais ainda, verificamos também que o conceito de família é largamente utilizado para descrever os vínculos entre a diáspora e o Estado de Israel. Com isso, as ideias de irmandade, comunhão, amor desinteressado, união, bem comum, harmonia, concordância e lealdade são as referências que formatam a identidade da comunidade judaica onde quer que os judeus estejam e a relação entre estes e o Estado de Israel. Os acirrados conflitos em Israel envolvendo diferentes grupos da própria comunidade judaica põem à prova

esta concepção. Assim, tais conflitos não apenas são reprimidos como também, muitas vezes, não são nem mesmo percebidos/compreendidos. Como afirma Ernest Renan, citado por Benedict Anderson (2008, p. 32), “ora, a essência de uma nação consiste em que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas”. Porém, quando conflitos como esses são desconsiderados, acabam sendo desconsiderados também os interesses que movem os atores políticos em questão. Isso é particularmente grave num contexto como o israelense atual, em que grupos com posicionamentos políticos, religiosos, nacionais, étnicos e ideológicos extremamente divergentes entre si disputam a hegemonia no campo social e político da nação. Muitas vezes, ao evitar a crítica e apoiar indiscriminadamente os governos israelenses, a diáspora dá fôlego a forças políticas que pouco ou nada tem a ver com o sionismo hegemônico de outrora e contribui para asfixiar as forças políticas que representam os ideais que a própria diáspora imagina defender.

A identidade e a consciência coletiva de um grupo são sempre dinâmicas e, em geral, verificam-se disputas políticas e ideológicas para a demarcação de seus contornos. A definição do que é ser judeu e, poderíamos acrescentar, do que é ser judeu em São Paulo, permanece em aberto e admite uma série de respostas. Nas últimas décadas, muitos se aproximaram da ortodoxia (TOPEL, 2005). Outros, principalmente entre aqueles que optaram por manterem-se judeus sem, no entanto, adotar uma postura religiosa, apostaram no fortalecimento dos vínculos com o Estado de Israel.

Porém, como afirma Shlomo Avineri (1983, p. 253), para que o Estado de Israel siga tendo um papel de identificação importante para comunidades judaicas ao redor do globo, é necessário que ele tenha qualidades diferentes daquelas verificadas na diáspora:

Este é certamente um dos dilemas mais pungentes que regem a relação entre os judeus do mundo e de Israel: este pode continuar sendo o centro normativo da identidade dos judeus do exterior somente se for diferente da vida judaica na diáspora. Se Israel se torna uma mera imagem refletida da vida da diáspora, se, por exemplo, se transforma em outra sociedade de consumo ocidental, perderá, então, a identificação singular da comunidade judaica mundial. Se um judeu norteamericano ou francês descobre em Israel unicamente aquelas qualidades que já possui (e que aprecia) na sua própria sociedade, não será capaz, portanto, de elevar Israel a este pedestal normativo com o qual poderia se identificar. Um Israel que seja um Brooklyn, uma Los

Angeles ou um Golders Green mediterrâneo não poderá servir como um centro de identificação e autodefinição dos judeus do Brooklyn, Los Angeles ou Golders Green⁴⁹⁰.

Shlomo Avineri está certo ao afirmar que caso o Estado de Israel se transforme em algo muito semelhante à diáspora, perderia o lugar que atualmente ocupa para essas comunidades. Entretanto, primeiramente, é preciso considerar a diferença entre aquilo em que se constitui o Estado e a imagem que se elabora em torno dele na diáspora – e isso vale tanto para a visão que se tem em relação ao Estado de Israel como para a visão que as comunidades judaicas da diáspora têm de seu próprio país. Ou seja, para que Israel perca a centralidade na identidade judaica, é no próprio imaginário das comunidades da diáspora que esta transformação em um “país semelhante” ao seu próprio teria que ocorrer. Em segundo lugar, mesmo que Israel adquira contornos socioeconômicos e culturais semelhantes a países da diáspora, ainda assim, não havendo mudanças em seu caráter judaico e aberto aos judeus de todo o mundo, o Estado de Israel manterá sua diferença mais fundamental em relação a qualquer outro país na memória coletiva da comunidade judaica: constituir-se como um porto seguro, livre de antissemitismo, e defensor dos judeus. Tal concepção está profundamente enraizada no discurso da comunidade judaica paulista. Finalmente, em terceiro lugar, seria necessário ainda o desenvolvimento de um substituto ao Estado de Israel como aglutinador da própria identidade judaica, especialmente a identidade secular. Como afirma William Safran (2005, p. 53),

A identidade da diáspora judaica parece ser cada vez mais definida em termos de sua relação com Israel. Isso, claro, não é verdadeiro para todos os judeus – por exemplo, bundistas; idichistas seculares; judeus reformistas assimilados em países ocidentais, para quem o judaísmo era não-territorial e apenas um “culto” ao qual se adere, a título individual e voluntário; e judeus ultra-ortodoxos anti-sionistas. Mas estes focos de identidade substitutos diminuíram: a ideologia bundista tornou-se irrelevante; o judaísmo reformista carece de conteúdo emocional e cultural; a ultra-ortodoxia tem

⁴⁹⁰ No original: “Este es ciertamente uno de los dilemas más conmovedores que gobiernan la relación entre la judería mundial e Israel: éste puede continuar siendo el centro normativo de la identidad de los judíos de afuera solamente si es diferente de la vida judía de la diáspora. Si Israel se convierte en una mera imagen reflejada de la vida diaspórica, si por ejemplo se transforma en otra sociedad consumista occidental, perderá entonces la singular identificación de la judería mundial. Si un judío norteamericano o francés descubre en Israel únicamente aquellas cualidades que ya posee (y que aprecia) en su propia sociedad, pues no será capaz de elevar a Israel a ese pedestal normativo con el cual podría identificarse. Un Israel que sea un Brooklyn, o un Los Angeles, o un Golders Green mediterráneo, no podrá servir como centro de identificación y autodefinición de los judíos de Brooklyn, Los Angeles o Golders Green”.

pouco apelo em uma época cada vez mais secular; e o contexto social do idichismo praticamente desapareceu. O que resta é Israel.⁴⁹¹

Portanto, pelo menos no curto e médio prazo, é possível arriscar a hipótese de que o Estado de Israel deve resguardar sua centralidade no discurso e atuação das principais instituições da comunidade judaica paulista, embora, baseados em pesquisas recentes, diversos autores (COHEN, Steven M.; KELMAN, Ari Y., 2010) afirmem que, nas diásporas centrais, parte significativa dos judeus já tem se afastado do Estado de Israel.

Bernardo Sorj (2010, p. 99) atribui ao “conflito com o mundo árabe e a necessidade de apoio da diáspora” as razões pelas quais se dá certa fusão entre a cultura israelense e a da diáspora. Porém, de acordo com o autor,

Certamente, com a chegada da paz, as tensões e a distância entre diáspora e Israel tenderão a aumentar. A sensibilidade e as orientações psicoculturais desenvolvidas na diáspora não são as mesmas que em Israel, e por vezes os interesses podem ser divergentes.

Na pós-modernidade, a crise dos nacionalismos, a normatização de indivíduos caracterizados por múltiplas identidades⁴⁹² e o fato de os judeus que vivem na diáspora depararem-se com condições de segurança muito mais sustentáveis do que há algumas décadas, especialmente nos países democráticos, oferecem a possibilidade do estabelecimento de uma perspectiva renovada do povo judeu em relação à diáspora, diferente daquela proposta pelo sionismo em seus primórdios. De acordo com Bernardo Sorj (2010, p. 115),

A ênfase na visão galútica, negativa, da diáspora levou à construção de uma visão do judaísmo na qual os locais onde floresceu eram simples lugares de passagem, espaços inóspitos onde o judaísmo, apesar de tudo, conseguia sobreviver. Uma visão profundamente distorcida da história judaica. O judaísmo foi o que foi, desenvolveu-se e se enriqueceu graças à capacidade de conviver, interagir, usufruir, absorver, contribuir e elaborar as culturas locais, gerando novas sínteses culturais. Na comida, na música, nas artes, no conhecimento, nas formas de religiosidade e de crenças e, expressão de tudo isso, na língua, o judaísmo sempre esteve enraizado localmente.

⁴⁹¹ No original: “more than in the case of other diasporas, the identity of the Jewish one seems to be defined increasingly in terms of its relationship with Israel. That, of course, is not true of all Jews — e.g., Bundists; secular Yiddishists; assimilated Reform Jews in Western countries for whom Judaism was nonterritorial and was merely a “cult” to which one adhered in an individual and voluntary capacity; and anti-Zionist ultra-Orthodox Jews. But these substitute foci of identity have declined: Bundist ideology has become irrelevant; Reform Judaism lacks emotional and cultural content; ultra-Orthodoxy has little appeal in an increasingly secular age; and the societal context of Yiddishism has virtually disappeared. What is left is Israel”.

⁴⁹² De acordo com Bernardo Sorj (SORJ, 2010, p. 108), “Hoje, ter múltiplas nacionalidades é a norma”.

Reconhecer a importância do Estado de Israel para a identidade judaica e celebrar suas conquistas sem, contudo, ter de defender todos os seus governos e ações; reconhecer os conflitos internos e interesses políticos e ideológicos que guiam os inúmeros grupos em disputa no país; e, finalmente, valorizar a rica experiência da diáspora nos diversos locais em que a vida judaica se desenvolveu parecem ser os atuais desafios da comunidade judaica paulista. Enfrentá-los certamente irá contribuir para o próprio fortalecimento e amadurecimento da identidade judaica na diáspora.

REFERÊNCIAS⁴⁹³

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AVINERI, S. **La idea sionista**: notas sobre el pensamiento nacional judío. Jerusalém: La Semana Publicaciones Ltda., 1983.

BAUMANN, M. Diaspora: Genealogies of Semantics and Transcultural Comparison. **Numen**, v. 47, n. 3, p. 313-337, 2000.

BEN GURION, D. **O despertar de um estado**. Rio de Janeiro: Edições Dror, 1957.

CLIFFORD, J. Diasporas. **Cultural Anthropology**, v. 9, n. 3, p. 302-338, 1994

COHEN, R. Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 519-532, 2008.

COHEN, S. M.; KELMAN, A. Y. Distancing is Closer than Ever. **Contemporary Jewry**, v. 30, n. 2-3, p. 145-148, 2010.

DEMANT, P. Identidades israelenses e palestinas: questões ideológicas. In: DUPAS, G. e VIGEVANI, T. (org.). **Israel – Palestina – A construção da paz vista de uma perspectiva global**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 201-259.

EISENSTADT, S. N. Grupos minoritários não judaicos em Israel. In: _____. **Sociedade Israelense**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977, p. 489-508.

ELAZAR, D. J. **Community and Polity**. The Organizational Dynamics of American Jewry. Philadelphia, The Jewish Publication Society of America, 1980.

⁴⁹³ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas.

FALBEL, N. **Judeus no Brasil**: estudos e notas. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008.

FLINT, G. **Miragem de Paz**: Israel e Palestina: processos e retrocessos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GHERMAN, M. A sociedade israelense após o fracasso dos acordos de paz - A questão nacional em tempos de globalização. **Revista Eletrônica do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 11-15, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.niej.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

GILROY, P. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

HANDELMAN, D. **Contradições entre cidadania e nacionalidade**: suas consequências para a etnicidade e desigualdade em Israel. Tradução de Saul Kirschbaum para uso exclusivo dos alunos do curso – CEJ/DLO/FFLCH/USP, 2001. Publicado originalmente em: International Journal of Politics, Culture and Society, v. 7, n. 3, 1994.

HOROWITZ, D.; LISSAK, M. Introdução: Israel como laboratório social. In: **Sufrimento na utopia – Israel uma sociedade em sobrecarga**. Tradução Nancy Rosenchan. Publicado originalmente em Tel Aviv: Am Oved, 1992.

KIMMERLING, B. Jurisdiction in an immigrant-settler society: The “Jewish and Democratic State”. **Comparative Political Studies**, v. 35, n. 10, Dec. 2002. p. 1119-1144.

_____. Fim da hegemonia Ashkenaze. **Cadernos de Língua e Literatura Hebraica**, São Paulo, n. 6, p.191-211, 2008.

LOPES, M. I. V. Pesquisa de comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. XXVII, n. 1, São Paulo, jan./jun. 2004.

_____, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RABKIN, Y. M. **Judeus contra judeus**: a história da oposição judaica ao sionismo. Cotia: Acatu, 2009.

ROUDINESCO, E. **Retorno à questão judaica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

SAFRAN, W. The Jewish Diaspora in a Comparative and Theoretical Perspective. **Israel Studies**, v. 10, n. 1, p. 36-60, spring 2005.

SMOOHA, S. O status minoritário em uma democracia étnica: a minoria árabe em Israel. Tradução de Marta F. Topel (versão reduzida). Publicado originalmente em **Ethnic and racial studies**, v. 13, n. 3, Jul. 1990.

SORJ, B. Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica. In: SORJ, B. (Org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. Diáspora, judaísmo e teoria social. In: GRIN, M.; VIEIRA, N. H. (Orgs.). **Experiência Cultural Judaica no Brasil**: Recepção, inclusão e ambivalência. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

_____. **Judaísmo para todos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SORJ, B. Anti-semitismo na Europa Hoje. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, n.79, nov. 2007.

TOPEL, M. F. **Jerusalém & São Paulo**: a nova ortodoxia judaica em cena. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

WEIZMAN, Y. **O exílio de Yishmael**. Israel: Haotzar, 2008.

ZERUBAVEL, Y. **Recovered Roots**: Collective Memory and the Making of Israeli National Tradition. The University of Chicago Press. 1995.

Outros textos e documentos consultados⁴⁹⁴

ACORDO de Livre Comércio Mercosul / Israel. Disponível em:
<<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1404>>.
Acesso em 14 jun. 2012.

AHREN, R. Only 2% of Jewish Israelis consider emigration 'reasonable,' new survey shows. **Haaretz**, 25 oct. 2011. Disponível em:
<<http://www.haaretz.com/print-edition/news/only-2-of-jewish-israelis-consider-emigration-reasonable-new-survey-shows-1.391820>>. Acesso em: 6 jun. 2012.

AMIGOS DE LOS CHAIALIM DE TZAHAL – FIDF. Representación en América Latina. Disponível em <<http://jai.com.uy/?Q=articulo&ID=63>>. Acesso em 6 de jun. 2012.

AS COMUNIDADES judaicas e palestinas podem contribuir para a Paz. Disponível em: <<http://www.congresojudio.org.ar/nota.php?np=1320>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Lei nº 12.778, de 28 de novembro de 2007. Disponível em:
<<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2007/lei%20n.12.778,%20de%2028.11.2007.htm>>. Acesso em 14 jun. 2012.

AYANOT. História. Disponível em:
<www.ayanot.org.il/Portugues/tabid/66/Default.aspx>. Acesso em: 13 jun. 2012.

BBC WOLRD SERVICE. Poll. Disponível em:
<http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/05_03_11_bbcws_country_poll.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2012.

BERGAMO, M. Boa Vizinhança. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 mar. 2012. Ilustrada, Caderno E, p. 2.

⁴⁹⁴ Já indicados ao longo do trabalho.

BERGMANN, L. Criada na B'nai B'rith a Frente pela Liberdade no Iran – FLI. Disponível em:
<http://www.bnai-brith.com.br/content/mail/press_especial.asp?cod=213>.
Acesso em: 14 jun. 2012.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. PL 6.104/2005. Disponível em:
<<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=304176>>. Acesso em 14 jun. 2012.

CENTRAL BUREAU OF STATISTICS. Press release. Disponível em:
<http://www1.cbs.gov.il/www/hodaot2011n/11_11_101e.pdf>. Acesso em 13 jun. 2012.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). Distribution of family income – Gini index. Disponível em:
<<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2172.html>>.
Acesso em: 13 jun. 2012.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA MACABI. História. Disponível em:
<www.macabibrasil.com.br/historia.html>. Acesso em: 6 jun. 2012.

CYTRYNOWICZ, Roney. História da comunidade judaica de São Paulo. Disponível em: <<http://www.conib.com.br/comunidades.asp?id=26>>. Acesso em 5 jun. 2012.

DECRETO LEGISLATIVO Nº 936, DE 2009. Disponível em:
<<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=239433>>.
Acesso em 14 jun. 2012.

DECRETO Nº 7.159, DE 27 DE ABRIL DE 2010. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7159.htm>. Acesso em 14 jun. 2012.

DO “GUARDIAN”. Israel lança campanha contra planos palestinos na ONU. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 jun. 2011, Mundo.

FDI prontas para defenderem o povo judeu. **Rua Judaica**, Rio de Janeiro, 6 maio 2011. Boletim enviado por e-mail.

HAARETZ SERVICE. Peres in Yad Vashem: Holocaust proves Jews must fend for themselves. **Haaretz**, 1 May 2011. Disponível em: <<http://www.haaretz.com/jewish-world/peres-in-yad-vashem-holocaust-proves-jews-must-fend-for-themselves-1.359206>>. Acesso em 13 jun. 2012.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/primeiros_resultados amostra/grandes regioes/pdf/tabela_2_1_2.pdf>. Acesso em 5 jun. 2012.

ISRAEL DEFENSE FORCES. IDF Aid Missions Save Thousands Around the World. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=L7OyAb20zwk>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

ISRAEL deve ser “apagado do mapa”, diz líder do Irã. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 out. 2005. Mundo, Caderno A, p. 14.

JORNALISTAS brasileiros que vão a Israel participam de café da manhã na residência do Cônsul Ilan Sztulman. Disponível em: <<http://netjudaica.blogspot.com.br/2011/09/jornalistas-brasileiros-que-vaao-israel.html>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

JUVENTUDE JUDAICA ORGANIZADA. Quem somos. Disponível em: <<http://www.jubiel.com.br/JJO/blog/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

MENSAGEM de Mário Fleck, o novo presidente da Federação Israelita do Estado de São Paulo. **Rua Judaica**, Rio de Janeiro, 6 jan. 2012. Boletim enviado por e-mail.

PAINEL DO LEITOR. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2009. Opinião, Caderno A, p. 3.

PL 207/07. Disponível em: <http://www1.camara.sp.gov.br/projintegrare_joomla.asp?fProjetoLei=207%2F07&sTipoPrj=PL>. Acesso em 14 jun. 2012.

PM NETANYAHU addresses Knesset session marking International Holocaust Remembrance Day. **MFA Newsletter**, 24 jan. 2012.

RENOMADOS jornalistas brasileiros visitam Israel e encontram o presidente Shimon Peres. Disponível em :
<<http://www.conib.org.br/noticia-completa.asp?id=239>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

SHIVTIEL, A. Da busca da terra prometida até a... difícil conquista da paz na região. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 abr. 1998, especial.

SOUSA, R. Sessão solene comemora o Dia de Jerusalém. Disponível em:
<http://www.camara.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=515:sessao-solene-comemora-o-dia-de-jerusalem&catid=37:eventos&Itemid=94> Acesso em: 14 jun. 2012.

TELLES, O. Sessão solene lembra a criação do Estado de Israel. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/agencia/noticias/115519.html>>. Acesso em 14 jun. 2012.

THE ISRAEL DEMOCRACY INSTITUTE. The Israeli Democracy Index. Disponível em:
<<http://www.idi.org.il/sites/english/events/ThePresidentsConference/Documents/Democracy%20Index%202011.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

VIAGEM de escritores brasileiros a Israel. Disponível em:
<http://www.conib.org.br/video-descricao.asp?cod_subcanal=5&cod_conteudo=103>. Acesso em 14 jun. 2012.

Matérias da Tribuna Judaica⁴⁹⁵

A HEBRAICA. Shlomo Mintz encerrará temporada 2008. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 223, p. 9. 17 a 31 out. 2008.

_____. Olimpíadas de escolas de esportes. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 9, 18 ago. a 1 set. 2008.

_____. Cinema conta os sessenta anos de fundação do Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 216, p. 9, 4 a 18 jul. 2008.

⁴⁹⁵ Já indicadas ao longo do trabalho.

_____. Quarteto israelense é uma das atrações. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 214, p. 9, 4 a 18 jun. 2008.

_____. Accademia Daniel celebra a arte de Bach. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 210, p. 9, 5 a 19 abr. 2008.

_____. Três *chazanim* nas comemorações dos 60 anos de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 207, p. 9, 20 fev. a 5 mar. 2008.

_____. Ministra israelense sem pasta vem à Hebraica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 206, p. 9, 5 a 19 fev. 2008.

_____. Três *chazanim* nas comemorações dos 60 anos de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 206, p. 9, 5 a 19 fev. 2008.

A INTIFADA midiática e as caras pintadas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 264, p. 3, 15 a 29 jul. 2010. Editorial.

A QUESTÃO é: “Palestina ou Xangri-lá?”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 167, p. 3, 21 jun. a 5 jul. 2006. Editorial.

A VISITA do presidente Lula ao Irã. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 3, 31 de maio a 14 jun. 2010.

ABERTURA da exposição de selos no AHJB. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 9, 19 jul. a 2 ago. 2008.

AIPAC e Brasil em destaque no cenário internacional devem inspirar comunidade a se organizar para a batalha da *Hasbará*. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 3, 1 a 15 abril. 2010. Editorial.

ALUNO do lavne vence a final brasileira do Certame Infantil Internacional. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, p. 12, 20 maio a 3 jun. 2008.

ANTISSEMITISMO aumenta na Europa após dez anos: é preciso ficarmos alertas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 263, p. 3, 30 jun. a 14 jul. 2010. Editorial.

ANTI-SEMITISMO na Espanha preocupa dirigentes judeus. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, p. 3, 7 a 21 maio 2006.

ASSEMBLÉIA Legislativa aprova projeto de lei do Dia Estadual da Lembrança do Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 204, p. 2, 1 a 15 jan. 2008. Editorial.

ATORES da novela “Caras & Bocas” brindam ida ao Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 252, p. 10, 16 a 30 jan. 2010.

ATORES de “Caras & Bocas” falam da viagem. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 14, 1 a 15 abr. 2010.

BANALIZAÇÃO do termo “nazista” contribui para a não compreensão do que foi essa ideologia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 243, p. 2, 20 ago. a 3 set. 2009. Editorial

BARENBEIN, D. B. Três anos e diversos motivos para comemorar. **Tribuna Judaica**, n. 170, p. 13, 5 a 19 ago. 2006.

BELL, I. Senado prestigia vítimas do Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 159, p. 8, 21 fev. a 7 mar. 2006.

BERGMANN, L. Solidariedade ao Estado Judeu. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 230, contracapa, 6 a 20 fev. 2009.

BESEN, R. Comunicação estrutural é a chave da mudança. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 6, 20 ago. a 4 set. 2010.

BIDER, P. Por que defender Israel? **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 3, 11 a 25 out. 2009.

BLINDER, C. O auto-ódio e o judaísmo de Tony Judt. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 262, p. 5, 15 a 29 jun. 2010.

_____. Minúsculas contas diplomáticas de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 254, p. 5, 15 de fev. a 1 mar. 2010.

_____. Le chaim para o jovial octogenário Peres. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 249, p. 5, 25 nov. a 9 dez. 2009.

_____. Ser pessimista é ser realista no ano novo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 243, p. 11, 20 ago. a 3 set. 2009.

_____. Peça inglesa em Nova York dramatiza o novo antissemitismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 235, p. 5, 22 abr. a 6 maio. 2009.

_____. O mau Madoff os bons empreendedores. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 234, p. 5, 7 a 21 abr. 2009.

_____. O novo antissemitismo é mais descarado, inclusive no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 231, p. 5, 21 de fev. a 7 de mar. 2009.

_____. Estado de Israel é alvo de saraivada de hipocrisia global na crise de Gaza. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 5, 22 jan. a 5 fev. 2009.

_____. Israel sofre com sistema corrupto e disfuncional. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 220, p. 4, 2 a 16 set. 2008.

_____. Esquerda contrária ao Estado de Israel é nova face do anti-semitismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 187, p. 5, 17 abr. a 1 maio. 2007.

BOGUCHWAL, M. Hebraica realiza AOC Grand Champions. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 238, contracapa, 6 a 20 jun. 2009.

_____. Yoram Gaon emociona plateia em SP. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 221, p. 11, 17 set. a 1 out. 2008.

_____. Músicos do Tzahal agitam a Hebraica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 4, 19 jul. 2 ago. 2008.

_____. Duas noites com o grupo israelense Gaya. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, p. 9, 19 jun. a 3 jul. 2008.

_____. Sete instituições judaicas comemoram *Iom Haatzmaut*. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, p. 8, 20 maio a 3 jun. 2008.

_____. Ato central de Iom Haatzmaut contou com a presença do vice-presidente José Alencar. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, contracapa, 20 maio a 3 jul. 2008.

_____. Sucesso tríplice na música litúrgica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 210, p. 5, 5 a 19 abr. 2008.

_____. Ministra israelense visita São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 209, p. 4, 21 mar. a 4 abr. 2008.

_____. Momento decisivo do Projeto Taglit. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 13, 28 nov. a 12 dez. 2007.

_____. General israelense faz chamado à união. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 188, p. 10, 2 a 16 maio. 2007.

_____. Uma israelense na corrida de São Silvestre. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 11, 1 a 15 fev. 2007.

CÂMARA Brasil-Israel de comércio e indústria promove almoço palestra com Ilan Goldfajn. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 247, p. 8, 26 out. a 9 nov. 2009.

CÂMARA dos Deputados comemora os 60 anos da partilha da Palestina. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 205, p. 2, 21 jan. a 4 fev. 2008. Editorial.

CÂMARA institui “Dia de Celebração da Amizade Brasil-Israel” para aproximar os dois países. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 2, 20 abr. a 4 maio. 2008. Editorial.

CHAME, R.; FEDER, C. Fundo Comunitário reúne lideranças da América Latina. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 15, 10 a 26 dez. 2010.

COLÉGIO BIALIK. Tudo pronto para o Dia das Artes 2008 do Colégio Bialik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 11, 18 ago. a 1 set. 2008.

_____. Prefeito de Tel Aviv parabeniza o Bialik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, p. 11, 19 jun. a 3 jul. 2008.

_____. Agenda Bialik 2008 traz como tema as cidades de São Paulo e Tel Aviv. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 14, 20 abr. a 4 maio. 2008.

COLÉGIO I. L. PERETZ. Estudos do meio consolidam aprendizado de conteúdos teóricos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 220, p. 11, 2 a 16 set. 2008.

_____. Peretz faz estudo do meio em Brasília. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 198, p. 11, 29 set. a 13 out. 2007.

_____. Peretz comemora Iom Haatzmaut. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 190, p. 11, 1 a 15 jun. 2007.

COLÉGIO RENASCENÇA. Colégio Renascença reforça parcerias com Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 9, 20 set. a 5 out. 2010.

_____. Curso de aprimoramento provoca reflexão sobre Israel aos professores. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 9, 20 set. a 5 out. 2010.

COLUNA ALEF – “ANTONIETTA E LEON FEFER”. Entrevista com Abraham Goldstein. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 268, p. 11, 6 a 20 out. 2010.

COMUNIDADE judaica brasileira presente em uma notável demonstração de coesão. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 2, 22 jan. a 5 fev. 2009. Editorial.

COMUNIDADE judaica da América Latina sofre com anti-semitismo e falta de liberdade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 156, p. 2, 7 a 21 jan. 2006. Editorial.

COMUNIDADE de Buenos Aires vive horas de terror e medo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 232, p. 3, 8 a 22 mar. 2009. Editorial.

CONIB conversa com Tarso Genro sobre política e segurança. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 234, p. 10, 7 a 21 abr. 2009.

DAVID D’Or arrepia plateia na Hebraica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 240, p. 6, 6 a 20 jul. 2009.

DELEGAÇÃO capitaneada por Lieberman esteve no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 241, p. 3, 21 jul. a 4 ago. 2009.

DIA das Artes com interatividade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 223, p. 15, 17 a 31 out. 2008.

DILMA e Serra se reúnem com a comunidade. Candidatos à presidência do Brasil debatem com representantes temas do interesse do Ishuv. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, capa, 20 set. a 5 out. 2010.

DIMANT, R. B. Palestra com o embaixador Nimrod Barkan. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 187, p. 4, 17 abr. a 1 maio. 2007.

ENCONTRO ilustre. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 3, 11 a 25 out. 2009.

ENCONTROS com Marta e Alckmin. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 221, capa, 17 set. a 1 out. 2008.

ESCRITORES brasileiros viajam a Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 186, p. 3, 2 a 16 abr. 2007.

FELDMAN, W. Macabíadas em São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 263, p. 12, 30 jun. a 14 jul. 2010.

FEDER, C. Os degraus para alcançar educação de qualidade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 4, out. 2010. Caderno Especial de Educação.

_____. Ensino Médio subsidiando em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 10, out. 2010. Caderno Especial de Educação.

_____. Ministro de Israel é recebido com honras no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 14, 20 ago. a 4 set. 2010.

_____. Ministro Edelstein fala aos jornalistas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 14, 20 ago. a 4 set. 2010.

_____. Projeto MASA: estudo em Israel ao alcance. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 265, p. 13, 30 jul. a 14 ago. 2010.

_____. Um latino-americano à frente do Macabi Mundial. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 264, p. 14, 15 a 29 jul. 2010.

_____. Amor ao judaísmo através do esporte. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 262, 15 a 29 jun. 2010.

_____. União em Iom Haatzmaut celebra Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 8, 1 a 15 maio 2010.

_____. Fundo Comunitário traz ex-presidente do AIPAC. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, contracapa, 1 a 15 maio. 2010.

_____. Fundo Comunitário traz Gustavo Perednik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 258, p. 4, 16 a 30 abr. 2010.

_____. Cerimônia rememora mortos no Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 258, contracapa, 16 a 30 abr. 2010.

_____. Ministra da Absorção recebida com honras. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 7, 1 a 15 abr. 2010.

_____. São Paulo forma nova liderança judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 12, 1 a 15 abr. 2010.

_____. Shiri Maimon brilha no palco pelo Keren Hayesod. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, contracapa, 1 a 15 abr. 2010.

_____. Para não cair no esquecimento: educação. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 254, p. 12, 15 de fev. a 1 de mar. 2010.

_____. Presidente de Israel, Shimon Peres, é recebido com honras no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 248, p. 8-9, 10 a 24 nov. 2009.

_____. Zubin Mehta rege orquestra em prol da CIP. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 243, p. 27, 20 ago. a 3 set. 2009.

_____. Brasil brilha na “18ª Macabíada Mundial”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 241, contracapa, 21 jul. a 4 ago. 2009.

_____. Taglit fortalece a identidade judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 238, p. 7, 6 a 20 jun. 2009.

_____. “Shalom al Israel”: União em Iom Haatzmaut. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 237, p. 6, 22 maio a 5 jun. 2009.

_____. Embaixador avalia relação Israel-Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 232, p. 5, 8 a 22 mar. 2009.

_____. Fisesp na “Folha de S. Paulo”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 225, p. 12, 23 nov. a 7 dez. 2008.

_____. Colégio I. L. Peretz emociona com show de dança *israeli*. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 224, p. 8, 8 a 22 nov. 2008.

_____. Violinista Hagai Shaham no CCJ. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 224, p. 12, 8 a 22 nov. 2008.

_____. Israel envia ajuda a judeus da Geórgia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 12, 18 ago. a 1 set. 2008.

_____. Judaísmo marca presença na sétima arte. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 17, 18 ago. a 1 set. 2008.

_____. Centro da Cultura Judaica (1). **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 216, p. 12, 4 a 18 jul. 2008.

_____. Ouvindo histórias sobre Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, p. 11, 20 maio a 3 jun. 2008.

_____. Embaixadora atesta a importância da Diáspora. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 4, 20 abr. a 4 maio. 2008.

_____. Peretz escolhido para a visita da ministra. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 209, p. 4, 21 mar. a 4 abr. 2008.

_____. Jovens de todo o Brasil encantados com Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 207, p. 14, 20 fev. a 5 mar. 2008.

_____. Espírito macabeu reúne 4 mil pessoas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 206, contracapa, 5 a 19 fev. 2008.

_____. Presidente da Bar Ilan visita a Fisesp. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 13, 28 nov. a 12 dez. 2007.

_____. Nova lei institui o Dia de Jerusalém. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 201, p. 13, 13 a 27 nov. 2007.

_____. Encontro de escritores brasileiros. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 190, contracapa, 1 a 15 jun. 2007.

_____. Escolas judaicas relembram Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 188, p.13, 2 a 16 maio. 2007.

_____. Escritores em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 13, 1 a 15 fev. 2007.

_____. Programa Merchavim. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 13, 1 a 15 fev. 2007.

_____. Chefe da Marinha tem visão pessimista. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 179, p. 4, 18 dez. 2006 a 1 jan. 2007.

_____. Fisesp atuante em prol da sociedade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 175, p. 13, 19 out. a 2 nov. 2006.

_____. Federação Israelita na “Veja” e “Istoé”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 176, p. 13, 3 a 17 nov. 2006.

_____. Fisesp comemora 60 anos de existência. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 5, 4 a 18 set. 2006.

FUNDO COMUNITÁRIO. Garantindo a formação de novos líderes. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 242, p. 11, 5 a 19 ago. 2009.

_____. Presidente do FC Nilton Serson fala sobre o Projeto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 239, p. 7, 21 jun. a 5 jul. 2009.

_____. Quem sabe mais sobre Israel? **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 225, p. 9, 23 nov. a 7 dez. 2008.

_____. Universitários Marcha da Vida: formação de novas lideranças. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 224, p. 15, 8 a 22 nov. 2008.

GARFINKEL fala aos jovens do Fundo Comunitário. **Tribuna Judaica**, n. 247, p. 10, 26 out. a 9 nov. 2009.

GERALD Thomas choca a plateia no RS ao dizer ser contra Israel e “indústria do Holocausto”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 214, p. 2, 4 a 18 jun. 2008. Editorial.

GIERSZTAJN, F. CIP reúne cantora árabe e israelense nos seus 70 anos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 22, 20 ago. a 4 set. 2010.

GOVERNADOR de São Paulo de origem judaica é um marco de nossa representatividade na vida política nacional. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 258, p. 3, 16 a 30 abr. 2010. Editorial.

GRANDES Festas: novos desafios em 5771. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 3, 20 ago. a 4 set. 2010.

HERZZON, A. Educação gera o desenvolvimento. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 171, p. 7, 20 ago. a 3 set. 2006. Caderno Especial de Rosh Hashaná.

HITLER Ahmadinejad na tribuna da ONU. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 222, p. 3, 2 a 16 out. 2008.

HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. Hiae promove debate sobre soluções para problemas da saúde brasileira. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 223, p. 8, 17 a 31 out. 2008.

INFORME PUBLICITÁRIO. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 11, 20 abr. a 4 maio. 2008. Informe publicitário.

INFORME PUBLICITÁRIO. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 208, p. 13, 6 a 20 mar. 2008.

INFORME PUBLICITÁRIO. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 208, p. 14, 6 a 20 mar. 2008.

INFORME PUBLICITÁRIO. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 186, p. 12, 2 a 16 abr. 2007. Informe publicitário.

ISRAEL está preparado para se defender. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 167, p. 3, 21 de jun. a 5 jul. 2006.

ISRAEL na ótica de mestres universitários. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 156, p. 3, 7 a 21 jan. 2006.

JUDAÍSMO: até os *zeides* se equivocam. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 3, 4 a 18 set. 2006.

KASSAB abre série de encontros com a comunidade judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 220, p. 13, 2 a 16 set. 2008.

KEREN KAYEMET LE ISRAEL. Keren Kayemet Leisrael. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, p. 10, 19 de jun. a 3 jul. 2008.

_____. Keren Kayemet Leisrael Jewish National Fund. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 14, 20 abr. a 4 maio. 2008.

KREIMER, S. Fisesp é recebida na redação da “Istoé”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 195, p. 16, 15 a 29 ago. 2007.

LEDOR Vador do Colégio Bialik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 224, p. 11, 8 a 22 nov. 2008.

LIBERTAÇÃO imediata de Gilad Shalit. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 265, p. 12, 30 jul. a 14 ago. 2010.

LIDERANÇAS brasileiras em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 223, contracapa, 17 a 31 out. 2008.

MESTER, M. Presidente da Universidade Bar-Ilan visita SP. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 204, p. 11, 1 a 15 jan. 2008.

MILITARES brasileiros homenageiam o Estado de Israel em seu 60º aniversário. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 218, p. 3, 3 a 17 ago. 2008. Editorial.

MILKEWITZ, A. A Universidade de Yale aborda crise atual de antissemitismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 4, 20 set. a 5 out. 2010.

MILKEWITZ, A. Da Al Jazeera à Reuters: visões tendenciosas, abertas e disfarçadas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 264, p. 4, 15 a 29 jul. 2010.

_____. A batalha pelas cabeças: a Aliança das Civilizações. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 262, p. 2, 15 a 29 jun. 2010.

_____. Judeus num mundo sem fronteiras. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 4, 31 maio a 14 jun. 2010.

_____. *Marketing* e verdade: o status de vítimas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 260, p. 4, 16 a 30 maio. 2010.

_____. De Chamberlain a Lula: paz para a nossa época. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 4, 1 a 15 abr. 2010.

_____. Se preparar para eventos de impacto extremo e severo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 253, p. 4, 31 jan. a 14 fev.

_____. O *status* de Jerusalém. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 4, 11 a 25 out. 2009.

_____. Israel, os judeus e a concentração de poder na mídia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 240, p. 4, 6 a 20 jul. 2009.

_____. Contra a bajulação pública. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 236, p. 4, 7 a 21 maio. 2009.

_____. Gaza: um monstro criado pela Liga Árabe. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 6, 19 jul. a 2 ago. 2008.

_____. *Lobby*: um direito coletivo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 216, p. 6, 4 a 18 jul. 2008.

_____. Sonhar é preciso, também na comunidade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 6, 20 abr. a 4 maio. 2008.

_____. Lições de Birobidzhan para os judeus. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 198, p. 6, 29 set. a 13 out. 2007.

_____. América Latina e os judeus: complicado panorama. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 188, p. 8, 2 a 16 maio. 2007.

_____. Hiroshima, Nagasaki e a próxima bomba atômica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 178, p. 6, 3 a 17 dez. 2006.

_____. Judeu *versus* judeu. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 169, p. 6, 21 jul. a 4 ago. 2006.

_____. Os judeus que se cuidem! **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 167, p. 6, 21 jun. a 5 jul. 2006.

MISSÃO brasileira embarcou para a Agritech no primeiro voo direto da El Al. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 237, p. 8, 22 maio a 5 jun. 2009.

MORAN, D. Israel, o pequeno gigante. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 222, p. 13, 2 a 16 out. 2008.

_____. Bombardeio incessante e impune. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 12, 19 jul. a 2 ago. 2008.

MÚSICA no CCJ. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 207, p. 11, 20 fev. a 5 mar. 2008.

NA BATALHA da Hasbará, Israel não precisa de “fogo amigo” de membros da comunidade. **Tribuna Judaica**, n. 262, p. 2, 15 a 29 jun. 2010. Editorial.

NA GUERRA midiática, estamos no caminho certo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 3, 10 a 26 dez. 2010.

NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Adesão à OECD irá aumentar a ênfase nas questões sociais. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 6, 31 maio a 14 jun. 2010.

_____. Executivo Nacional de Na'amat Pioneiras completa um ano. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 10, 1 a 15 maio. 2010.

_____. Israel debate participação da mulher no mercado de trabalho. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 10, 1 a 15 abr. 2010.

_____. Na'amat Israel lança campanha pública sobre diferença salarial entre homens e mulheres. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 255, p. 8, 2 a 16 mar. 2010.

_____. Seminário de Liderança 2010 em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 254, p. 6, 15 fev. a 1 mar. 2010.

_____. Voluntárias participam de seminário de liderança em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 253, p. 10, 31 jan. a 14 fev. 2010.

_____. Os cursos profissionalizantes na Na'amat Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 245, p. 8, 26 de set. a 10 out. 2009.

_____. Parte agrícola no programa das classes brasileiras em Ayanot. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 10, 4 a 18 set. 2009.

_____. "Ele não quer que você trabalhe". **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 240, p. 11, 6 a 20 jul. 2009.

_____. Na'amat pede a volta de Gilad Shalit, seqüestrado pelo Hamas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 233, p. 13, 23 mar. a 6 abr. 2009.

_____. Compartilhando experiências. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 227, p. 9, 23 dez. 2008 a 6 jan. 2009.

_____. Encontro Nacional da Na'amat Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 11, 18 ago. a 1 set. 2008.

_____. Na'amat Pioneiras Brasil participa de congressos no Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 195, p. 14, 15 a 29 ago. 2007.

_____. Manifestação. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 11, 1 a 15 fev. 2007.

_____. Gratuidade da educação para a primeira infância em Israel. **Tribuna Judaica**, n. 162, p. 10, 7 a 21 abr. 2006.

_____. Carta para Na'amat Israel: "Passado um ano em Ayanot...". **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 158, p. 10, 6 a 20 fev. 2006.

_____. Na'amat Israel expõe suas reivindicações para o novo governo. **Tribuna Judaica**, n. 158, p. 10, 6 a 20 fev. 2006.

OPINIÕES levianas pululam nos meios de comunicação. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 171, p. 3, 20 ago. a 3 set. 2006. Editorial.

ORGANIZAÇÃO de Veteranos Incapacitados da Tzahal. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 10, 1 a 15 maio. 2010.

PARTICIPAÇÃO especial no "Amigos". **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 252, capa, 16 a 30 jan. 2010.

PERLOV, S. "O povo brasileiro têm bom gosto". **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 210, p. 6, 5 a 19 abr. 2008. Caderno Especial de Pessach.

_____. Shimon Peres recebe familiares de Oswaldo Aranha. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 205, p. 7, 21 jan. a 4 fev. 2008.

_____. Prefeito de Yeruham visita Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 201, p. 8, 13 a 27 nov. 2007.

_____. Vice-prefeito da cidade israelense de Kfar Sabá em São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 196, p. 13, 30 ago. a 13 set. 2007.

_____. Agência Judaica: trazendo Israel mais perto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 196, contracapa, 30 ago. a 13 set. 2007.

_____. Pianista israelense apresenta-se no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 192, p. 12, 1 a 15 jul. 2007.

_____. Reescrevendo o Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 185, p. 8, 16 mar. a 1 abr. 2007. Caderno Especial de Pessach.

_____. Combate à discriminação racial e preconceito. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 166, p. 14, 6 a 20 jun. 2006.

_____. Pop star israelense no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, contracapa, 7 a 21 maio. 2006.

_____. Conib realiza sua 36ª convenção anual. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 156, p. 3, 7 a 21 jan. 2006.

PESARO, F. O Estado de Israel na berlinda. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 264, p. 14, 15 a 29 jul. 2010.

_____. Um povo ancestral, uma determinação, uma jovem nação bem sucedida. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 14, 1 a 15 maio. 2010.

PESSACH e a conquista da liberdade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 256, capa, 17 a 31 mar. 2010. Editorial.

PESSACH: será que somos mesmo um povo livre? **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 233, capa, 23 mar. a 6 abr. 2009. Editorial.

PICHAÇÃO na sinagoga de Passo Fundo prova que antissemitismo não tem lugar para ocorrer. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 231, p. 2, 21 fev. a 7 mar. 2009. Editorial.

POLÊMICA entre Israel e a Diáspora. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 3, 19 jul. a 2 ago. 2008.

PRIEST, M. Vice-presidente da Universidade de Haifa, Amos Gaver, visita o Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 33, out. 2009. Caderno Especial de Educação #10.

PROJETO Idan Raichel mostra pluralidade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 250, p. 12, 17 a 31 dez. 2009.

RAMOS, C. Comunidade judaica se une em manifestação para defender a paz entre Gaza e Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 11, 22 jan. a 5 fev. 2009.

_____. Crianças aprendem e se divertem em oficina. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, p. 13, 19 jun. a 3 jul. 2008.

_____. Jerusalém e Israel são homenageados na Assembléia Legislativa de São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 215, contracapa, 19 jun. a 3 jul. 2008.

_____. Lehakot Dorot homenageiam Israel em show. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 214, p. 12, 4 a 18 jun. 2008.

RECHTMAN, J. Comunidade Judaica Brasileira: capital Manaus – 41ª edição da Convenção da Conib. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 8-9, 10 a 26 dez. 2010.

_____. Registros de um momento histórico. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 8-9, 1 a 15 abr. 2010.

RELATO de um médico israelense no Haiti. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 253, p. 12, 31 jan. a 14 fev. 2010.

ROIZEN, J. Fisesp comemora o sucesso da Hassefá BaAretz. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 270, p. 8-9, 16 a 30 nov. 2010.

_____. Representação política e agilidade nas decisões. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 266, p. 8, 20 ago. a 4 set. 2010.

SABOR de Israel no Colégio Bialik. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 214, p.8, 4 a 18 jun. 2008.

SAVOIA, T. KKL traz ministro Silvan Shalom ao Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, contracapa, 10 a 26 dez. 2010.

SEMINÁRIO para novos Líderes. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 12, 1 a 15 abr. 2010.

SERSON, N. Mensagem do presidente do FC. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 11, 22 jan. a 5 fev. 2009.

SINAGOGA no centro de Campinas é alvo de atentado. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 3, 4 a 18 set. 2006. Editorial.

SITUAÇÃO na faixa de Gaza repercute no mundo: Fisemg é alvo de vandalismo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 230, p. 3, 6 a 20 fev. 2009. Editorial.

SOS para o incêndio em Haifa. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 271, p. 6, 10 a 26 dez. 2010.

SPITZCOVSKY, J. A China, as Olimpíadas e Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 216, p. 7, 4 a 18 jul. 2008.

_____. Israel intensifica laços com países da África. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 7, 28 nov. a 12 dez. 2007.

_____. Ações israelenses na ajuda ao Peru e à Grécia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 196, p. 7, 30 ago. a 13 set. 2007.

_____. Israel e Indonésia construindo diálogo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 187, p. 7, 17 abr. a 1 maio. 2007.

_____. Israelenses participam de missão na África. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 185, p. 7, 18 mar. a 1 abr. 2007.

_____. Bielorrússia homenageia vítimas do Holocausto. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 7, n. 223, p. 7, 17 a 31 out. 2008.

SVARTMAN, M. Hafganá: esclarecimento para a paz. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 167, p. 12, 21 jun. a 5 jul. 2006.

TAWIL, M. “O maior perigo para Israel chama-se Irã”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 15, 20 set. a 5 out. 2010.

TECNOLOGIA israelense pode garantir segurança de eventos no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 253, p. 3, 31 jan. a 14 fev. 2010. Editorial.

TENENBAUM, M. A Comunidade Internacional e Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 190, p. 5, 1 a 15 jun. 2007.

TURTELATAUB, G. Ministro das Comunicações de Israel no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 257, p. 15, 1 a 15 abr. 2010.

VIAGENS mostraram a verdadeira face de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 157, p. 3, 22 jan. a 5 fev. 2006. Editorial.

WAISMANN, D. Facilidades para conhecer o Estado judeu. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 270, p. 13, 16 a 30 nov. 2010.

_____. Ensinar sobre Israel nas escolas públicas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, p. 16, out. 2010. Caderno Especial de Educação.

_____. Uma noite de gala e de solidariedade. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 14, 20 set. a 5 out. 2010.

_____. Cursar o Ensino Médio em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 259, p. 13, 1 a 15 maio. 2010.

_____. Intercâmbio entre israelenses e brasileiros. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 256, p. 19, 17 a 31 mar. 2010.

_____. Encerramento com chave de ouro. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 251, contracapa, 1 a 15 jan. 2010.

_____. Os muitos dilemas da Cisjordânia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 250, p. 10, 17 a 31 dez. 2009.

_____. Presidente Mundial do KKL em São Paulo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 249, p. 8, 25 nov. a 9 dez. de 2009.

_____. Fora Mahmoud Ahmadinejad, fora! **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 248, contracapa, 10 a 24 nov. 2009.

_____. Proximidade dos jovens com Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 6, 4 a 18 set. 2009.

_____. “A região no Neguev é o futuro de Israel”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 12, 4 a 18 set. 2009.

_____. O ideal do movimento sionista-ortodoxo. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 15, 4 a 18 set. 2009.

_____. Protesto contra Mahmoud Ahmadinejad. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 237, p. 10, 22 maio a 5 jun. 2009.

_____. “O Tzahal é o mais ético do mundo”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 234, p. 6, 7 a 21 abr. 2009.

_____. Mainardi e Blinder debatem na Hebraica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 233, p. 19, 23 mar. a 6 abr. 2009.

_____. Os *chaialim* de Tzahal buscam amigos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 6, 22 jan. a 5 fev. 2009.

_____. Do cinema israelense a Marc Chagall. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 225, p. 15, 23 nov. a 7 dez. 2008.

_____. As diversas lições trazidas do Canadá. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 222, p. 14, 2 a 16 out. 2008.

_____. Música erudita israelense no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 220, p. 11, 2 a 16 set. 2008.

_____. Pela defesa dos interesses comunitários. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 5, 18 ago. a 1 set. 2008.

_____. Reavivar o amor ao Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 217, p. 14, 19 jul. a 2 ago. 2008.

_____. Betty e Rosane Gofman homenageiam Israel. **Tribuna Judaica**, n. 215, p. 8, 19 jun. a 3 jul. 2008.

_____. A história de Israel nos selos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 213, p. 13, 20 maio a 3 jun. 2008.

_____. Dar continuidade, mas com renovação. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 211, p. 18, 20 abr. a 4 maio. 2008.

_____. Caminho para a paz é a diplomacia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 8, 28 nov. a 12 dez. 2007.

_____. Um novo incentivo para a leitura. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 192, p. 11, 1 a 15 jul. 2007.

_____. Fundo Comunitário promove concurso entre escolas Judaicas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 180, p. 4, 2 a 16 jan. 2007.

_____. A assessora especial do presidente Lula. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 179, p. 14, 18 dez. 2006 a 1 jan. 2007.

_____. Caio Blinder: 30 anos de imprensa judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 176, p. 14, 3 a 17 nov. 2006.

_____. Apoio permanente ao Estado de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 6, 4 a 18 set. 2006.

_____. Novo presidente da Aish Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 171, p. 14, 20 ago. a 3 set. 2006.

_____. O som do deserto no Centro da Cultura Judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 169, p. 12, 21 jul. a 4 ago. 2006.

WASSERMAN lançará livro no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 260, p. 2, 16 a 30 maio. 2010.

WASSERMAN, M. Pesadelos Judaicos. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 267, p. 2, 20 set. a 5 out. 2010.

_____. 60 professores contra um doutor. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 261, p. 2, 31 maio a 14 jun. 2010.

_____. O Saara israelense. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 2, 11 a 25 out. 2009.

_____. Não matei Jesus. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 232, p. 2, 8 a 22 mar. 2009.

_____. Nada de novo no front. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 229, p. 2, 22 jan. a 5 fev. 2009.

_____. A queda de Olmert. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 222, p. 2, 2 a 16 out. 2008.

_____. Jerusalém não existe. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 221, p. 2, 17 set. a 1 out. 2008.

_____. 29 de novembro de 1947. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 201, p. 2, 13 a 27 nov. 2007.

_____. Paz, amanhã? **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 199, p. 2, 14 a 28 out. 2007.

_____. Diálogo com os escritores brasileiros. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 187, p. 8, 17 abr. a 1 maio. 2007.

_____. Judeus inimigos de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 182, p. 2, 1 a 15 fev. 2007.

_____. Obscenidades políticas globalizadas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 176, p. 2, 3 a 17 nov. 2006.

_____. O vizinho mordeu o cachorro. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 172, p. 2, 4 a 18 set. 2006.

_____. O Sionismo de pernas pro ar. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 166, p. 2, 6 a 20 jun. 2006.

_____. O suicídio como opção política. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 165, p. 2, 22 maio a 5 jun. 2006.

_____. Não adianta, eles não querem. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 161, p. 2, 23 mar. a 6 abr. 2006.

_____. Nove meses de cadeia. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 160, p. 2, 8 a 22 mar. 2006.

_____. Nem milagres, nem profetas. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 158, p. 2, 6 a 20 fev. 2006.

_____. Onde até as casas mudam de lugar. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 156, p. 2, 7 a 21 jan. 2006.

_____. “O Hamas é uma organização terrorista”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, p. 14, 7 a 21 maio. 2006.

WIZO. Seminário Lapid. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 252, p. 8, 16 a 30 jan. 2010.

_____. Jovens participam de Seminário em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 249, p. 6, 25 nov. a 9 dez. 2009.

_____. Jovens em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 248, p. 6, 10 a 24 nov. 2009.

_____. Jovens em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 9, 11 a 25 out. 2009.

_____. Não perca. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, p. 9, 11 a 25 out. 2009.

_____. Anote na agenda. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 245, p. 7, 26 set. a 10 out. 2009.

_____. Desafios de Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 9, 4 a 18 set. 2009.

_____. Programe-se. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 244, p. 9, 4 a 18 set. 2009.

_____. 24º Congresso da Wizo Mundial. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 207, p. 10, 20 fev. a 5 mar. 2008.

_____. Tu Bishvat e a “União Feminina”. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 206, p. 10, 5 a 19 fev. 2008.

WIZO organiza excursões a Israel, dando exemplo de valorização da cultura judaica. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 202, p. 2, 28 nov. a 12 dez. 2007. Editorial.

YOHANNA, A. Carole Solomon em visita ao Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 164, p. 4, 7 a 21 maio. 2006.

ZAIDLER, L. G. Missão da construção civil em Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 256, p. 20, 17 a 31 mar. 2010.

_____. Shimon Peres destaca a importância do tratado Mercosul-Israel em evento da Fiesp. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 248, p. 10, 10 a 24 nov. 2009.

_____. Cinco décadas de muito sucesso. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 246, contracapa, 11 a 25 out. 2009.

_____. Relação de livre comércio entre Mercosul e Israel. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 239, p. 7, 21 jun. a 5 jul. 2009.

_____. Ministra da Educação de Israel no Brasil. **Tribuna Judaica**, São Paulo, n. 219, p. 13, 18 ago. a 1 set. 2008.

Sites consultados

AGÊNCIA JUDAICA. Disponível em: <<http://www.agenciajudaica.com.br>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

AMIGOS DO WEIZMANN. Disponível em: <<http://www.amigosdoweizmann.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

BDS MOVEMENT. Disponível em: <<http://www.bdsmovement.net/>>. Acesso em 14 jun. 2012.

BIRTHRIGHT ISRAEL. Disponível em: <http://www.birtherightisrael.com/site/PageServer?pagename=about_main>. Acesso em: 12 jun. 2012.

BLOG WEBJUDAICA. Disponível em: <<http://blog.webjudaica.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

B'NAI B'RITH. Disponível em: <<http://www.bnai-brith.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

CÂMARA BRASIL – ISRAEL DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA. Disponível em: <<http://www.cambici.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA MACABI. Disponível em: <<http://www.macabibrasil.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

CONFEDERAÇÃO ISRAELITA DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.conib.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

CONSULADO GERAL DE ISRAEL EM SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.israelesaopaulo.com>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.fisesp.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

FLORIANO PESARO. Disponível em: <<http://www.floriano45.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

FRENTE PELA LIBERDADE NO IRAN. Disponível em: <<http://frentepelaliberdadenoiran.blogspot.com/>>. Acesso em 14 jun. 2012.

FUNDO COMUNITÁRIO. Disponível em: <<http://www.fundocomunitario.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

GILBERTO NATALINI. Disponível em: <<http://www.natalini.com.br/>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

GLORINHA COHEN. Disponível em: <<http://www.glorinhacohen.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

HABONIM DROR. Disponível em: <<http://www.hdbr.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

ISRAEL NA WEB. Disponível em: <<http://israelnaweb.com>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

J STREET. Disponível em: <<http://www.jstreet.org/>>. Acesso em 15 jun. 2012.

JEWISH VOICE FOR PEACE. Disponível em: <<http://jewishvoiceforpeace.org/>>. Acesso em 15 jun. 2012.

JJO – JUVENTUDE JUDAICA ORGANIZADA. Disponível em: <<http://www.jjo.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

KEREN KAYEMET LEISRAEL. Disponível em: <<http://www.kkl.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

MASA BRASIL. Disponível em: <<http://www.masabrasil.com.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

MASA ISRAEL JOURNEY. Disponível em: <<http://www.masaisrael.org>>. Acesso em: 14 June 2012.

NA'AMAT PIONEIRAS BRASIL. Disponível em: <<http://www.naamat.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Disponível em <<http://www.pnud.org.br>>.

SHIVAT ZION. Disponível em: <<http://www.shivatzion.com> >. Acesso em: 6 jun. 2012.

SOCIEDADE AMIGOS DA UNIVERSIDADE HEBRAICA DE JERUSALÉM (HUJ). Disponível em: <<http://www.amigosuhj.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

WIZO. Disponível em: <<http://www.wizosp.org.br>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

YEMIN ORDE. Disponível em: <<http://www.yeminorde.com.br/>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

Daniel Douek
ddouek@hotmail.com